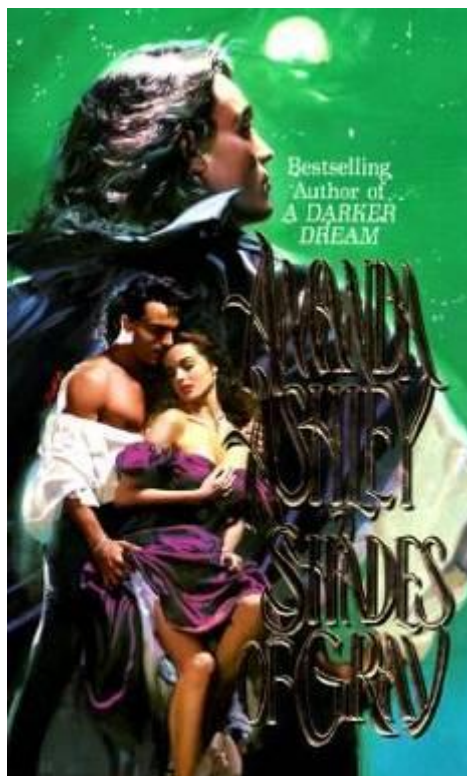




Amanda Ashley
Tons de Cinza

Alexi - Limitado pelas correntes de prata, o vampiro tinha permanecido preso durante centenas de anos, trancado num mundo de dor e fome, até que o sedutor perfume do sangue de uma mulher o traz de volta para sua vida voraz...

Marisa - Excitada com a visão do vampiro algemado na feira, tropeçou na tenda indo para os braços do homem mais incrível que já tinha visto. Hipnotizada pelo seu abraço sobrenatural, ela acredita nele quando jura que a única coisa que quer beber são seus beijos.

Grigori - Perdido nas trevas, Grigori encontrou um novo sustento na luz do amor de Marisa, e um novo propósito em sua vida. Só ele poderia protegê-la do mal que se esconde na noite. Agora, faminto por suas doces carícias, ele faz uma promessa solene para mostrar que nem todos os mortos são monstros, e que em algum lugar entre o branco e o negro da perdição, se encontra o infinito...







Comentário da Lu Salvatore: Vampiro e ainda por cima italiano!!!! Bem, ele é meu. Como tenho descendência italiana, Grigori é meu. Um vampiro com consciência, preocupado com a mocinha. É tufo o que eu queria.

*Sombras Cinzas
Recordações da luz do dia aquecem minha mente
importunam-me
atortentam-me
com tudo que deixei para trás.
Meu coração bate frio.
Toda esperança se foi, e
Vivo nas sombras cinzas.
A lua é meu sol e o sol minha morte.
Deveria redimir-me no dia.
A luz do sol como uma benção
leva-me a minha sepultura onde vou dormir na sua afeição,
ansiando sua luz e rezando para que nunca me encontre.
Agora eu sou uma criatura da escuridão, cada pesadelo feito realidade.
Temor reencarnado
o terror da noite
E eu vim por você.*

Capítulo 1

A feira de Roskovich era a desculpa mais pobre e sórdida que Marisa tinha visto para uma feira. A principal atração que o dono alardeava era que, dentro da maior de suas tendas em farrapos, tinha o corpo de um verdadeiro vampiro da Transilvânia.

Marisa pagou a entrada de seis e cinquenta e, então, evitando a habitual feira de jogos e brinquedos, entrou na grande tenda branca e azul desprovida de decoração, junto com as outras almas fortes que tinham se aventurado a sair de casa na chuva desta fria e ventosa tarde na véspera de Todos os Santos.

Ela vagou de atração em atração, parando brevemente para olhar a mulher Barbuda e o homem de duas-cabeças, que era obviamente uma ridícula falsificação. Passeando viu um triste gigante coberto por uma pele de leopardo, que lembrava os Flintstones. Havia um anão de



aparência estranha, um homem com uma pele de réptil e uma pequena mulher que estava coberta da cabeça aos pés por psicodélicas tatuagens.

O ar era denso com cheiro de tecido molhado pela chuva, de algodão-doce e milho de pipoca com manteiga, mostarda e cebola. Um vendedor, com um avental amarelo gritava: "*Comprem cachorros-quentes! Levem enquanto está quente!*"

Marisa parou quando chegou numa pequena tenda montada no interior da grande. Um cartaz escrito a mão dizia:

CONDE ALEXI KRISTOV

O MAIS ANTIGO VAMPIRO QUE EXISTE

Marisa sentiu uma súbita corrente gelada subindo por sua espinha quando entrou na pequena tenda. Bons efeitos especiais, pensou. Ela olhou sobre seu ombro, na esperança de encontrar alguma espécie de ventilador, mas não viu nada.

E então ela viu o caixão. Era uma antiguidade, maior na parte superior que na inferior. Castanho escuro repousava sobre um estrado de madeira inclinado no meio do chão coberto de serragem. A tampa fechada estava coberta com rosas vermelho-sangue artificiais envoltas em vapor artificial.

Talvez houvesse uma dúzia de pessoas na tenda. Num semicírculo à volta do caixão, falando em sussurros. Uma garotinha pegou com força a mão de sua mãe, que a colocou de cavalinho nos seus ombros. Dois adolescentes brincavam com uma linda garota, fazendo piadas sobre os mortos e as criaturas da noite.

As pessoas ficaram mudas quando um homem alto, magro como um cadáver, vestido com um terno marrom e uma gravata antiga, entrou na tenda e se colocou na cabeceira do caixão. Permanecendo ali, suas esqueléticas mãos curvadas, uma expressão sinistra, enquanto as luzes enfraqueciam.

—Bem-vindos, disse o homem, executando uma educada reverência. Sou Silvano.

Falava com um forte sotaque, pensou Marisa, porém não sabia de onde era. Húngaro, talvez, ou russo.

—O que estou prestes a dizer é muito chocante, mas asseguro que essa é a verdade. Há séculos atrás, o Conde Alexi Kristov era um monstro cruel e impiedoso, um açoitador que dizimou muitas aldeias pequenas de meu país, a Romênia. Naquela época, ele caçou minha família, até que meus antepassados foram quase totalmente dizimados.

Marisa deu um passo atrás, arrastada pelas palavras do homem. Ela nunca tinha acreditado em fantasmas ou duendes. Não tinha medo do escuro. E não acreditava em bruxas, vampiros ou magos.

Mas algo na voz deste homem, nas suas palavras, a fez crer. Sentiu sua pele arrepiar quando Silvano fez uma profunda inspiração e voltou a falar novamente.

—A cerca de cem anos, um dos meus antepassados descobriu as ruínas do castelo do Conde. Ele venceu o vampiro, ajudado pelas correntes de prata.



Muito devagar, Silvano moveu as rosas de plástico da tampa do caixão. Hesitou para dar um efeito dramático, pensou Marisa e, em seguida, com um floreio, levantou a tampa, que estava revestida em cetim branco.

— Vocês pensam que está morto, continuou Silvano, com tom sombrio. Posso assegurar que o Conde Alexi Kristov está muito vivo. Um século sem comida o deixou indefeso e virtualmente sem poder.

Silvano estendeu a mão convidativa.

— Por favor, não tenham medo de aproximar-se para vê-lo. Não há perigo.

Marisa permaneceu atrás enquanto todos se aproximaram para dar uma boa olhada no Conde e, em seguida, com suas pernas moles como espaguete, ela subiu dois passos na plataforma e olhou dentro do caixão.

O leito do caixão estava coberto com o mesmo cetim branco que envolvia a tampa. Uma cruz de prata, com talvez um 30 cm de comprimento estava alojada debaixo da capa. Várias cruzes similares colocadas de cada lado da cabeça do vampiro.

O vampiro, vestido com um antiquado terno preto, estava amortilhado com as mãos dos lados. Ela achou estranho que suas mãos estivessem firmemente presas.

Uma fina corrente de prata estava ao redor de seu corpo, do peito até seu tornozelo. Sua pele, que era quase tão branca quanto o cetim abaixo, era como papel pintado e colado em seu crânio. Pálidas pestanas marrons descansavam sobre suas bochechas. Seu cabelo era longo e murcho, de um marrom avermelhado.

Definitivamente parecia morto. Há muito tempo.

Sentindo o olhar fixo de Silvano, Marisa levantou a vista.

— Por que seus antepassados não o mataram?

— Eles sentiram que matá-lo seria muita misericórdia.

— Misericórdia?

— Isto... - Silvano gesticulou mostrando o vampiro. - Como eu posso explicar? Ele ainda está vivo. Sem sangue humano para seu sustento, está em uma constante agonia. Um sorriso, que não era realmente um sorriso, se insinuou nos lábios finos de Silvano. - Ele não pode escapar desta corrente. As cruzes retiram seus poderes. Sua alma está presa dentro do corpo dele. Este corpo morto.

Marisa estremeceu ao mirar novamente o vampiro. Silvano quase lhe havia feito acreditar que era real. Mas, claro, era apenas um homem extremamente fraco em um cenário impressionante

Ela olhou fixamente para o peito do vampiro, contando os segundos silenciosamente. Passou um minuto. Dois. O homem não estava respirando. Três minutos. Quatro.

Um calafrio correu sua espinha. Podia ser que realmente o homem fosse um cadáver.

Silvano se voltou para uma bela garota com uma mini saia vermelha e uma blusa sem mangas, meias pretas e sapatilhas de bailarina que o chamou pelo nome.

Marisa olhou Silvano saindo da tenda com a garota. Lançou um olhar ao redor e viu que todo mundo já tinha saído.



Seu coração bateu rapidamente, tinha ficado sozinha com o Vampiro. Ela olhou fixamente o corpo. Podia ser que não fosse realmente humano. Provavelmente fosse feito de cera, como as figuras do Museu de Movieland¹.

Ela riu com alívio. Era isso, evidentemente. Porque não havia pensado nisso antes? Era somente uma elaborada ilusão.

Ela olhou sobre seu ombro.

Não viu nada. Sentindo-se como uma tonta, correu seus dedos pelos elos da corrente de prata. Parecia muito real e sólida. Uma pequena fortuna em prata.

E, em seguida, incapaz de resistir à tentação, tocou a mão do vampiro.

Não era feito de cera. A pele estava fria. Lisa e seca lembrava a sensação de um velho pergaminho. Ela abriu a boca de espanto quando a pele, semelhante a papel, começou a se aquecer sob as pontas de seus dedos lentamente. E depois, os dedos esqueléticos da mão esquerda do vampiro se mexeram e se estenderam sobre o forro de cetim.

Com um grito, Marisa se afastou com um salto do caixão. Voltou-se, esbarrou e tropeçou gritando quando caiu. Arranhou a perna na madeira grosseira, aterrissando sobre suas mãos e joelhos.

Tremendo olhou sobre seus ombros, na pior das hipóteses iria ver o vampiro levantando-se de seu caixão, mostrando suas presas num horrível sorriso e na melhor das hipóteses sairia um homem normal sentando e rindo porque a assustou, fazendo que perdesse dez anos da sua vida.

Porém tudo estava quieto dentro da tenda. Mortalmente quieto.

Marisa se arrastou sobre seus pés. Recuando o quanto podia. Olhando para baixo, viu sangue escorrendo de um ferimento superficial abaixo do seu joelho direito.

Tirando um lenço de seu bolso, limpou o sangue e, em seguida, com um sorriso, atirou-o no lixo e apressadamente deixou a Tenda.

Sangue. Quente, doce e fresco. O cheiro encheu o ar, importunou seu nariz, atormentando seus sentidos, despertando uma sede adormecida por centenas de anos.

Sangue.

O sangue de uma mulher.

Suas mãos vibravam com a memória das mãos dela, dos dedos quentes e suaves, o batimento de seu sangue o chamando.

Ele lutou através da escuridão, um século de trevas, todos os seus sentidos acentuados pelo irresistível aroma do sangue de uma mulher. Ele flexionou as mãos, ombros, lambendo seus lábios como o caçador rugindo para a vida.

Com esforço abriu os olhos. Um lamento retumbou profundamente em sua garganta quando viu as cruzes. Três, todas de prata.

Com o retorno da consciência, veio a dor, que as correntes de prata em torno dele causavam e a fome de um raivoso caçador que não tinha comido por centenas de anos.

Ignorando a dor e o caçador, se encerrou dentro de si mesmo chamando a força de milhares de anos...

¹ Museu de cera das estrelas. Se encontra na Califórnia e tem figuras de Julia Roberts e outros famosos.



Marisa despertou com o som dos seus próprios gritos que ecoavam em seus ouvidos. Respirando rapidamente, acendeu a luz ao lado da cama e jogou uma rápida olhada ao seu redor, aliviada por se encontrar a salvo, em casa, na sua própria cama.

A mão dela foi para seu pescoço, ela passou os dedos ansiosamente abaixo da pele de sua orelha esquerda. Ela não parecia ter sido mordida, não tinha qualquer marca. Não havia sangue.

—Um sonho- murmurou - foi apenas um sonho.

Mas parecia tão real. A criatura curvada sobre a cama dela, seus olhos cinzentos queimando com um vermelho profano na escuridão, suas mãos como garras pousadas sobre seus ombros, mantendo-a presa, seu longo cabelo avermelhado roçando sua bochecha, enquanto ele se apoiava, suas presas sendo colocadas em seu pescoço.

Demasiado real, pensou, demasiado real.

Deixou a luz acesa, cobrindo-se até o queixo, com medo de fechar os olhos, temerosa de voltar a dormir, com medo que o pesadelo a encontrasse novamente.

Capítulo 2

Marisa retornou na feira na segunda à tarde, depois do trabalho, na esperança que ao ver novamente o vampiro, e se assegurar que ele continuava ali se veria livre dos pesadelos das últimas três noites anteriores. Porque pensava que ver a criatura novamente poria um ponto final em seus sonhos ruins em vez de seguir com aquela confusão. Pensava nisto enquanto estacionava o carro do lado oposto da rua, correndo e passando pela garoa fina que havia começado ao entardecer.

Ela parou quando chegou ao local, surpresa ao ver que os estandes já não tinham comida. Várias tendas tinham sido desmontadas, e a distância ela viu três homens descendo um veículo do Ferry. Outro homem tentava conduzir um cavalo assustado a um trailer. Ninguém prestou atenção nela.

A entrada estava vazia, havia apenas um cartaz preto e branco colocado na janela. Podia ler-se:

FECHADO ATÉ NOVO AVISO

Por um instante, olhou fixamente o cartaz. Lançando um olhar à sua volta para ter certeza que ninguém a estava vendo, entrou na grande tenda. Estava vazia. Ela podia ouvir seu coração bater nos seus ouvidos, enquanto se aproximava da pequena tenda.

Respirando profundamente, entrou.

Essa tenda também estava vazia. O estrado estava no meio, mas o escuro caixão não se encontrava à vista.

— Posso te ajudar?



O som da voz de uma mulher a sobressaltou. Girando, Marisa reconheceu a menina que viu na sexta-feira. A menina vestindo a mini saia vermelha e sapatilhas de bailarina, e blusa sem mangas. Sua aparência sugeria que ela acabara de regressar de um funeral. O severo vestido preto que usava fazia que parecesse mais velha. Usava um lenço negro sobre o cabelo. Um crucifixo prata ornado pendurado numa fina corrente de prata em torno seu pescoço. Largas pulseiras de prata em ambos os punhos.

—Eu vim ver o vampiro.

A menina olhou para cima com o cenho franzido. Seus olhos estavam vermelhos, como se estivesse chorando.

— Ah, sim, ela disse, esteve aqui na véspera do Dia das Bruxas, não é?

— Sim. -Marisa lançou um olhar na direção do centro da tenda, onde estava o caixão. - Onde está ele?

A garota olhou ao redor da tenda, seus dedos inquietos sobre o crucifixo.

Estaria imaginando, se perguntou Marisa, ou os movimentos da menina pareciam furtivos e temerosos?

— Há algum problema? - Marisa perguntou.

— O quê? Oh, não. Desculpe... O conde não está disponível para visitas.

— Não está disponível? Por que não?

A menina vacilou antes de responder, e Marisa teve a nítida impressão que estava escolhendo suas palavras com muito cuidado.

—O corpo está sendo... restaurado.

—Entendo, disse Marisa. - Você sabe quando... quando será concluída a restauração?

A mão da menina apertou a cruz.

— Desculpe, mas eu não posso dizer.

— Silvano está por aqui?

A menina olhou para Marisa mordaz, logo em seguida, expelindo um trêmulo suspiro, negou com a cabeça.

—Parece que estão partindo.

—Sim, temo que um negócio inesperado nos chama. Sinto que tenha feito esta viagem por nada. Boa noite.

—Sim, boa noite.

Marisa olhou enquanto a menina se afastava, em seguida, caminhou em direção ao centro da tenda parando diante do vazio na plataforma. A menina tinha dito que o corpo estava sendo "restaurado". O que significava aquilo exatamente? Como iriam restaurar um corpo que estava bastante morto?

Ela sentiu uma súbita sensação de frio na base do seu pescoço, uma sensação sobrenatural que não estava sozinha. Ela olhou na direção à porta, pensando que a menina tinha voltado, mas não havia ninguém ali.

—Você veio ver o vampiro?

Marisa se voltou, seu coração dando um salto em seu peito, "Meu Deus, eu estou mesmo assustada. Ela olhou fixamente o estranho, perguntando como ele tinha chegado lá. Ela estava



olhando na direção da porta. Ela deveria tê-lo visto passar pois não era um homem que pudesse passar despercebido

Seu longo cabelo preto estava encharcado pela chuva. As sobrancelhas dele eram finas e retas. Era alto de ombros largos, com a constituição de um atleta, embora sua pele fosse pálida, como se há muito tempo não estivesse ao ar livre. Vestia um suéter cinza volumoso, um jeans preto apertado sobre suas pernas longas. Havia lama em suas botas.

— Desculpe-me, disse ele. -Não era minha intenção te assustar.

Sua voz era baixa e profunda e deslizou sobre sua pele como uma carícia morna.

—Não importa.

Ele lançou uma rápida olhada em volta, onde o caixão estava, e ela viu-o contrair o músculo de sua mandíbula. E então, como um lobo farejando o ar, ele levantou a cabeça e suas narinas dilataram.

Marisa estremeceu quando seus olhos se encontraram profundos olhos negros, que pareciam provar o quanto sua alma e coração eram profundos. O diabo teria olhos como aqueles. Tal pensamento a pegou de surpresa.

— Veio para vê-lo também? - perguntou ela. Ao vampiro, digo.

— Sim.

Ela deu um passo para trás, desconfortável por estar tão perto dele, mas sem saber por quê.

— Disseram que o estavam restaurando, seja o que for que isso significa.

Um sorriso tão débil que ela não teria qualificado como um sorriso, tocou seus lábios. Cheios e sensuais lábios.

— É isso que disseram a você?

Marisa curvou a cabeça, encantada com sua voz. Nunca tinha ouvido algo como isto: baixa e doce como mel. A voz de um anjo.

Grigori examinou a mulher por um momento, notando que era adorável. O cabelo dela caia até os ombros e era castanho escuro, levemente cacheado, os olhos eram verdes e brilhantes como esmeraldas de boa qualidade. Seus lábios eram finamente esculpidos, quentes e generosos. Convidativos. Uma blusa rosa desbotada e uma calça jeans preta, revelando uma pequena figura levemente arredondada nos lugares adequados.

—E você crê em vampiros? Perguntou ele.

— Claro que não. Provavelmente era um velho homem que foi contratado por alguns dias. Sim, ela pensou, era isto.

— Mesmo assim, você voltou. Pergunto-me por que.

—Não estou segura - ela encontrou seu olhar com desafio - Você não parece um homem que acredita em vampiros e que acha que vai colidir com eles à noite, mesmo assim também está aqui.

Ele arqueou uma sobrancelha negra.

— Sério? Você ficaria surpresa se soubesse o que penso.

—Sem dúvida. Marisa respondeu. -Bom... -Ela colocou sua bolsa no ombro. Boa noite.

Ele ficou parado por um momento, olhando o contorno de seus quadris até que ela saiu da tenda. Então, recordando sua reação ao vê-la chegar, foi ao lixo procurando até que encontrou o



lenço descartado. Fechando os olhos, respirou profundamente, um arrepio de prazer o percorreu quando inalou o cheiro de sangue. Suas pálpebras abriram-se ao reconhecer o cheiro. Era o sangue da mulher que estava na tenda.

Guardando o lenço em seu bolso, correu atrás dela.

Na chuva, viu quando ela subiu num Honda Prelude ultimo modelo. E, em seguida, colocou as mãos dentro dos bolsos de sua calça jeans, sem ter consciência da luz atravessando as nuvens, e a seguiu até sua casa.

Marisa tomou uma longa ducha quente, polvilhando talco generosamente, então colocou um dos seus apertados jeans, uma camiseta e meias e se enroscou no sofá. Mudou os canais da TV por um minuto e logo desligou o aparelho. Pegou um livro tentando ler, porém, depois que se deu conta que tinha lido a mesma página umas quatro vezes, colocou o livro de lado.

Muito agitada para ficar sentada, foi à cozinha preparar algo para comer, e por um capricho decidiu sair para comer fora.

Colocou suas botas e, em seguida, pegando sua bolsa e seu guarda-chuva, deixou a casa. A chuva não era mais que uma fina garoa agora, embora as nuvens negras pairassem no céu. Ela pensou em ir de carro, mas depois decidiu que uma caminhada lhe faria bem.

Ângelo era seu restaurante favorito, um pequeno lugar italiano, com toalhas vermelhas e velas nas antigas garrafas de Chianti nas mesas e um ambiente descontraído. Ficava a duas quadras de sua casa e Mary costumava ir freqüentemente. Os proprietários eram seus amigos e ninguém fazia um espaguete melhor.

Sob o toldo do restaurante, Marisa sacudiu a água de seu guarda-chuva, entrou em seguida e sentou na parte de trás. Sorriu para o garçom que trouxe o cardápio.

Estava tentando decidir entre rigatone ou ravióli quando sentiu que estava sendo observada.

Baixando o cardápio, olhou em volta, e sentiu o coração dar um salto quando viu o homem moreno da feira vindo na direção dela.

Sorriu quando ele chegou à sua mesa.

—Olá de novo. O que está fazendo aqui?

— Talvez procurando companhia para passar esta tempestuosa noite. Vejo que está sozinha. Importa-se se eu acompanhá-la?

Claro que importava. Ela não sabia nada dele, nem sequer seu nome.

O prudente seria dizer que estava perdendo tempo. Era o certo. No entanto, de algum modo se encontrou o convidando para sentar-se.

Cheio de graça, como uma folha caindo de uma árvore, ele escorregou na cadeira oposta.

— Vem aqui muitas vezes? - Marisa perguntou.

— Não, esta é a primeira vez. Sorriu. Um sorriso devastador, revelando dentes brancos o suficiente para fazer propaganda de creme dental. Que coincidência, não acha?

Perplexa com suas palavras, Marisa baixou a cabeça, feliz com a chegada de Tommy com a comanda.

—Ei, doces bochechas - disse o garçom com um piscar os olhos. —O que vai ser?



Marisa balançou sua cabeça. Tommy era um irremediável galanteador. Fazia faculdade de contabilidade e trabalhava no restaurante quatro noites por semana. Tinha a ilusão de ser irresistível.

—Então... ronronou Tommy—O que é que vai querer?

—Rigatoni.

—Excelente escolha. Rigatoni e um copo de Chianti.

Marisa sorriu abertamente.

— Conhece-me muito bem.

— Não tanto como gostaria. Tommy respondeu, arqueando sua sobrancelha para ela —E o que eu posso trazer para você, senhor?

—Um copo de vinho tinto. Muito seco.

—Agora mesmo - disse Tommy.

Marisa abriu seu guardanapo no colo.

— Não vai comer?

— Ainda é cedo. Só parei para tomar uma bebida.

—Oh.

—Você deve vir aqui com frequência - observou ele.

— Sim, normalmente uma ou duas vezes por semana. Cozinhar não é algo que eu ame, e a comida aqui é boa e barata.

Ela levantou a vista e sorriu para Tommy quando ele trouxe seu vinho. O estranho levantou sua taça.

— Um brinde?

— A que você quer brindar?

— Aos novos amigos?

Marisa levantou seu vinho.

— Aos novos amigos.

Ele olhou a borda da taça e bebeu.

—Desculpe, mas não sei seu nome, novo amigo.

— Desculpe-me. Sou Grigori. E estendeu sua mão.

— Marisa Richards.

Ele tomou sua mão na dele. Seu aperto foi suave, mas firme e sua pele fria.

—Prazer em conhecê-la, Marisa Richards.

Suas palavras caíram sobre ela, saborosas como chocolate preto, e mais intoxicante que o vinho em sua taça.

— Bem, Grigori, o que faz?

—Mágica, principalmente. E você?

— Mágica! . - ela curvou provocativamente a cabeça e assentiu. Sim, ela poderia facilmente imaginar um cenário negro, e ele coberto com uma capa de seda agitando-se sobre ele. —Você é um mágico?

Ele deu de ombros.

—Entre outras coisas.



— Você está atuando aqui na cidade?

— No momento, não.

— Que pena. Suponho que pode me ensinar alguns dos seus segredos, sim?

— Eu receio que não.

— Puxa que pena. Existe algum tipo de juramento entre os mágicos, ou algo assim?

— Sim - disse sorrindo Grigory vagamente. Um antigo juramento de não revelar nossos segredos. Mas você não me disse no que trabalha ele a lembrou.

— Eu sou secretária jurídica em Salazar e Salazar. O velho Salazar é meu patrão. Não acredito que alguma vez houve um tirano pior. -Ela sorriu. -Talvez você pudesse fazê-lo desaparecer.

Ela esperou que ele risse, ou pelo menos, sorrisse. Em vez disso, a contemplou por um tempo e depois disse muito a sério:

— Se for o seu desejo.

Não sabendo o que responder, ela mudou de conversa.

— O que você faz quando não está trabalhando?

— Faço longas caminhadas sob a lua.

—Oh, um romântico.

Ele deu de ombros.

—Pode ser que eu prefira a noite.

— É assim? Você prefere a noite.

—Sim - Fez um gesto vago com as mãos. Foi um movimento cheio de graça, etéreo, ligeiro.

—Meus olhos são muito sensíveis à luz solar.

—Oh.

— E o que está fazendo quando não está trabalhando?

—Ah, não sei. Leio. Assisto a filmes - ela sorriu complacente. Faço longas caminhadas no parque.

— À noite?

—De manhã, eu temo. Eu não gosto de caminhar no parque durante a noite.

—Talvez queira me acompanhar uma tarde e me dê à oportunidade de fazê-la mudar de idéia.

—Talvez - Ela olhou por um momento, tentando achar uma maneira de perguntar com tato o que lhe rondava principalmente na cabeça. No final, decidiu-se por ser direta. —Será que é casado ou alguma coisa assim?

Um relâmpago de dor passou por seus olhos.

— Não, não mais.

— Divorciado?

—Não. Minha esposa e meus filhos estão... eles não estão...

Foi uma estranha forma de dizer, pensou ela.

—Sinto muito.

—Tudo aconteceu há muito tempo.



Tommy trouxe seu jantar, neste momento, e ela sentiu-se feliz com a interrupção, satisfeita pela oportunidade de mudar de assunto.

Ela pensou que poderia ser embaraçoso comer enquanto Grigori apenas assistia, mas ele reclinou-se em sua cadeira, tomando goles do vinho de sua segunda taça. Eles falaram pouco enquanto ela comia. Recusou a sobremesa e protestou quando Grigori pegou a conta.

— Você não tem que pagar meu jantar - disse ela. Afinal, você sequer comeu.

— Quero fazê-lo - replicou ele, e algo em seu profundo timbre de voz, e no sufocante resplendor de seus olhos fez com que ela ruborizasse.

Uma vez lá fora, ele colocou a mão dela sobre seu braço, um gesto que só poderia ser descrito como fora de moda.

— Seria uma honra que me permita acompanhá-la até sua casa dando um passeio.

Ela mirou seus olhos, subitamente alerta.

— Como sabe que eu vim a pé?

Uma boa pergunta refletiu Grigori.

— Eu estava atrás de você na rua.

Marisa mordeu seu lábio inferior. Ela não se lembrava de ninguém atrás dela. Evidentemente, a chuva podia ter escondido o rastro dele. Sua mão pressionou o guarda-chuva. Não era muito como arma, mas era melhor que nada.

O olhar dele se encontrou com o dela. Com o brilho resplandecente que iluminava seus olhos pareciam impenetráveis, impondo silêncio. Havia um quê de perigo, de mistério neles.

— Não me conhece, disse calmamente. - Eu sou um estranho e não acredito no que eu digo.

— Bem, estamos nos anos noventa, como sabe. Uma moça não pode ser demasiado cautelosa.

— Eu compreendo - Ele deu um passo longe dela. - Talvez numa outra hora.

— Espera, eu...

— Eu não queria te assustar, Marisa.

— Não, a sério - ela encolheu os ombros - Só que, bem, você sabe...

— São os anos noventa. Ele sorriu um belo e amplo sorriso que momentaneamente a deixou sem respiração. - Vamos?

Ele ofereceu o braço a ela novamente, e ela segurou-o sem medo, ainda hipnotizada pelo efeito do sorriso dele, e o rico e sexy som de sua voz.

— Desde quando mora na cidade? - ele perguntou a ela.

— Toda a minha vida. E você?

— Só estou aqui há algumas semanas.

— Oh, negócios ou prazer?

Ele olhou de soslaio.

— Agora é definitivamente um prazer.

Sorriu de novo, e foi como se o sol brilhasse sobre ela.

— Está de férias?

— Férias? - Ele franziu ligeiramente o cenho. - Não. ... Estou procurando por um velho amigo.



- E quanto tempo você ficará aqui?
- O tempo que levar para encontrá-lo.
- Como sabe que ele está aqui?
- Eu sei.

Pelo tom de sua voz, e pela súbita tensão do seu braço em volta dela e o modo que o riso dele se alargou a fez ter a clara impressão que ele estava buscando ao outro e que não seria um encontro amigável.

- Conte-me sobre você, ele pediu. - Gosta de ser secretária?

— Sim. É um bom trabalho, apesar de que meu patrão às vezes pode ser um ogro. Tenho três semanas de férias e posso folgar no dia do meu aniversário.

- Quando é?

- Em 26 de fevereiro. Qual o seu?

- Em 20 de novembro.

- Escorpião, hein?

— De fato acredita nessas bobagens? - Ele perguntou obviamente divertido. Afinal, estamos nos anos noventa.

- Bem - disse ela rindo, não acredito realmente.

- Mas você lê seu horóscopo todos os dias nos jornais.

- Bem, nem todos os dias.

— E não cruza com os gatos pretos, joga sal sobre o ombro para ter boa sorte e nunca passa debaixo de uma escada.

- Você está rindo de mim?

- Claro que não.

Ele sorriu de novo, nunca tinha visto um sorriso tão maravilhoso, pensou espantada. E os olhos, tinha os olhos mais bonitos, profundos e escuros com profundos e negros cílios. Ele era o homem mais atraente que já tinha visto.

Por um instante, passearam em silêncio. Marisa segurando seu guarda-chuva na sua mão livre, ouvindo o som dos pingos da chuva caindo das folhas das árvores. Estava surpresa que o silêncio entre eles não a fizesse sentir-se desconfortável, mas era um silêncio fácil, afável, como se fossem conhecidos de uma vida, e não apenas de algumas horas.

- Bem, chegamos. Eu moro aqui. Obrigado por me acompanhar até em casa.

— Foi um prazer, Marisa Richards - inclinou-se sobre sua mão e a beijou de uma forma que só poderia ser chamada de magnífica. - Posso visitá-la?

— Visitar-me? - Ela fez uma careta antes de usar o termo antigo. Sim. Creio que gostaria de sua visita.

- Amanhã de tarde?

No dia seguinte seria terça-feira e ela não tinha nenhum plano além de deitar no sofá e assistir algum velho filme do Gary Grant.

- Combinado.

- Qual horário será melhor para você?

Marisa deu de ombros.



—Lá pelas sete será muito tarde?

—Não.

Seu olhar pousou nela, envolvendo-a como uma teia de seda.

— Até amanhã à tarde, cara mia.

— Fala italiano?

— Sim, e russo, francês e um pouco de grego.

— Sempre quis aprender uma língua estrangeira.

— Se quiser posso ensiná-la.

— Creio que gostaria.

— Eu também. Boa noite, Cara.

Sua voz se moveu sobre ela mandando pequenas descargas elétricas por sua espinha dorsal.

— Boa noite, Grigori.

Com um sorriso fez uma reverência e logo deu a volta e se foi. Ela de repente sentiu-se fria e desolada.

Capítulo 3

Alexi Kristov levantou a cabeça e sentiu o vento. Chiavari estava aqui, na cidade.

Ele olhou para a casa que a mulher vivia. Não havia nada na casa, porém sabia que Grigori havia estado ali, não fazia muito tempo.

E o outro também estava na cidade.

Kristov fez uma careta mostrando todos os dentes, como um lobo. Todos os jogadores estavam no mesmo lugar constatou.

E somente um deles poderia deixar a cidade com vida.

Capítulo 4

—Como vê – disse Grigori – não tem nada tenebroso em passear a noite pelo parque.

Vestindo uma blusa preta de jersey com gola olímpica e jeans, ele parecia uma parte da noite e estava adorável, pensou Marisa. Escuro e misterioso e um pouco perigoso.

— Bem, devo admitir que não parece tão assustador quando está comigo.

Grigori deu-lhe um sorriso, satisfeito que se sentisse a salvo em sua companhia e perguntando-se o que pensaria se descobrisse que em sua vida jamais tinha corrido tanto perigo.

— Eu acho reconfortante caminhar à noite – ele observou.

— Pode ser – disse Marisa – porém, eu ainda prefiro o dia. Tudo parece cinza durante a noite. Acho o dia mais colorido.

Grigori deu de ombros.



— A vida é menos desagradável durante a noite. Os defeitos são menos visíveis, e podemos nos ocultar nas sombras.

— Bem, suponho que tenha razão. Mas as coisas são mais assustadoras durante a noite, não concorda?

— Talvez – ele sorriu suavemente enquanto a olhava com intensidade. – O que teme Marisa?

Sua voz era rica como chocolate, tão escura e misteriosa como as sombras que os rodeavam.

— Não sei ao certo. Suponho que as coisas habituais, aranhas e cobras. Estar sozinha num lugar estranho – ela sorriu com sarcasmo – Vampiros.

Ela esperou por sua risada, porém ele continuou sério.

— Alguma vez já se perguntou como seria um vampiro?

— Uma vez há muito tempo.

— Bem, os vampiros são apenas ficção. Assusta-me muito mais o desconhecido que o irreal.

O desconhecido. Ela olhou para Grigori, ele era certamente desconhecido. Ela sorriu com embaraço, contente que as sombras ocultassem o rubor de suas faces.

— Não tem nada a temer de mim Marisa. Não deixarei que nada lhe aconteça enquanto estivermos aqui.

— Você fala como se esperasse que alguém fosse tentar me morder ou algo assim.

— Algo assim- murmurou ele baixinho.

— O que?

— Nada.

Ele colocou suas mãos nas dela, sua pele suave surpreendentemente fria. Ela pode sentir a força de seus longos dedos quando envolveram sua mão. Sentiu-se de novo como uma adolescente, passeando de mãos dadas com o último namorado, suas entranhas agitadas pela excitação enquanto esperava para ver se iria beijá-la.

Por todo o caminho sinuoso que rodeava o parque havia bancos de pedras, uma grande variedade de árvores crescia de maneira irregular. Várias estreitas pontes de madeira atravessavam o lago profundo que estava no centro do parque.

A lua brilhava sobre suas cabeças e refletiam na água como uma fita prateada retorcendo os bancos cobertos de grama. As estrelas brilhavam como se soubessem um segredo.

— Vem. - disse ele – Vamos caminhar em torno da água.

Eles deixaram o caminho e foram pela relva molhada até a margem do lago, ouvindo o sussurrar da água enquanto polia as pedras do leito, se movendo sempre em sua procura pelo mar.

— Isto é bonito de noite – observou Marisa.

— Assim como você.

Sem palavras, ela sentiu como se seu coração fosse saltar do peito.

— Obrigada.

— Têm os olhos mais belos que já vi – continuou ele – a pele mais suave e perfeita, seus cabelos são como uma cascata de seda castanha.



Marisa fixou seus olhos e suas bochechas esquentaram de prazer com tantos elogios. Sentia que estavam muito próximos um do outro, tanto que seus corpos quase se tocavam. Ele tentaria beijá-la? Ela o beijaria? Ele era um estranho. Ele sorriu e apertou suas mãos ao sentir a repentina vulnerabilidade dela. Não havia nada por perto. Estava escuro e eles estavam completamente sozinhos.

— Marisa – apenas seu nome foi murmurado.

Seus olhos eram negros como ébano, enigmáticos sob a luz da lua. Hipnóticos e tão profundos como o oceano; olhos que poderiam ver o mais íntimo de sua alma, adivinhando os segredos mais profundos, concedendo seus desejos desde que se deixasse cair nas profundezas daquele olhar.

Ela pestanejou sentindo-se repentinamente aturdida.

— Nós deveríamos voltar, – murmurou ela – já esta tarde.

— O que desejar Cara.

O que havia em seus olhos, em sua voz que tanto a cativava? Era fácil crer que era um mágico. Certamente deveria ter lançado um feitiço sobre ela.

Ela se aproximou dele, reparando que não a tinha beijado, com raiva, pois ele não tinha sequer tentado.

— Cara?

Estava errada. Sentia-se louca. Podia ser a maior estupidez que já havia feito, mas mesmo assim, aproximou-se dele e envolveu seu rosto, seu coração batia num ritmo louco como nunca antes, e inclinou-se e capturou os lábios dele com os seus.

Havia sido beijada antes, várias vezes, mas nunca assim. Não havia palavras para descrever a maravilha que era beijá-lo, nada em sua experiência poderia ser comparado àquilo. Era como se tivessem inventado algo inteiramente novo, algo que nunca havia experimentado antes dele. Como se ele tivesse pego um simples beijo e reinventado. Em nenhum momento ele a abraçou, o único contato que mantinham era os lábios pressionados.

Quando ele se afastou, sentiu como se alguém houvesse roubado a força dos seus membros, as estrelas do céu e qualquer alento do seu corpo.

Desolada se afastou de repente. Por pouco não perguntou a ele o que tinha acontecido, e o que haviam compartilhado. Porém não sabia como perguntar sem parecer incrivelmente estúpida ou ingênua.

—Vamos – disse Grigori oferecendo suas mãos – Vou levá-la para casa – Agora, pensou, antes que seja muito tarde para os dois.

—O que? Oh, sim, casa.

Sentindo-se deslumbrada colocou sua mão na dele. Não falaram muito durante o caminho de casa. Ela notava a proximidade da mão. Tinha a fugaz impressão que flutuava sobre a calçada.

Chegaram ao seu prédio rápido demais.

—Nos veremos amanhã? Perguntou enquanto subia as escadas.

—Talvez.

—Oh – abriu a porta e olhou por cima dos ombros—Bem, boa noite.

—Boa noite, cara.



—Boa noite.

Ela permaneceu o olhando e se perguntando voltaria a beijá-la agora. Por um momento pensou que sim. Esperava por aquilo. Rezava para que o fizesse, entretanto ele apenas se inclinou sobre suas mãos.

—Obrigada por passear comigo, Marisa.

—Eu também desfrutei do passeio.

Ela esperou por um momento e com um sorriso entrou na casa e fechou a porta. Provavelmente era melhor que não a tivesse beijado de novo, pensou enquanto se preparava para dormir, se um beijo a havia afetado tanto, não queria pensar em como seria se fizessem amor.

Porém, deitada na cama e incapaz de dormir, não conseguia pensar em outra coisa.

No dia seguinte tampouco pode pensar noutra coisa, inclusive no trabalho, diante do computador só podia pensar nos profundos olhos negros de Grigori, recordando o som de sua voz quando a chamava de Cara, o incrível toque de seus lábios sobre os dela, e só em pensar já sentia o calor e estremecia por completo.

Depois lutando contra o tráfego na rodovia era difícil recordar como o dia tinha passado.

Em casa colocou um jeans e uma blusa com desenho de Doutor Jekyll e Senhor Hyde e foi para a cozinha procurando na geladeira algo para comer, ainda pensando em Grigori, e no estranho efeito que a proximidade dele tinha sobre ela. Não era só um homem bonito. Sua voz talvez? Nunca havia conhecido um homem com uma voz tão profunda e quente, como de um soprano. Mesmo considerando estas coisas ainda havia mais. Havia algo no próprio homem. Ele irradiava... encanto? Carisma?

Sacudiu a cabeça enquanto servia salada de frutas em uma tigela. Não havia algo mais. Havia conhecido outros homens encantadores e carismáticos. Era o poder, pensou, um poder latente mesclado com uma potente dose de “Sex Appeal”, inclusive sentada na frente dele no Ângelo tinha sentido a corrente oculta de poder contida na sensualidade que emanava de Grigori.

Deveria tê-la procurado, pensou ela, triste consigo mesma por estar deprimida por que não o havia feito e logo recordou que não havia dado o número de telefone para ele. Mas tinha dito onde trabalhava. Se ele quisesse poderia ter procurado o número de lá e telefonado para ela. E depois lhe ocorreu que nem sabia o nome dele.

Pegando um suco de laranja, foi para a sala ver as notícias da noite, notando que como sempre eram todas ruins.

Franziu o cenho quando uma das câmeras se deteve em quatro corpos cobertos sendo introduzidos na ambulância. Interessando-se, aumentou o volume.

— A polícia encontra-se na colina atrás do zoo de Los Angeles onde os corpos foram encontrados por alguns adolescentes da zona. Neste momento a causa da morte é desconhecida. Não há indícios de luta. Já se descartou roubo e vingança como motivação. A autópsia preliminar indica severa perda de sangue como provável causa da morte. Recordamos que o corpo de Silvano Roskovisch, proprietário da Feira Roskovich foi encontrado morto de maneira semelhante numa vala no fundo da feira na noite de Halloween. Dois outros corpos, ainda não identificados, foram encontrados num beco na noite passada. Em outras notícias...



Marisa não podia desviar os olhos da TV: Silvano estava morto. Devia ter sido uma das últimas pessoas que o tinha visto com vida. Isto fez que de alguma maneira se sentisse responsável. Desligou a televisão. Foi para a cozinha e colocou os pratos na máquina de lavar louça. Indo para o quarto reuniu as roupas sujas e foi para a lavanderia, que ficava na parte de trás do primeiro andar do prédio.

Pela primeira vez tinha o lugar só para ela. Estava colocando sabão em pó na máquina quando de repente sentiu uma impressão inequívoca que não estava completamente sozinha.

Voltando-se rapidamente olhou para a porta que estava fechada atrás dela e as janelas na parede do fundo pareciam olhá-la como olhos escuros e vazios. Não havia nada ali. Porém ela não podia deixar de sentir que estava sendo observada por algo mal...

Após vários minutos ouvindo as batidas de seu coração em seus ouvidos, desejando que a senhora Patteri, ou qualquer um dos outros inquilinos que também moravam ali se juntasse a ela. Tão rapidamente como tinha chegado à sensação do mal se foi desvanecendo-se. Ouviu passos se aproximando e logo o senhor Abbott, o caseiro, entrou levando um esfregão e um balde. Era um homem alto e magro com cerca de sessenta anos, com cabelos grisalhos e olhos castanhos e sorriso fácil.

— Boa noite Marisa – disse-lhe.

— Boa noite Senhor Abbott.

— Pensei que não tinha ninguém aqui—continuou – Voltarei mais tarde.

— Sairei logo.

— Não tenha pressa – disse ele sorrindo – assim terei tempo de ver o final da serie M*A*S*H* —deixando o esfregão e o balde no canto esquerdo da lavanderia. Em menos de um batimento cardíaco, Marisa saiu da lavanderia logo atrás dele. Sua roupa poderia esperar até o dia seguinte.

Grigori permaneceu fora do complexo de apartamentos de Marisa, seus sentidos analisando a noite. Podia ouvir as vozes dentro dos apartamentos – uma senhora permanecia discutindo com o marido sobre ir visitar seu filho na prisão, um bebê chorando de fome, um homem roncando, o som de um rádio, meia dúzia de aparelhos de TV, cada um sintonizado num canal diferente, a força do odor de comida frita e dejetos humanos se agarravam em suas narinas. E, sobretudo o aroma do sangue quente dos seres vivos, o barulho do retumbar de seus corações o chamando.

Havia ido apenas para ter certeza de que ela estava bem, se negando a admitir, inclusive para si mesmo, que havia outro motivo.

Ela estava em casa, podia sentir sua força vital, o cheiro e o calor dela. E justo quando começava a subir as escadas que levariam ao apartamento dela, sentiu a presença de Alexi.

Com sobrenatural velocidade, seguiu o rastro de Marisa até a parte de trás do edifício. A percepção do vampiro estava mais forte ali. A raiva surgiu dentro dele, tremendo pelo terror que pudesse ser tarde demais.

A sensação de maldade era mais forte à medida que se aproximava da parte de trás. Viu uma sombra separando-se da escuridão e ouviu o tênue som de uma risada zombeteira e logo a aparição se desvaneceu.



Com um silencioso gemido de frustração, Grigori começou a caça. Seguindo o vampiro por becos escuros e telhados, nunca sendo capaz de ver mais que rápidas visões de sua presa. Perseguindo-o por horas sem ser capaz de chegar perto o suficiente, ouvindo o som de troça na sua risada, a ira e frustração aumentando à medida que compreendia que Alexis estava apenas brincando.

Relutante em desistir da caça de Kristov continuou até que as sombras começaram a desaparecer. Amaldiçoando suavemente de novo, virou-se, buscando um lugar para descansar antes que o sol o encontrasse.

Marisa sentia-se uma tonta pela manhã e também bastante irritada, pois a blusa que havia pensado em colocar hoje para ir trabalhar estava ainda na máquina de lavar roupa. Resmungando sobre ser uma idiota e com uma imaginação fértil, correu para a lavanderia e jogou a roupa na secadora.

Novamente em seu apartamento tomou café da manhã, arrumou seus cabelos, escovou seus dentes e foi à lavanderia correndo novamente para pegar a roupa seca. Dobrou o que era necessário e as demais deixou num monte sobre a cama. Vestiu-se rapidamente e pegou as chaves, conduzindo para o trabalho.

Triste consigo mesma, se pegou pensando em Grigori, perguntando-se se ligaria para seu trabalho, se deveria ter-lhe dado seu número, ou se havia interpretado seu encontro com mais importância do que realmente tinha.

O dia passou rápido. O senhor Salazar estava cuidando de um caso importante e significava tonelada de papéis. Neste dia ela se alegrou com a quantidade de trabalho que não lhe daria tempo para pensar no homem de cabelos negros e olhos pecaminosamente escuros.

Era tarde quando finalmente deixou o trabalho. Acabava de abrir a porta do carro quando viu Grigori avançando rapidamente para ela.

Franziu o cenho, perguntando-se o que estava fazendo na cidade, mais especificamente em seu prédio. Ele vestia uma jaqueta de couro sobre uma camiseta branca, jeans justos e botas negras.

Parecia alto, escuro e perigoso e se sentiu ridiculamente feliz em vê-lo.

— Boa noite – murmurou.

— Ola. O que faz por aqui?

— Procurando você.

— Oh.

— Me perguntava se poderíamos fazer uma troca: uma carona por um jantar.

— Suponho que sim — replicou Marisa, deslizando atrás do volante para abrir a porta do passageiro – Entre.

Sentou-se no carro com os braços cruzados no peito. Parecia ainda maior no pequeno veículo. Como sempre era consciente do poder que ele irradiava, como o calor de uma estufa.

Arrancou com o carro e conduziu para a saída.

— O que faz na cidade?



— Cuidando de alguns negócios – a mentira saiu facilmente de sua boca. Ele estava ali porque ela estava. É uma cidade extraordinária. Tantos edifícios grandes, tanto cimento e cristal. Tanta gente vagando sem nada na vida.

— Sim —disse Marisa, olhando pelo retrovisor– há uma grande quantidade de gente vivendo sem abrigo. É muito triste.

— Sim. Sinto saudade de casa. – murmurou Grigori.

— E onde é?

— Itália.

— Nasceu lá?

— Sim, é um país maravilhoso – a tristeza fluiu das profundezas de seus olhos – Faz muitos anos que não vou lá.

— Onde vive agora? Refiro-me a quando não está trabalhando, suponho que deve viajar muito.

— Sim. Tenho uma pequena vila em Nápoles e um apartamento em Paris, e quanto estou nas turnês fico hospedado em hotéis.

— Isto não parece ser muito divertido. Poder viajar me encantaria, porém passar o resto da vida carregando malas deve me fazer envelhecer mais rápido.

— Realmente é assim. Onde quer ir comer?

— Não tem que me convidar – disse Marisa.

— Será um prazer.

— Bem... – pensou um momento. Conheço um pequeno restaurante na parte alta da cidade, porém de algum modo o pensamento de estar sentada junto a Grigori numa pequena mesa de um escuro e íntimo café a transtornava demais – Que acha de irmos ao North Woods Inn?

— O que desejar.

— Já foi lá alguma vez?

Um débil sorriso apareceu em seus lábios.

— Não.

— É um dos meus lugares favoritos.

O carro deixou a pista, notava-se que ela conduzia com bastante habilidade e destreza. Grigori se mexeu no assento, admirando-a com o canto dos olhos. Levava uma blusa amarela pálida sob uma jaqueta verde escura e uma saia o suficientemente longa para ser usada como roupa de trabalho, mas curta o suficiente para mostrar um par de pernas bem torneadas.

Uns minutos depois, parou no estacionamento. O edifício foi concebido de modo que parecesse ser feito de toras. O telhado era pintado como se tivesse nevado.

Grigori segurou a porta, e depois entrou atrás dela. Havia um bar do lado esquerdo. O restaurante ficava no final de um grande corredor, à direita.

Uma bela morena com um vestido vermelho muito curto e meias negras os levou a uma mesa no final do salão. Trouxe uma tigela de amendoins, o cardápio e dois copos de água.

Marisa esticou a mão e pegou um amendoim. Abriu-o e jogou as cascas no chão. Rindo suavemente da expressão que viu em Grigori.

— Está bem, é assim que se faz.



— Ah, olhou ao redor notando que todas as cascas estavam realmente no chão, esparramadas em volta das mesas.

— O que vai comer?

— Bife.

— Humm. Não consigo me decidir entre Mariscada ou Sanduíche Turco.

Ela ainda tentava decidir quando a garçonete chegou para anotar os pedidos. Grigori pediu um bife mal passado e uma garrafa de vinho tinto.

— Mariscada, eu acho – disse Marisa.

Com uma inclinação de cabeça, a garçonete recolheu o cardápio se afastando da mesa.

— Vem muito aqui? – perguntou Grigori.

— Não muito. Mas e você? Quando voltará a atuar? Encantaria-me poder ver uma de suas apresentações.

— Temo que não seja possível. A exibição terminou na semana passada.

— Oh que chato. E o que vai fazer agora?

Seu olhar escuro a percorreu e ela ruborizou, perguntando-se se suas palavras tinham demonstrado decepção ao saber que ele deixaria a cidade.

— Estou pensando em tirar umas férias – disse ele.

— Aqui? Não pode disfarçar a esperança em sua voz. – em Los Angeles?

— Sim – a olhou de maneira desconcertante – aqui há muito para ser visto.

Ela afastou os olhos. Subitamente suas bochechas ficaram coradas.

A chegada do jantar não poderia ter sido num momento mais oportuno.

— Não brincava quando disse cru, não? – perguntou Marisa quando o viu cortar seu bife. Parece que ele ainda pode se mover.

Ele olhou para o sangue vermelho que reluzia na carne.

— Esta é a única maneira de comer um bife – cortou um pedaço grande e o ofereceu.

— Não obrigada, eu prefiro algo que esteja um pouco mais cozido.

— Você nem imagina o que está perdendo.

Ela enrugou o nariz de desgosto.

— O gosto... – murmurou sentindo os olhos dele novamente sobre ela.

— Não há nada que o descreva – murmurou em voz baixa.

E ela teve a impressão que ele não estava falando do bife...

Capítulo 5

Havia um homem esperando-a do lado de fora de seu apartamento, ao chegar em casa do trabalho no dia seguinte. A princípio pensou que fosse Grigori, porém logo que o homem saiu da sombra se deu conta que a única coisa que tinham em comum era que ambos eram homens altos.

— Posso ajudá-lo? – perguntou Marisa.



— Espero que sim – tinha cabelo preto, frios olhos azuis e parecia ter cerca de quarenta anos. Uma fina cicatriz corria por um lado de sua face direita e levava um grande crucifixo de prata preso numa grossa corrente ao redor do pescoço. – Você é Marisa Richard. Certo?

— Quem deseja saber?

— Perdoe-me. Meu nome é Edward Ramsey.

Marisa estreitou os olhos. O nome não lhe dizia nada.

— O que quer senhor Ramsey?

— Salvar sua vida.

Marisa o olhou atônita.

— Salvar minha vida?

— Eu lamento, mas deve estar procurando outra pessoa.

— Estou procurando por... — Uma sombra escura passou pelos olhos do homem – dois homens. E creio que você já os viu.

— Você é da polícia?

— Não.

— Com toda certeza está me confundindo com outra pessoa.

— Eu não creio. – seus olhos azuis se encontraram com os dela e sua franqueza era desconcertante – Você esteve na Feira de Roskovich na sexta feira passada, estou certo?

— Sim, mas como soube?

Seus finos lábios se curvaram formando um leve sorriso.

— Tenho meus contatos.

Marisa cruzou os braços. O homem não tinha nada que a assustasse, entretanto ela sentia-se assustada assim mesmo.

— Acho que é melhor o senhor ir embora agora.

Ramsey mostrou suas mãos num gesto, como se quisesse confortá-la e ela observou que a palma de uma das mãos dele estava cruzada por uma tatuagem.

— Senhora Richards, não quero preocupá-la, porém temo que sua vida esteja em perigo. Sério perigo.

— Vá direto ao ponto. – disse Marisa.

— Muito bem, direi a verdade. Alexi Kristov está perseguindo-a.

— Quem? – perguntando-se porque esse nome soava tão familiar.

— Alexi Kristov. O conde Alexi Kristov.

Marisa olhou Ramsey com olhos desconfiados e logo começou a rir.

— E quem disse semelhante coisa?

— Como?

— É uma brincadeira, não? Quem o mandou foi Grigori?

— Grigori? Grigori Chiavari?

— Não sei seu sobrenome.

— Está aqui? O olhar atento de Ramsey passou rapidamente por ela e a porta – Agora?

— Não. – deu um passo para trás, perguntando-se se era seguro abrir a porta, ou se ele tentaria entrar.



Olhando ao redor esperando ver o senhor Abbot regando o gramado como costumava fazer no período da tarde. Porém não havia ninguém à vista.

— O que é este disparate sobre Alexi Kristov? — perguntou sentindo-se irritada depois de um longo e duro dia de trabalho. — Está morto.

Ramsey concordou.

— De certa forma está mesmo.

— Quer me fazer crer que um vampiro está me seguindo?

Um leve curvar de lábios de Ramsey trouxe pequenas linhas sobre seus olhos.

— Eu temo que não exista outra forma de dizer.

Marisa continuou olhando-o.

— O que? Você está confirmando, então devo supor que os vampiros são mortos, não? — deixou escapar um suspiro de exasperação — Escuta, já passou o Halloween e estamos muito longe do dia da mentira, assim se me desculpa...

— Senhora Richards...

— Não acredito em vampiros.

— Isto não os faz menos reais, nem torna o perigo que corre menor.

— Escute, não sei bem o que está querendo vender, mas tudo isto é de incrível mau gosto, e agora se me desculpa tive um dia longo e cansativo.

— Senhora Richards, por favor, deve me escutar.

— Já ouvi o suficiente — sem querer realmente virar-lhe as costas, deu um passo atrás apertando suas mãos na chave. — Se não sair daqui gritarei Socorro, assassino!

Ramsey olhou-a de cima abaixo durante um momento dando um longo suspiro de resignação.

— Como queira. — colocando as mãos no bolso de sua jaqueta retirou um cartão e o entregou. — Se necessitar de ajuda pode me encontrar neste número. Só espero que me chame antes que seja tarde demais.

E começou a descer a escada.

— Mais uma coisa. — anunciou sobre os ombros — Não deixaria o refúgio de minha casa depois de cair o sol, nem faria mais caminhadas na escuridão com Grigori Chiavari. — O que? Espere um minuto!

Ramsey interrompeu seus passos e logo se voltou para olhá-la.

— O que quer dizer? Por que não devo ver Grigori novamente?

— Porque ele é um deles.

— Um deles? Quer dizer um vampiro?

Ramsey concordou.

— Boa tarde, Senhorita Richards. Espero vê-la novamente.

Estava pensando no ocorrido quando ouviu o telefone. Imaginou inclusive antes de atender, que seria Grigori. A advertência de Ramsey não saía de sua cabeça e por um instante esteve tentada a chamá-lo. Logo sacudiu a cabeça. Vampiros não existiam. Era apenas uma idéia absurda.

— Marisa?

— Sim, oi.



— Estava me perguntando se não gostaria de ir assistir a um filme.

— Um filme? Esta noite? – não queria acreditar no que Ramsey havia dito, entretanto de repente tinha medo de ver Grigori de novo.

— Alguma coisa errada?

— Não nada, apenas estou surpresa em ouvi-lo.

Houve silêncio por um momento e teve a misteriosa impressão que ele estava lendo sua mente e sabia exatamente o que estava pensando e por que. Porém aquilo era ridículo.

Olhou furtivamente para o telefone.

— Ainda esta aí?

— Sim e gostaria muito de vê-la esta noite.

Sua voz era cálida e sensual, ricamente pecaminosa como calda de chocolate quente derramando-se sobre um bolo de chocolate.

— Não estou com humor para ver filmes.

— Ah, entendo.

Houve um longo silêncio. Antes de perceber o que realmente estava fazendo acabou por convidá-lo para jantar.

— Obrigado. Mas acabo de jantar, porém me encantaria ir contigo e beber um copo de vinho— disse — em uma hora.

— Combinado. Vemo-nos então.

Colocou o fone no gancho distraidamente e permaneceu em pé sacudindo a cabeça. Não tinha decidido evitá-lo? Por que havia aceitado ir encontrá-lo?

Colocando os pratos rapidamente na lava-louça, limpou o fogão e rapidamente arrumou o quarto. Quanto terminou trocou o jeans gasto e sua camisa por uma blusa sem manga e uma calça azul de Jersey.

Havia terminado de se maquiar quando ele a chamou na porta.

Alisando os cabelos com as mãos respirou fundo e foi abrir. Olhou pelo olho mágico e assegurou-se que era realmente Grigori que estava esperando.

— Olá, entre.

Deu um passo para trás agudamente consciente de quando ele entrou na sala. Vestindo negro, ela pensou nunca ter visto um homem exalar tanto calor. Porém todos os vampiros se vestiam de negro certo? Seu cabelo caia por seus ombros. Longos e escuros pareciam acentuar os ângulos do seu rosto. Tudo que necessitava era uma capa negra, refletiu, mas logo afastou este pensamento.

Com um sorriso de saudação, ofereceu uma garrafa de vinho.

— Obrigada, quer tomar uma taça agora?

— Por favor.

Estamos muito formais pensou ela. E foi a cozinha pegar taças no armário. Ele permaneceu na porta olhando enquanto ela servia o vinho. Ela ofereceu um dos copos perguntando-se se o seu sorriso parecia tão forçado como o sentia.

— A que brindaremos hoje. – perguntou ele.

— Eu não sei, um brinde é necessário?



Ele encolheu os ombros.

— Penso que não. — com um ligeiro aceno com a cabeça em sua direção, ele bebeu um gole

— Excelente safra.

Marisa tomou um gole. Era bom, muito melhor que o que ela estava acostumada.

— Vamos sentar?

Ela se dirigiu para a sala, consciente que ele vinha atrás dela, sua proximidade causava arrepios na espinha dela.

Sentou-se no sofá e sorveu sua bebida.

Ele se sentou ao seu lado, perto, porém não muito, e ainda assim ela era tão consciente de cada linha do seu corpo, cada respiração. Mesmo sentado ele parecia dominá-la.

Grigori bebeu o vinho lentamente, saboreando, tal como saboreasse a proximidade dela. Podia sentir a tensão que ela emanava. Sentado no sofá com os braços no encosto, ele olhou a sala, até que seu olhar caiu sobre o jornal que estava em cima da mesinha de café.

VAMPIRO ASSASSINO RONDA A CIDADE.

CORPO ENCONTRADO NA LIXEIRA.

Grigori franziu o cenho, enquanto lia rapidamente a história, que era muito curta e cheia de especulações. Outro corpo *havia* sido encontrado sem sangue. A imprensa com seu usual sensacionalismo tinha rotulado o assassino como Vampiro. Que era um bom nome, refletiu Grigori. Se eles soubessem...

— Que pensa sobre isto? — perguntou Marisa fazendo um gesto para o jornal com sua taça.

— A nobre imprensa — disse ele sorrindo fácil. — Seguramente você não acredita nesta bobagem sobre um vampiro sedento aterrorizando a cidade.

— Não, mas...

— Mas, o que?

— Bem, estou com um pouco de medo. Quero dizer, o corpo de um suposto vampiro desaparece da feira, logo depois o proprietário é encontrado morto. E agora alguém anda matando gente tirando todo seu sangue.

Pensou em Silvano. Conhecia-o pouco, era a primeira vez que alguém que ela conhecia tinha sido brutalmente assassinado. Isto fazia parecer bastante pessoal.

— É provável que seja somente um assassino em série, porém... —estremeceu — tudo isto me dá calafrios.

— Estará a salvo se permanecer em casa depois do escurecer.

— É a segunda pessoa a me dizer isto hoje.

— Oh?! — olhou-a com dureza e seus olhos se entrecerraram.

— Quer mais vinho?

Grigori concordou.

Marisa pegou seu copo e levantou-se. Ele a seguiu até a cozinha.

Apoiando o ombro no batente da porta, Grigori olhava-a movendo-se na pequena cozinha de paredes brancas e armários marrons claro. Uma pequena mesa redonda com duas cadeiras



ficava no canto com um vaso vermelho claro com uma planta verde no centro da mesa. Alegres cortinas amarelas colocadas na janela.

— Quem mais te disse que permanecesse dentro de casa?

— Eu não o conheço. Alguém chamado Ramsey.

— O que exatamente ele disse a você?

— Que diferença faz? Eu te disse. Ele era só um louco.

Ela deu-lhe uma das taças e voltou novamente à sala, e foi sentar-se de novo no sofá.

— Conte-me Marisa.

Sua voz era irresistível.

— Ele estava me esperando aqui quando cheguei hoje do trabalho. Disse que Alexi Kristov estava seguindo-me e que eu não deveria sair à noite. — ela riu, porém não havia humor em seu sorriso, tampouco nos seus olhos. — Não é a maior loucura que você já ouviu?

Olhou para Grigori esperando que ele fosse rir e dizer que ela tinha razão, que era somente uma bobagem. Porém ele não estava rindo.

— O que mais ele te disse?

— Ele disse... — seus dedos tremeram agarrando a taça. — ele disse que eu não deveria mais passear na escuridão com você.

Grigori ficou muito quieto. Ela teve inclusive a sensação que ele havia parado de respirar.

— Disse por quê?

— Não. — era uma mentira, porém não podia persuadir-se a repetir o que Ramsey havia dito. Ela não acreditava em vampiros, mas acreditava no mal. Cuidadosamente colocou o copo na mesa. — Quero saber o que está acontecendo.

— Eu imagino, porém não posso dizer.

— Não pode ou não quer?

Grigori encolheu seus ombros.

— Não poder, não querer? Onde está a diferença?

— Ramsey disse que o conhecia. Que mais sabe? Por que ele me disse para não voltar a vê-lo?

— Não tem nada a temer de mim, Marisa.

— Isso não é uma resposta — Ela levantou-se e foi para o outro lado da sala. — Creio que deveria ir embora.

— Como desejar

Colocando seu copo sobre a mesa voltou-se na direção da porta e começou a caminhar. Ela nunca havia visto ninguém se mover como ele. Movia-se sem esforço, como se a gravidade não tivesse controle sobre ele, como se tivesse uma bolsa de ar entre seus pés e o solo.

Parou na porta e voltou-se para olhá-la.

— Boa noite, Marisa. Feche bem a porta quando eu sair.

— Pare! Somente pare! — ela abraçou seu corpo com as mãos num gesto de auto-preservação. — Quero uma resposta verdadeira. E quero agora. Quem é você? Quem é este tal Ramsey? Como pode saber que passeamos no parque? Ele é seu amigo? Por que me disse para não vê-lo de novo? Maldição quero saber o que está acontecendo!



Ele olhou-a de maneira especulativa

—É sério?

Não, não confiava em si mesma para falar, temendo fazê-lo mudar de opinião se reconsiderasse, então apenas assentiu.

—Meu nome é Grigori Chiviari. Bem, isto é suficiente.

—Mas e o resto?

—Não estou aqui de férias. Estou caçando um vampiro.

Ela queria desesperadamente rir, mas tinha uma temível e deprimente sensação e que não voltaria a rir.

—Está mesmo falando sério, não?

—Bastante. Tenho caçado Alexi há bastante tempo.

—Mas ele é... ele é...

—Um vampiro, Marisa. Um muito antigo e um vampiro muito perigoso.

Ela se deixou cair no sofá.

—Isto é impossível não existem tais coisas...

—Eu temo que sim...

—Então você trabalha com Ramsey?

—Não exatamente. Porém ambos queremos a morte de Alexi.

—Por quê?

—Eu tenho minhas razões, e terá que perguntar a Ramsey as razões dele.

—Ramsey disse que um vampiro esta atrás de mim. Por quê? Nem sequer sabe quem eu sou.

—Você se feriu na feira, não?

—Sim, me machuquei, mas como sabe?

Ele sacudiu a cabeça, seus grossos cabelos negros movendo-se sobre seus ombros como uma nuvem de seda escura.

— Isto não importa. Foi provavelmente o cheiro do sangue que o despertou.

— Mas como?

— Os antigos vampiros dormem durante um século ou dois, talvez não tenha sido seu sangue que o acordou, talvez ele apenas já tivesse descansado o suficiente. Não sei.

—Porém o homem na feira... Silvano... disse, que ele estava preso, que não poderia escapar das correntes de prata e das cruzes. —olhou para Grigori desesperada que restabelecesse sua confiança.

—Silvano tinha razão, até onde sabia. — replicou Grigori refletindo — Porém Alexi é mais antigo que Silvano pensava. Não estou seguro que pudesse derrotar Kristov. Mesmo com as correntes de prata, me pergunto se Alexi hipnotizou Silvano e ordenou que o libertasse.

— E poderia fazer isto?

— Isto e muito mais.

O olhar de Grigori se perdeu no vazio, além dela, perdido em seus próprios pensamentos. Inclusive sem alimento durante um século ou dois deve ter sido fácil para Alexi dobrar Silvano com sua força e obrigá-lo a retirar as correntes e as cruzes de prata que o mantinham preso. Assim com



Silvano ainda enfeitiçado, Alexi pode beber seu sangue até que derrubou o homem como uma casca seca.

Enquanto considerava isto, Grigori supôs que era o que tinha acontecido. Podia recriá-lo em sua mente, o vampiro com seus olhos abertos, seu olhar hipnótico se reunindo com o de Silvano, a mente dele curvando o mortal, forçando Silvano a eliminar as relíquias sagradas, livrando-os dos grilhões a que estava confinado. Ele foi capaz de sair do caixão, seus dedos esqueléticos segurando os ombros de Silvano, inclinando a cabeça do homem para um lado, enterrando os dentes no pescoço de Silvano enquanto alimentava uma fome que havia crescido durante centenas de anos...

— Está falando a sério mesmo, não?

A voz de Marisa o trouxe ao presente.

— Bastante.

Marisa olhou ao seu redor. O ferrolho da porta parecia tremendamente inadequado, as janelas fazendo-a sentir-se muito exposta e vulnerável.

— Não se esqueça de fechar a porta quando eu sair.

— Espera — não acreditava, não queria acreditar. Era completamente impossível, ainda assim resistia a passar a noite inteira sozinha. — Por favor, fique.

— Estará segura enquanto não o convidar a entrar.

— Por quê? O que o manteria fora? Se todas aquelas correntes de prata não o mantiveram preso, estou segura que uma simples fechadura não será nenhum problema para ele.

— Há uma grande quantidade de lenda sobre os vampiros. Sobre o que podem ou não fazer. A maioria é fabula somente para assustar as crianças, mas algumas são verdadeiras. Alexi só poderá entrar em sua casa se você o convidar. Deverá se esconder do sol. Uma cruz oferecerá tanta proteção como se crê. A prata queimará sua pele, mas irá cicatrizar rapidamente, necessitará de sangue para sobreviver, entretanto poderá ficar sem tomá-lo durante longos períodos de tempo. Fez uma pausa como se pensasse o que mais poderia dizer. — Alguns vampiros têm o poder de mudar de forma, outros o poder de voar.

— E quanto a atravessar as águas, e não ter reflexo no espelho?

— Nada mais que lendas como a ridícula idéia que se colocar um vampiro em um caixão com uma rede e sementes, ele se sentirá forçado a desatar todos os nós e recolher todas as sementes, uma por ano até poder sair novamente do caixão.

— Me conte se o alho realmente repele os vampiros?

Ele sacudiu a cabeça.

— Ele tem o mesmo efeito que em você.

Ela olhou-o de uma maneira suspeita.

— Como sabe todas estas coisas?

Ele deslizou em sua direção, parecendo ainda mais perigoso e invulnerável.

— Eu já lhe falei que o tenho caçado durante muito tempo.

— Ramsey disse... — Respirou profundamente, perguntando-se se estava para cometer um equivoco fatal. — Disse que você era um deles, um vampiro.

— Sério?



Ela esperou que ele negasse, seu coração batendo ferozmente.

—Então é verdade?

Considerou a verdade e optou pela mentira.

—Não.

Rindo sentiu a tensão abandoná-la. Claro que não era um vampiro.

—Por que não se une ao Ramsey?

A expressão de Grigori mostrava uma irônica diversão.

—De alguma forma trabalhamos juntos. Ele caça de dia e eu o faço de noite.

—Você se importaria de passar a noite aqui? Realmente, não quero ficar sozinha...

Grigori olhou-a longamente. Era uma mulher preciosa, linda e cheia de curvas, bela de uma maneira tranqüila que a tornava ainda mais atrativa.

—Se está certa.

O olhou com cautela, se dando conta que ele era pouco mais que um estranho, e se perguntou se estaria agindo certo.

Sentou-se no grande sofá, e esticou as pernas.

Sua presença fazia a sala parecer pequena. Ficava repentinamente difícil de respirar. Incômoda, pegou o controle e ligou a televisão.

"... Os corpos foram encontrados no início desta tarde num terreno em Habra. Os policiais estão identificando as duas mulheres para poder comunicar seus parentes mais próximos. Em outras notícias..."

Marisa olhou aflita para a televisão.

—Não — sussurrou. —Outra vez não. —olhou para Grigori. É tudo por minha culpa.

—Não.

Abaixou a cabeça e começou a sentir seus olhos cheios de lágrimas.

—Eu sei — disse tristemente — sei que fui eu.

Esperou que ele dissesse algo que pudesse diminuir sua culpa, porém ele não a estava olhando, e sim olhava firmemente a porta, todo seu corpo tenso como se estivesse preparando-se para voar.

Então ela voltou a sentir aquela mesma sensação anterior de que algo mal a olhava.

—O que está acontecendo? O que é isto?

Ele se pôs em pé com um único e fluído movimento.

—Feche a porta atrás de mim.

—Mas aonde vai?

—Só faça o que eu digo — falou ele bruscamente enquanto virava-se e saía rapidamente.

Com o coração batendo forte, Marisa trancou a porta e logo colocou a tranca de segurança no lugar. Muito nervosa para sentar e esperar foi ao fundo da sala assegurar-se que as janelas estivessem fechadas. Correu as cortinas do quarto, da cozinha, e da sala e revisou novamente a fechadura da porta. E desesperada por ter algo a fazer, sentou-se no sofá, pegou uma manta peluda do Mickey Mouse e cobriu-se até o queixo, e ficou olhando fixamente para a porta.

Havia se convencido que o mal que sentira aquela noite na lavanderia tinha sido apenas produto de sua imaginação. Porém agora sabia que havia sido real, e tinha um nome. Alexi Kristov.



Capítulo 6

Grigori desceu veloz pela escada até chegar na rua. Com todos os sentidos alertas parou na calçada.

—Alexi mostre-se! – deu a volta enquanto ouvia um suave riso sendo trazido na rajada de vento. – Alexis, maldito seja, apareça!

— Estou aqui.

Grigori virou-se com o corpo inteiro tenso, se preparando para o ataque.

Uma fina neblina cinza se materializou fora das profundas sombras noturnas. Fundindo-se na forma de um homem ao qual Grigori reconhecia muito bem.

—Alexi.

O conde se inclinou em reverência. Parecia um aristocrata do antigo mundo, com uma camisa branca com mangas longas e abertas no pescoço, uma calça negra apertada e botas de couro macio.

—Grigori, meu amigo. Vemo-nos de novo.

Grigori sacudiu a cabeça secamente, não havia sentido medo por centenas de anos, desde que havia encontrado com Kristov pela última vez.

O frio e cinzento olhar de Alexi o percorreu com atenção, e sentiu subir um gelo por sua espinha.

—Nunca se renderá?

—Nunca.

Uma risada burlona surgiu da garganta de Kristov.

—Eu temo que toda esta sua tenacidade e presunção possa ser sua destruição.

—Talvez. Como escapou de Silvano?

Um som de desdém escapou de Kristov.

—Uma tarefa fácil, asseguro. Repousei por cem anos. Sempre o vigiando, assim que comecei a me inquietar tive que destruí-lo, um sorriso cruel formou-se em seus lábios – era um tolo pensando que poderia ter-me contra minha vontade. Estúpido mortal, sua tolice custou caro. Sabe que Ramsey também está na cidade?

Grigori assentiu.

—Terei os dois — disse Kristov, seus olhos brilhando com confiança. —Quando eu estiver preparado terei os dois.

—Não.

—Oh, sim— disse Alexi com total e completa confiança. Olhou para onde ficava o apartamento de Marisa e se voltou – e a mulher também.

—Não. Deixe a mulher fora disso. Isto é entre você e eu.

O conde sacudiu a cabeça.



— Foi o aroma do seu doce sangue que me acordou. Não descansarei outra vez até que tenha conseguido que seu sangue alimente minha fome e aqueça minha alma.

— Ela me servirá bem não acha?

—Terminaremos com isto agora!

—Não, lamento, ainda é muito cedo, temo que necessite um pouco mais de diversão depois de tão longo descanso. Você e Ramsey vão proporcioná-la. E a mulher... – Alexis sorriu – ela me proporcionará outro tipo de diversão.

— Não – um profundo rugido surgiu da garganta de Grigori enquanto investia com os dentes a mostra e com as mãos como garras se estendendo para a garganta de Alexi. Sentiu uma aguda dor quando Alexi o golpeou, suas unhas cruzando a cara de Grigori. Abrindo cinco profundas feridas que iam desde o início do cabelo até a mandíbula dele

Grigori sacudiu a cabeça limpando com força o sangue que escorria sobre os olhos.

— Alexi!—bramou o nome do vampiro com toda a força de sua dor, de sua ira, porém Kristov tinha desaparecido como se nunca estivesse estado ali.

Amaldiçoando em voz baixa foi para as escadas, até chegar novamente ao apartamento de Marisa. Depois de perguntar quem era ela abriu a porta. Seus olhos se abriram de horror quando viu o sangue gotejando de seu rosto.

— Grigori o que aconteceu?

— Alexis foi o que aconteceu.

— Ele esteve aqui?

Fechou a porta com força e passou o ferrolho.

— Ele já se foi.

— Tem certeza?

Grigori assentiu.

Com as pernas trêmulas, Marisa foi ao banheiro pegou uma toalha e a passou na água fria, voltando para a sala. Grigori estava sentado no sofá olhando fixamente para a porta.

Sentando-se ao seu lado começou a limpar o sangue do rosto de Grigori.

— Provavelmente necessitará de uns pontos – comentou enquanto olhava as profundas feridas que marcavam suas bochechas começarem a se curar. Era como ver um filme em câmera rápida, pensou vendo a maneira como os músculos e a pele se unia.

— Isto... Levantou de um salto, e a toalha caiu descuidada de suas mãos. – Não é possível.

— Eu temo que seja muito possível. Replicou Grigori.

— Então é verdade. – murmurou – Tudo que me contou Ramsey, tudo o que ele disse.

— Você está bem?

—Não sei. – olhando-o – É verdade? Você é um deles.

Grigori concordou, preferia que ela não soubesse a verdade, porém isto seria de grande ajuda por agora. Considerou roubar ou não sua memória. Enquanto pensava chegou à conclusão que seria melhor se ela estivesse completamente inteirada do grande perigo que corria.

— Parece um pouco pálida. –comentou Grigori – creio que se sentirá melhor se sentar.

— Sim – disse—Acho que tem razão.

Ela falou isto justo antes de desabar contra o chão.



Grigori a segurou justamente antes de golpear o chão. E a levou para seu quarto colocando-a na cama e a olhou dormir. Havia despertado de seu desmaio, fraca e ele havia insistido que ela permanecesse na cama, ela tinha discutido, mas desistira, ele sabia que esta era a maneira dos mortais encontrarem refúgio, o sono.

A maneira dos mortais... Já era vampiro há muito tempo, era duro recordar um tempo em que tinha sido diferente, um tempo que havia sido apenas um mortal, com uma casa, uma família...

Pondo-se em pé foi à janela e olhou por entre as cortinas.

A escuridão o esperava. Chamando-o silenciosamente. Venha, parecia dizer o vento noturno, venha companheiro da noite comigo.

Era tentador, porém havia prometido a Marisa que ficaria com ela.

Olhou-a de longe e seus pensamentos vagaram para séculos atrás. Voltando ao tempo em que tinha sido marido e pai. Cerrou os olhos e a imagem de Antonieta apareceu em sua mente, tão fresca e viva como se não tivesse passado nem um par de horas. Seus cabelos negros e cheios, olhos verdes azulados como o mar, e seus filhos Antonio e Martina, tão jovens e inocentes.

Suas mãos cerram-se apertando seus punhos, suas unhas cravando na carne de suas palmas, enquanto recordava a última vez que a tinha visto, seus corpos dismantelados como bonecas de pano sobre suas camas, sem sangue, sem vida. Alexi Kristov estava no batente da porta com sua boca manchada de carmesim, seus olhos vermelhos e febris pelos assassinatos.

— Então é verdade. Disse Grigori horrorizado. Havia ouvido todas as histórias e rumores, os sussurros que corriam pelo povo, porém não tinha acreditado que eram de fato verdadeiros, Alexi havia sido seu amigo e Grigori tinha encontrado uma explicação lógica para cada acusação que pairava sobre ele. — Tudo é verdade — disse novamente — é mesmo um vampiro.

Kristov havia assentido com seus olhos frios e distantes.

— Antonieta...

Grigori foi até ela, porém Alexi fez um gesto com a mão para pará-lo.

— Ela agora é minha.

— Não. — embora estivesse negando, sabia que era verdade. Antonieta o olhava através dos seus frios olhos sem alma. Enquanto gotas de sangue saíam das pequenas feridas do seu pescoço. Não era mais humana, não vampira, ela não era mais sua mulher, não mais a menina que havia namorado. Havia se convertido em uma criatura de Alexi, obedecendo a suas ordens e se ele assim a mandasse o mataria.

— Por quê? — só esta frase angustiada saiu da profundidade do seu coração e de sua alma.

Alexi não respondeu. Pegou Antonieta pelas mãos e virou-se para sair. Como um louco, Grigori arremeteu-se contra ele com o único pensamento de destruir a criatura que havia matado todos que amava.

Com um assovio Alexi girou com um horroroso brilho nos olhos, suas mãos sujeitaram os braços de Grigori dos lados.

— Tem vontade de morrer Chiavari?

— Eu o matarei pelo que fez.

Alexi riu.



— Você? Vai me matar? Creio que não.

Grigori lutou para se libertar, porém Alexi o sujeitava sem esforço.

— Não tem força para ir contra mim. — zombou Alexi. Com deslumbrante velocidade envolveu com suas mãos o pescoço de Grigori levantando-o do chão enquanto seus dedos apertavam lentamente, retirando o ar do seu corpo. — Talvez eu devesse transformá-lo assim você iria entender.

Grigori olhou ferozmente para o vampiro.

— Eu entendo que é um monstro.

Os frios olhos azuis de Alexis mudaram de tom ardendo, brilhando em um espantoso vermelho. Seus lábios retorceram mostrando seus enormes dentes.

Poderia ter tido medo, porém estava muito cheio de ira e desespero para sentir algo além do ódio.

— Vamos faça. — gritou — Transforma-me nisto que você é para que eu possa matá-lo.

— Creio que não. — replicou Alexi — Sendo vampiro você poderia me perseguir durante toda a eternidade, matá-lo agora seria muito mais fácil.

Grigori lutou para libertar-se enquanto as mãos de Alexi apertavam sua garganta bloqueando o ar de seu corpo, sentindo-se cair, cair, indo para a escuridão enquanto ouvia a distância a risada zombadora de Alexi.

— Vou deixar que viva por hora, Chiavari. A vida será muito mais dolorosa agora para você que a própria morte.

Quando despertou o vampiro já havia ido. E nunca mais voltou a ver Antonieta...

Grigori abriu os olhos ao sentir que o amanhecer se aproximava. Era o momento de ir embora.

Comprovando que Marisa estava ainda dormindo. Muito bela e vulnerável deitada ali, seus olhos com escuras pestanas em contraste com sua pele, seus lábios rosados e quentes. Tomou o ar profundamente sentindo seu aroma. Inalando o aroma da pele quente e um suave rastro de colônia floral que ela gostava. Seus olhos demoram-se em seu pescoço. Onde o pulso batia, e a fome se agitou dentro dele, inclinando-se roçou numa mecha de seu cabelo que caia junto ao seu pescoço. Sentindo a antecipação que crescia enquanto seus dentes se alargavam. Só um gole...

Um suave suspiro dos lábios dela enquanto ela despertava e seus olhos encontravam com o dele.

— Volte a dormir Marisa. — murmurou com voz baixa — Volte a dormir.

Com outro suave suspiro suas pálpebras se agitaram e fecharam novamente.

Momentos depois ele já havia saído.

Marisa piscou, fechou os olhos e voltou a abri-los. Deve ter sido um sonho pensou ela, um pesadelo. Levantou-se e olhou ao redor do quarto, porém não havia nada ali. Ela poderia ter jurado que Grigori tinha estado ao seu lado, dobrando-se sobre ela. Havia sido um sonho? Tudo parecia nublado e sua voz dizendo para que dormisse, havia sentido o doce roçar da boca dele em seu pescoço. Numa cálida intimidade um sentido de realização...

Com uma sacudida de cabeça ela se levantou silenciosamente e saiu.

— Grigori?



Ele não estava mais ali. Foi à cozinha, porém tampouco o encontrou. Talvez tenha saído para tomar uma xícara de café. E de repente, numa torrente, tudo que aconteceu à noite voltou ao seu pensamento. Grigori dizendo que Alexi Kristov iria atrás dela, que os vampiros existiam. Recordou que havia sentido a mesma sensação de estar sendo espreitada pelo mal que havia sentido na lavanderia, Grigori saindo correndo de seu apartamento e voltando um tempo depois, como o rosto cheio de arranhões.

Abriu as cortinas e olhou aflita pela janela da cozinha, porém não foi à porta do edifício do lado que viu e sim os longos arranhões do rosto de Grigori cicatrizando diante de seus olhos.

Poderia ter sonhado assim como tinha sonhado que ele havia se inclinado sobre ela. Tinha que ser isto. O que havia visto. O que acreditava ter visto era impossível.

Pegando as taças que tinham usado ontem, foi à sala e sentou-se no sofá. Sentiu um repentino frio quando olhou a toalha branca na mesinha. A mancha marrom parecia muito escura, muito sinistra contra a toalha branca.

Tinha que ter sido real.

Sentindo-se enjoada deixou a taça sobre a mesa, tinha que haver uma explicação lógica. Simplesmente era isto.

Só precisava descobrir qual era.

Edward Ramsey estava esperando-a quando saiu do seu trabalho a noite. Usava uma calça marrom com uma camisa branca e uma gravata de caxemira, seus cabelos marrons cuidadosamente penteados, se misturava com os outros homens que voltavam para casa depois de um dia de trabalho.

— Senhorita Richards.

Marisa olhou ao redor esperando encontrar algum segurança.

— O que quer?

— Gostaria de saber se pensou sobre o que nos conversamos.

— Não gostaria de falar sobre isto. — se esquivou buscando as chaves do carro enquanto andava.

Suas mãos tremiam enquanto abria o carro, logo entrou atrás do volante e fechou as portas e pensou estar segura.

Olhou pelo retrovisor quando arrancou e saiu pelo estacionamento e viu que havia um carro Chevy azul escuro a seguindo por todo o caminho e Ramsey o conduzia.

Pensou em ir a polícia, ou tentar despistá-lo, porém não serviria de nada, ele sabia onde ela morava e teria que ir para casa em algum momento.

Estacionou em sua casa, notando que Ramsey também parava bem em frente ao seu prédio. E a estava esperando quando chegou à escada.

— Senhor Ramsey o que quer?

— Nada Senhorita Richards, apenas queria vê-la chegar segura em sua casa.

— Oh, bem então... Obrigada.

— Não por isto.



Marisa olhou furtivamente a cruz de prata que ele lhe oferecia. Tinha cerca de uma polegada de altura, grossa e uma polegada de largura. Ela pensou em perguntar se tanto a cruz quanto a corrente era mesmo de prata maciça.

Ela queria recusar sabendo que se a pegasse, estaria admitindo que acreditava em vampiros, que acreditava naquilo que Ramsey tinha falado.

— Por favor, pegue-a – disse Ramsey – se não for para sua proteção, ao menos para a tranquilidade de minha alma.

— Oh, tudo bem.

— Aqui, deixe que eu a coloque.

Ela se aproximou sentindo-se tonta, e ele colocou a grande corrente de prata ao redor do seu pescoço. O metal estava frio em contato com a pele.

— Estarei em meu carro se precisar de mim. Tem meu número?

Marisa assentiu.

— Tenha uma boa noite, senhorita Richards.

— Obrigada.

Consciente que o olhar dele estava em suas costas ela subiu as escadas e entrou no apartamento, lançando a bolsa sobre o sofá, se foi para a janela e abriu as cortinas. suas mãos apertaram a corrente, podia ver Ramsey sentado no carro.

Sacudindo a cabeça, foi trocar sua roupa de trabalho por um jeans e uma camiseta, esperou pensou em retirar a cruz, porém ela lhe dava um estranho sentimento de segurança, assim deixou-a embaixo da camisa e foi logo para a cozinha para ver o que podia comer.

Foi várias vezes até a janela, achando graça de ver Ramsey cuidando dela lá fora. Mas quando a noite começou a envolver a cidade, de repente se sentiu contente com sua presença. Quando tinha terminado de preparar o jantar pegou o telefone e o cartão com o número que ele havia dado.

— Senhor Ramsey, sou Marisa Richards, gostaria de subir e comer algo?

Uma ligeira pausa, e ela podia imaginá-lo olhando fixamente o telefone com surpresa.

— Senhor Ramsey?

— Sim, obrigada.

Um instante depois ouviu uma batida na porta.

Marisa a abriu perguntando-se se havia feito o certo.

— Entre, a comida está pronta. Espero que goste de costela de porco com batatas.

Ramsey seguiu-a até a cozinha sentando-se a seu convite.

Marisa se sentou na frente dele. Era um homem belo, pensou. Não alguém que sobressaísse no meio da multidão, mas de qualquer maneira era bonito.

Por um momento comeram em silêncio. Ela começou a sentir-se nervosa por ter um estranho em sua casa.

— Por que você está caçando o vampiro? – perguntou quando o silêncio se tornou insuportável.

— Um vampiro matou uma jovem mulher a quem eu amava.

— Não pode estar se referindo a Kristov, ele esteve dormindo por cem anos.



— Não, não foi Kristov.

Marisa engoliu o crescente nó em sua garganta,

— Quer dizer que existem mais deles?

Ramsey assentiu com uma expressão sombria.

— Destruí ao vampiro que matou minha amiga e destruirei Kristov também, todos eles são maus.

— Pensa que ele virá novamente, não? Kristov, não acha?

— Ele esteve aqui.

— Como sabe?

— Eu sei – seus olhos azuis encontraram os dela. – Estou errado?

— Não, realmente ele esteve aqui na noite passada.

—E viu Grigori outra vez também?

—E você vai matá-lo também?

— Sim – disse em voz baixa – quando chegar o momento.

Ela parou assombrada que ele falasse com tanta calma.

— Por quê?

— Por quê? – Ramsey pareceu surpreso com a pergunta. —Por quê? Porque é um vampiro, por isto.

Marisa sacudiu a cabeça. Apesar do que havia acontecido na noite anterior, apesar de tudo que Grigori havia dito, ela não queria acreditar.

— É verdade – Ramsey olhou-a bruscamente. – Chiavari esteve aqui novamente, não?

— À noite.

Rapidamente ela contou o que havia acontecido na noite anterior, como Grigori havia saído atrás de Alexi e voltado com o rosto coberto de arranhões e sangue, e como os profundos cortes haviam se curado instantaneamente diante de seus olhos.

Ela se calou, esperando que Ramsey dissesse que ela tinha imaginado tudo.

— Eu vi tudo. – disse —e mesmo assim não consigo acreditar.

— Parece tão impossível – ela sacudiu a cabeça. – há quanto tempo está caçando vampiros?

— Desde os dezesseis anos.

— Dezesseis! E seus pais? O que disseram?

— É o que fazemos. – disse Edward – os Ramsey tem caçado vampiros há centenas de anos. É nosso dom. Nosso destino.

— Seu dom?

— Ser capaz de sentir sua presença.

— Então por que não é capaz de encontrar Alexi?

— Eu não sei, e isto me inquieta. – pegou outro pedaço de carne e mastigou pensativamente. – Grigori virá esta noite?

— Eu não sei, ele não me disse.

Ramsey levantou a cabeça.

— Ele está aqui.



— Quem está aqui? — perguntou Marisa com o coração batendo loucamente, quando pensou que era Alexi, pois se fosse teria reconhecido sua presença maligna.

— Chiavari.

— Tem certeza? — Marisa perguntou enquanto ouviu uma chamada na porta. — O que eu faço?

— Deixe-o entrar, —disse Ramsey —Está do nosso lado.

Marisa olhou para o homem por um momento, surpreendida sem saber o que fazer.

Ele é um vampiro. As palavras gritaram em sua mente enquanto abria sua porta.

— Boa noite. — disse Grigori.

— Olá. — ela olhou-o, perguntando-se como um homem tão belo, que exsudava tanta masculinidade podia ser um morto. Estava com calças grossas e cinzas, a camisa branca aberta no colarinho e mocassins pretos.

— Posso entrar?

Um estalido de risada histérica correu dentro de Marisa. Era muito tarde para negar a entrada dele em sua casa. Moveu-se para o lado, e logo fechou a porta atrás dele.

— Tenho companhia. — disse.

— Oh?

Marisa assentiu.

— Acabamos de jantar. Importar-se-ia de se unir nosso café? Sem poder evitar riu tolamente. — Suponho que não beba café.

— Não. — os olhos de Grigori continuaram estudando-a.

Marisa tragou ruidosamente a saliva e logo se dirigiu à cozinha.

Ramsey estava atrás da mesa com a mão sobre o crucifixo que pendia de uma corrente ao redor de seu pescoço.

Grigori grunhiu suavemente quando viu o caçador de vampiros.

Marisa foi ao balcão, olhando de um homem ao outro. Quem dizia que as aparências enganam estava coberto de razão. Ramsey com suas maneiras languidas e sua aparência mais parecia trabalhar num banco, nunca um caça-vampiros. E Grigori, escuro e forte, sempre bem vestido podia muito bem ser capa da revista G.

— Suponho que se conheçam.

Grigori assentiu bruscamente.

— Ramsey.

—Chiavari, —replicou Ramsey com o tom igualmente frio. — a senhorita Richards me disse que Alexi esteve aqui ontem à noite.

Grigori acariciou a face distraidamente, e Marisa notou que as feridas haviam desaparecido completamente, sem deixar nenhum rastro.

— Sim, —replicou Grigori. — Ele sabe que está na cidade, tenha cuidado.

— Ele esteve aqui, e você o deixou escapar!

— Não deixei que escapasse, você sabe. Ele está mais poderoso que da última vez que nos encontramos. Não estou seguro que possa ser destruído.

— Você perdeu sua coragem depois de todos estes anos, Chiavari?



— Eu não perdi nada. — replicou Grigori — Ninguém deseja mais a morte dele do que eu.

As mãos de Ramsey apertaram tanto a cruz que os nós de seus dedos ficaram brancos.

— Temos que encontrar onde ele esconde seus restos durante o dia.

— Este suponho que seja o seu trabalho.

— Parem já os dois! — Marisa se interpôs entre os homens. — Isto não vai resolver nada.

— Tem razão senhorita Richards, perdoe-me.

— Pode ir agora Edward. — disse Grigori. — Eu cuidarei de Marisa.

O olhar de Ramsey descansou em Grigori por um longo e especulativo momento e logo se voltou para Marisa.

— Quer que eu vá?

— Estarei bem. — disse Marisa, esperando estar dizendo a verdade, — Obrigada.

— Muito bem, boa noite, Senhorita Richards. Obrigado pelo jantar.

— De nada.

Marisa olhou Ramsey sair da cozinha e logo se voltou para Grigori.

— Pensei que vocês supostamente estavam do mesmo lado.

— E estamos. — disse Grigori com um sorriso cáustico. — Mas temo que estamos ambos um tanto nervosos.

— Um pouco nervosos, — zombou Marisa. — Este deve ser o maior eufemismo do ano.

Capítulo 7

— Bem, — disse Marisa, repentinamente incômoda por estar sozinha com Grigori em casa. — Vamos assistir televisão?

Tão logo estas palavras saíram de sua boca, sentiu uma corrente de calor subir de seu pescoço para suas bochechas, os vampiros assistiam televisão? Realmente acreditava que ele era um deles? Um morto? Olhando-o esta idéia parecia ridícula. Nunca havia visto ninguém, homem ou mulher que parecesse mais vivo...

Ele levantou sua cabeça como se suspeitasse o que ela pensava.

Marisa sentou de lado, ansiosa por ter algo em que se concentrar. Correu pelos vários canais, olhando a programação da noite.

— Bruce Springsteen está bem. — murmurou — Cinquenta e sete canais e não havia nada para ver.

Saltou quando a televisão ligou. Ela não tinha ligado e o controle encontrava-se em cima da mesa.

— Com fez isto?

Ele deu de ombros.

— Eu disse que era mágico.

Sentou-se no sofá, tão longe quanto pode suas mãos unidas em seu colo. E a série “Arquivo X” a distraiu por alguns instantes.



— É verdade? Você é realmente um vampiro como disse Ramsey?

Ele vacilou por um momento apenas, mas não como negar, não depois do que ela ouviu, e viu.

— Sim.

O mundo pareceu virar de alguma maneira, e ela achou que depois deste instante sua vida jamais voltaria a ser a mesma.

— E bebe... Bebe sangue?

— Quando preciso.

Falou tranquilamente, como se fosse uma constatação, como se fosse uma resposta simples para uma pergunta comum.

Ficou olhando-o estupefata. Ele era um vampiro. Morto, porém não morto. Bebia sangue humano... Ia além de sua compreensão, tentou dizer-se que tudo aquilo era verdade, podia ser verdade, inclusive mesmo, no profundo de seu coração sabia que era.

— E você... Dorme em um caixão?

Ele elevou a sobrancelha.

— Você acredita nisto?

— Não, suponho que não. O que vai fazer comigo?— a visão dos pontiagudos dentes perfurando sua garganta apareceu em sua mente.

Ele levantou a fina sobrancelha marrom.

— Fazer com você?

Levou a mão a sua garganta, um gesto muito mais eloqüente que as palavras.

— Tem medo que eu beba de você até secá-la? — perguntou com um ligeiro sorriso curvando seus lábios.

— E irá fazer?

— Não esta noite. — sacudiu a cabeça ao ver que ela olhava-o com horror. —Estava brincando, Marisa. Não vou machucá-la.

— Eu gostaria de acreditar—murmurou baixinho.

— Creia-me. Eu não tenho a intenção de te fazer mal.

Sua voz parecia envolvê-la, acariciando sua pele, leve e macia como algodão, seus olhos... Ela nunca havia visto olhar tão profundo, tão escuro, tão hipnotizante, escuras chamas queimando em seus olhos ameaçando queimar, devorar até torná-la nada mais que cinzas, pareciam chamá-la prometendo os segredos da eternidade.

Marisa inalou profundamente estremecida. Podia sentir seu coração batendo como um louco em seus ouvidos, sentindo-se sucumbir ao escuro poder que queimava nos indecifráveis olhos negros. Tentou olhar para outro lado, seu coração batendo o triplo do normal quando descobriu que não podia desviar seus olhos dele.

— Pare, disse com um grito sufocado. — Por favor...

As chamas de seus olhos arderam ainda mais, e logo se desvaneceram.

Grigori respirou profundamente ao romper a conexão entre eles. Sentindo que ela queria certa distância entre eles, levantou-se e caminhou para o outro lado da sala.

— Sinto muito.



Ele havia dito as palavras em voz baixa, ou ela as tinha imaginado?

Marisa cruzou os braços sobre o peito. Estava sozinha em casa com um vampiro. E o silêncio se estendia sobre eles. Por que pediria perdão? Por ter tentado hipnotizá-la?

O que diria para um vampiro? Mil perguntas atravessaram sua mente. E escolheu uma delas.

— Onde conheceu Ramsey?

— Tive a sensação que ele me seguia. — contou Grigori. — Numa noite eu o cerquei e perguntei por que me seguia. A princípio não quis dizer nada. — encolheu seus ombros. — Finalmente decidi me contar o que eu queria saber.

Marisa estremeceu ao imaginar como ele havia “convencido” Ramsey a falar.

Grigori a olhou e suspirou sem dúvida ela sempre esperava o pior dele, afinal não a culpava por fazê-lo. Ele era de fato um vampiro. Certamente ela o considerava uma ameaça para sua vida. Com tristeza admitiu que ela tinha razão por pensar assim. Nunca em dois séculos havia passado o legado do Dom escuro a outro, porém com Marisa sentia uma grande tentação.

— Quando Ramsey descobriu que perseguíamos o mesmo vampiro decidiu trabalhar comigo.

— Silvano me disse que Alexi havia estado com sua família por várias gerações.

— E disse a verdade. Antes, eles o guardavam em uma cripta dentro de uma igreja. E a tarefa de cuidar recaía no membro masculino mais velho da família. No ano passado sua família passou por dificuldades e como cabeça da família Silvano decidiu levar Alexi com a feira. Não foi uma decisão muito sábia. Não sabia que eles haviam deixado o país até seis meses atrás. — um músculo se moveu nervosamente em sua mandíbula. — Encontrei Alexi com três dias de atraso.

— Acredita que seja capaz de destruí-lo?

— Assim espero.

— Ramsey disse que já destruiu outros vampiros.

— Ele te falou sobre Catarina?

— É este seu nome? Ele apenas me disse que um vampiro havia matado uma amiga sua. — Marisa sacudiu a cabeça. Era tudo tão irreal. Sentada ali tendo uma conversa sobre vampiros. Se fosse há alguns dias atrás ela juraria que vampiros não eram mais uma ficção, apenas mais uma das criaturas de lendas, coisas feitas para filmes de terror e pesadelos.

Seus olhos pousaram em Grigori. Como alguém — algo — tão escandalosamente belo poderia ser um... Morto?

— Há muitos vampiros por aqui?

— Não muitos. — sentou-se na grande bancada em frente ao sofá. — Pelo que sei somos os únicos na cidade.

— Isto já é muito para mim, se me pergunta. — zombou Marisa. Arriscou-se a olhar para Grigori, sentindo que suas bochechas se enrijeciam, quando ele levantou uma sobrancelha numa expressão que ela já reconhecia como sendo de irônica diversão.

— Se Ramsey tiver sorte a cidade estará livre de nós dois.

— Você sabe que ele pretende destruí-lo? — exclamou Marisa surpresa com a sua aparente indiferença.

— Sabendo ao que ele se dedica imagino que nosso vínculo seja temporário.



— E não está preocupado?

— Não.

— Por que não? Se ele já matou outros vampiros, o que o faz pensar que não possa matar você também?

Grigori encolheu seus ombros.

— O vampiro que matou Catarina era recém-nascido. Os mais jovens de nós são muito vulneráveis, pois algumas vezes crêem tolamente que não podem ser destruídos. Outras vezes não tomam cuidado em quem confiam sobre onde estão seus restos mortais, tal descuido pode ser fatal.

— Porém ele não matou apenas um. Deve saber o que esta fazendo.

— Posso esperar que isto signifique que está preocupada com minha segurança?

— Acredito que não. Bem talvez um pouco preocupada. — se calou com um profundo suspiro. Não sabia o que pensar, tudo era muito confuso. Era verdade, mas tudo ia contra suas crenças. Apertando uma das almofadas do sofá contra o peito, Marisa olhou para televisão. Pensando que estes acontecimentos poderiam bem estar no Fox Mulder. Só desejava saber como acabar com tudo isto.

Deu uma olhada furtiva para Grigori. Parecia absorto no programa, há quanto tempo seria vampiro? Teria sido sua decisão? Será que ele gostava?

Perguntas, muitas perguntas. Estavam lhe dando dor de cabeça.

— Eu vou para a cama. — e se levantou com cautela. — Vai ficar aqui esta noite?

— Se desejar. — Ele levantou-se com um movimento fluído que recordava uma correnteza de água.

Mordeu seu lábio interior, perguntando-se quem seria maior ameaça, se o vampiro que estava em sua casa, ou o outro que provavelmente a espreitava na calada da noite.

— Vou trazer uma coberta.

— Não se dê ao trabalho. — sua voz tinha uma nota de diversão.

— Mas não será trabalho nenhum.

— A noite é meu dia. — recordou suavemente. — Durma bem Marisa.

— De acordo. — murmurou como se pudesse dormir com um vampiro afiliado aos bebedores de sangue em sua casa.

Grigori grunhiu baixo enquanto a via deixar a sala. Com efeito, um vampiro bebedor de sangue refletiu, sentindo os dentes maiores com sua língua, diante das imagens que este pensamento transmitia. Ainda não estava cheio. Cruzando a sala olhou pela janela e deixou seus poderes sobrenaturais escanear a noite. As batidas o chamavam. Milhares de corações pulsando o chamavam.

Com um suspiro afundou-se no sofá, sua cabeça se apoiando no respaldo e cerrou os olhos, podia ouvir Marisa preparando-se para deitar, podia seguir todos os seus movimentos pelos sons que fazia, como escovava os dentes, penteava seu cabelo. Ouviu o som estridente de sua roupa enquanto ela a tirava, e o suave sussurro da seda deslizando por sua pele enquanto vestia a



camisola. O sussurro dos lençóis de algodão enquanto se virava na cama, podia ouvir o som de sua respiração, a firme batida de seu coração.

Respirou profundamente e os orifícios de seu nariz sentiram a abundância dos cheiros. A comida que ela cozinhou para o jantar, o sabão que usou para lavar seus pratos. O aroma da flor da mesa da cozinha, a roupa suja na cesta, a roupa limpa no armário. E acima de todos, o próprio aroma dela, seu cheiro de mulher – e o temor que tentava ocultar, o perfume, o xampu, o creme dental que havia usado, o calor do seu corpo, seu sangue... que era uma tentação que tinha se tornado dura de resistir, uma sedução, que pulsava e crescia cada vez que ela tomava fôlego.

Afastou seus pensamentos dela, e concentrou-os em Alexi Kristov. Como sempre acontecia ao pensar em Alexi sua mente via também Antonieta, e revivia a dor de não saber o que aconteceu a ela, se estava morta. Alexi a tinha matado rapidamente, compassivo, ou a tinha deixado sozinha, uma criatura sem alma, que não saberia nem tomar conta de si mesma? Vagando pela escuridão perdida e sozinha? Morrendo de fome e negligenciada? Teria sido estaqueada por uma turma de camponeses? Ou queimada como uma bruxa?

— Antonieta... – gemeu enquanto enterrava em seu interior as grotescas imagens que haviam aparecido em sua mente.

A raiva atravessou-o queimando com um calor branco. Chamuscando por dentro com fúria, a ira alimentando a fome em seu interior, conduzindo-o para fora do apartamento de Marisa para a noite.

Marisa despertou num salto, seu corpo coberto de suor, e o som de um grito ressoava em seus ouvidos. Com as mãos trêmulas acendeu a luz do abajur que havia na mesinha. Seus olhos correram pelo quarto, enquanto respirava várias vezes, somente um sonho, só um sonho... Porém parecia tão real, e havia sido tão horrível...

Imagens desconexas apareciam em sua mente... Uma mulher na praia, embaixo da lua, uma sombra escura descendo como uma monstruosa ave de rapina, o grito de terror da mulher, os olhos sangrentos, dentes afiados perfurando o frágil pescoço da mulher...

Marisa sacudiu a cabeça para clareá-la. Sabia que não conseguiria voltar a dormir então foi para a cozinha e preparou um bule de café. Estava colocando no copo quando se lembrou de Grigori. Levantando o copo foi à sala e acendeu a luz. Estava vazia e a porta estava fechada com a corrente de segurança em seu lugar. As janelas também seguramente fechadas. Revisou o dormitório e checkou que também não estava lá.

Franzindo o cenho, voltou à sala e sentou-se no sofá, olhando o relógio do vídeo viu que eram quase três horas da manhã.

— Grande guarda-costas. – murmurou, onde teria ido? E por quê?

A constatação queimou sua mente, tão vivida quanto às imagens do pesadelo.

Era um predador e havia saído para caçar na noite.

Capítulo 8



Misturou-se com as sombras da noite. Seus passos não eram ouvidos no chão molhado. O cheiro vivo do oceano chegava às suas narinas. Podia sentir o sabor com a parte posterior de sua língua.

Olhou a mulher antes de vê-la. E logo estava ali, caminhando atrás dela, olhando-a, hipnotizando-a com seus olhos.

Com um gemido baixo ela inclinou sua cabeça oferecendo-lhe o pescoço. E ele o tomou, seus dentes machucando a tenra carne fresca, o som do grito misturando-se com o barulho das ondas golpeando contra as pedras.

Bebeu, bebeu e bebeu, até que ela curvou-se fria e sem vida enquanto ele ficava quente e cheio com a essência e a força vital dela.

Capítulo 9

Marisa levantou cedo após uma noite sem dormir, contente que não teria que trabalhar. Na noite anterior havia voltado para a cama e rolado nos lençóis até o amanhecer. Cada vez que fechava os olhos, via a imagem de Grigori inclinando-se sobre uma mulher que ele havia caçado em seu pesadelo, os dentes afundando no pescoço dela enquanto a mulher vacilava com seu corpo sem sangue e sem vida. Precipitadamente foi recolher o jornal, levando-o para a cozinha, servindo-se de café, colocou o diário sobre a mesa, as manchetes gritavam:

*O VAMPIRO ASSASSINO GOLPEIA DE NOVO
NOVAS MORTES SÃO ATRIBUÍDAS AO ASSASSINO EM SÉRIE.*

Antes mesmo de ler a história, já sabia o que ela iria dizer, sabia que o que havia sonhado não tinha sido um absoluto pesadelo. Um corpo de mulher havia sido encontrado num terreno perto da praia de Huntington. Havia feridas de dentes em seu pescoço, e não tinha sangue em seu corpo. A hora da morte havia sido fixada entre as duas e três da madrugada, não havia vestígios.

Marisa conteve a náusea que subiu pela garganta, e olhou com atenção a foto impressa em preto e branco.

Necessitava de algo para ocupar sua mente, se pôs em movimento, e centrou sua atenção em limpar seu apartamento. Pôs uma música de *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat* para tocar e começou a trabalhar, esfregou o chão da cozinha e do banheiro, tirou o pó dos móveis, passou aspirador nas almofadas, trocou as roupas de cama, limpou a geladeira por dentro.

E há todo momento, no fundo de sua mente, podia rever a imagem da mulher com quem havia sonhado, a mulher da praia. Qual haviam sido os últimos pensamentos da vítima antes do monstro a atacar com seus dentes? Havia doído? Havia sido terrível o vampiro dominando sua mente com seu poder?



Este monstro... Foi e lavou as mãos na pia e começou a recolocar as coisas na geladeira. Era duro imaginar Grigori como um monstro. Era de longe o homem mais belo que já havia conhecido. Alto, sombrio, misterioso, e morto, o não-morto.

Sabia que era verdade, embora estando na cozinha, em plena luz do dia parecia algo absurdo. Vampiros vagando pela noite em Los Angeles.

Secou as mãos e entrou no quarto para trocar de roupa, tinha que sair de casa. Precisava estar rodeada de gente. Necessitava estar lá fora no sol.

Pegando sua bolsa e chaves, deixou o apartamento, o sol estava no meio do céu acariciando sua pele deliciosamente, e deixou-se ficar sentindo-o por um momento contente por sentir os raios.

— Boa tarde, senhorita Richards.

Olhou pela sacada e viu o caseiro regando as árvores.

— Olá senhor Abbott,

— Bonito dia. — comentou olhando o céu. — Pensei que choveria esta manhã.

Marisa desceu as escadas e passou por ele cuidadosa para não molhar seus sapatos.

—É difícil crer que estamos em novembro.

Abbott assentiu.

— Em breve será Natal. Quando mudará o tempo?

— Eu não sei.

— Aonde vai neste dia tão bonito?

— A nenhum lugar em particular. Provavelmente farei algumas compras.

Abbott assentiu de novo.

— Parece que o Natal chega mais cedo a cada ano.

— Tem razão. Até logo.

— Tchau.

O centro comercial estava cheio. Marisa sentiu como seu espírito se elevava e unia-se ao da festa. A música natalina saía dos alto-falantes, as vitrines eram decoradas com enfeites natalinos, Papai Noel, bonecos de neve, renas. Ela comprou uma calça lavanda para sua mãe, e um suéter cinza e umas gravatas para o pai dela, um jogo de escritório para seu chefe. Estava escurecendo quando deixou o centro. Ela ia cantando “Então é natal...” quando subia as escadas do seu apartamento.

As palavras morreram em sua garganta quando viu Edward Ramsey esperando-a na sua porta.

— Boa tarde Senhorita Richards.

—Ola senhor Ramsey, aconteceu algo?

Ele elevou as sobrancelhas e olhou com atenção para os alegres presentes que estavam em várias sacolas. Mostrando silenciosa condenação em seu olhar. Um assassino estava rondando a cidade e ela havia saído para fazer compras como se fosse um dia normal.

— Será possível que não tenha ouvido as últimas notícias? — um tremor passou pelas costas dela. — Houve outro?

Ele assentiu com expressão sombria.



— Outra mulher?

Uma adolescente.

Com esta são doze em pouco mais de uma semana.

Ramsey assentiu seus olhos normalmente tão plácidos, resplandeciam em fúria impotente.

— Não posso crer que tudo isto que esta acontecendo é feito por Alexi.

— O que esta querendo dizer?

— Tenho que soletrar senhorita Richards?

O olhou lembrando do seu pesadelo. Ela gostaria que não fosse, querendo ou não admitir Grigori era um vampiro. E como Alexi ele precisava de sangue para viver.

Não creio que Alexi seja o único responsável pelos assassinatos. De repente ela se sentiu completamente cansada.

— Acredita que Grigori é o responsável por algum deles, não? — Abrindo a porta do apartamento. — Entre — deixou as sacolas no chão e foi para a cozinha. Ramsey fechou a porta e passou o ferrolho e a seguiu, permanecendo no umbral, olhando enquanto ela colocava água na cafeteira.

Duas mortes em uma semana é muito, realçou Ramsey, mesmo para um demônio como Kristov.

— Realmente? Não posso saber.

— Eu posso.

Marisa foi para a sala e sentou-se no sofá, tinha ficado sozinha no apartamento com Grigori durante as duas últimas noites, sozinha com um homem que era um monstro apesar de sua bela fachada.

Quase saiu do seu corpo quando o ouviu na porta.

— Espera pelo Chiavari? — perguntou Ramsey.

— Não.

— Espere aqui. Eu irei.

— De acordo. Apertou as mãos para acalmar os tremores, todo o seu corpo tenso, alarmado quando ouviu a voz de Grigori.

Em instantes ele estava ali, aparecendo sobre ela. Como sempre. Sua presença parecia encher a sala, teve que lançar mão de toda sua coragem para olhá-lo nos olhos.

— O que aconteceu? — perguntou com sua voz aguda.

— O Ramsey tem enchido sua cabeça com mais baboseiras?

— Não sei. O que você fez?

— Acredita que eu sou o responsável pelos crimes da cidade?

— E não é? — o olhou fixamente, o que estava fazendo? Diga-me?

Ramsey sentou-se na cadeira de frente a ela, porém sua proximidade oferecia pouco conforto. Levou uma mão ao peito, sentindo a sólida forma da cruz, poderia protegê-la?

— Acreditaria se eu dissesse que sou inocente?

— Eu não sei.

Grigori olhou para Ramsey.

— Acredita que estou envolvido nestes crimes?



Ramsey assentiu.

— Demônios, sim. Alexi não necessita de tanto sangue para sobreviver, não depois de tantos anos.

— Alexi não mata por necessidade. — replicou Grigori mordaz. — Mata porque se diverte fazendo-o.

Ramsey perguntou suavemente.

— E você não?

Grigori olhou para Marisa. Seu rosto estava pálido, seus olhos dilatados e inertes de repulsa.

— Não matei ninguém nesta cidade. Nunca caço onde vivo.

— Sim, sei. — murmurou Ramsey.

— Esta é a verdade, acredite você ou não. — Suas palavras eram para Ramsey, mas seus olhos estavam pregados em Marisa. Por razões que não queria examinar muito profundamente, era importante que ela acreditasse.

Marisa moveu-se do seu assento. O olhar fixo de Grigori a estava deixando incômoda.

— Vou preparar café. Aceita uma xícara Edward?

— Sim obrigada.

Grigori olhou Marisa e Ramsey irem para a cozinha, sentindo uma pontada de inveja por que eles podiam compartilhar algo tão simples como um café. Pela primeira vez em muito tempo, teve consciência que não voltaria a ser um mortal nunca mais.

Mantendo o rosto inexpressivo olhou para a cozinha do umbral da porta, Ramsey e Marisa estavam sentados na mesa, Ramsey levava a xícara aos lábios, Marisa olhava pela janela, sem beber do copo que tinha em suas mãos.

— Tem idéia de onde se enterra Alexi? — perguntou Ramsey.

— Não.

— Bem, tenho procurado por todos os lugares que me ocorreram. Não está em nenhum deles.

Marisa afastou seus olhos para a janela.

— Que tipo de lugares?

— Vou a cemitérios. Casas e prédios desertos. Solares vazios. Edward encolheu seus ombros. — Pensei em comprovar outros lugares, porém isto levará tempo.

— Eu sinto sua presença em algumas ocasiões. — disse Grigori — Porém sempre me ilude. Creio que está jogando conosco. Algumas vezes posso ouvir sua risada.

— Rirá de outra maneira quando eu cravar uma estaca em seu coração. — Depois destas palavras e do fervor de seu tom não restava dúvida do ódio nos olhos de Ramsey.

— Pode ser que não descanse na cidade. — murmurou Grigori, pensando em voz alta. — Talvez só venha aqui caçar. Neste caso estamos perdendo tempo procurando sua guarida.

Ramsey assentiu.

— Esta é sempre uma possibilidade. Embora não creio que deva deixar de buscar nos arredores. Para ter certeza que não está escondido nos arredores.



—Sabe que o buscamos — lembrou Grigori, pensando em voz alta, neste caso, pode mudar o lugar de seu descanso a cada dia, a cada semana, e nesse caso, temo que nunca o encontremos.

— Eu o encontrarei.

Grigori sacudiu a cabeça.

— Creio que a única maneira de o pegarmos é que o deixemos agora.

A mão de Ramsey apertou seu crucifixo.

— Eu o verei morto. — prometeu solenemente. — de uma maneira ou de outra. Eu juro. Diga-me Chiavari. Onde passa as horas diurnas?

— Pareço um tolo, Ramsey?

— Não de todo. Porém, se soubesse mais de você, talvez isto facilitasse a busca por Alexi.

— Tudo que necessita saber é que nunca caço na cidade onde descanso.

— Deve ser cansativo para você.

— Bastante.

Ramsey terminou seu café e se levantou.

— Vou para casa. Tive um dia duro. Senhorita Richards, obrigada pelo café. — Foi à cozinha e lavou a xícara, colocando-a no escurador.

— Bastante cansativo. — murmurou Grigori.

Ramsey o olhou com nojo.

— Não deveria estar lá fora caçando nosso amigo dentuço?

— Quando chegar a hora. Não ia?

— Quando chegar à hora. — Ramsey inclinou a cabeça em direção de Marisa — Boa noite senhorita Richards.

— Boa noite, Edward, obrigada por vir.

Um pesado silêncio caiu sobre a cozinha após a saída de Ramsey. Necessitando algo pra fazer, Marisa colocou a xícara de Edward na lava-louça e logo se serviu de uma xícara de café que não queria.

— O que acontecerá se não conseguir encontrar Alexi?

— O encontrarei.

— E enquanto isto não ocorra, ele seguirá matando.

Grigori assentiu, esperando que ela fizesse a pergunta que lia em seus olhos.

— Você disse a Edward que não caça onde vive.

Ele assentiu de novo.

— Porém, elevou a mão ao seu pescoço. — Mas você... caça?

— Faço o que devo para sobreviver, Marisa. Sentir-se-ia melhor se negasse? Se negasse o que sou?

— Provavelmente. — Contemplou-o por um momento. — Não parece um vampiro.

— Sêrio? Conhece muitos de nós?

Deixou a xícara na pia, e logo cruzou os braços sobre o peito.

— É obvio que não.

— Como eu deveria ser?



—Não sei—Sacudiu a cabeça quando uma imagem de Drácula do Frank Langella se formou em sua mente: alto e escuro e indiscutivelmente sexy, com uma camisa de linho branca e uma larga e ondulante capa. —Pode ser que se pareça com um... um vampiro, depois de tudo.

Ele sorriu, como se soubesse o que pensava, e logo, quando um uivo atravessou a noite, congelou-se.

—O que era isso?— exclamou Marisa. —Soava como um lobo.

Olhou-a com indulgência.

—Não há lobos na cidade, Marisa.

—É ele, não? Alexi?

Grigori assentiu.

—Está me chamando.

—Vai?

—Preferiria que me encontrasse com ele aqui?

—Céus, não!

—Estará suficientemente a salvo. Só recorda, ele não pode entrar a menos que o convide.

—Não é muita ajuda.

—É o melhor que posso te oferecer.

Seus olhos escuros se moveram sobre ela, profundos, fantasmagóricos, possuíam segredos que ela não queria saber. A consciência de um zumbido entre eles, seu calor lambendo sua pele, quente e rugoso, como a língua de um gato.

E logo, de maneira abrupta, foi-se.

Marisa piscou, sobressaltada pelo repentino vazio que sentiu em seu interior, pela compreensão de que ele não tinha deixado a casa pela porta, simplesmente se tinha desvanecido diante de seus olhos.

Pode ser que realmente ele fosse um mágico.

Capítulo 10

Grigori vacilou ao chegar à calçada. Tinha sido bastante sincero quando sugeriu que Alexi estava jogando com eles. Não duvidava que o velho vampiro encontrasse sua incapacidade divertida. E eles estavam desvalidos contra ele, pensou Grigori desolado. Embora Alexi baixasse a guarda, tinham poucas oportunidades de agarrá-lo. Kristov possuía o conhecimento de incontáveis séculos, a força de milhares de anos.

Grigori passou a mão pelo cabelo. Podia ser que estivesse enganado ao pensar que poderia manter Marisa a salvo. Havia pouco que pudesse fazer para protegê-la que ela mesma não pudesse fazer sozinha. Se tomasse cuidado ficando em sua casa toda a noite, Alexi não poderia alcançá-la. Mas que classe de vida era essa, prisioneira do crepúsculo até o amanhecer?

Riu brandamente. Que classe de vida, de fato? Essa era a vida que ele vivia, salvo que se via obrigado a fugir da luz do sol, esconder-se na escuridão quando o sol estava alto no céu.



O uivo de um lobo interrompeu seus pensamentos, então girou sondando com o olhar as flutuantes sombras da noite.

—Ainda protegendo à formosa dama?

A voz do Alexi soou atrás dele. Grigori deu a volta seus finos cabelos caíram nas suas costas por seu pescoço, suas mãos se enroscaram em punhos fechados.

—Por que não luta comigo, Alexi? Finalizemos isto aqui e agora.

—Não pensa que é melhor do que eu?—Replicou Alexi com diversão.

—Me prove.

—OH, farei-o, farei-o, não tenha nenhuma dúvida. Mas não agora. Encontro seus pequenos esforços para me destruir mais divertidos. —Alexi cruzou seus braços sobre o peito e contemplou Grigori com seus velhos olhos cinza. — Diga a Ramsey que não precisa mudar seu lugar de dormir a cada noite. Todas as portas fechadas, todos os alhos e cruces do mundo não o salvarão. No final, ele será meu.

Grigori assentiu. Ramsey não ficava no mesmo hotel ou motel desde que tinham chegado à cidade, acreditando bobamente que Alexi não seria capaz de encontrá-lo.

Alexi riu um áspero e irritável som.

—Diga que é fácil segui-lo. O aroma do alho que arrasta é como a fumaça de uma pira funerária.

—Assim, se não quer lutar comigo, o que quer?

—O quê? Só dizer olá a um velho amigo.

Devagar, como uma serpente desenroscando-se, a raiva cresceu dentro de Grigori.

—Amigo! Atreve-se a me chamar de amigo depois do que fez!

Alexi moveu sua mão num elegante gesto de admissão.

—Não me diga que ainda está zangado pela mulher.

—Era minha esposa — Grigori mordeu cada palavra.

—Como pode estar ainda zangado? Deve admitir, que se não fosse por mim, não seria mais que um cadáver — Riu brandamente. —Deveria pensar em me agradecer. Por causa de seu ódio tem um dom que milhares de mortais matariam por ter, embora me despreze por isso.

—Agradecer — crê que eu deveria agradecê-lo? Matou meus filhos, minha esposa!

—Ela não está morta.

—O que? —Grigori ficou gelado, todo o resto esquecido. —O que disse?

Alexi encolheu seus ombros.

—Ela não está morta— Sorriu, um lento sorriso tão malvado que Grigori sentiu um calafrio percorrendo sua espinha.

—Trouxe-a de volta?

Alexi sacudiu sua cabeça, com expressão de chateio.

Grigori olhou ao vampiro com horror.

—Deixou-a como estava todos estes anos?

—Necessito dela de vez em quando.

—Onde está?

—Onde não pode encontrá-la.



—Demônios, Kristov, onde está?

—Ela é minha agora, Grigori, como sempre quis ser.

—O que está dizendo? Ela era minha esposa. Não a conheceu até que te recebi em minha casa.

—A amo! Ofereci-lhe o mundo, a eternal juventude, e ela me rechaçou. A mim! Podia levá-la para longe daquela cabana, dar qualquer coisa que desejasse! Fazer dela uma rainha. —A raiva brilhava em seus olhos. —E ela me rechaçou! Recusou-se a te deixar e aqueles moleques. Bem, ela não me nega nada mais.

Com um gemido de raiva, Grigori se equilibrou sobre ele, suas mãos se converteram em garras e se alargaram para a garganta de Alexi.

Mas seus dedos se fecharam sobre o ar. Alexi já tinha ido.

Grigori amaldiçoou em voz baixa. Antoniete não estava morta. Olhou fixamente à distância. Todos esses anos, tinha pensado em sua morte, chorado por ela, levado luto por ela, odiando Alexi por destruir a mulher que tinha amado, e ela não estava morta.

No interior de sua mente, ouvia parte das palavras do Kristov: *Ela é minha agora... como sempre quis ser.*

Como se voltasse de um escuro abismo, gradualmente teve consciência do mundo que o rodeava... o som de um carro que passava, o estrondo de um avião, a fina chuva que começava a cair.

Sentindo-se intumescido, subiu lentamente as escadas até o apartamento de Marisa. Um movimento de sua mão abriu a porta. Permaneceu na entrada, sua vista percorreu o salão, contemplando tudo com um olhar. Só podia ver Antoniete como a tinha visto pela última vez... seu rosto pálido como uma morta, seus olhos vazios e sem vida, as brilhantes gotas de sangue que percorriam seu pescoço como lágrimas carmesins.

—Grigori? Grigori!

Olhou a Marisa, sem vê-la, e logo sacudiu a cabeça para serenar-se.

—O que ocorreu?—Marisa o olhou, pensando que nunca tinha visto tanta angústia nos olhos de alguém em toda sua vida. Ele parecia como se acabasse de escapar do inferno, como se tivesse visto o demônio em pessoa.

—Está bem?

Olhou-a.

—É obvio.

—É obvio—repetiu ela, com tom cético. —O que aconteceu lá fora?

—Nada. Nós... falamos.

—Deve ter sido uma boa conversa. Parece que acaba de ver um fantasma. —Acalmou a onda de risada histérica que fervia em sua garganta. Vampiros. Fantasmas. O que seria o seguinte? O monstro do Lago Ness? Pequenos homens verdes de Marte?

—É tarde. —observou Grigori. —Por que não vai para a cama?

—Não é tarde, e não quero ir pra cama.



Com uma inclinação passou por seu lado. Por um momento olhou pela janela, para fora, e logo começou a passear pela habitação. Seus passos marcavam o ritmo das palavras que amassavam sua mente: *Não está morta, não está morta, não está morta.*

Marisa se sentou no braço do sofá, olhando-o, perguntando-se o que havia dito Alexi ou o que tinha feito para causar em Grigori tal aflição. Olhou-o passear, seus movimentos fluídos, tão graciosos como os de um bailarino. Seus pés mal pareciam tocar o chão. Nada se agitava a seu passo, quase como se não estivesse ali.

Vampiro. A palavra se sussurrou no fundo de sua mente.

Ali sentada, sentiu crescer a tensão em seu interior, sentiu o pesado silêncio sobre ela. Uma vez o ouviu gemer, um som profundo que era quase um grunhido. E seguia caminhando. Imaginou que podia ver o caminho que formavam seus passos no tapete. Sua ira irradiava dele como o calor de uma fogueira de acampamento.

Deixou escapar um suspiro e ele girou, seus olhos escuros ardiam com tal ódio que ela se sentiu abrasada por seu calor. Seus lábios se elevaram, revelando as brancas e afiadas presas.

O terror se instalou em seu coração. Com um baixo gemido, seus dedos se fecharam ao redor da cruz que Ramsey lhe tinha dado. Sentiu-a quente em sua palma, tranquilizadora.

Grigori murmurou um vil juramento e parou seu agitado passeio. Tomando ar, desejando acalmar-se, sentiu como se afastava a tensão.

—Sinto. —disse secamente. —Não pretendia te assustar.

Olhou-o com cautela e em silêncio.

—Alexi me deu notícias inquietantes.

Marisa assentiu, esperando que ele seguisse.

—Falei-te de minha mulher e meus filhos.

—Sim.

—Isso é somente parte da verdade. Meus filhos estão mortos, como te disse. Alexi os matou. Pensei que tinha matado minha mulher também, mas parece que... — Suas mãos se apertaram de ambos os lados. —Parece que não matou Antoniete depois de tudo.

—O que quer dizer?

—Ela ainda está viva. —Tomou ar. —Quer dizer, ela não está morta.

Sentindo-se repentinamente gelada, Marisa cruzou seus braços sobre seu peito.

—Não entendo.

—Ela é uma ravenant², uma criatura totalmente em poder do Alexi. Não tem opinião, nem conhecimento de si mesma. Existe num mundo entre a vida e a morte. Ele pode convocá-la quando o desejar e ela é incapaz de resistir a ele.

—Mas... se ela não é um vampiro, como pode estar ainda viva?

² Ravenant é, literalmente, "algo que retornou de entre os mortos", ou seja, um fantasma ou um espectro. Para os serventes dos vampiros, a maioria das vezes se utiliza "necrófago", que são umas criaturas não mortas, mas tampouco vivas, que se alimentam dos cadáveres humanos. (Obrigado Lyzz)

Como as palavras espectro ou necrófago não descrevem a Antoniete preferi deixar o original. N. T.



—Ela não está viva! — Passou uma mão por seu cabelo, seus olhos de novo brilhavam com fúria. —Não pode morrer. Não morrerá enquanto Alexi viva.

—E se você o mata?

—Ela também morrerá.

—Sinto. —Ela sabia que as palavras eram inadequadas, mas não sabia que mais dizer.

Ele a olhou por um comprido instante.

—Tenho que ir. — sua voz era áspera, raspando seus sentidos como papel de lixa.

Grigori espreitou as escuras ruas da pequena população próxima à costa, sua mente confusa ao pensar em Antoniete. O conhecimento que ela ainda vivia o enchia de esperança e pavor. Onde estava? Onde tinha estado durante o século que Alexi tinha sido prisioneiro da família de Silvano? Tinha vagado pela campina, perdida e sozinha, à mercê de supersticiosos aldeãos que a teriam odiado e temido? Ou tinha dormido o mesmo sono parecido à morte que seu amo...?

A raiva impotente cresceu dentro dele ao imaginar o inferno que ela agüentou esses séculos passados. Todo esse tempo, ele tinha pensado que estava morta, e ela tinha sido a criatura de Alexi.

Procurou nas sombras da noite, mas não encontrou consolo nelas. Esclareceu sua cabeça e soltou sua raiva e sua ira com um comprido uivo que ressoou e se repetiu através da tranquilidade da população adormecida.

Parado na borda do oceano, olhou às suaves ondas que lambiam a costa. A lua cheia se refletia na água como a luz de uma vela num espelho. Permaneceu ali por um comprido tempo, ouvindo os sussurros da água que beijava a areia a seus pés. Procurando um pouco de paz interior, fechou os olhos e tomou ar várias vezes, devagar e fundo. Sem convite, a imagem de Marisa chegou a sua mente, e conheceu um repentino desejo de estreitá-la em seus braços, de sentir a calidez de suas mãos acariciando suas costas, de ouvir sua voz dizendo suaves palavras de consolo.

Mas não se atrevia ir por ela agora, quando a ira e o ódio por Kristov o queimava como ácido, aumentando seu impulso para a violência, despertando uma sede de sangue que podia ser satisfeita, mas nunca apagada.

Deu-se pressa pelas ruas escuras, com seus sentidos procurando uma vítima, e estes indicaram um sórdido bar localizado a poucas quadras do oceano.

Sumindo nas sombras da meia-noite, esperou.

A mulher estava rindo quando deixou o bar, ziguezagueando ligeiramente se dirigiu ao terreno do estacionamento. Com passos silenciosos, Grigori se colocou a suas costas. Poderia ter deslocado, mas ele permaneceu com ela com um toque de sua mão em seu braço.

—Quem... quem é?—perguntou. —O que quer?

Procurou em sua mente e encontrou seu nome.

—Tudo está bem, Michelle. Não vou machucá-la.

Contemplou profundamente seus olhos, hipnotizando-a com um olhar, e logo caminhou até o carro. Metendo-se no assento atrás dela, agarrou-a entre seus braços. Cheirava fortemente a uísque e mais fortemente a perfume. Por um momento, pensou em Marisa, que cheirava sempre a sabonete e flores.



Afastando seus pensamentos de Marisa, voltou à cabeça da mulher e afastou o despenteado cabelo, seus lábios percorreram a cálida e tenra carne de seu pescoço. Quantas vezes tinha feito isso? A quantas mulheres tinha chamado em dois séculos, tirando delas o que necessitava para sobreviver, e as deixando atrás?

A mulher gemeu brandamente e lhe sussurrou assegurando que não havia nada que temer enquanto seus dentes perfuravam a pele. Bebeu rapidamente, sossegando o impulso de beber tudo, de consumir não só seu sangue, mas também seus pensamentos e sua memória, a verdadeira essência de sua vida. Ela estava recém-divorciada. Bebia para esquecer, para apagar a dor de um marido infiel, de uns votos rompidos, de um lar quebrado.

Quando começou a soltá-la, ela se aferrou a ele, olhando-o fixamente com um olhar aturdido de seus olhos azuis.

—Não me deixe—rogou, e se ouvia o cru fio da solidão em sua voz. —Por favor, não me deixe. Não quero ficar sozinha.

—Vá dormir Michelle— disse baixinho. —Está cansada e deve dormir—Olhou profundamente em seus olhos. —Quando despertar, não recordará nada.

—Nada...

Moveu sua língua pelas pequenas feridas de seu pescoço, lambendo os últimos restos de sangue, selando suas feridas. Sumiriam pela manhã.

—Nada. — repetiu, mas ela já estava adormecida.

Deixando o carro, fechou as portas. Olhou à mulher um momento, sabendo que não voltaria a vê-la. Tinha satisfeito sua sede demoníaca, mas sua alma permanecia seca e vazia.

—Marisa. — Compartilhou seu nome com a noite, sentiu sua necessidade de abraçá-la, de ser abraçado por ela, crescer com força dentro dele. Como seria, perguntou-se, compartilhar o Dom Escuro com ela, passar uma eternidade a seu lado?

Um sentimento de desejo o acompanhou enquanto percorria a distância do apartamento de Marisa. Com um movimento ondulatório de sua mão abriu a porta, e logo estava ali, ao seu lado, olhando-a dormir. Embora o quarto estivesse escuro, podia vê-la claramente, ouvir o tranquilo som de sua respiração.

—Marisa.

Ela se agitou com o som de sua voz.

—Marisa.

Suas pálpebras bateram como asas e se abriram. Por um momento o contemplou, sem compreender, e então, em rápida sucessão, chegou o reconhecimento e o temor. Seus olhos se abriram. Sua mão esquadrinhou baixo sua camisola e reapareceu empunhando a cruz que Ramsey lhe tinha dado.

Grigori suspirou. Por muito que o desejasse não podia tomá-la pela força.

—Não necessita isso.

—Não?—Repentinamente acordada, sentou-se, sujeitando ainda o crucifixo. —O que quer? Sacudiu sua cabeça.

—Não importa.

Algo em sua voz atirou com força de seu coração.



—O que acontece? Algo vai mal?

—Nada.

—Já estou acordada, assim será melhor que me diga o que quer, a menos que tenha vindo esperando encontrar o lanche da meia-noite.

Ele sorriu burlonamente, francamente surpreso pela habilidade de fazer uma piada sobre algo que a aterrorizava.

—Sem dúvida rirá.

—Não acredito. Não tenho vontade de rir desde...

—Desde que me conheceu?

Ela não disse nada, só continuou olhando, esperando uma explicação.

—Queria perguntar se faria algo por mim.

Inconscientemente ela elevou uma mão a seu pescoço.

—Não isso. — disse rapidamente, mas o pensamento de abraçá-la, de beber dela, ardeu em seu interior como uma brilhante chama.

Repentinamente consciente do que estava fazendo, ela baixou sua mão até seu regaço.

—Não importa—disse ele. —Volta a dormir.

—OH, odeio quando faz isso. — moveu-se violentamente contra a cabeceira, seus braços se cruzaram sobre seus peitos, e o olhou fixamente. —É tão chato quando alguém começa a dizer algo e logo muda de opinião.

Sua ira o divertiu.

—Sim, suponho que seja...

—É obvio, que como pode ler mentes, suponho que isso não é um problema para você não?

—Não.

Ela já estava completamente acordada. Agarrando o roupão nos pés da cama o pôs, logo jogou para um lado os cobertores e se levantou.

—O que está fazendo?

—Vou tomar chocolate quente. Quer...?—Ela fez uma careta, sua ira se desvaneceu tão rápido como tinha aparecido. —Não importa.

Ele respirou profundamente quando ela passou ao seu lado, inalando a fragrância de seu cabelo e de sua pele, a chamada do sangue correndo por suas veias.

Xingando brandamente, seguiu-a a cozinha, olhando enquanto pegava uma jarra com leite, acrescentava cacau e mexia com uma colher.

Marisa tentou concentrar-se no que estava fazendo, mas era agudamente consciente do homem que permanecia na soleira da porta, olhando-a. Podia o ver com a extremidade do olho. Ele permaneceu ali, imóvel, sem piscar. Perguntou-se se estava respirando, se precisava respirar. Era bastante desconcertante. Tão clandestinamente como pôde, tocou a cruz que pendia entre seus seios, perguntando-se como já tinha feito se realmente poderia protegê-la.

Quando o leite estava suficientemente quente, verteu-o numa xícara, logo se sentou à mesa da cozinha. E ele ainda permanecia ali, tão imóvel como uma rocha, tão calado como uma tumba.

Ele sabia seus pensamentos. Ela o leu no suave sorriso que curvou seus lábios, no olhar de conhecimento de seus olhos.



Com mãos trementes, pôs a xícara na mesa e ele diminuiu a distância entre eles.

Movendo-se brandamente para não assustá-la, Grigori pegou suas mãos e a pôs de pé, logo a tomou entre seus braços.

—Me abrace, Marisa. — sussurrou com uma voz tensa pela emoção. —Necessito que me abrace.

Era a última coisa que esperaria que dissesse. O olhou, sentindo que seu coração se rasgava com a dor que via refletida em seus olhos.

Não havia nada espantoso ou desumano nele nesse momento. Era somente um homem que estava ferido, profundamente ferido. Perguntou-se como tinha agüentado tanto, vivendo sozinho na escuridão, temendo que alguém soubesse o que era.

Sem palavras, ela passou seus braços sobre ele e o puxou. Ele baixou a cabeça até que descansou sobre o ombro dela, seu rosto se voltou para seu pescoço. Ela acariciou suas costas, com mão gentil. Estava surpreendida do bem que se sentia tendo-o tão perto, do inexplicável impulso de aliviar e confortar.

O tempo perdeu seu significado enquanto permaneceram ali, encerrados em silêncio. Seu cabelo era quente contra sua bochecha; era consciente de quão alto era, dos duros músculos de seu corpo que pressionavam contra ela. Passou lentamente seus dedos por suas costas, através dos ombros. Largos e poderosos ombros.

E logo sentiu como ficava tenso em seus braços. Sua cabeça se sacudiu e olhou à janela da cozinha. Ela seguiu seu olhar, surpreendida que o céu estivesse voltando-se cinza.

—Devo ir — tomou suas mãos com as suas e a olhou. —Obrigado.

—Não fiz nada.

O mais vago dos sorrisos rondou por seus lábios.

—Fez mais do que nunca saberá—disse acalmado, e logo, como uma sombra correndo com o sol, foi-se.

Grigori competiu com o sol para voltar para sua guarida, agradecido a sua velocidade sobrenatural que permitia mover-se rapidamente, e pensando ironicamente que não teria necessidade de temer o sol se fosse mortal.

A salvo no interior, passeou por seu quarto, com cada pensamento centrado em Marisa. Que criatura tão pouco comum! E que maravilha tinha sido permanecer em seus braços, senti-los ao seu redor, sua mão acariciando suas costas. Havia algo igual ao gentil toque de uma mulher, algum consolo mais completo?

Fizera amor com muitas mulheres em duzentos anos. A maioria tinham tido um preço — uma soma de dinheiro, uma peça de joalheria cara, uma custosa pele. Outras tinham ido para ele com nada mais que luxúria, encantadas com a escura promessa de seu poder sobrenatural. Tinha sentido satisfação em seus braços, mas nunca carinho. Paixão, mas nunca amor. Elas tinham conhecido as necessidades de seu corpo, mas nenhuma havia enlouquecido seu coração.

Até essa noite. A doce aceitação de Marisa por suas necessidades, a humana necessidade básica de ser abraçado, de ser amado, tinha chegado diretamente a sua alma. Antes dessa noite, Antoniete tinha sido a única mulher que o tinha abraçado e aliviado com tanta ternura. Antoniete, quem tinha amado seu coração e sua alma, sua mente e seu corpo.



Antoniete. Seu nome queimou sua alma, fazendo pedacinhos à frágil paz que tinha encontrado nos braços de Marisa.

—Amaldição-te, Alexi. — murmurou. —Que arda no inferno.

E no mais profundo de sua mente, como o sussurro de folhas caindo, ouviu a quebradiça risada de Alexi, e as palavras que continuavam atormentando: *Ela é minha agora... como sempre quis ser...*

Capítulo 11

No domingo pela manhã, Marisa se levantou cedo e foi à igreja. Embora sua fé em Deus sempre tenha sido forte, ela raramente ia aos serviços religiosos do domingo. Mas agora, quando sua vida parecia girar totalmente fora de controle, começou a sentir a necessidade da paz e tranquilidade que a igreja proporcionava.

Ouvindo as consoladoras palavras dos familiares hinos, ouvindo as ferventes preces do ministro em nome da congregação, sentiu uma sensação de paz, renovação, e a pergunta de por que se manteve longe tanto tempo.

Levantou a vista para a janela com vidraça que havia sobre o altar. Era uma maravilhosa peça de arte, representando o Redentor do mundo sustentando um diminuto cordeiro branco em seus braços. Ao fundo, um rebanho de ovelhas pastava na ladeira de uma colina.

Sentada ali, era difícil acreditar os acontecimentos da passada semana, difícil de acreditar que os vampiros e os caçadores de vampiros pudessem existir.

Sentiu-se renovada em mente e espírito quando deixou a igreja.

Em casa, passou uma boa hora no telefone conversando com seus pais. Estavam bem, felizmente enredados no jogo do Bridget e em torneios de tênis.

Sua mãe queria saber se tinha encontrado por fim alguém especial; seu pai queria saber como iam as coisas no trabalho. Prometeu visitá-los no Natal e desligou, logo chamou seu irmão.

Mike respondeu ao telefone, e falaram durante uns minutos, ficando a par com suas vidas. Marisa falou com seus sobrinhos e sobrinhas, perguntou à mulher de Mike, Bárbara, o que Nikki queria de aniversário; logo foi à cozinha e preparou o almoço.

Cantarolando brandamente, mesclou maionese com uma lata de atum.

Preparou-se um sanduíche, logo foi ao fundo da sala e se sentou no chão para ler o jornal.

O VAMPIRO ASSASSINO ATACA DE NOVO, O NÚMERO DE VÍTIMAS MORTAIS SOBE A 13

Rapidamente, sua sensação de bem-estar foi destruída.

Leu o que se converteu numa história familiar. O corpo de uma moça tinha sido encontrado na saída da montanha atrás do parque Griffith, seu corpo não tinha sangue. Não havia sinais de luta, nenhuma evidência de jogo sujo, salvo por duas pequenas feridas em seu pescoço.



Perdendo o apetite, Marisa afastou o sanduíche, odiando-se a si mesma por perguntar-se se Grigori era responsável por alguma dessas mortes.

Não gostava de pensar no lado escuro de Grigori, não gostava de admitir que se sentia fisicamente atraída por um homem que não estava vivo no sentido normal da palavra. E parecia tão vivo, tão vital. E sentia carinho por ele, muito mais do que parecia prudente.

Tinha-o tido entre seus braços na noite passada, sentindo sua pena e sua dor enquanto o confortava.

Perguntou-se onde dormiria durante o dia, se em seu descanso se misturavam os sonhos ou se estava envolto na silenciosa escuridão da morte.

Perguntou-se o que diriam seus pais se contasse que tinha conhecido um vampiro. Beijado um vampiro...

Olhou o relógio. Quase duas. Perguntou-se por que Ramsey não tinha chamado, e logo encolheu os ombros. Inclusive os caçadores de vampiros necessitavam um dia livre.

Enquanto este pensamento cruzava sua mente, o telefone soou.

—Sim?

—Senhorita Richards?

—Olá Edward. Está bem?

—Sim, bem —O ouviu bocejar. —Estive fora até bastante tarde ontem à noite.

—Encontrou algo?

—Não. Suponho que terá ouvido as notícias.

Olhou o jornal e estremeceu.

—Sim, é horrível.

Ele grunhiu brandamente.

—Estarei aí antes que escureça.

—De acordo. Adeus.

Edward apareceu justo antes do pôr-do-sol. Compartilharam uma pizza de massa fina com pepperoni; logo Edward tirou um baralho de cartas e jogaram canastra. Marisa manteve seu olhar no relógio, perguntando-se onde estaria Grigori.

As dez, Marisa foi à cozinha e fez uma tigela de pipocas.

Sentados no sofá, com a tigela entre eles, viram as notícias. Parecia que as histórias eram sempre as mesmas: problemas no Oriente Médio, incremento do desemprego, políticos que faziam promessas que não podiam manter.

“E nas notícias locais, os corpos de dois adolescentes foram encontrados numa jazida petrolífera perto da praia Huntington há apenas uns instantes, elevando o número de vítimas atribuídas ao vampiro assassino a quinze. A polícia está pedindo a quem possa ter alguma informação relativa a algum desses assassinatos que entrem em contato com eles imediatamente chamando o número que aparece em suas telas.”

“O chefe Harrison publicou uma declaração pedindo que todo mundo permaneça em suas casas se for possível, entre as seis da tarde e o amanhecer, até novo aviso. Quando perguntamos se acreditava que os assassinatos eram devidos a um vampiro, o chefe indicou um claro *Não*, mas disse que o departamento estava trabalhando com a hipótese que a pessoa ou pessoas que



perpetravam esses crimes estivessem provavelmente operando sobre tal ilusão. Em outras notícias...”

—Tudo isto é por minha culpa—exclamou Marisa. Levantando-se, dirigiu-se à janela e correu as cortinas. Ele estava lá fora, em algum lugar e era por sua culpa. De algum jeito, seu sangue o tinha revivido, e agora estava rondando pela cidade, matando gente inocente, e era por sua culpa, sua culpa...

Um rápido movimento capturou seu olho. Ao mesmo tempo, sentiu de novo a sensação de mal que havia sentido com antecedência duas vezes, e logo a sensação que alguém estava tentando entrar em sua mente.

Marisa... abra-me...

—Não!

—Senhorita Richards, o que ocorre?—Edward se levantou correndo, e logo ficou repentinamente quieto, seus sentidos afinados pelo conhecimento que um vampiro estava perto.

—Ele está lá fora!—Ela puxou as cortinas para fechá-las, e rapidamente se separou da janela.

Ramsey foi para a janela e se esforçou por ver, seu olhar se moveu rapidamente acima e abaixo da escura rua. Era Alexi, ou Grigori, ou possivelmente outro dos não mortos?

—Eu... Ouvi sua voz em minha mente. A voz do Alexi. O que está fazendo?

—Ver se consigo o encontrar.

—Está louco? Não pode sair daqui.

Ramsey suspirou.

—Não é necessário. Foi-se.

Ela não podia acreditar que realmente tinha ido; a sensação de mal ainda era muito forte. Mas Edward tinha mais experiência que ela.

—Está seguro?

Edward assentiu, logo voltou para seu assento.

—Algum caçador de vampiros em sua família, Senhorita Richards?

—Não que eu saiba.

—Tentou lhe falar antes?

—Não, mas tinha sentido sua presença.—Cruzou os braços, repentinamente gelada. —É tão horripilante. Recorda um desses velhos filmes de ficção científica nas que os alienígenas chegam a terra e se apoderam das mentes da gente.

—Exceto Kristov não é ficção científica, murmurou Edward.

Grigori chegou um pouco depois.

—Estava aqui —disse Edward. —Faz somente uns minutos.

—Sei.

—Viu-o?

—Sim. O persegui durante várias milhas, e logo o perdi.

Ramsey sacudiu a cabeça.

—Cacei vampiros antes. Nunca tinha tido tantos problemas para seguir a pista de um.

Grigori assentiu, com sua atenção posta em Marisa. Ela parecia distraída.



—Está bem?

—Falou-me.

—Viu-o?

—Não, não, mas o ouvi. Em minha mente.

—O que disse?

—Queria que o deixasse entrar.—Elevou o olhar, seus olhos estavam obscurecidos pelo medo. —Era horrível. Sinto-me como se me tivesse violado de algum jeito.

Grigori não disse nada, mas parecia haver-se retirado de seu lado e que houvesse um invisível abismo entre eles, que Marisa não podia ver, não podia cruzar.

—Não me sinto dessa maneira quando está em minha mente disse ela devagar. —Sinto-o como, não sei, de alguma forma está bem, quando você o faz.—Olhou-o, rogando silenciosamente que a abraçasse, que protegesse sua debilidade com sua força. —Estou assustada.

—Sei—Cruzou a ponte que as palavras dela tinham construído, e a tomou entre seus braços. —Não deixarei que te fira, Marisa, juro.

Ramsey se esclareceu garganta.

—Acredito que deva, uff, ir a casa.

—Boa noite Edward —disse Marisa. —Obrigado por ter vindo.

—Foi um prazer —Ramsey olhou para Grigori com os olhos cheios de recriminações. —Me chame se necessitar.

Grigori assentiu consciente que a evidente desaprovação do Ramsey ocultava sua inveja. E Ramsey não tinha razão para estar ciumento. Por muito que ele, Grigori, desejasse nada podia resultar de seu crescente afeto por Marisa. Não existia uma maneira que pudessem ter uma vida juntos, nenhuma razão para que ela quisesse passar mais tempo com ele do que deveria. Ele nunca poderia ser uma parte de seu mundo; ela não queria compartilhar o seu.

Ainda assim, olhando-a agora, vendo-se refletido nas profundidades de seus olhos esmeralda, desejou, efemeramente, ser um mortal de novo, capaz de lhe dar uma casa, uma família. Mas não havia nenhuma esperança disso, e ele não tinha nenhum direito a pensar no que poderia ser, não agora, quando Antoniete rondava no inferno entre a vida e a morte.

—É tarde —disse Marisa, perturbada por seu silêncio, pela tensão que sentiu nos braços que a rodeavam. —Acredito que seria melhor que também fosse para a cama. Amanhã tenho que me levantar cedo para ir trabalhar.

Com uma sacudida de cabeça, Grigori a deixou.

—Dorme bem, Marisa.

Olhou-a enquanto ia, e embora sabia que era só um truque de sua mente, parecia como se ela levasse toda a calidez do mundo.

Capítulo 12



Ramsey despertou com um sobressalto, todos os seus sentidos repentinamente alertas. E logo ouviu de novo, o débil pranto de dor de uma mulher.

Arrojando para trás os cobertores, deslizou fora da cama e foi para a porta.

—Quem está aí?—Pressionou sua orelha à madeira. —Quem é?

—Me ajude. Por favor me ajude.

—Não posso, sinto muito.

—Por favor! Estou tão assustada.

Com o coração pulsando rapidamente, Edward foi para a cômoda. Agarrou uma afiada estaca e a introduziu na cintura de seu pijama; logo, uma mão empunhando sua cruz, abriu a porta.

Uma jovem mulher agachada no corredor, seu rosto meio coberta por uma cascata de emaranhado cabelo negro.

—Por favor —disse com um ofego, sua voz com marcado acento. —Por favor, me ajude—Ela estendeu uma esbelta mão para ele, uma mão coberta de sangue.

Prudentemente, Edward olhou atentamente acima e abaixo do corredor. Não vendo nada, chegou até a garota e a empurrou para o quarto, logo fechou a porta e passou o ferrolho.

A garota se agachou no chão, soluçando, seu rosto oculta pelo cabelo.

—O que aconteceu?—Perguntou Edward. —Necessita um médico?

Ela não respondeu, apenas continuou soluçando como se tivesse o coração quebrado.

Ajoelhando-se ao seu lado, Edward afastou o cabelo de seu rosto, abrindo a boca com horror ao ver duas reveladoras feridas em seu pescoço.

Arrastando-se sobre seus pés, separou-se dela, suas mãos empunhando a cruz com tal força que lhe cortou a pele.

—Quem é você?

Olhou-o através de uns olhos azul esverdeados que não deixavam dúvida que uma vez foi bela, mas que agora estavam vazios de toda humanidade. E logo, movendo-se lentamente, levantou-se e se aproximou dele, seus passos enrijecidos, como os de um robô.

—Não!

Ele alcançou a estaca em sua cintura. Em uma imagem imprecisa, ela investiu. Agarrando a estaca de sua mão com uma força que contradizia sua esbelta constituição, rompeu-a pela metade e jogou os pedaços.

Aterrorizado agora, Edward arremeteu contra ela, seu punho sujeitou o queixo da mulher. Com um selvagem grunhido, o levantou e jogou através do quarto.

Ramsey gemeu quando sua cabeça golpeou o canto da cômoda. Ignorando a dor, agarrou uma cadeira e golpeou a cabeça da mulher, uma, duas, três vezes, conduzindo-a para trás até que caiu de joelhos, um horrível e desumano som emergiu de sua garganta enquanto o sangue caía da testa até seus olhos.

Sabendo que logo se recuperaria, deu a volta e jogou a cadeira pela janela. Agarrando sua jaqueta e as chaves, saiu correndo pelo parapeito de volta ao cinza amanhecer, agradecido por ter insistido num quarto térreo.

Correu depressa até seu carro, sem atrever-se a olhar atrás.



—Edward, o que aconteceu?—Marisa se afastou para que pudesse entrar em seu apartamento, logo fechou a porta e jogou o ferrolho atrás dele.

—Direi isso num momento. —Respirando ruidosamente, cambaleou-se na sala e se derrubou no sofá.

—Está perdendo sangue —exclamou Marisa.

—Não —disse com um ofego. —Estou bem. Não é... não é meu sangue.

—De quem então?

Ele elevou uma mão tremente parando suas perguntas.

—Espera... só... espera.

Com um assentimento, Marisa foi à cozinha e ligou a cafeteira. Um olhar ao relógio revelou que eram apenas seis da manhã. Tamborilou com as gemas dos dedos no mostrador, perguntando-se o que tinha ocorrido a Ramsey. Parecia como se tivesse visto um fantasma. Ou um vampiro... mas era pela manhã. Certamente Alexi dormia em seu ataúde, em qualquer lugar que pudesse estar.

O pensamento a fez estremecer. Pensar em Alexi trouxe Grigori a sua mente. Ele havia dito que não dormia em um ataúde, mas ela não podia evitar imaginá-lo deitado num ataúde forrado de seda, seus braços cruzados sobre o peito, morto mas não morto.

Fechou os olhos para evitar a náusea que irritava seu estômago. Tinha deixado que Grigori a beijasse, havia-lhe devolvido o beijo, perguntou-se como seria fazer amor com ele. Como tinha podido considerar algo parecido? Como tinha podido esquecer, inclusive por um momento, o que ele era?

Vertendo duas xícaras de forte café negro, foi para a sala.

Ramsey sorriu fracamente e pegou a xícara que oferecia.

—Obrigado.

Sentou-se no outro extremo do sofá, embalando a xícara entre suas mãos. Confortava-a de algum jeito.

—Sente-se melhor?

Ele assentiu, logo, usando tão poucas palavras como era possível, contou o que tinha ocorrido.

—Mas como pôde ela estar fora à luz do sol se era um vampiro?

Edward sacudiu a cabeça.

—Ela não é um vampiro. É uma ravenant. Suspeito que Alexi a enviou.

—Para te matar?

—Não sei. Não acredito. Acredito que ela devia me entregar a ele.—Um doentio sorriso cruzou seu pálido rosto. —Tenho o pressentimento que eu devia ser seu jantar.

Marisa olhou fixamente Ramsey. Era horrível inclusive pensá-lo, embora não podia parar as terríveis imagens que suas palavras transmitiam.

—Uma ravenant — Marisa disse as palavras em voz alta sem dar-se conta de que o tinha feito.

—Sim. Terríveis criaturas. Só tinha visto umas quantas, mas são mais espantosas que seus amos.



—Grigori me disse que Alexi tinha convertido Antoniete numa ravenant. Crê que...?—Olhou ao Edward com horror.

—Não sei.—Deu um sorvo ao café.—É possível. Mas não sei.

—Você a... ela está...?

Ele a olhou, seu rosto pálida, seus olhos turbulentos.

—Morta?—Devagar, sacudiu a cabeça.—Não. Só há duas maneiras de matar um ravenant. Extrair sua cabeça e seu coração ou matar seu amo.

—Sinto-me como se estivesse vivendo no meio de um pesadelo!—Exclamou Marisa.—Nada disto pode ser verdade. É impossível.

—Desejaria que fosse.

—O que vai fazer agora?

—Não deveria ter fugido. Deveria ter tentado dominá-la, fazer que me dissesse onde deixava Alexi seus restos.

—Está louco? Pelo que me disse, ela parecia mais forte que nós dois juntos.

—Tenho que ser capaz de dominá-la o tempo suficiente para imobilizá-la —Elevou um ombro e o deixou cair.—Entrei em pânico. Não há desculpa para isso.

—Posso pensar em várias —murmurou Marisa.

—Grigori verá como uma debilidade de minha parte.

—Bem, nós os mortais nos permitimos ter uma debilidade de vez em quando.

Ramsey sorriu desanimadamente.

—Importar-se-ia que eu passe o dia aqui?

—Não, é obvio que não.

—Não acredito que deva ir trabalhar.

—Não acredito que ela vá vir por mim, não?

—Não sei. Parece pouco provável que Alexi possa mandá-la à cidade sob a luz do dia, mas... me sentiria melhor se permanecesse em casa.

—Estamos realmente ocupados no escritório —disse Marisa —mas posso tomar algum tempo por enfermidade. Suponho que não acontecerá nada se perder um dia.— Olhou o relógio.—Ainda não há ninguém por lá. Por que não descansa um pouco?

—Importa-se que eu tome uma ducha primeiro?

—Claro que não. O banheiro fica seguindo o corredor, primeira porta a sua esquerda.

Assentindo, ele levou sua xícara à cozinha. Ela ouviu como a deixava na pia. Uns minutos mais tarde ouviu a água do chuveiro.

Pondo a xícara na mesinha, inclinou-se para trás e fechou os olhos. Não deveria ter concordado em ficar na casa. Ficaria melhor no trabalho. Ao menos ali, faria algo mais que pensar no ocorrido.

Ramsey voltou quinze minutos mais tarde.

—Obrigado.

—Tem melhor aspecto.

—Sinto-me muito melhor — A olhou por um momento, com expressão matreira.—Quer caçar vampiros?



—Eu? Quando?

—Agora. Estaremos a salvo enquanto estivermos juntos.

—Vai assim?

Ramsey olhou para baixo sua camiseta e seu pijama e sorriu amplamente.

—Não, tenho uma muda em meu carro. — piscou o olho. — Pagam-me para estar preparado.

—Posso tomar o café da manhã primeiro?

Ramsey sorriu lentamente.

—É obvio. Vou preparar enquanto se veste. O que gosta?

—Torradas francesas.

Elevou o polegar mostrando aprovação e foi à cozinha. Ela permaneceu ali por um momento; logo, com um suspiro, foi ao banheiro e fechou a porta.

—Assim, onde vamos olhar primeiro?—perguntou Marisa. Eram pouco mais das nove. Tomou banho enquanto Edward preparava o café da manhã; logo, enquanto limpava a cozinha, Edward trocou de roupa. Fez uma rápida chamada ao trabalho para dizer que não poderia ir.

Agora estava sentada no assento de passageiro do carro de Ramsey, seu coração corria rapidamente enquanto ela antecipava sua primeira caçada a vampiros.

—Acredito que deveríamos começar por meu quarto —Edward trocou a marcha pisando na embreagem e se enfiou na rua. —Preciso pegar o resto de minhas coisas de todo modo. Possivelmente ela deixou alguma pista.

Marisa assentiu. Aquilo tinha sentido.

Edward estava num pequeno hotel da parte alta da cidade. Pagou a conta, inventou uma desculpa a respeito da janela quebrada, logo empacotou seus poucos pertences numa pequena mala marrom.

Marisa permaneceu na soleira, seu olhar correndo o quarto. Exceto pela janela quebrada, não havia sinais de luta.

—Ela deve ter limpo o lugar —disse Edward. —Vê isto? Pode ver onde tentou esfregar o sangue do tapete. Ainda está úmido.—Xingou baixo. —Parece que saiu sem deixar nenhuma pista.

—E agora?

Edward esfregou uma mão sobre seu queixo. —eu tinha vasculhado aproximadamente uma milha do parque Griffith e na área que o rodeia, a maioria dos assassinatos ocorreram nessa parte da cidade. Também revisei a maior parte das praias próximas. Nunca procurei por aqui, mas penso que deve estar nas proximidades.

—O que o faz pensar isso?

—A ravenant. Duvido que seja capaz de conduzir um carro. Tampouco pode tomar um ônibus.

—Pode pegar um táxi.

—Pode— estremeceu ao recordar o olhar daqueles olhos sem alma. Nenhum taxista em seu juízo a teria recolhido depois de dar uma olhada nesses olhos sem vida. —Estou pensando que o lugar de descanso de Alexi deve estar a pouca distância deste hotel.

—Vale, onde olharemos primeiro?



—Não estou seguro. Posso estar operando sob uma falsa hipótese. Pode ser que não esteja se escondendo longe. Possivelmente alugou uma casa. Vamos.

Voltaram para carro, Ramsey arrojou sua bagagem ao porta-malas e logo se encaminharam à zona residencial da cidade.

—O que estamos procurando?—perguntou Marisa.

—Uma casa em que pareça que não viva ninguém. Possivelmente uma com barrotes nas janelas. Certamente uma com as cortinas fechadas. Provavelmente com um pátio cercado e com um grande cão.

Passaram as seguintes quatro horas conduzindo devagar acima e abaixo de cada rua. Ramsey assinalou duas casas que pensou serem suspeitas. Anotou as direções, assim como as matrículas dos carros que estavam estacionados nas garagens.

Logo foram a um McDonald comprar hambúrgueres de queijo e batatas fritas. Marisa pediu uma vitamina de chocolate; Edward um café.

Encontraram uma mesa perto da janela na parte detrás.

—O que vai fazer depois de... despachar Alexi?—perguntou Marisa enquanto desembulhava seu hambúrguer.

—Tirar umas longas férias, acredito.

Marisa pôs ketchup em suas batatas fritas, tomou um sorvo de sua vitamina.

—Onde vive?

—Em nenhuma parte.

—Nenhuma parte?

—Tenho um apartamento em Chicago, mas realmente nunca vivi ali. É só um lugar onde recolher a correspondência.

—Alguma vez quis se assentar?

—Nunca tive tempo para pensar nisso.

Finalizaram a comida em silêncio. Edward pediu uma xícara de café para levar, e deixaram o restaurante.

Conduziram para as colinas. Era a zona mais luxuosa, e as casas eram mais caras e bem mais afastadas. Frequentemente, era necessário conduzir por um longo e curvilíneo caminho para chegar a casa. Em duas ocasiões, chegaram a entradas fechadas com portas de metal. Deixando o carro, fizeram o caminho pela ladeira de onde podiam ver as casas. As duas eram casas familiares, com meninos brincando no exterior.

Estava escurecendo quando voltaram para apartamento de Marisa.

—Bem—disse enquanto abria a porta, —foi um dia desperdiçado.

—Não realmente. Ao menos sabemos onde não está.

—Onde não está quem?

Marisa levou a mão à garganta quando Grigori se materializou fora das sombras do salão.

—Não faça isso!—exclamou enquanto acendia a luz.—Me deu um susto de morte.

—Onde esteve?

Ela atirou sua bolsa no sofá. —Fora... Vou pegar uma Coca Cola, Edward. Quer uma?

—Sim, por favor.



Grigori olhou ferozmente Edward.

—Quer me dizer onde estiveram?

Edward sentou no sofá e deixou escapar um suspiro de cansaço.

—Onde pensa? Estivemos procurando Alexi.

—Levou-a com você!

—Parecia a melhor opção.

Grigori estudou Ramsey por um momento.

—Ele te encontrou, não?

Ramsey assentiu.

—Mandou alguém atrás de mim.

Grigori permaneceu quieto, sabendo o que devia perguntar, mas temeroso de conhecer a resposta.

Marisa entrou na sala. Deu a Edward um copo, logo sentou no sofá ao seu lado.

O silêncio envolveu a sala como um sudário. E Grigori ainda permanecia quieto, seu olhar fixo em Edward, embora agudamente consciente de Marisa também. Podia ouvir o pulsar de seus corações, cheirar o sangue que corria por suas veias. Os minutos passaram. Dava-se conta do mal-estar dos dois enquanto o silêncio crescia de maneira insuportável, sabendo que eles, também, davam-se conta do enorme abismo que se abria entre eles, um abismo sobre o que nunca poderia fazer uma ponte.

Ramsey tamborilou com seus dedos no braço do sofá.

Marisa jogou com uma mecha de seu cabelo.

—Quem?— Perguntou Grigori com voz apenas audível. —A quem mandou?

—Uma mulher —replicou Ramsey com voz igualmente baixa.

Grigori fechou os olhos por um momento, pedindo a força necessária para ouvi-lo tudo. — Como era?

—Alta. Comprido cabelo negro. Olhos azul esverdeados.

Não pôde conter o gemido de angústia que se elevou em sua garganta.

—Antoniete... Você a...? Ela está...?—Um músculo se moveu em sua mandíbula. —Está ainda viva?

Ramsey assentiu.

Abrindo e fechando as mãos de ambos os lados, Grigori gemeu de novo.

—Annie... Annie...

Marisa sacudiu a cabeça, com seu coração rompendo-se com a dor que lia nos olhos de Grigori. Não podia nem começar a imaginar o que estava sentindo, quão terrível deveria ser que alguém a quem amasse se transformasse em algo que não é nem sequer humano.

E logo a dor de seus olhos desapareceu, consumida pela raiva.

—Me diga tudo o que aconteceu—demandou Grigori, com voz áspera. —Tudo o que aconteceu hoje.

Ramsey concordou com isso, falando com curtas e cortantes frases, como se pudessem lhe ferir uma palavra desnecessária.

—Contou-me tudo o que recorda?



Ramsey assentiu.

—E não encontrou rastro de Alexi?—perguntou Grigori, com voz dura e amarga, como ácido.

—Não, nada.

—Crê que voltará a mandá-la atrás de Edward?—perguntou Marisa.

—Sim, e estaremos esperando.

—Nós?—perguntou Edward, claramente surpreso.

Grigori assentiu.

—Esta noite encontraremos um novo lugar para ficar. Se a mandou uma vez, pode fazê-lo de novo. E desta vez estarei esperando.

—Não estará pensando em passar o dia em meu quarto, não?

—Exatamente.

Edward bramou. —Como vai fazer isso?

—Não se preocupe por mim.

—Acredite, não o faço.

—Bem—disse Marisa, incômoda pela repentina tensão entre os dois homens. —Não sei quanto aos dois, mas eu estou faminta.

Ramsey se levantou.

—Sim, eu também. Enquanto ele está aqui, acredito que irei tomar algo.

—Não acredito que seja boa idéia —disse Marisa. —O que impedirá Alexi de te encontrar?

—Ela tem razão —disse Grigori. —Não deve sair sozinho.

—Tenho alguns filés —disse Marisa —ou podemos pedir algo.

—Suponho que é uma boa idéia. Edward concordou.

—Bom, o que vai ser?

—Tanto faz—disse Ramsey —o que você quiser.

—Bom, realmente não gosto de cozinhar. Podemos pedir comida chinesa.

—Soa bem—disse Edward. —Encarregarei-me disso.

—De acordo.

—Quer algo em particular?

—Não. Bom, frango em molho agri-doce, se for possível.

—Certo. —E se foi à cozinha para usar o telefone.

Marisa olhou Grigori. Ele ainda se encontrava no centro da sala, seus pensamentos ocultos. Ela se perguntou em que estava pensando, e logo, vendo a escuridão enfeitada em seus olhos, decidiu que realmente não queria saber.

Tinha sido um dia muito longo, meditou com pesar, e a noite adiante não parecia muito melhor.

Capítulo 13



Marisa sentou no sofá, sobre seus pés e com um travesseiro apertado em seu peito. Mais cedo, tinham saído todos para encontrar um hotel para Edward. Amanhã, os dois homens poderiam permanecer o dia ali, esperando Antoniete. Edward tinha murmurado algo depreciativo bem baixo a respeito de compartilhar o quarto com um cadáver. Grigori fez uma careta, mas deixou passar. Uma vez que voltaram para o apartamento, Edward foi para a cama, alegando dor de cabeça, embora Marisa suspeitasse que era só uma desculpa para não estar na mesma sala que o vampiro.

—O que acontece se for Antoniete?—Perguntou Marisa após um momento. —O que fará então?

Grigori tinha permanecido na janela, olhando para a escuridão. Ela viu como respirava profundamente e logo se voltou para olhá-la.

—É ela —replicou calmamente. —Estou seguro.

—O que vai fazer?

—Destruí-la.

Marisa ficou olhando com surpresa. Ouviu a tortura em sua voz. A determinação. Como podia inclusive pensar em fazer algo assim à mulher que amou?

Grigori deixou escapar um suave suspiro.

—Farei-o porquê a amo —disse ele com acalmada convicção. —É a única maneira de liberar sua alma do inferno em que está vivendo.

—Desejaria que deixasse de ler minha mente.

—Me perdoe.

Sua voz, baixa e profunda, moveu-se sobre ela como rico veludo negro, fazendo que cada nervo de seu corpo formigasse. Olhou-o nos olhos, e logo, recordando como o tinha acolhido em seus braços, quão bom tinha sido o abraçar, rapidamente afastou o olhar, temerosa que pudesse ver mais de seus sentimentos do que ela desejaria, temerosa que pudesse saber que enchia cada pensamento quando estava acordada, cada um de seus sonhos, bons ou maus, desde a noite em que se conheceram.

—Vêem a mim, Marisa.

Apanhada na sedosa rede de sua voz, levantou-se, com o coração pulsando com força. Podia sentir seu poder atravessando o chão, sentir-se a si mesma desejando estar em seus braços.

Os braços dele a rodearam, ligeiramente, cuidadosamente. Colocou seus dedos sob o queixo dela, fazendo que inclinasse a cabeça até que seus olhares se encontraram, e ela se encontrou afundando-se, caindo nas escuras profundezas de seus olhos.

Sentindo-se como se estivesse movendo em câmara lenta, apoiou suas mãos na cintura do homem e esperou seu beijo. Seus lábios eram frios quando se inclinaram sobre os seus, embora o calor cresceu em espiral em seu interior. Um pequeno estremecimento de excitação desenfreada em seu ventre enquanto suas mãos lhe acariciavam as costas, desenhando seu corpo contra o dele. Era duro e forte, e ainda assim a abraçou como se fosse feita de frágil cristal. Sua língua era como uma chama lambendo seu lábio inferior e ela se abriu sem nenhum escrúpulo, saboreando seu sabor. O tempo se congelou, parou, e ela só foi consciente do maravilhoso gosto de seu beijo,



o bem-vindo toque de suas mãos acariciando suas costas, enroscando-se em seu cabelo, o rouco tremor de sua voz quando sussurrou seu nome.

Era como estar em outro mundo, um lugar onde o tempo tinha deixado de existir, onde não havia dia nem noite, nem correto ou incorreto. Capturada por seus maravilhosos beijos, ela se aferrou a ele, deleitando-se no tato de suas mãos que acariciavam sua pele, seus largos dedos despertando uma fome profunda em toda sua alma, uma necessidade de ser abraçada e tocada, de sentir suas mãos sobre ela. Tremores de prazer se ondulavam em seu interior. Suas mãos vagavam sobre as costas e os ombros dele, impaciente, desejosa de explorar, de tocar e ser tocada em troca.

Ficou sem respiração quando ele afastou sua boca da dela. Lentamente sentiu que a terra parava de rodar, sentiu que o tempo voltava a seu lugar.

Confusa procurou seu olhar.

—Estou aqui porque quero estar, ou por que...você me hipnotizou?

Grigori sorriu, com expressão imensamente tenra, imensamente triste.

—Ah, Marisa —murmurou baixo. —Se estivesse sob meu poder, não poderia pensar em nada, ainda menos em perguntá-lo —Afastou uma mecha de cabelo de seu rosto, acariciando a curva de sua bochecha. —Pensa negar a atração que há entre nós?

—Não, não nego, mas tampouco tenho a intenção de ir mais longe.

—Por que sou um vampiro?

Com o coração saltando, ela assentiu, perguntando-se se ele poderia exercer seu poder e tomá-la contra sua vontade.

As mãos dele se separaram dela e deu um passo para trás.

—Crê que poderia tomá-la dessa maneira? Te querer dessa maneira?

—Não sei.

Ele queria dizer que jamais poderia fazer algo assim, mas não podia. Houve vezes que o desejo de carne não pode ser negado, vezes em que usou a fascinação de ser vampiro para seduzir uma mulher que queria. Mas nunca usou essas táticas com uma mulher pela que sentia carinho, e ele não sentia verdadeiro carinho por uma mulher mortal há dois séculos. Não desde Antoniete...

Voltou-se. Pensar em Antoniete o tinha enchido de amarga ira, e a ira avivou o Caçador, um Caçador que não tinha comido em vários dias.

Sem uma palavra, deixou o apartamento.

Marisa piscou com assombro. Num minuto Grigori estava ali; e no seguinte saiu. Realmente poderia ser um mago, pensou com um irônico sorriso. E logo uma voz dentro de sua cabeça sussurrou. *Não, ele é um vampiro.*

Como podia sentir-se atraída por um vampiro? Por que queria abraçá-lo e confortá-lo, ser abraçada por ele? Por que o pensamento do que era não provocava repulsa ou a punha doente? Por que não se encolhia com seu toque? A resposta era simples. Estava se apaixonando por ele. Afastou esses pensamentos, renunciando a reconhecer essa possibilidade.

Dirigiu-se à janela, e olhou para a escuridão da noite. Permanecendo ali, recordou a si mesma que ele era um vampiro, um não—morto. Tinha saído para caçar, procurar uma vítima que pudesse saciar sua ânsia de sangue... Como podia beber o sangue de outro humano? O



pensamento morreu no meio, recordou a si mesma que Grigori já não era humano, e se perguntou de novo se tinha se convertido em vampiro contra sua vontade. Certamente ninguém se fazia vampiro de boa vontade.

Estava a ponto de ir à cama quando a sinuosa ameaça do mal se estendeu como fumaça negra. Correu as cortinas de um puxão e se afastou rapidamente da janela, agarrando a cruz que pendurava de seu pescoço.

Fora! Sua mente gritava as palavras.

Será minha. Ela ouviu a voz do vampiro em seu interior. *Não pode escapar de mim. Não creia que Grigori te manterá a salvo.*

—Fora, maldito seja! —Gritou. —nos deixe sozinhos!

—Marisa!—Ramsey entrou correndo na sala, segurando uma estaca de madeira numa mão. —O que ocorre? É...—ficou quieto, sentindo como os curtos cabelos se punham em pé. —Maldição, é Alexi. Está aqui.

—Edward, não!—Agarrou suas mãos quando avançou para a porta. —Não pode sair daqui! Te matará.

Ramsey duvidou. Ela tinha razão. Seria uma grande imprudência seguir os passos de Kristov durante as horas de escuridão. E ainda podia sentir a presença do vampiro, arrepiando sua pele como os dedos da morte.

—Partiu —Marisa deixou de segurar Ramsey e se afundou no sofá, todo seu corpo tremendo.

Edward assentiu. A noite estava vazia de novo, desprovida do mal. Marisa pressionou suas mãos contra suas têmporas. Ele tinha estado em sua mente e se sentia suja.

Ramsey entrou no dormitório, voltou com uma manta, com a que cobriu os ombros de Marisa.

—Vou preparar algo quente para beber—disse. —O que gosta?

—Ch—chocolate... quente.

—Tenta relaxar.

Assentiu, perguntando se poderia sentir-se limpa de novo. Alexi tinha invadido sua mente, seus pensamentos, ameaçando-a...

—Aqui tem —Ramsey colocando a xícara em suas mãos— Beba isso e se sentirá melhor. Olhou ao seu redor. —Onde diabos está Chiavari?

—Ele... saiu.

—Foi procurar Kristov?

—Não... não acredito.

Edward grunhiu baixo, sua expressão dizia que compreendia onde tinha ido Grigori.

Sentindo-se inquieto, Edward passeou pelo apartamento, comprovando, até estar seguro que as janelas estivessem fechadas e as cortinas fechadas.

Quando voltou para a sala, Grigori estava sentado no sofá ao lado de Marisa. O vampiro olhou Edward quando entrou na sala

—Desfrutou do jantar?—Perguntou Edward com a voz dura mesclada com sarcasmo.

—Tome cuidado, Ramsey, a menos que queira dois vampiros procurando sua destruição.



As palavras foram ditas sem malícia, mas isso não as fazia menos ameaçadoras. A cara de Edward se voltou pálida, logo se ruborizou de ira.

—Não tenho medo de você, bebedor de sangue.

—Não?—Grigori o olhou durante um momento. —Então é mais tolo do que tinha pensado. Marisa me dizia que Kristov esteve aqui.

Edward assentiu.

—Acreditei sentir sua presença quando voltei —Grigori xingou baixo. Se houvesse voltado mais rápido! —Marisa, acredito que deveria se deitar. Ramsey a levará amanhã ao trabalho. Fique dentro do edifício até que ele a recolha.

—De acordo.

—Te verei ao entardecer.

Ela assentiu, muito cansada para falar, para pensar.

—Tudo sairá bem.

—Será? Alexi parece muito seguro de si mesmo.

—Não deixarei que a machuque —Sem esforço, Grigori a levantou em seus braços e, apesar de seus protestos de que podia andar, levou-a pelo corredor ao dormitório e a deixou na cama.

Ficou junto dela um momento e ela se sentiu cair de novo em seu olhar, sentindo a atração que zumbia entre eles.

Grigori deixou escapar um profundo suspiro.

—Dorme bem, Marisa — murmurou, e, inclinando-se, beijou seus lábios

Com um suspiro contido, fechou os olhos, e adormeceu imediatamente.

Grigori ficou olhando-a durante um longo momento, admirando sua serena beleza, o roçar de suas largas pestanas contra suas bochechas, a exuberante plenitude de seu lábio inferior. Seu olhar se dirigiu à elevação e a descida de seu peito, e sentiu uma revoada de desejo, desejo de tê-la em seus braços, de fazer amor até que o sol roubasse a noite do céu.

Mas Ramsey esperava na outra sala. E Alexi vagava pelas ruas da cidade, procurando uma presa com a que apagar sua monstruosa sede.

E em algum lugar, perdida num mundo de sombras sem fim, esperava Antoniete.

Agasalhou Marisa até o queixo. O simples ato trouxe a memória de outras noites, muito tempo atrás, e sentiu uma dor retorçê-lo ao recordar as noites que colocava seus filhos na cama, contando uma história. Como, antes de procurar seu próprio descanso, assegurava-se que estivessem agasalhados. Marisa não era uma menina, embora comparada com ele fosse jovem, muito jovem. E muito vulnerável. Os instintos protetores que tinha abrigado por seus filhos cresceram nesse momento em seu interior, e jurou outra vez mantê-la a salvo, sem importar o que custasse.

—Descansa bem, *cara* —murmurou.

Edward levantou o olhar do jornal que estava lendo, um brilho de intranquilidade passou por seus olhos, quando Grigori entrou na sala.

Procurando em seu bolso, Grigori encontrou uma chave e a jogou a Ramsey.

—Estarei esperando-o depois que leve Marisa ao trabalho.



Ramsey assentiu com dificuldade, claramente não gostava da idéia de compartilhar um quarto com um vampiro.

—Pensa realmente que ele voltará a enviá-la contra mim?

—Nada é certo exceto a morte —replicou Grigori. —Deveria saber.

—Deixará de acreditar que está só utilizando Antoniete como uma isca para você?

—Me toma por um tolo?—Grigori fez um som seco. —É obvio que sei.

—Por que está fazendo isto?

—É um jogo, um que está certo de ganhar.

—Um jogo...—Edward sacudiu a cabeça. —Está jogando com a vida da gente.

—Não tem respeito pela humanidade —disse Grigori —ou por qualquer outra coisa. Existiu por mil anos, possivelmente mais. A eternidade pode ser muito aborrecida, inclusive para um vampiro, por isso ideou um jogo, no que você e Marisa são os peões.

—E o que é você?

—Sou o prêmio.

—E Antoniete?

—Como disse, ela é a isca.

—Mas ele deve preocupar-se com ela. Manteve-a a seu lado durante duzentos anos.

—Ele não sente carinho por nada nem por ninguém —Grigori elevou a cabeça, suas narinas tremeram enquanto analisava o ar. Podia sentir que a noite mudava para dia, sentir a primeira brincadeira do calor do sol. —É hora que vá. Não deixe Marisa só nem por um momento.

Edward olhou a chave em sua mão.

—Não necessita um ataúde para descansar?

Grigori elevou uma sobrancelha escura.

—Viu muitos filmes, Ramsey.—Despiu suas presas com um sorriso lobuno. —Mas obrigado por sua preocupação.

Edward disse algo obsceno baixo.

—Cuida bem de Marisa —advertiu Grigori, e deixou o apartamento.

Fora, o céu estava se voltando cinza. Podia sentir o amanhecer aproximando-se, a promessa do calor do sol no repentino picar de sua pele, em cada terminação nervosa.

Com velocidade sobrenatural, atravessou a cidade.

A porta do motel se abriu com um gesto de sua mão. Depois de fechar a porta atrás dele, desfez uma das camas e usou as mantas para cobrir a única janela do quarto. Examinou o banheiro, notando as grades na estreita janela sobre a banheira.

Retornando ao quarto principal, observou ao seu redor com um largo e sonolento olhar. Era extraordinariamente feio, do apagado marrom do tapete até o bege pálido das paredes e da cortina combinando. Uma pintura tosca pendurava em cima da cama. Havia uma cômoda com espelho e uma cadeira estofada com um atroz desenho quadriculado.

Sentando-se no meio da cama, ligou a televisão mudando para um programa de notícias locais. Como temia, outro corpo, sem sangue, tinha sido encontrado perto do zoológico.

Apoiando as costas, olhou, sem ver, a tela de televisão, seus sentidos examinando a área procurando alguma indicação que Antoniete estivesse perto. Antoniete...



... Ela o olhou com seus olhos azuis sedosos e radiantes. —vamos ter um filho Grigori. — sussurrou tremulamente. Ele a atraiu a seus braços com o coração cheio de amor por sua mulher, por seu filho não nascido. Esteve a seu lado quando sua filha nasceu, humilde perante o milagre do nascimento, pela boa vontade de Antoniete de andar através do vale das sombras e da morte para trazer uma nova vida ao mundo. E um ano depois, deu-lhe um filho... A vida era perfeita, melhor que perfeita. Adorava sua mulher e seus filhos. E sabia que este amor era correspondido, até aquela funesta noite em que chegou a casa para encontrar seus filhos mortos em suas camas e sua esposa como uma mecânica carcaça de mulher...

—Maldito seja, Alexi —murmurou. —Pensava que fôssemos amigos. Podia ter tido à mulher que quisesse.

Inclusive agora, mais de duzentos anos depois, amaldiçoava-se por ter levado Alexi a sua casa naquela primeira noite. As pessoas o tinham advertido que havia algo peculiar no conde Alexi Kristov, mas ele não tinha visto. Talvez não quisesse ver. Gostou de ter Alexi Kristov como amigo. Alexi tinha sido freqüentemente um hóspede em sua casa. Sempre bem educado, com boas maneiras. Apesar das peculiaridades de Alexi, Grigori nunca tinha suspeitado que fosse outra coisa que um cavalheiro de um longínquo país que mantinha horários peculiares. Como pode ser tão cego? Por que Antoniete não disse que Kristov tinha pedido que fosse com ele? Se sentiu assustada por sua reação? Temerosa que ele não acreditasse? E o que poderia ter feito se houvesse dito? Era um mortal, não estava à altura de um vampiro de mil anos.

Recordou os horríveis primeiros dias depois de enterrar seus filhos. Não tinha comido, ou dormido, não tinha sido capaz de obrigar-se a deixar o cemitério em que repousavam seus restos, não podia deixar seu filho e sua filha ali, sozinhos, na escuridão da eternidade.

Estava sentado ali até tarde, numa noite de névoa, quando sentiu uma frieza que se arrastava sobre ele. Voltando-se, viu uma figura esbelta envolta numa capa escura que se movia em silêncio entre as lápides.

Grigori deu um grito sufocado, seguro, por um espantoso momento, que estava vendo um fantasma. Só que estava bem longe de ser tão mau como um fantasma. Entre uma piscada de seus olhos e a seguinte, a misteriosa criatura estava diante dele. Viu então que era uma mulher de cintura fina, cabelo como prata e pele tão branca como os sudários que tinha envolto seus filhos.

O que está fazendo aqui? Perguntou ela, embora nunca tenha tido a certeza se falou em voz alta ou se ouviu suas palavras na mente.

Capturado pelas chamas que queimavam em seus pálidos olhos azuis, contou o que tinha acontecido à sua mulher e filhos.

Deseja se unir a seus filhos na morte? Perguntou.

Não! Declarou com veemência. *Quero vingança. Mas como?* Sua voz se rompeu quando tentou reprimir as lágrimas. *Como?*

Como, efetivamente, replicou ela devagar. *Posso te ensinar como?*

O tom de sua voz, a faísca em seu olhar, causou um calafrio de intranquilidade por suas costas. *Só me ensine,* replicou ele com uma fanfarronice que não sentia, *e farei qualquer coisa que me peça.*



Ela sorriu então, um sorriso carregado de compaixão. Nesse momento, viu as presas que não se incomodou em ocultar.

Retrocedeu com horror. *É um deles!*

Não se unirá a mim, querido? É a única maneira em que será o suficientemente forte para encontrar a vingança que busca.

Está-me pedindo que me converta na mesma classe de monstro que é ele! Exclamou Grigori.

Nem todos somos monstros, disse ela com calma. *Me olhe. Pareço um monstro?*

Não, disse ele devagar. Ela não parecia um monstro. Parecia uma rainha, com seu majestoso porte e sua pele de alabastro. *Quem é?* Perguntou.

Khira, replicou ela. Estendeu uma esbelta e enluvada mão. *Se unirá a mim?* Perguntou de novo, com voz baixa e gentil e cheia de compaixão.

E ele inclinou a cabeça para um lado, oferecendo um acesso fácil à larga veia de seu pescoço. Houve uma espetada, um fugaz momento de dor, seguido por felicidade e pela bênção do esquecimento. E quando voltou a despertar, era um vampiro com toda a eternidade desdobrando-se diante dele.

A maravilha disso o deixou estupefato, muito mais que isso, nos primeiros meses, esqueceu tudo exceto o milagre de suas novas habilidades. Via o mundo através de novos olhos, olhos que podiam penetrar nas sombras da noite, ver detalhes que passavam por cima dos simples mortais. As cores eram mais brilhantes; passava-se horas olhando dançar o fogo e as parpadeantes velas. Ouvia sons que os ouvidos mortais jamais tinham ouvido: uma aranha arrastando pelo chão, uma folha caindo da árvore. Seu sentido do olfato se desenvolveu, e cada inalação levava o rico e doce aroma do sangue... ah, como ansiava seu sabor, desejando, seguro que nunca beberia o suficiente.

Nunca estava doente. Tinha a força de dez homens fortes. Podia mover-se com incrível velocidade, ler os pensamentos dos mortais se desejasse.

E então, uma tarde, viu Khira inclinando-se sobre um menino perdido, com as presas descobertas, com seus olhos brilhando de desejo.

Com um rugido baixo, tinha afastado o menino de suas mãos. Não! Apertando o assustado menino contra seu peito, tinha gritado a palavra a ela, e nesse terrível momento, quando viu sua própria morte refletida nos olhos ensangüentados dela, recordou porque tinha querido converter-se num vampiro.

Nessa mesma noite, mais tarde, depois de deixar o menino em sua casa, tinha ido em busca de Alexi...

O passado se afastou quando um aroma que tinha levado consigo através dos séculos flutuou para ele numa espiral de ar.

Levantando-se, a viu abrir a porta, e sentiu seu coração gelar. Estava tão bela como recordava. Esbelta como um salgueiro, com sua pele olivácea clara e sem defeitos. O cabelo tão suave como um edredom caía por baixo de sua cintura como um rio de seda negra. Seus olhos, azul esverdeados como o mar, o olhavam sem reconhecer.

—Antoniete —A dor esfaqueou seu coração e furou sua alma. Se fosse um homem vivo teria morrido por isso.



Aguardou, na esperança que o amor uma vez partilhado pudesse, de algum modo, fazê-la voltar a ser ela mesma.

—Antoniete, sou eu, Grigori. Me recorde, amor —suplicou. —Por favor, recorda.

Olhou-o durante um longo momento enquanto ele esperava, rogava, por um vislumbre de humanidade. E logo ela levantou seu braço, e ele viu a longa e fina lâmina da faca que levava. Um raio de sol chegou através da porta aberta, cintilando na fina e afiada lâmina de prata, iluminando o grande crucifixo que descansava entre seus seios, brilhando como a lua cheia prateada. Levava largos braceletes de prata em seus pulsos; um grosso colar de prata protegia seu pescoço.

Convocando todo seu poder, Grigori capturou seu olhar, mas não pôde tocar sua mente, não pôde influir em seus pensamentos, porque ela não tinha nada próprio. Sem mente, sem alma, ela pertencia a Alexi, não ouvia outra voz senão a dele.

Deu um passo para ele e Grigori olhou por trás dela, perguntando-se se poderia sair pela porta antes que o abatesse. A luz do sol queimava seus olhos, lhe cegando momentaneamente.

Um magro sorriso sem humor apareceu nos lábios dela, vendo seu apuro, deu um chute na porta e a abriu de par em par.

Grigori xingou baixo. Onde diabos estaria Ramsey? Sentiu como o calor do sol penetrava em sua roupa e deu um passo para trás, procurando o canto mais escuro do quarto.

Perguntando-se o que seria pior, se o choque da prata com seu coração ou os raios do sol queimando sua pele e o transformando em cinzas, olhou-a fixamente, esperando.

Ela se moveu com uma velocidade que o sobressaltou, com os lábios curvados em uma horrível careta, arremeteu contra ele com a faca. Moveu-se bruscamente a um lado, e a lâmina destinada a seu coração, penetrou em seu ombro direito, logo cortou seu peito, deixando um comprido e sangrento sulco de sangue escuro. Ela arremeteu uma vez e outra, e cada vez a lâmina encontrava sua marca.

Desesperado, agarrou a mão da faca, seus dedos queimaram por estar tão perto dos braceletes que ela levava no pulso. Fazendo uma careta de dor, ele tentou arrancar a faca de suas garras.

Com um feroz grunhido, ela agarrou o crucifixo e o cravou em seu rosto. A prata queimou sua bochecha esquerda como os fogos do inferno, e caiu para trás, com seu nariz cheio do aroma de sua própria carne queimada.

Ela estava de novo sobre ele, a faca refletindo a luz do sol. Não tinha esperado que fosse tão feroz, tão forte. Caíram sobre a cama, e a mente de Grigori se encheu repentinamente com a imagem deles dois, jazendo um nos braços do outro numa manhã invernal, muito tempo atrás, e logo olhou seus olhos e soube que a mulher que tinha abraçado e amado nunca mais existiria.

Ela se mexeu freneticamente debaixo dele, derrubando o abajur da mesinha, enquanto o apunhalava uma e outra vez.

Apertou os dentes contra a dor que o engolia, jogou para trás o punho e a estapeou na cara. O sangue jorrou do nariz dela, orvalhando como gotas de chuva carmesim.

Com um gemido que só podia ser chamado grunhido, a feriu com a faca e a golpeou de novo, e outra vez, até que ela ficou estendida na cama, com a roupa e a cama alagadas pelo sangue dele.



Foi um esforço levantar-se. Podia sentir como o sol se elevava no céu, sentia que a escuridão provava os fios de sua consciência quando ficou olhando à mulher que tinha sido sua esposa. Necessitava sangue, mas não podia tomar o dela, sabendo que podia matá-la e sabendo, sem dúvida, que não poderia fazê-lo.

Foi para o armário, alcançou as mantas na prateleira. Com mãos trementes, introduziu-se no sufocante pacote de fina lã, logo cambaleou para fora. Utilizando cada pinga de sua minguante força se propulsou através da cidade. Tendo o sol no alto do céu supôs que não conseguiria. Ainda assim, pôde sentir a luz do sol procurando sua carne através da grossa roupa. Apesar do calor que o tragava, o temor de não poder alcançar a casa de Marisa a tempo esfriava o fundo de seu ser.

Pareciam ter passado horas antes de alcançar o apartamento de Marisa. Logo que chegou, carecendo de força para derrubar a porta e sem ser capaz de convocar seu poder para abri-la com a mente, jogou um vaso contra a janela, logo inclinando-se adiante e sem forças se deixou cair através da janela até o chão, duramente consciente dos fragmentos de cristal quebrados que cortavam sua pele. Permaneceu convexo durante um longo momento, enquanto a branca luz do sol o queimava através da roupa e chamuscava a sobrenatural carne de suas costas e pernas. Permaneceu ali durante um longo momento, vendo seu sangue filtrar-se no tapete, deixando uma escura e desagradável mancha no tapete azul.

O instinto de sobrevivência, a necessidade de ver Marisa uma última vez, deu-lhe um último estalo de energia. Arrastando-se pelo chão, meteu-se no dormitório. Foi um esforço abrir a porta do armário, engatinhar até dentro, fechar a porta atrás dele.

Atormentado pela dor, se aninhou entre as mantas, perguntando-se, numa parte longínqua de sua mente, se ficaria algo para que Marisa encontrasse ao chegar em casa.

Capítulo 14

Ramsey sentiu o cabelo em pé quando chegou na soleira e inspecionou o quarto do motel. Ela não tinha feito nenhum esforço para limpá-lo desta vez. Os lençóis da cama estavam empapados de sangue. Um abajur quebrado jazia no chão.

Movendo-se com cautela, entrou no quarto e ficou olhando os lençóis. Muito sangue. Seria dela?

Foi ao banheiro, e logo voltou para o quarto principal. Tirando um lenço do bolso, limpou tudo que Grigori pôde haver tocado, e logo deixou o quarto. Fechou a porta atrás dele, esfregando a maçaneta da porta.

Onde estaria Grigori?

Metendo-se em seu carro, conduziu até o apartamento de Marisa.

Xingou baixo quando viu a janela quebrada. Tinha ido ali Antoniete o buscando? Blasfemou de novo quando abriu a porta com a chave que lhe tinha dado Marisa.



Segurando sua cruz fortemente com a mão, estudou a janela quebrada. Sujeira e fragmentos de louça jaziam dispersos pelo tapete, mas foi o rastro carmesim deixado pelo chão o que atraiu sua atenção.

Inalando profundamente, seguiu o sangrento caminho. Este o conduziu até o dormitório de Marisa, desaparecendo dentro do armário.

Permaneceu ali vários minutos, com o coração pulsando como um trovão em seus ouvidos enquanto refletia sobre quem ou que, esperava atrás da porta.

Acendeu a luz e logo, tomando ar, abriu a porta.

A princípio não notou nada incomum, e logo viu as mantas. Não estava seguro de querer ver o que havia debaixo, abriu a roupa de cama com mãos trêmulas, e estremeceu ante o que viu. Grigori jazia enroscado no chão, tão quieto como um morto. Sangue seco manchava sua camiseta e suas calças, deixando um escuro atoleiro debaixo dele. Sua bochecha esquerda tinha sido gravemente queimada.

Ramsey olhou Grigori por um longo momento, perguntando-se se o vampiro era capaz de sentir dor quando estava perdido em seu sono como a morte.

Por um fugaz momento, esteve tentado a cravar uma estaca no negro coração da criatura, cortar sua cabeça e logo queimar seu corpo, desse modo se asseguraria que esse vampiro não voltaria a beber sangue humano de novo.

Murmurando um palavrão, Edward sacudiu sua cabeça. Embora odiava admiti-lo, necessitava da ajuda de Chiavari. Era algo amargo de admitir. Tinha caçado vampiros por todo mundo. Nenhum o tinha evitado, ou assustado, até Alexi Kristov.

Com um último olhar ao vampiro, Edward colocou os cobertores, e fechou a porta do armário.

Precisava se ocupar, então foi a uma loja de ferragens e comprou uma lâmina de compensado para cobrir a janela quebrada. Quando terminou, começou a esfregar o sangue do tapete, uma tarefa impossível, mas lhe deu algo que fazer.

Uma e outra vez considerou ir em busca de Antoniete e Alexi, mas não pareceu certo deixar Grigori só e desprotegido. Não sabia o que tinha acontecido a Antoniete, não sabia se voltaria a atacar.

Quando terminou, sentou-se e contemplou os resultados. Marisa não ficaria muito feliz quando visse as pálidas manchas marrons. Talvez um profissional as pudesse tirar.

Às três ligou para Marisa no trabalho.

—Alô?

—Marisa, Edward.

Houve um momento de silêncio: logo ele a ouviu respirar.

—Que aconteceu?

—Há alguma chance de que deixe seu trabalho mais cedo hoje? Não acredito que deva estar fora depois do entardecer.

—O que ocorreu?

—Grigori foi atacado.

—Atacado! Por quem? Está...?



—Não. Suas feridas são bastante ruins, mas não sei o que fazer por ele —grunhiu baixo. — Quanto a quem o atacou, suponho que foi Antoniete. Uma das razões pelas que os vampiros fazem ravenants é por sua capacidade de mover-se durante o dia. Quando poderá sair?

—Em meia hora.

—De acordo, irei buscá-la.

—Não. Não acredito que deva o deixar sozinho. Tomarei um táxi. Estarei em casa perto das quatro e meia.

—Tome cuidado.

—Cuide-se também.

Marisa desligou o aparelho, e ficou sentada olhando o telefone. Grigori estava ferido. O que queria isso dizer exatamente? Ela sabia que podia ser ferido. Tinha visto os arranhões infligidos por Alexi. Mas também tinha visto como se curava o rápido...

Deixou o computador, chamou um táxi, logo juntou suas coisas e foi dizer ao senhor Salazar que tinha uma emergência em sua casa e que tinha que sair. Havia dito a Grigori, em brincadeira, que seu chefe era um ogro, mas isso não era realmente verdade. Salazar podia ser um tirano no que concernia ao trabalho, mas era extremamente indulgente com seus empregados.

—Bem, Marisa — disse — Fique também amanhã se necessitar. Donna pode te substituir.

—Obrigado, senhor Salazar.

—Bem, bem, não há problema. Bateu à máquina a declaração de Wendall?

—Sim, está em minha mesa, preparada para mandá-la.

—Estupendo, estupendo. Me faça saber se houver algo que possa fazer.

—Farei-o, obrigado.

O táxi estava esperando quando deixou o edifício. Deu ao condutor seu endereço, e logo se meteu no assento traseiro, movendo-se nervosamente quando o táxi penetrou no tráfego da auto-estrada. Viu como o céu passava de azul a cinza e desejou que o verão e a luz do sol lhe dessem mais tempo.

Sentiu-se vontade de gritar pelo tempo que demorava para chegar ao apartamento. Pagou ao condutor, logo correu escada acima, seus olhos se abriram quando viu o compensado na janela dianteira.

O coração pulsava com força quando abriu a porta.

—Edward?

—Sim?—Ele saiu da cozinha —Pensei em fazer o jantar. Espero que não se importe.

—Não, não me importa—replicou Marisa. —Fará de uma mulher uma feliz esposa —Arrojou sua bolsa no sofá, murmurando, —Que demônios passa?—quando viu as pálidas manchas marrons no tapete. —Onde está Grigori?

—No armário de seu quarto.

—O que está fazendo no armário?— perguntou, a resposta lhe ocorreu antes de terminar de formular a pergunta.

—Não sei se vai querer vê-lo.

—Por que não?



—Está bastante mau —Edward sacudiu a cabeça. —Parece como se alguém o tivesse mastigado e depois cuspidos.

—Assim é como me sinto.

Marisa elevou o olhar para ver Grigori apoiado no marco da porta. Tinha ouvido freqüentemente às pessoas dizer que alguém parecia um morto vivo. Nesse caso, era verdade. Seu rosto estava mais que pálido, com a pele seca e aspecto quebradiço, como papel chamuscado. Sua camiseta estava em tiras, à roupa tão manchada de sangue que não podia dizer qual era sua cor antes. A pele de sua bochecha esquerda tinha sido gravemente queimada.

Náusea se instalou em seu estômago, fazendo-a sentir-se débil. Seu primeiro instinto foi voltar-se e começar a correr, mais e mais longe, até onde suas pernas pudessem levá-la. E ele sabia. Leu o conhecimento em seus olhos, escuros olhos negros cheios de angústia, ardendo de raiva e agonia, de longe mais profunda que a dor física.

—Vêem e sente-se — disse Marisa. Caminhou para ele, estendeu uma mão para ajudar.

—Mantenha-se afastada.

Sua voz a golpeou, parando-a na metade de um passo. Olhou Edward, que estava perto da porta principal, com o crucifixo agarrado com ambas às mãos.

—Ramsey, vá com Marisa para fora daqui.

—Disse que não era seguro para nós estar fora de noite — o recordou ela.

—Não está segura aqui tampouco.

—O que quer dizer?

—Olhe para ele, Marisa — Disse Edward, ficando a seu lado. —Vêem vamos.

—Está louco? Necessita ajuda.

—Ramsey, leve-a daqui! Leva-a a um lugar abarrotado e bem iluminado. O centro comercial. Comprar uma muda de roupa.—Não necessitava novas camisas ou calças, tinha um extenso guarda-roupa em sua casa, mas necessitava que permanecessem fora da casa. Esperava que o recado lhes desse algo mais no que pensar.

Assentindo, Edward agarrou a mão de Marisa.

—Venha, vamos.

—Não—Ela soltou a mão. —Necessita ajuda.

—Não necessita nossa ajuda—disse Ramsey. —Necessita sangue.

Não queria acreditá-lo, mas a verdade saltava à vista.

—Tem razão —disse Grigori bruscamente. Apertou suas mãos; o aroma do sangue, *seu* sangue, avivando a fome que o roia, demandando ser alimentada, demandando que repusesse o que tinha perdido para que seu corpo pudesse curar-se.

Marisa o olhou vendo quantas feridas cruzavam seu corpo, a dor de seus olhos pela fome que crescia dentro dele. De algum lugar em seu interior chegou à urgência de ir para ele, de oferecer a substância que necessitava. O pensamento a horrorizou inclusive antes de formá-lo.

—Não — Grigori sacudiu a cabeça. —Não agora, Marisa.

E antes que ela pudesse decifrar a mensagem, Ramsey a empurrou fora do apartamento.



Agarrando fortemente seu autocontrole, Grigori os viu partir, viu como ela partia. Ela queria ajudar, queria oferecer seu sangue vital. E ele queria tomá-lo, queria tomá-la salvo pelo horrível temor que, uma vez que a tivesse em seus braços, que a tivesse provado, não seria capaz de parar.

Mas já não havia necessidade de autocontrole, trocou de atitude como uma serpente trocava de pele, rendendo-se à dor que zumbia em cada centímetro de seu corpo, perdendo-se na fome que arranhava sua força vital. Sentiu a bicuda espetada de suas presas contra sua língua, sabia que seus olhos ardiam vermelhos, com a necessidade que pulsava através dele.

Arrancando o que ficava de sua camiseta, lançou-a ao lixo, logo cambaleou ao banheiro e lavou o sangue de seu rosto, peito e braços. Olhou-se no espelho. Elevando a mão para sua bochecha, sentiu os bordos irregulares da pele carbonizada. Passariam semanas antes que a queimadura curasse. Mas o faria e não ficaria cicatriz.

Sem camisa, deixou a casa. O descanso tinha restabelecido algo de sua força. Ocultou sua presença daqueles que passavam, até que encontrou o que estava procurando, um saudável homem jovem andando sozinho pela deserta rua. Normalmente, nunca caçava na mesma cidade em que dormia, mas agora a necessidade invalidava tal precaução.

Deixou em branco a mente do homem, inclinou-se sobre ele, tomando o que necessitava, bebendo longa e profundamente. A tentação de tomar tudo cresceu com força em seu interior, mas não tomou mais do que o homem podia prescindir. Percorreu com sua língua as feridas para as fechar, limpou toda memória de sua presença da mente do homem.

Vagabundeou pelas ruas da cidade, tomando suas vítimas ignorantes. Tivesse sido muito mais simples tomar um mortal e deixá-lo seco até a morte, beber não só seu sangue, mas também sua vida, mas tinha jurado, um século atrás, que nunca tomaria uma vida humana de novo, a menos que sua própria vida estivesse em perigo.

Era depois de meia-noite quando voltou para o apartamento de Marisa. Tinha esperado encontrar Ramsey e Marisa dormindo, mas estavam na sala. O diálogo de um filme que não estavam vendo enchia a silenciosa sala.

Sentiu a censura em seus olhos quando o viram fechar e assegurar a porta. Quando deu a volta, os dois olhavam a outro lugar. Isso o fez sentir como se não existisse.

Por segundos compridos, ninguém falou. E logo Ramsey se levantou.

—Suas roupas estão em uma bolsa na cozinha.

Grigori assentiu.

—Vou para cama.

—Espera, Ramsey. Onde estava esta manhã?

Edward deixou sair um longo suspiro, e Marisa teve a impressão que tinha estado esperando toda a noite por essa única questão. E enquanto ele reunia coragem para responder, ela se perguntava se as coisas seriam diferentes se ele estivesse no motel essa manhã.

—Havia cinco automóveis amontoados na auto-estrada —disse Ramsey, com os olhos fixos nos de Grigori pela primeira vez. —Duas vítimas mortais. Estava retido pelo tráfico.

Grigori assentiu.

—Boa noite.

Edward lançou um olhar a Marisa, logo deixou a sala.



—Bem—disse Marisa, sem o olhar nos olhos. —Acredito que me irei deitar também.

—Marisa.

—O que?—Manteve a cabeça baixa, seus dedos jogavam com a cruz que pendurava entre seus seios.

—Me olhe.

Era impossível resistir ao poder de sua voz. Devagar, elevou a cabeça e olhou nos olhos.

—Dói?—perguntou, fazendo um gesto para sua bochecha.

—Sim. Por quê? Pensou que era incapaz de sentir dor?

—Não sei.

—Não dói mais que a desconfiança de seus olhos.

Ela afastou os olhos, logo voltou a olhá-lo.

—Lerei no periódico de amanhã que houve mais mortes?

—Não por minha mão.

Ela não disse nada, mas ele soube que não acreditava.

—Não matei ninguém, exceto para preservar minha própria existência, há cerca de cem anos.

O olhou um momento. Feridas a faca estavam curando-se. Algumas não eram mais que pálidas raias contra a pálida pele. Só a queimadura de sua bochecha parecia inapropriada, com a carne chamuscada e negra.

Ele desejou de repente ter pensado em parar em seu lugar de descanso e trocado de camisa, mas tinha tido outras coisas, mais urgentes, em sua mente. Ela estava observando seu rosto. Vendo a repulsão em seus olhos, cobriu-se a ferida bochecha com a mão.

—Há algo que eu possa fazer com isso?—perguntou.

Ele sacudiu sua cabeça.

—A pele se regenerará, com o tempo. As queimaduras sempre são mais lentas em curar-se.

—OH.

—Marisa...

—Não.

—Não, o que?

—Não me olhe assim. Não faça que fique aqui.

—Não o estou retendo.

Ela levou seus joelhos ao seu peito e passou seus braços ao redor deles, mantendo seus olhos fixos nos dele, olhos muito abertos e assustados, olhos cheios de dúvida e confusão. E uma real preocupação.

—Queria ser um vampiro?

—Sim.

—Por quê?

—Porque senti que era a única maneira de poder vingar a morte de meus filhos.

—Quanto anos tinham?

—Minha filha cinco, meu filho um ano menos.

—Sinto muito.



— Faz muito tempo —murmurou —embora a dor permaneça —Sentou-se no chão, suas costas contra a parede, um joelho dobrado. Olhou-a, com expressão sombria. —Todos estes anos, e ainda não fui capaz de destruí-lo. O persegui durante cem anos e então, quando o encontrei, era muito tarde. A família do Silvano o tinha enterrado nas vísceras de uma igreja e não pude lhe alcançar. Agora, ele está aqui, e ainda não posso encontrar seu rastro, não posso me aproximar o suficiente para destruí-lo!

Apertou as mãos. —No passado, era capaz de sentir a presença de outros vampiros, era capaz de seguir sua pista até o lugar onde descansavam. Por que não posso encontrar Alexi?

Ela não tinha respostas, só podia ficar ali, olhando com olhos incrédulos como as lacerações de suas bochechas continuavam curando-se diante dela, as vermelhas cicatrizes se voltavam pálidas e logo desapareciam, até que só permaneceu a feia ferida de sua bochecha.

—O que é?—perguntou—O que foi?

Sacudiu sua cabeça com assombro, logo assinalou seu peito e seus braços.

—Sumiram. As feridas, como se nunca estivessem aí.

Grigori baixou o olhar, logo encolheu os ombros.

—Já disse isso, nos curamos rápido.

—Sei.—Mas ainda assim era algo assombroso de ver.—Não é solitário ser um vampiro? Não poder dizer a ninguém quem é? —Algo assim como ser Superman, pensou, sempre pretendendo ser Clark Kent.

—Pode ser solitário, algumas vezes —admitiu. No princípio, tinha perdido sua casa, sua família, mas, gradualmente, acostumou-se a sua solitária vida, inclusive tinha começado a desfrutá-la. Nunca tinha carecido de companhia feminina. O Dom Escuro contribuía com uma aura de poder. Qualquer mulher que desejou tinha sido dele. Tinha seduzido-as, mas não tinha amado nenhuma. Tinha viajado pelo mundo, visto as mudanças que dois séculos tinham conseguido, vendo coisas, fazendo coisas, mais à frente do poder de um mortal.

—A eternidade é muito tempo. Não se faz...pesada? Com passar do tempo?

Sorriu com sarcasmo.

—Imagina a nós rondando nas sombras, sempre olhando de fora, desejando de novo ser parte da humanidade?

—Bem, sim, suponho.

—Não é assim, Marisa. Pensa na gente que conhece e trabalha pelas noites. O que fazem eles?

—Não sei. As mesmas coisas que eu, suponho.

Assentiu.

—Leio livros, jornais, os clássicos, de mistério. Vou ao cinema. Viajei pelo mundo. Fico em casa e vejo televisão—Sorriu. —Os melhores programas são de noite, sabe?

Não pôde evitar e devolveu o sorriso.

—Nem todos somos os monstros malvados representados nos filmes e novelas.

—Como Kristov?

Grigori assentiu.

—Como Kristov.



—Foi sempre como agora?

—Não sei. Quando o conheci, parecia um fino cavalheiro. Não podia entender por que queria passar o tempo em nossa pobre casa.

Mas sabia agora. Não tinha sido sua companhia que procurava Kristov, mas Antoniete. E quando o tinha rechaçado, tinha arremetido com raiva, matando tudo que era querido para ela. Podia ouvir a voz de Alexi gritando em sua mente: *...ela rechaçou... deixar a ti ou a aqueles moleques... Bem, ela não me rechaçará mais.* A dor o rasgou ao imaginar Antoniete compartilhando a cama com Alexi, incapaz de resistir a ele, obrigada a render-se a cada desejo dele.

—Grigori?

—O que?

—Onde estava?

—Recordando.

Ela assentiu. Considerando sua expressão, não eram lembranças agradáveis.

—Converteu alguém em vampiro?

—Não.

—Por que não?

—Ninguém me pediu isso, e não é algo que se possa forçar.

—Como é, beber... beber sangue?

—É algo natural para mim, Marisa. Não é repulsivo. O sabor pode ser... —Olhou fugazmente a esbelta curva de seu pescoço. —Doce, especialmente quando é oferecido de boa vontade.

—Soa como se você gostasse de ser um vampiro —Sacudiu a cabeça, incapaz de aceitar a idéia. —Não posso acreditar que não sinta falta do dia, ou comer uma boa comida, ou... ou...

—Para mim, me converter em vampiro foi uma bênção. Nasci num pobre povo da Toscana. Não sabia ler ou escrever, e tampouco tinha esperanças de aprender, nada me esperava além de duro trabalho e uma morte prematura. Quando me converti em vampiro, abriu-se um novo mundo diante de mim, literalmente, todo um novo mundo. O vampiro que me fez me ensinou como caçar, como sobreviver. E quando me ensinou tudo o que precisava saber para sobreviver, ensinou-me a ler e a escrever. Ensinou-me a me comportar como um cavalheiro, a apreciar a arte e a literatura. Quando me dei conta que não podia alcançar Alexi, viajei aos longínquos rincões do mundo, vendo lugares e gente que nunca tinha sonhado que existissem.

—Como encontrou o vampiro que te criou?

—Ela me encontrou —seus lábios se curvaram no que poderia ter sido um sorriso. —Estava acostumado a ir às tumbas de meus filhos de noite, porque não gostava de pensar que estivessem ali sozinhos, na escuridão.—A tristeza de duzentos anos flamejava em seus olhos. —Meu filho pequeno tinha medo do escuro.

—Grigori, sinto-o tanto.

Sem dar-se conta se moveu, levantou do sofá e se ajoelhou ao seu lado, abraçando-o.

—Sinto muito...



Atraiu-o mais perto, uma mão acariciando acima e abaixo suas costas até que, gradualmente, já não o confortava, mas sim o acariciava. Sua pele era cálida e firme sob seus dedos; os músculos de suas costas e seus ombros eram duros e definidos com precisão.

Permaneceu imóvel em seus braços, quieto quando suas mãos se deslizaram por seus braços, sobre seu ventre, penetrando através de seu pêlo. Sentiu o primeiro despertar de desejo estendendo-se dentro dela, ouviu a repentina mudança em sua respiração quando se deu conta que o corpo do homem reagia com seu toque. Pensava que ele era incapaz de sentir desejo? O sangue dela se esquentou, um rubor tingiu suas bochechas.

Quando ela se afastou, ele deslizou suas mãos ao redor de sua cintura para mantê-la perto.

—Não pare.

—Não posso...

—Porque sou um vampiro —disse ele mordaz.

—Não... por que... porque apenas te conheço. Porque eu...—O rubor de suas bochechas cresceu e seu olhar se separou do dele. —Não sou. Eu não...

—Não tem nada que temer de mim. Não tenho nenhuma enfermidade, Marisa.—Disse, lendo os pensamentos que ela não podia pôr em palavras. —Tampouco posso engendrar um filho.

—OH—O olhou então, e ele viu o temor em seus olhos.

Devagar, resistindo colocá-la em liberdade.

—Não a tomarei contra sua vontade, *cara*.

—Deve ter conhecido muitas mulheres em duzentos anos.

—Muitas —admitiu. —Mas quando estou contigo, não posso lembrar nenhuma delas.

—Exceto Antoniete.

—Sim —disse duramente. —Antoniete

—Ela ainda é sua esposa, não?

Tomou ar profunda e dolorosamente e o deixou ir lentamente em um longo suspiro. —A garota com quem casei está morta. Não sobrou dela mais que uma concha vazia, uma sombra da mulher que amei.

Afastou o olhar dela e o enfocou na janela.

—Tenho que ir. Peça a Ramsey para te levar ao trabalho e recolher. Não vá a nenhum lugar sozinha.

—Vai ficar aqui outra vez?

—Não.

—Onde vai dormir?

—É melhor que não saiba—Acariciou sua bochecha com o dorso de sua mão, seus nódulos deslizaram sobre sua pele, fazendo-a tremer de prazer. —Tome cuidado.

—Você também.

—Sempre —Se levantou brandamente, logo ofereceu sua mão, para que ela se levantasse a seu lado. —Recorda o que disse. Não vá a nenhum lugar sozinha.

—Estarei bem—sorriu, logo foi à cozinha e voltou com uma sacola marrom. —Não esqueça suas roupas.



Pegou a bolsa, certamente não confiava no gosto de Ramsey para roupa, o qual só vestia aborrecidos marrons em repugnantes trajes.

—Agradeça a Ramsey de minha parte.

—Farei-o. Teria feito alguma diferença esta manhã, se ele estivesse ali?

Ela sentiu como considerava a pergunta. E logo assentiu.

—Ele a teria matado sem problemas.

—E você não pôde, não?

—Não. Inclusive sabendo que é a única maneira que sua alma descanse em paz, não pude fazê-lo.

—Me alegre.

—Sim? Por quê?

—Só é assim.

—Me faz menos monstro aos seus olhos?

—Não é um monstro.

—Pensava isso não faz muito.

Não tinha resposta para isso.

Colocou seus dedos sob seu queixo, elevou sua cabeça e acariciou seus lábios com os dele.

—Até a noite, cara —sussurrou brandamente, e logo o se foi.

Capítulo 15

Pela manhã, antes de sair para trabalhar, chamou o senhor Abbott, e contou que tinha quebrado acidentalmente uma janela. Disse que não se preocupasse com isso e assegurou que a arrumaria logo que fosse possível. Logo, ligou e marcou hora para levar seus tapetes para lavar, imaginando-se que precisaria um milagre para que as manchas de sangue saíssem dos tapetes.

Pensou em Grigori enquanto tomava banho.

Pensou nele enquanto se vestia, pondo um pulôver azul com mangas largas e pescoço alto. Colocou meias, uns sapatos de salto de cor bege, e deixou o quarto.

Pensou em Grigori enquanto tomava café da manhã. Olhou a tigela de cereais na mesa e imaginou uma tigela de sangue. Havia dito que tomar sangue era normal para ele, mas a mera idéia a desgostava. Levou uma mão a seu pescoço, tentando imaginar como seria sentir seus dentes aí. Seria doloroso alimentar um vampiro? Havia dito que o sangue era mais doce se oferecido de boa vontade. Muitas mulheres teriam oferecido sua essência vital?

O conhecia há pouco tempo, e ainda assim já tinha tomado o controle de sua vida, de seus pensamentos, de seus sonhos.

Sua vida nunca tinha sido mais perigosa, ou mais excitante.

Estava se perguntando se devia despertar Edward, quando este entrou na cozinha com olhar choroso.

—Bom dia. —murmurou —Tem café?



—Na boca do fogão. Está bem?

—Sim, sim, estou bem. Só estou pegando um resfriado.

—Parece horrível.

—Sinto-me horrível —Pegou uma xícara de café. —Está pronta para sair?

—Sim. Vou pegar minha bolsa.

Sorveu o nariz e espirrou durante todo o trajeto ao centro da cidade

—Será melhor que pare numa farmácia e compre algo para isso.

—Sim. Farei-o —Estacionou no meio-fio, em frente do edifício de escritórios. —Te vejo às cinco.

—De acordo. Descansa um pouco.

—Sim, acredito que o farei.

Sacudindo a cabeça, Marisa viu como se perdia no trânsito.

Ramsey parou na farmácia e comprou sua marca favorita de pastilhas para resfriado. Considerou conduzir até A Habra, para ver se encontrava algum rastro de Kristov, mas quando saiu da auto-estrada, estava ardendo de febre. Tomaria o remédio para resfriado, descansaria uma hora ou duas, e logo procuraria até que fosse hora de recolher Marisa.

Quando chegou ao apartamento de Marisa, tomou um par de aspirinas para a dor de cabeça, o remédio para o resfriado, e bebeu um copo de suco de laranja.

Foi a sala, ligou a televisão e se estirou no sofá. Descansaria por uns minutos...

Edward se levantou com um grunhido baixo. Como era possível sentir-se pior depois de uma sesta?

Cambaleando se dirigiu à cozinha e tomou outro par de aspirinas, fazendo que descessem com um copo de suco de laranja.

Olhou o relógio da cozinha, piscou, olhou de novo, e xingou baixo.

Maldição, devia recolher Marisa, e deveria ter saído quinze minutos atrás.

Foi ao banheiro, jogou água fria na cara, e virtualmente saiu correndo de casa. Se fosse depressa, se o tráfego não tivesse trânsito, poderia chegar a tempo.

Grigori se levantou quando o sol se foi, seus pensamentos estavam em Marisa quando tomou banho. Estaria a caminho de casa depois do trabalho nesse momento. Saindo da banheira foi ao dormitório. Grunhiu baixo quando viu a bolsa de compras no chão, ao lado da cama. Sentiu curiosidade por ver o que tinha comprado Ramsey, assim esvaziou o conteúdo sobre a cama, e imediatamente soube que tinha sido Marisa quem tinha selecionado o ajustado suéter de pescoço alto azul marinho e os jeans.

Vestiu-se rapidamente com as roupas que ela tinha escolhido, sentindo-se como se deslizesse entre seus braços quando passou o pulôver por sua cabeça.

Deixando sua guarida, que ficava na casa de hóspedes atrás de uma mansão bastante cara, dirigiu-se ao apartamento de Marisa.

Soube imediatamente que ela não estava ali. Um movimento de sua mão abriu a porta, e entrou para esperar que voltasse do trabalho. Perguntou-se como Ramsey tinha passado o dia, se tinha descoberto alguma coisa sobre onde Alexi poderia ter deixado seus restos.



Perambulou pelo apartamento, notando que o cristal da janela tinha sido substituído. A cozinha estava limpa e ordenada, como sempre. O quarto de hóspedes cheirava fortemente a Ramsey. Ramsey, que estava apaixonando-se por Marisa. Disse um palavrão, incômodo pela idéia de ciúmes, porque seu primeiro impulso era matar o homem por ter a audácia de sentir carinho por ela.

Deixando o quarto, deu uma portada atrás dele.

Foi ao dormitório do Marisa, e seu aroma o envolveu, quente com vida. Percorreu com seus dedos o travesseiro de sua cama, sentiu como seu conhecimento dela crescia agudamente enquanto a imaginava dormindo ali, imaginava como seria tombar-se a seu lado, fazer amor durante toda a noite...

Sua cabeça se elevou com um movimento brusco, cada sentido alerta ao ouvir a porta da rua abrir, o som de passos familiares.

Em menos de uma piscada, encontrou-se na sala.

—Devo te destruir. —Sua voz, tão diferente, e ao mesmo tempo a mesma.

—Antoniete, não.

—Devo fazê-lo.

—Recorda, maldição! Recorda quem é. Lembre-se de mim.

Ela sacudiu a cabeça, a escura nuvem de cabelo flutuava sobre seus ombros. E logo ela elevou suas mãos. Havia uma pistola na esquerda, e uma afiada faca muito comprida, na direita.

Ele disse um palavrão quando ela disparou a arma. Sentiu a bala penetrar em seu peito, rasgando sua carne, seus músculos e seus tecidos. Cambaleou para trás, golpeando a parede que havia atrás dele, enquanto ela apertava o gatilho de novo.

Com um gemido sem palavras, arremeteu contra ela. Golpeou a pistola de sua mão, arrancou a faca e a jogou no outro lado da sala. Ela lutou contra ele de maneira selvagem, suas unhas arranharam seu rosto, mordeu-o, deu chutes, mas dessa vez ela não era competidor para sua força, e ele a arrancou do chão, uma de suas mãos aprisionando as duas dela, o peso de seu corpo a fez cair por baixo dele.

—Antoniete— Murmurou seu nome, com um grunhido baixo, enterrou suas presas no pescoço da mulher.

Ela gemeu uma vez, um pranto cheio de angústia e dor, e logo ficou sem forças embaixo dele.

Enquanto bebia, sua essência se estendeu sobre ele, enchendo, esquentando. E com o sangue chegou o conhecimento de sua existência nos últimos duzentos anos. Anos vazios, sem memória de seu passado, sem lembrança de quem era, isso, ao menos, era uma bênção.

Suas lágrimas caíram sobre seu rosto como chuva vermelha, enquanto seu coração pulsava cada vez mais devagar, letárgico, tão fraco que mal podia ouvi-lo.

Quando tomou o suficiente, mas não muito, agarrou-a entre seus braços e a apertou contra ele, com sua mão acariciando seu cabelo. E logo cravou suas presas em seu próprio pulso. Abrindo uma veia, pressionou a boca dela contra a ferida, dizendo que bebesse.

Por favor, pensou, por favor faça seu trabalho.



Marisa olhou o relógio pela terceira vez. Estava esperando Edward há vinte minutos. Estava a ponto de voltar para dentro e chamá-lo em casa quando viu seu carro parando no meio-fio.

—Já era tempo. —murmurou enquanto abria a porta e sentava no assento de passageiro. — Por que você atraso...? OH, Meu Deus.

Olhou-o, perguntando-se por que não havia sentido sua presença como no passado.

Agarrou o trinco da porta quando o carro se afastou do meio-fio, mas a porta não abria. Não estava fechada, mas não podia abrir.

—Por favor. —sussurrou, com o coração na garganta. —Por favor.

—Sente-se, querida e desfrute da viagem.

Como um camundongo hipnotizado por uma serpente, olhou Alexi Kristov, incapaz de afastar o olhar, incapaz de acreditar que fosse realmente ele. Sua pele, tão pálida na última vez que o viu, era agora rosada com a ilusão da vida. Seu cabelo marrom avermelhado, já não era murcho, caía passando seus ombros. Levava calças negras, uma camiseta branca solta com mangas largas e cheias, e um colete de seda negro.

—Alexi. —o nome deslizou por seus lábios.

Ele inclinou a cabeça em sua direção.

—O prazer é todo meu, querida.

—Onde está Edward?

Alexi fez uma careta com os lábios que só podia classificar-se como obscena.

—Matou-o?

—Ai, não.

—Onde me leva?

—A um lugar onde Grigori jamais poderá encontrá-la.

—Por favor, não...

Ele riu baixo.

—Não vou matá-la, querida.

—O que fez com Antoniete?

—Mande-i matar Grigori, é obvio. —Alexi inclinou a cabeça para um lado, como se escutasse uma voz que só ele podia ouvir. —Falhou. Temo que já não vai mais me ser útil. —murmurou com uma pontada de remorso. — Ele a matará para liberá-la de meu poder, ou a trará de volta. Ah, bem, já não me entretinha, e me cansei deste jogo. E desta cidade.

Olhou-a, sua mão direita deslizou pelo braço e sobre a coxa dela. —Antoniete está perdida para mim, mas você tomará o lugar dela, encantadora. E começaremos um novo jogo, num novo lugar.

A idéia de ser como Antoniete, alguém sem alma, uma criatura sem mente, encheu Marisa de horror. Agarrou o trinco da porta de novo, e deu um desesperado puxão, mas não ocorreu nada. Com um gemido, baixou o vidro, com a intenção de saltar do carro. Melhor correr e morrer que olhar o destino que Alexi guardava para ela.

—Não. —A voz a envolveu, colocando-a em seu lugar, enquanto o vidro voltava a fechar-se sozinho.



Grigori, me ajude... Sentou direita no assento, incapaz de mover-se. *Por favor, me ouça, Grigori, estou muito assustada...*

Ramsey abriu os olhos, surpreso por encontrar-se ainda com vida. Lutando com a dor, levantou-se e olhou ao redor. Não havia nada para ver... nem casas, nem luzes, nem tráfego de qualquer classe. Onde demônios estava?

Marisa!

Xingou baixo e olhou seu relógio. Eram mais de seis.

Cambaleou sobre seus pés, só então se deu conta que o carro não estava ali.

—Alexi, maldito seja!— Nesse momento recordou, recordou tudo. Estava a caminho para recolher Marisa quando sentiu um calafrio que cruzava sua espinha dorsal. Sabendo o que ia ver, olhou pelo retrovisor.

O terror o tinha deixado gelado, um duro nó se formou na boca de seu estômago quando viu Alexi atrás dele. Era a última coisa que recordava. —Merda!—Com as duas mãos examinou seu pescoço, procurando sinais de dentes, mas não havia dentadas, ao menos nenhuma que pudesse ver. Examinou ambos os pulsos, a dobra de seu cotovelo. Nada.

Quase doente de alívio, começou a caminhar para o leste, para a cidade.

Era um homem morto, pensou com abatimento, tão seguro como se Alexi Kristov o tivesse matado. Porque não havia maneira que Grigori o deixasse com vida depois do que tinha acontecido.

Capítulo 16

Antoniete recuperou a consciência devagar. Por um longo momento olhou o homem que a abraçava e depois sorriu.

Foi uma expressão que jamais tinha pensado voltar a ver, uma expressão de tanto amor e devoção que poderia romper seu coração, se ainda tivesse um.

Ela elevou uma mão a sua bochecha destroçada.

—O que ocorreu?

—Uma queimadura. Não é nada.

—Dói muito?

—Não quando a toca.

Sorriu de novo, logo franziu o cenho.

—Grigori, tive o mais horrível dos sonhos.

—Sério, *minha cara*?

Ela assentiu.

—Esteve chorando.

Ele não negou, só a abraçou para tê-la mais perto, como se nunca pudesse deixá-la ir.



—O que acontece?—Olhou ao seu redor. —Onde estou? Onde estão os...?—Sua voz se perdeu. Seus olhos se encheram de confusão, e logo gritou. —Ele os matou! Alexi os matou!— removeu-se entre seus braços. —Deixe-me ir! Matá-lo-ei! Matá-lo-ei!

—Antoniete, para.

Ante o som de sua voz, ela ficou quieta imediatamente. Ela era agora sua criatura. Faria tudo que ordenasse.

Ele olhou profundamente seus olhos, acalmando-a com o poder de sua mente.

—Me escute, cara. Não recordará outra vez nossos filhos, nem tampouco algo que aconteceu esta noite. Entendeu?

—Sim.

—Fará tudo que te peço, dirá tudo que deseje saber, de acordo?

—Sim.

—Onde esteve?

—Vivo em uma pequena casa da Avenida Hartadle.

—Alexi vive também ali?

—Não. Estou sozinha, esperando suas ordens.

—Onde Alexi passa as horas do dia?

—Disse-me que não dissesse a ninguém.

—Mas eu sou seu amo agora. Deve me dizer isso

—Dorme na adega de nossa casa.

—Nossa casa?—Grigori franziu o cenho. A única casa que eles tinham compartilhado era na Itália. Tinha voltado para seu velho lar perto de trinta anos antes. Todas as casas do vinhedo, incluída a sua e a de seu tio Pietro, tinham sido derrubadas e substituídas por uma adega e acres de vinhas. —Isso não é possível.

Ela assentiu.

—Ele é seu proprietário agora.

—Alexi é o proprietário do vinhedo?

Olhou-lhe com estranheza.

—Nós não temos um vinhedo, Grigori

—Como é agora, nossa casa?

—É a mesma que era quando me levou pela primeira vez.

Ele sacudiu a cabeça, tentando encontrar um sentido nisso.

—Quando foi a última vez que esteve ali?

Ela pensou um momento.

—Faz cinco dias.

—Que mês era?

—Novembro.

—E o ano, recorda o ano?

—Mil setecentos e noventa e oito. Alexi despertou e me disse que íamos te buscar. —Um débil sorriso dançou nas comissuras de sua boca. —Disse que iríamos através do tempo até o ano de mil novecentos e noventa e oito, mas não acreditei. Isso não é possível, não?—Ela parou e



olhou ao seu redor, seu olhar se turvou quando viu o aparelho de TV, o estéreo, os abjures. — Embora, tudo seja muito estranho aqui.

Grigori se voltou, aturdido. Alexi tinha viajado através do tempo. Como? Recordou ter perguntado a Alexi onde estava Antoniete, e Alexi tinha respondido: *Onde não pode encontrá-la.*

Não era à toa que não podia encontrar o lugar de descanso de Alexi! Não estava dormindo na mesma cidade que caçava, nem sequer dormia no mesmo século!

—Onde está agora?

O olhar dela o atravessou, suas sobrancelhas se franziram, sua expressão em branco.

—Voltou.

—Só?

—Não. Tem à mulher com ele.

—Está planejando voltar por você?

—Não. Depois de te destruir, tenho que destruir a mim.—Disse as palavras sem emoção, como se não significassem nada para ela.

Grigori xingou baixo, logo se levantou, arrastando-a com ele.

—Como se sente?

—Não sei.—O olhou com os olhos cheios de confusão. —Estou morta?

—Não— Ele não estava seguro o que era ela agora. Ao tomar seu sangue e lhe dar o seu tinha quebrado a posse de Alexi sobre ela. Agora estava obrigada com ele, até que morresse. Ao menos ele a havia recuperado e a tinha convertido no que ele era. E isso, pensou, era a única resposta real, a única maneira de fazer que ela recuperasse o controle de seu próprio destino. Mas não agora... não quando necessitava sua ajuda. —Sente-se, Antoniete e relaxe.

—O que vamos fazer?—perguntou.

—Sabe onde está Ramsey?

—Ramsey?—Pensou durante um momento, logo sacudiu a cabeça.

—Alexi ia matá-lo?

—Não sei.

Com um suspiro, foi para a janela e olhou para fora, para a noite. Permaneceu ali, imóvel, quieto como só um Vampiro pode ficar, seus pensamentos agitados. Alexi tinha Marisa. Antoniete estava ainda viva. Ramsey estava perdido. Alexi tinha a Marisa...

Marisa. Quando tinha se convertido em alguém tão importante para ele? Ela era uma mulher mortal, separada dele por séculos de sangue e morte. E ainda assim tinha o abraçado, o fazendo sentir coisas que há duzentos anos não sentia.

Ouviu o rangido da saia de Antoniete como se tivesse mudado de posição no sofá e sentiu uma repentina pontada de culpabilidade. Ela era sua mulher, mas já não seria mais a mulher por quem se apaixonou. Não voltaria a ser nunca essa mulher. E ele tampouco era o homem com quem ela se casou... não era aquele homem absolutamente.

Mas ainda era sua esposa, e ele era responsável por ela.

Permaneceu ali durante uma hora, olhando para a noite, perdido em seus pensamentos. Antoniete estava a salvo por hora, mas Marisa...

Voltou-se devagar quando a porta abriu e Edward Ramsey entrou subitamente.



—Está aqui?—Perguntou sem respiração. —Me diga que ela está aqui.

—Alexi a tem—replicou Grigori com calma, e precisou lançar mão de todo seu controle para evitar que sua mão se esticasse para o outro homem, para o pegar e fazer picadinho. —O que aconteceu?

Ramsey espirrou e se assoou o nariz.

—Dormi. Quando despertei, peguei o carro e me dirigi ao centro. Alexi estava no assento de trás. É tudo que lembro.

Grigori deu um passo para ele e Edward recuou, sua mão agarrando o crucifixo. Gritou quando Antoniete chegou por trás dele, seus braços o envolveram, imobilizando seus braços dos lados. Esforçou-se para liberar-se, mas ela era muito forte para ele.

Grigori se aproximou de Edward. Agarrando a mandíbula de Ramsey entre seu polegar e seu índice, voltou a cabeça do homem de um lado a outro, examinando seu pescoço procurando marcas de dentadas.

—Já olhei—disse Edward.

Estreitando os olhos, Grigori olhou Ramsey, escutando o ensurdecido batimento do seu coração. Não havia marcas de dentadas no pescoço, mas isso não queria dizer nada.

Ramsey olhou com ódio, um gatinho cuspindo na cara de um tigre.

—Venha, bebedor de sangue, faça!—Jogou na cara Edward —Não é melhor que ele.

Grigori sorriu abertamente diante da fanfarronice de Edward.

—Não posso deixar de admirar sua coragem, Ramsey. —Fez um gesto a Antoniete —Deixe-o ir.

Logo que Antoniete o liberou, Ramsey cruzou rapidamente a sala.

—O que fez a ela?

—É minha agora.

—Fez isso? A sua própria mulher?

—Preferia que ainda fosse a criatura de Alexi?

—O que vamos fazer agora?

—Passei a última hora tentando decidir. Nada do que diz Antoniete tem sentido

—O que quer dizer?

—Diz que a razão pela que não fomos capazes de encontrar Alexi é porque deixa seus restos na adega de nossa velha casa.

—Que velha casa? Onde?—Os olhos de Edward se alargaram. —Não quer dizer na Itália?

Grigori assentiu.

—Mas isso não é possível. A casa já não existe. Embora...

Edward agarrou a cruz com ambas as mãos, deslizando a de um lado a outros entre suas palmas.

—O que? No que está pensando?

—Viagem no tempo. —sugeriu Grigori

—Isso é impossível!

—É?—Grigori olhou de novo para fora, para a escuridão da noite. Khira o tinha mencionado uma vez, dizendo que algumas vezes, quando se encontrava triste ou sozinha, voltava para seu



antigo lar. Quando tinha perguntado como era capaz de fazer uma coisa assim, ela tinha encolhido os ombros e havia dito que ela pensava em si mesma ali. Franziu o cenho, recordando... *Mas só pode voltar até o momento em que foi criado. Tinha-o advertido. Mais à frente não pode ir. Nem tampouco se aventurar no futuro.*

Era possível? Seria capaz de fazê-lo? Podia voltar no tempo? E se podia, a que ponto? Kristov havia possuído o Dom Escuro mais tempo que ele. Se Khira havia dito a verdade, Alexi podia voltar no tempo dois mil anos, enquanto que Grigori só podia viajar por volta de duzentos anos.

E embora o que Antoniete disse fosse verdade, Grigori tinha construído sua própria casa, no ano em que se casaram. Aléxis devia ter um perverso prazer em deixar seus restos ali, em deixar Antoniete prisioneira ali todos estes anos.

—Não estará considerando a sério, não?— perguntou Ramsey.

Grigori assentiu. Pelo bem do Marisa, tinha que tentar.

—Vou com você.

—Sim?

Edward jogou o queixo para frente.

—Estamos juntos nisto, recorda? Se está pensando em voltar ao passado, vou com você.

Grigori levantou uma sobrancelha.

—Sério? Nem sequer sei se posso transportar a mim mesmo ali.

Ramsey sorriu.

—Tenho fé em você, Chiavari. O ódio é um motivador poderoso, e entre os dois, temos o suficiente ódio para conseguir um milagre.

—Talvez. —Grigori estendeu a mão. —Antoniete, vêm para mim.

Como uma sonâmbula, ela se pôs a seu lado com sua mão na dele.

—Ramsey, agarre sua mão —Grigori sorriu fracamente. —Se conhecer algumas orações, este pode ser um bom momento para rezar.

Edward agarrou a mão de Antoniete, e com a que ficou livre apertou sua cruz.

—Assustado, caçador de vampiros?— Perguntou Grigori

—Demônios, sim.

Grigori riu baixo e logo, inspirando profundamente, fechou os olhos.

Pensou em Alexi.

Pensou em Marisa.

E então centrou todos seus pensamentos, toda sua energia, em sua casa da Itália tal e como estava a duzentos anos, em novembro de mil setecentos e noventa e oito.

A escuridão o envolveu em espiral, fazendo cair dentro de um abismo mais profundo que a escuridão que o envolvia enquanto dormia. Não tinha sensação de movimento, embora soubesse que estava se movendo através do tempo e do espaço.

E logo, de maneira inexplicável, sentiu que o tempo ia mais devagar.

Abriu os olhos, sabendo, inclusive antes de ver a casa, que tinha sido transportado para o passado.

—Demônios! Funcionou!—Ramsey sorria como um idiota enquanto olhava ao seu redor.

Grigori xingou baixo. —Não está aqui.



—Nós a encontraremos.

—Encontraremos? Nem sequer sabemos se veio aqui. — Mas ele não estava pensando nesse momento em Alexi. Olhava a casa, recordando. As lembranças se precipitaram sobre ele, lembranças de seus pais, do dia em que se casou com Antoniete, das risadas que tinham compartilhado na tranquilidade da noite. Recordou como tinha mudado seu corpo, como cresceu seu ventre com a nova vida que levava sob seu coração, a maravilha de sustentar sua diminuta filha recém-nascida entre seus braços, e logo, um ano depois seu filho. Em sua mente, pôde ver seus sorrisos. Ouvir o som de suas jovens vozes chamando. “Papai, papai” e seu coração, morto há tanto tempo atrás, sofreu com renovada dor.

—Chiavari, está bem?

Tragou o nó que tinha se formado na garganta e se voltou para Ramsey. —Sim.

—Onde começamos?

Grigori respirou profundamente, inalando o familiar aroma do lar—alho, azeite de oliva e orégano, o aroma das ovelhas, das cabras e do esterco, o afresco e claro aroma da terra em si mesmo.

—Vamos entrar—disse.—Pode ter estado aqui esta noite.

A casa estava tal e como a recordava: quatro quartos escassamente mobiliados, quase todos os móveis feitos com suas próprias mãos.

Entrou no dormitório que uma vez compartilhou com Antoniete. Não havia sinal de Alexi.

Voltou-se sobre seus calcanhares, deixando o quarto e saiu. A adega estava localizada atrás da casa. Empurrando a porta de madeira, desceu pelas escadas. A adega cheirava a pó e ar rançoso, cortiça, uvas e vinho velho.

E Alexi.

O vampiro tinha estado ali. Podia ver o contorno do lugar de descanso de Kristov na sujeira. Grigori grunhiu baixo. Alexi era um vampiro do velho mundo, um que dormia num ataúde.

Mas o ataúde se foi. Igual a Kristov.

—Encontrou algo?—Perguntou Ramsey quando Grigori voltou para a casa.

—Esteve aqui, mas já foi. Duvido que volte.

—Sabia que vínhamos.

Grigori olhou Antoniete, que estava no meio da sala de estar com expressão vazia. Estava preciosa, com uma blusa vermelha e uma desordenada saia branca. Vermelho. Sempre tinha sido sua cor favorita.

—Como vamos o encontrar?

Grigori olhou Ramsey.

—Ele nos encontrará .

—Não acredito que goste de como isso soa.

—Não tinha que ter vindo.

—Sim, tinha que fazê-lo. Só que eu gostaria de saber o que ele vai fazer.

—Está jogando o mesmo jogo de antes.

—Esconde -esconde, quer dizer.

—Algo assim.



—O que faremos agora?

—Esperaremos— replicou Grigori —Esperaremos que ele venha a nós.

Capítulo 17

Marisa piscou pela luz. Sentiu-se desorientada, confusa. E então ouviu o som da risada. Uma risada baixa, coberta de maldade. Era uma voz que conhecia.

—Se acostumará—disse Alexi. Moveu-se até entrar em seu campo de visão, seus braços cruzados sobre seu peito, seus malévolos olhos cinza a olhavam com diversão.

—O que ocorreu?—olhou ao seu redor. —Onde estamos?

—Itália.

—Itália! Isso é impossível.

—Para mim, doce Marisa, nada é impossível.

Olhou de novo ao seu redor. Havia uma pequena cômoda de quatro gavetas, um aparador com uma jarra e uma bacia, e a estreita cama que ela ocupava. Podia dizer, pelo contorno descolorido do papel da parede, que tinha existido um crucifixo em cima da porta.

Sentou-se, abraçando-se a si mesmo contra o frio do quarto.

—Esta é sua casa?

—Agora é.

Algo no seu tom de voz disse a ela que tinha matado os antigos proprietários.

Encolheu-se quando ele se moveu para ela, estremeceu quando sua mão acariciou sua bochecha.

—Uma criatura tão preciosa —murmurou—mas bem, Grigori sempre teve bom gosto com as mulheres. Bom gosto.—Sorriu enquanto seus dedos se fechavam sobre o pescoço dela, inclinando sua cabeça para trás para expor o pulso de seu pescoço.

O terror se apropriou de Marisa quando olhou os olhos do Alexi.

—Não —disse com um grito sufocado. —Por favor, não.

—Só um gole —prometeu.

—Não! Não quero ser como Antoniete Por favor!

—Antoniete... A amava, sabe— Fez um vago gesto com sua mão livre. —Amava-a muito mais do que me acreditei capaz.

—Por isso matou seus filhos e a converteu num zumbi sem mente? Porque a amava?

—Pedi-lhe que os deixasse, que viesse comigo, mas não quis— Seu olhar pareceu arder. —Temo que tenho bastante mau gênio —Sua mão apertou ao redor do pescoço dela até que duramente pôde respirar. —Deveria ser prudente e recordá-lo.

Ela tentou falar, mas não pôde, só pôde olhar enquanto ele inclinava sua cabeça. Seus olhos estavam mudando, as pupilas maiores, mudando de cor, até que seus olhos eram vermelhos e candentes. Seus lábios se abriram, e ela viu suas presas.



—Não!—Gritou a palavra quando sentiu seu fôlego queimando sua pele. Isto não pode estar acontecendo! Arranhou a mão que se fechava sobre sua garganta, quebrou suas unhas em suas bochechas, chiando com terror quando sentiu suas presas furando sua carne.

A escuridão se estendeu por sua mente, retorcendo-se em um baile de maldade e morte.

E logo, abruptamente, ele a deixou ir. Cambaleando para trás, ele ficou olhando-a.

—Te marcou como dele!

—O que? Do que está falando?

—Ele tomou seu sangue.

Marisa o olhou.

—Não.

—Sim!

—É impossível. Ele nunca...— As palavras morreram em sua garganta. Tinha imaginado Grigori inclinando-se sobre ela uma noite. Mas isso tinha sido um sonho. Não? —É impossível — disse ela de novo. —Se tivesse tomado meu sangue, não seria como Antoniete?

Alexi sacudiu sua cabeça. Com as mãos apertadas, passeou pela habitação.

—Não tomou o suficiente para isso, nem te deu mais que uma gota do seu em troca. Só uma gota do seu!—Gritou as palavras. —O suficiente para que eu pudesse notar seu sabor em seu sangue como um veneno.

Alexi girou sobre si, seus olhos ardendo de fúria.

—Poderia te tomar e deixar Antoniete para ele — rugiu —mas agora não! Não agora! O chame, Marisa. O chame ao seu lado.

—Não sei que quer dizer.

—Diga o nome dele.—agarrou o braço dela e o retorceu nas costas. — O chame! Ouvirá.

Ela sacudiu a cabeça, muito assustada para falar, todo seu corpo se agitava pela repulsão em pensar que Grigori tinha lhe dado seu sangue. Como podia ter feito uma coisa assim sem seu consentimento?

Gritou de dor e terror, esquecendo qualquer outra coisa, quando Alexi girou de novo seu braço cruelmente.

—O chame—Os olhos cinza do vampiro arderam em sua mente, destruindo toda sua resistência.

—Grigori

—Mais alto.

—Grigori! Me ajude!

Soluçando, gritou seu nome uma e outra vez, até que sentiu a garganta áspera, até que o temor e a extenuação a levaram, até a escuridão.

Capítulo 18



A cabeça de Grigori se elevou bruscamente, seus olhos se estreitaram quando ouviu a voz de Marisa gritando em sua mente.

—O que acontece?—perguntou Ramsey.

—Marisa.

—O que tem ela?

—Sei onde está.

Ramsey ficou olhando, com as mãos apertadas.

—Como sabe?

—Alexi disse a ela pra que me chamasse .

Ramsey olhou fixamente ao vampiro durante um momento, e logo xingou baixo.

—Bebeu dela.

Grigori encontrou o olhar do outro homem e logo assentiu.

—Não o suficiente para feri-la.

—Não posso acreditar que fizesse algo tão desprezível. Não posso acreditar que ela o deixasse. Ou primeiro jogou com sua mente?

—Fiz o que tinha que fazer.

—Sim, fez.

—Marquei-a como minha — replicou Grigori friamente —E por uma boa razão.

Ramsey franziu o cenho, confuso.

—Mas ela não é como Antoniete

—Não. Eu não queria roubar sua mente, seu ser.

—Mas Alexi pode fazê-lo, não?

Grigori assentiu. O velho vampiro podia fazer dela um ravenant, ou forçá-la a aceitar o Dom Escuro. Algo que anulasse o poder de Grigori

Ramsey ficou olhando, sua ira perdia intensidade.

—Onde está?

—Alexi a levou a um pequeno vinhedo a umas três milhas daqui. Era de meu tio Pietro.

—Três milhas! Isso é mais que um passeio.

Grigori arqueou uma sobrancelha.

—Nós não vamos andar.

—O que estamos esperando? Vamos.

—Tudo a seu tempo — Grigori olhou Antoniete. Estava sentada no sofá, suas mãos caídas em seu regaço. Uma marionete esperando que alguém puxasse os fios. Era duro vê-la assim, ela que sempre tinha tido fé em si mesma, que tinha sido vibrante e cheia de vida. Pensou nas fogosas discussões que tinham tido, a maneira como os olhos dela ondulavam quando ele provocava seu temperamento, o prazer de reconciliar-se depois.

Cruzando o chão, ajoelhou-se diante ela. Elevando uma mão, acariciou sua bochecha, deixando que seus dedos se introduzissem em seu cabelo.

—Antoniete, fecha os olhos.

O olhou confiante, como um cachorrinho, e logo baixou suas pálpebras lentamente.

—O que vai fazer?—perguntou Edward.



—Libertá-la.

—O que? Espera um momento, não querará dizer que...

—Vou trazê-la de volta — Grigori olhou Edward por cima da cabeça de Antoniete. —Viu alguma vez alguém converter-se em vampiro, Ramsey?

Edward sacudiu a cabeça.

—Quer ficar ?

Edward duvidou um momento, logo assentiu.

Grigori tomou ar e logo sentou no sofá ao lado de Antoniete. Envolvendo-a em seus braços, dobrou-a para trás e a beijou.

Ramsey permaneceu onde estava, incapaz de mover-se, enquanto olhava como o vampiro inclinava a cabeça de Antoniete para um lado, gentilmente afastou o cabelo de sua garganta. Sentiu uma energia no ar, um crescente poder sobrenatural, quando Grigori se inclinou sobre o pescoço de sua mulher. Os calafrios correram pela espinha de Ramsey ao imaginar as presas do vampiro furando a pele de um lado da garganta de Antoniete, e logo, com repulsão, imaginou as presas de Grigori em seu próprio pescoço, bebendo seu sangue vital.

Edward limpou o suor das sobrancelhas. Não havia nenhum ruído na sala salvo o som estridente de sua própria respiração.

Olhou fixamente o vampiro e à mulher, sua mão agarrou fortemente a cruz, a estaca que levava na cintura das calças empurrava, parecendo cada vez mais pesada. Esse era o momento perfeito para destruir Chiavari e a mulher... para liberar a alma da mulher da malvada influência de Chiavari e mandar o vampiro ao inferno que pertencia. Mas Edward não podia mover-se, mal podia respirar.

Chiavari pareceu ameaçar à mulher como uma grande ave negra de rapina, embora não tinha mudado de forma. Antoniete tinha ficado sem forças nos braços do vampiro. A cara dela se voltou para Edward. Estava mortalmente pálida, não podia dizer sequer se respirava.

Um profundo suspiro se elevou da garganta de Grigori. Voltou-se de costas, mas Edward pôde vislumbrar uns olhos de fogo vermelho e umas longas presas com sangue.

Deu-se conta que estava prendendo a respiração, que suas mãos doíam pela força que segurava a cruz. Sentiu como a bÍlis chegava a sua garganta quando o vampiro mordeu seu próprio pulso, e logo pressionou a ferida contra a boca de Antoniete.

—Bebe, Antoniete — Grigori ordenou brandamente. —Deve beber.

Um calafrio de repugnância deslizou pela espinha de Edward ao ver como a mulher bebia o sangue do vampiro. Olhou com mórbida fascinação como a cor retornava a suas bochechas. Como suas mãos aferravam os braços do vampiro, apertando seu pulso contra seus lábios.

—Pare!—Grigori afastou a mão de Antoniete e se levantou. Passou sua língua pela ferida de seu pulso, lambendo o sangue dela e o seu, de seus lábios.

Edward Ramsey xingou baixo quando Antoniete se levantou, suas bochechas rosadas com vida, seus olhos cheios de consciência e inteligência. E confusão.

Olhou Grigori com incerteza, e logo sorriu.

—*Meu amore* — murmurou —Senti falta de você.

Grigori assentiu.



—Eu também senti sua falta—Ele permaneceu ali, esperando que sua memória voltasse, e o faria, toda, tudo o que tinha passado. Perguntou-se se o odiaria pelo que tinha feito.

—Sinto-me muito estranha — murmurou.

Ele soube o momento que a memória voltou. Viu o horror em seus olhos, ouviu o rouco gemido que se formou em sua garganta.

—Antônio —sussurrou.

—Martina —Saiu correndo da sala.

Grigori a seguiu até o dormitório. Ela estava na porta do quarto que seus filhos tinham compartilhado, com as lágrimas caindo por suas bochechas.

—Ele os matou—disse. —E eu o matarei.

Ele viu suas mãos apertadas, ouviu o aço em sua voz.

Lentamente ela se voltou para ele.

—O que me fez, Grigori?

—Converti-te no que sou—replicou. —No que ele é.

—No que?

—Sabe—respondeu.

Olhou para ela e viu como o conhecimento crescia dentro dela. Aceitaria ela o Dom Escuro? Ou a conduziria à loucura?

Ela levantou uma mão e a estudou cuidadosamente. E logo, muito devagar, seus dedos se fecharam num punho.

—Arrancar-lhe-ei o coração.

—E eu te ajudarei.

Sorriu.

—Obrigado, Grigori, por me liberar.

—Não me odeia então, cara?

—Nunca poderia te odiar. Mas me diga, como se converteu em vampiro?

Relatou a história rapidamente, e contou tudo o que tinha acontecido desde que Alexi tinha escapado da feira.

—E agora ele trouxe Marisa até aqui — disse, concluindo, —e tenho que encontrá-la.

A compreensão vacilou nos olhos de Antoniete.

—A ama.

Não queria admiti-lo, nem sequer para si mesmo, mas não podia mentir a Antoniete.

—Sim.

Ela aceitou com um movimento da cabeça.

—O que quer que faça?

—Não estou seguro.

—Estamos os três nisto —disse Antoniete com determinação. —Não escapará de nós.

—Não subestime seu poder—adverteu Grigori. —Minha força não é igual à sua, e a tua é menos que a minha.

—Não tenho medo —replicou Antoniete sacudindo a cabeça. —Não descansarei até ter vingado a morte de meus filhos.



—Nem eu.

—Pedirei uma coisa, Grigori, e deve me prometer que a cumprirá.

Ficou completamente quieto esperando que ela prosseguisse. *Sabia o que ia pedir.* Sabia que não podia fazê-lo.

—Quando ele estiver morto, quando nossos filhos tenham sido vingados, me destruirá.

Era o que estava esperando.

—*Cara*, não me peça isso.

—Por favor, Grigori, não quero viver entre as trevas. Não posso viver da vida de outros.

Prometa isso

Duvidou um momento antes de dizer.

—Prometo.

Um longo instante passou entre eles, e logo sorriu.

—Está no vinhedo do velho Pietro e Marisa está com ele — disse Grigori. —Vamos.

—Está louco?—exclamou Ramsey. —É uma armadilha.

—Crê que não sei?—Perguntou Grigori com voz aguda. —Mas não poderia deixá-la ali. Não sabe o que fará se não for.

—Fará de qualquer forma!

—Possivelmente, mas já disse isso antes, nunca o agarraremos até que ele nos deixe. Esta poderia ser nossa única oportunidade.

—Necessitamos um plano —disse Ramsey, com maior agitação. Agarrou a cruz, movendo-a entre sua palmas.

—Meu plano é matá-lo —disse Grigori.

—Estamos perdendo tempo —disse Antoniete.

—Tem razão, como sempre, cara —replicou Grigori com uma careta. —Vamos.

Marisa despertou na escuridão. Quando tentou mover-se, descobriu que suas mãos estavam atadas a suas costas. Lutando com o medo que ameaçava afogá-la, sentou e olhou ao seu redor. Seus olhos só encontraram escuridão. Lutou contra as cordas que aprisionavam seus pulsos, mas nada mudou.

Onde estava Alexi?

Onde estava Grigori?

Onde estava *ela*?

Tinha a vaga lembrança de andar numa casa pequena, deitar numa cama enquanto Alexi rondava pelos aposentos. Era esta a mesma casa?

Com esforço, ficou de pé e logo, apoiando um ombro contra a parede começou a andar devagar, procurando uma porta. Gemeu quando seu joelho golpeou algo. Dando a volta, tocou o obstáculo com suas mãos. Era uma escada. Movendo-se com cuidado começou a subi-la, grunhindo quando deu um golpe na cabeça. Estava em um porão. Podia ver um réstia de céu azul escuro através de uma greta na porta dupla que havia sobre sua cabeça.

—Olá? Há alguém aí?—OuvIU o pânico em sua voz. —Olá! Socorro! Alguém me ajude!

—Alguém virá, Marisa.



A voz baixa a sobressaltou. Girou, seus pés escorregaram nos degraus. Com um chiado, caiu pela escada até aterrissar no chão de barro. O som de uma risada suave encheu seus ouvidos.

—Grigori virá por você —disse Alexi. —E então terminaremos o jogo. Tirarei sua vida, e a do caçador de vampiros, também, e então te farei minha.

—Não!

—OH, sim, Marisa. Não duvide —Levantou sua cabeça para um lado e sorriu. —Escuta! Eles vêm!

Grigori permaneceu na entrada da adega, seus sentidos sondando a escuridão. Marisa estava ali, assim como Alexi. Olhou Antoniete, que permanecia serenamente a seu lado, logo a Ramsey. A tensão chegava de Ramsey em ondas, mas mantinha controlado seu medo. A luz da lua fez brilhar a cruz que rodeava seu pescoço. Levava uma estaca de árvore espinhosa numa mão, um martelo na outra. Uma garrafa de água benta estava metida no bolso de seu casaco.

Grigori soltou o ar.

Não havia nada a dizer. Tinham que resgatar Marisa e matar Alexi, ou eles podiam morrer.

Beijou Antoniete, e logo se voltou, agarrou as portas da adega e as arrancou de suas dobradiças.

Marisa estava estendida no chão, ao pé das escadas. Havia sangue em sua bochecha, em seu braço, em sua perna. O aroma inflamou seus sentidos.

—Alexi!

—Estou aqui, Chiavari.

—Se mostre.

—Vem, me busque.

—Covarde.

—Vem, vem, Chiavari, siga o jogo.

Com um rugido, Grigori se arrojou escada abaixo. Agarrou Marisa entre seus braços e a levou para fora da adega até deixá-la nos braços de Ramsey.

—Leve-a daqui! Agora!

Não esperou resposta e voltou para a adega, seu olhar examinando a escuridão, suas narinas freíam, suas presas descobertas.

—Estou aqui— disse Alexi, e antes que Grigori pudesse localizar sua voz, Alexi estava sobre ele.

Grigori caiu para trás pelo ataque violento do outro vampiro. Alexi tinha se alimentado recentemente e o aroma do sangue provocava os sentidos de Grigori. Alexi arranhou seu rosto e bochechas, suas unhas e seus dentes rasgaram a pele até chegar à carne e ao músculo. A ira cresceu em Grigori. Suas presas se alargaram, suas mãos se converteram em garras, esfaqueando com elas o ar. O som da risada zombadora do Alexi soou em seus ouvidos. O aroma do sangue enchia seu nariz.

Sentiu os selvagens dentes do vampiro em seu pescoço, rasgando sua garganta. Pensar no vampiro bebendo de seu sangue o encheu de fúria, empurrou Alexi de seu lado, ouvindo com satisfação o ruído surdo que fez o vampiro ao golpear a parede. Quase imediatamente, Alexi



voltou, seus olhos flamejavam vermelho sangue na escuridão, e seus lábios estavam manchados de carmesim.

Sangue. Em todas as partes. De Marisa. O seu próprio. O de Alexi. O ar estava espesso pelo quente e doce aroma do sangue. A fome cresceu dentro de Grigori como uma brilhante chama carmesim, o cegando para tudo exceto a tremenda necessidade que fazia sombra a qualquer outra coisa. Sentiu as unhas de Alexi rasgando sua garganta de novo, abrindo caminho entre sua carne, rompendo sua jugular, e ele caiu para trás, sua força perdendo-se numa corrente vermelha escura.

Um agudo chiado encheu o ar quando Antoniete arremeteu contra Alexi. Grigori se sentou a tempo de ver como ela introduzia uma grossa estaca de madeira nas costas de Alexi. Com um rugido de dor e raiva, Alexi deu a volta até ficar de frente a ela.

Com um feroz rugido Antoniete se lançou contra Alexi. Todo traço de humanidade tinha desaparecido de seus olhos e se jogou contra a criatura que tinha matado seus filhos. Seus braços e pernas se curvaram sobre ele, prendendo com a tenacidade do ferro.

Alexi cambaleou para trás, seus olhos ardendo de dor, a estaca de madeira sobressaindo de suas costas. Tentou desfazer-se dela, mas de algum jeito ela se manteve agarrada nele. Suas presas morderam profundamente seu pescoço. Suas unhas arranhavam suas bochechas, seus olhos...

Grigori olhou, impotente, como lutavam Alexi e Antoniete. Mesmo Alexi tendo perdido sangue, mesmo ela tendo introduzido uma estaca em seu corpo, sua força, a força de um novo vampiro, não era nada comparada com a de Kristov. Um fundo grunhido cresceu no peito de Alexi e cravou seus dentes no jugular dela.

—Não!—Engatinhando com a pouca força que restava, Grigori conseguiu levantar-se e agarrou os braços de Alexi, mas o vampiro se desprende dele. Grigori cambaleou para trás, sua cabeça colidiu com o fio da escada. Sentiu a pele rasgando-se e um fio de sangue quente baixando por seu pescoço.

—Isto não terminou, Chiavari — declarou Alexi, e agarrando o corpo desmaiado de Antoniete com um braço se desvaneceu na noite.

Grigori tentou levantar-se, mas não tinha força suficiente. O sangue empapava suas roupas, o chão. Olhou para o céu, avaliando o tempo, e soube que tinha que encontrar um lugar para esconder-se antes que o sol o encontrasse.

Apoiando-se em suas mãos e joelhos se arrastou para as escadas através do úmido chão, procurando um refúgio.

Capítulo 19

—Edward, temos que voltar.

—Agora não —disse firmemente. —Não até que amanheça. Vamos.

Marisa vacilou enquanto Edward lavava o sangue seco dos numerosos arranhões de seus braços, suas pernas e rosto.



Refugiaram-se em uma pequena capela ao lado do caminho com a que tropeçaram em sua fuga. Edward molhou de novo seu lenço na pia de água benta. Ela tinha protestado no princípio, mas ele tinha descartado suas objeções insistindo que isso podia protegê-la das infecções e dos vampiros.

Edward sentou sobre seus calcanhares.

—Alexi... bebeu de você ou fez que bebesse dele?

—Não —Esfregou os pulsos, que ainda estavam doloridos pelas ataduras. Olhou seu vestido, que estava rasgado e manchado pelo sangue. —Necessito uma muda de roupa.

—Não sei onde poderemos encontrar algo. Diabos! Nem sequer sei onde estamos.

—Edward, modere sua linguagem.

—O que? OH, sinto — Olhou ao seu redor. A capela era pequena. Construída com madeira escura e pedra, encontrava-se no centro de uma clareira. Uma estátua de uma triste Virgem ao lado de um altar asperamente esculpido. Uma singela vitraça de cores nesta parede. Um grande crucifixo de madeira pendurava em cima da janela. Fez que se sentisse a salvo, protegido.

—Não podemos permanecer aqui —disse Marisa.

—OH, sim, podemos —disse Edward. Sentou-se apoiando as costas no altar. —Cacei vampiros a maior parte de minha vida —meditou. —Nunca tinha conhecido um tão forte como Alexi. Pergunto-me quantos anos terá.

—Não pensa que matou Grigori, verdade?

—Não sei. Espero que não. Não quero passar o resto de minha vida na Itália do século dezoito.

—OH, Senhor— Ela tinha esquecido por um momento que estavam no passado.

—Sim— Olhou para a vitraça e sorriu quando viu que as cores brilhavam e voltavam para a vida quando o sol se elevou depois do cristal. Bolinhas de pó dançavam entre os reflexos vermelhos, ouro e verde da luz. —Vamos.

Marisa tirou os saltos, logo se desfez de suas arruinadas meias, contente de não ter levado calcinha. Edward agarrou seus sapatos e os guardou nos bolsos de sua jaqueta.

Fora, a manhã era brilhante e clara, e o ar fresco era limpo. Uma débil brisa acariciava as folhas das árvores.

A confusão de Marisa se incrementava a cada passo que davam. Como podiam encontrar o caminho de volta ao vinhedo?

O sol estava alto no céu quando chegaram à adega.

—Fique aqui —disse Edward.

Marisa assentiu. Não tinha nenhum desejo de ver o que havia na adega, se é que havia algo...

Agarrando sua cruz com ambas as mãos, Edward desceu os estreitos degraus de madeira. O aroma de sangue encheu seu nariz. Pôde ver emplastros escuros salpicando as paredes e sobre o chão de terra. Com um só olhar se deu conta que a sala estava vazia.

—Edward?

Subiu as escadas, chegando os dois ao mesmo tempo. O dia parecia incrivelmente brilhante e formoso, tomou ar profundamente, contente por estar vivo.



—Não há ninguém lá embaixo.

O olhou, temerosa de perguntar o que isso poderia significar.

—O que fazemos agora?

Ramsey estudou a posição do sol, logo moveu o polegar sobre seu ombro.

—A casa de Grigori está nessa direção. Deve haver uma vila perto.

—A que distância?—perguntou Marisa

—Sua casa? Não estou seguro. Acredito que Chiavari disse que perto de três milhas da casa de Pietro—Edward fez uma careta enquanto contemplava o caminho —Devia ter passado mais tempo elaborando um plano.

—Vamos, três milhas são um pedaço de bolo —Pensar na comida fez que seu estômago grunhissem. —Desejaria ter um pedaço de bolo —murmurou, embora parecia errado sentir fome num momento como esse.

—Sim, eu também —Ramsey sacudiu a cabeça. — Foi uma noite muito difícil.

A vila estava a meia milha de Pietro. Era cedo e havia pouca gente pelos arredores. As pessoas que encontravam os olhavam com curiosidade. Marisa não podia os culpar. Só suas roupas faziam que as pessoas os olhasse fixamente. Seu vestido era muito curto para a moda do momento; ainda pior, estava rasgado e manchado de sangue. Seu cabelo estava revoltado, seu rosto machucado. Ramsey parecia mais apresentável. Suas calças cinza estavam sujas, mas sua camisa e seu casaco estavam notavelmente limpos, considerando tudo que tinham passado.

Lhe ocorreu de repente que qualquer moeda que tivessem não seria aceita ou reconhecida.

Passaram por uma pequena padaria e seu estômago grunhiu de maneira audível com o aroma do café e pão recém feitos que se elevava pelo ar.

—Jesus, mataria por uma xícara de café —murmurou Ramsey

—Possivelmente poderíamos oferecer algo em troca do café da manhã— sugeriu Marisa.

—Sim? O que?

—Não sei. Meus brincos possivelmente?

—Vale a pena tentar.

—Espero que falem inglês.

—Eu falo um pouco de italiano— disse Edward. —Aprendi no caminho em minhas viagens.

Marisa recolheu o cabelo com os dedos e o pôs atrás de suas orelhas.

—Que tal estou?

Ramsey sorriu abertamente.

—Quer a verdade ou uma resposta diplomática?

—Tão mau?

—Bem... aqui, ponha meu casaco. Tampará um pouco do sangue de seu vestido.

Marisa deslizou dentro do casaco, e logo foram à padaria.

Levou um tempo, mas afinal Ramsey conseguiu explicar ao proprietário que queriam trocar os brincos de Marisa por algo de comer.

O homem chamou sua mulher, a qual examinou as jóias e logo assentiu.

Marisa e Ramsey sentaram numa das mesas. Marisa olhou ao seu redor. Era um lugar pequeno, uma mescla entre padaria e cafeteria. Não havia mais clientes.



Um pouco mais tarde, a mulher do proprietário saiu da cozinha levando duas xícaras de café e um prato de bolos. Marisa notou que a mulher usava seus novos brincos.

—O que vamos fazer quando sairmos daqui?—perguntou Marisa.

—Voltaremos para a casa de Chiavari e esperaremos, suponho—respondeu Ramsey. —Tem alguma idéia melhor?

—Realmente não —Tomou um sorvo de café. Estava quente e forte. Não podia recordar quando tinha tomado um café melhor.

—Vi como a trazia de volta—disse Ramsey.

—O que?

—Antoniete, vi Chiavari trazê-la do outro lado.

—Está-me dizendo que viu como ele a convertia em vampiro?

Ramsey assentiu.

—Foi...—Sacudiu a cabeça. —Não sei como explicar. Foi horrível embora...—percorreu a cruz com seus dedos. —De algum jeito... não sei... foi místico.

—Como o fez? É como nos livros?

—Sim, parece bastante. Ele bebeu seu sangue até que ela esteve às portas da morte, e então rasgou seu próprio pulso com os dentes e ela bebeu seu sangue.

Ramsey olhou Marisa com expressão agitada.

—Senti como se estivesse vendo alguém voltar a nascer, mas isso não é certo, verdade? Ela agora está maldita.

—Está?

—Sabe que sim! Os dois estão. É uma vida contra a natureza. Uma vida contra Deus.

—Sempre me perguntei por que beber sangue te converte em vampiro. Não vai a suas veias quando o bebe, vai ao seu estômago. Pensava que só, já sabe, que sairia de novo.

—Freqüentemente me perguntei—admitiu isso Ramsey. —Só me ocorre que uma vez que o vampiro bebe, o sangue não digere, como a comida. Dessa maneira é absorvido por todo o corpo.

—É muito estranho, difícil de acreditar. Quantos vampiros matou, Edward?

—Treze.

—Como pode fazê-lo?

—Porque tinha que fazê-lo, e não há ninguém mais que o faça. Não há ninguém mais que saiba, ou ninguém mais que creia.

—O que ocorreu a seu amiga Catherine?

—Apaixonou-se por um músico de rock. Era um vampiro, novo. Não me dava conta que ele era um iniciado. Os jovens podem parecer algumas vezes como humanos. Vestia-se de uma maneira estranha e ela somente o via pelas noites, mas isso não parecia estranho num moço de uma banda de rock. Com o tempo me dei conta do que era, mas era muito tarde.

—E o matou.

—Cravei-lhe uma estaca no coração e cortei sua cabeça —Os olhos de Ramsey brilharam com ardor. —Não seduzirá nenhuma outra juvenzinha até a morte.

Marisa tragou com dificuldade. O entusiasmo de Edward a fez sentir-se repentinamente doente, revolvendo seu estômago.



—Está preparado para ir?

—Sim —Respirou fundo. —Sinto muito, Marisa. Não era minha intenção te incomodar.

—Está bem—Tomou a mão que oferecia e juntos saíram da cafeteria.

Por uma vez, caminharam em silêncio. O toque do sol em suas costas e a beleza do campo a tranquilizaram. Por um momento imaginou que tudo estava bem, que se encontrava na Toscana de férias, que sabia como voltar para seu lar.

Buscou sua memória, tentando recordar o que sabia sobre a Itália. Nomes famosos lhe vieram à mente imediatamente: os Medici, o David de Michelangelo, O palácio dos Pitti com os jardins de Boboli, os canais de Veneza, as cidades de Roma, Nápoles e Florência, *Firence*, que era conhecida como a cidade das flores. Estava a ponte Vecchio e a torre inclinada de Pisa. Itália era o berço de muitos lugares históricos e de obras de arte e ela sempre tinha querido vê-la.

Mas não dessa maneira.

Ao fazer uma curva a casa de Grigori se elevou diante deles. Parecia uma pintura com a suave luz. Situada entre campos em círculos, um estreito riacho correndo por trás e um céu cheio de esponjosas nuvens, recordava algo saído de um filme de Disney. Quase esperava ver Branca de Neve na porta beijando Dunga na cabeça e se despedindo dos sete anõezinhos que iam trabalhar.

Estava bastante escuro dentro. Onde estava Grigori? Alexi o tinha matado? Não sentiria ela se tivesse morrido?

Entrou na cozinha e procurou ao seu redor até que encontrou uma toalha e sabão.

Sentada na mesa de madeira, começou a limpar o sangue de seu vestido.

—Olhou no dormitório? Deve ter algo para vestir ali.

—OH, boa idéia. Levantando-se, Marisa foi ao dormitório. Encontrou três vestidos pendurados em ganchos atrás da porta. Escolheu um, de algodão cor lavanda, com mangas longas e pescoço redondo.

Tirando seu pulôver azul, enfiou o vestido de Antoniete pela cabeça. Era um pouco comprido e um pouco apertado no peito, mas além disso, era bonito e ficava bem. E estava limpo.

Trocou-se rapidamente, pensando que se sentiria melhor uma vez que tirasse sua arruinada roupa. Não ocorreu. Vestir a roupa de Antoniete a deixava nervosa. E incômoda.

—E por uma boa razão —murmurou Marisa. —Está em sua casa. Está se apaixonando por seu marido...—Afastou o pensamento. Ela não podia apaixonar-se por Grigori. Quando tudo terminasse, não voltaria a vê-lo.

Voltando para a sala encontrou Ramsey sentado no banco com a cabeça entre as mãos. Olhou-a quando entrou na habitação.

—Acredito que vou tentar dormir um pouco —disse Marisa

Ramsey assentiu.

—Boa idéia. Pode ser que eu também o faça.

—Bem—Jogou com uma dobra da saia. —Crê que está bem?

—Não sei, mas se não for assim, o melhor que podemos fazer é começar a aprender uma nova língua...

Tomou mais tempo que o normal arrastar-se das trevas. Estendeu seus sentidos de noite, provando o ar, procurando a presença de mortais. Quando esteve seguro que se encontrava



sozinho, emergiu da terra, pinçando até que sua cabeça e seus ombros estiveram fora. Inclusive com tão pouco esforço ficou esgotado. Nunca antes tinha perdido tanto sangue. Ou se havia sentido tão débil, tão vulnerável.

Fechou os olhos, aprofundou em seu interior, reunindo a força que restava. Com um esforço tirou os pés, e então começou a caminhar. Os pensamentos apareciam em sua mente como as mutantes cores de um caleidoscópio.

Necessitava sustento... Onde estava Alexi?... Antoniete estava morta?... Onde estava Marisa?

A necessidade de seu escuro alimento se propagava através dele, cravando-se em sua essência, até que todo seu corpo clamava por alimentar-se.

Mesmo tão débil, ainda movia-se a maior velocidade que um mero mortal. Um pouco depois chegou na casa que uma vez tinha compartilhado com Antoniete. Ramsey e Marisa estavam dentro. Podia sentir seu aroma, ouvir o som de seus corações. A fome lutava por tomar o controle, urgindo a entrar na casa e tomar o que necessitava, beber e beber até que o profundo e vazio poço de sua necessidade estivesse cheio.

Permaneceu escondido na escuridão, uma parte da noite, a morte encoberta pela aparência de um homem. Permaneceu ali, com as mãos apertadas, as unhas cravando-se nas palmas, até que recuperou o controle, e então abriu a porta.

Ramsey o viu primeiro. Agarrando a cruz, Ramsey se levantou. Como um sacerdote guerreiro, colocou-se diante de Marisa. Sustentando o crucifixo numa mão, levantou a outra, a que tinha uma cruz tatuada na palma.

—Edward, o que está fazendo?

—Te protegendo—respondeu Ramsey cortante. —Olhe, Marisa! Olhe e veja o que realmente é.

Marisa se inclinou um pouco à direita tentando ver. Grigori permaneceu de pé na porta, uma visão de pesadelo. Pedacos de sujeira penduravam de seu cabelo e de suas roupas; sua pele estava tão pálida como a de um morto; seus olhos escuros queimavam como fogos de um inesquecível inferno. Sua bochecha esquerda ainda estava enegrecida onde o crucifixo de Antoniete o tinha queimado.

—Fica fora daqui, Chiavari —disse Ramsey.

—Não posso. Necessito sua ajuda.

—Não é ajuda o que você necessita. É sangue. Vá procurar em qualquer outro lugar. Nós não temos nada para você.

—Edward... —Marisa se adiantou.

—Fique atrás!

—Não quero machucá-la —disse Grigori cansadamente. —Nem você.

—Sim, quer —Edward deu um passo para trás, mantendo-se entre Marisa e o vampiro. — Fora daqui.

—Vejo que esqueceu algo, Ramsey, esta é minha casa —replicou Grigori, uma tênue nota de diversão se evidenciava em seu tom.

—Edward, necessita de nossa ajuda.



—Maldita seja, Marisa, o olhe!

—Sim, Marisa —disse Grigori— me olhe —Sua voz era baixa e profunda, como tinha sido na noite em que o conheceu. A voz de um anjo, como tinha pensado então. —Vem a mim.

Ela se encontrou com seu olhar, sentiu sua voz envolvendo-se nela como um fino e sedoso tecido, sentiu-se inexplicavelmente atraída por ele.

Grigori levantou uma mão.

—Vem a mim, *cara*.

—Não!—Edward agarrou Marisa pelo braço, mas ela se revolveu até ficar fora de seu alcance e foi como uma flecha para Grigori, quem rapidamente a envolveu entre seus braços.

—Deixe-a, demônio!

—Ramsey, se acalme. Não vou machucá-la.

Edward recuou até que suas pernas deram com o banco. Logo, sem olhar para trás, procurou uma das estacas de madeira que tinha feito antes.

—Não precisa disso —disse Grigori.

—Um inferno.

—Ramsey, me escute. Não tomarei seu sangue a menos que ela queira.

Edward soprou.

—Olhe-a! Ela está sob seu feitiço.

—Liberá-la-ei —Se ela recusar, irei a qualquer outro lugar.

A mão de Edward se apertou sobre a estaca.

—Não acredito.

Grigori agarrou o queixo de Marisa com sua mão.

—Marisa?

O olhou e ele rompeu o vínculo que havia entre eles.

—Marisa, preciso de sua ajuda.

—O que?—Confusa, olhou por cima de seu ombro a Edward. Não recordava ter-se movido. Como tinha chegado até ali?

—Marisa?

—O que aconteceu?—perguntou franzindo o cenho. —Como cheguei até aqui?

—Convoquei-te.

Sacudiu a cabeça, desconcertada.

—Não recordo.

—Ele pode te controlar agora —explicou Edward.—Fazer que faça coisas que não quer fazer.

Ela olhou Grigori.

—É isso verdade?

Grigori assentiu.

—Porque tomou meu sangue. Fê-lo, não? Alexi disse.

—Sinto muito, mas era necessário.

—Por quê?

—Explicarei isso tudo mais tarde. Neste momento, necessito seu sangue.



Ela sabia que ele estava pedindo, mas perguntou-se *por que* o pedia. Um momento antes tinha estado em seu poder. Por que não tinha tomado o que queria? Perguntou-se amargamente. Era o que tinha feito antes.

Grigori sorriu fracamente.

—O sangue dado livremente é mais doce e mais poderoso.

—E quer o meu?—Lhe revolveu o estômago. Olhou fixamente sua boca, imaginando suas presas afundando-se em sua garganta.

—Me acredite, Marisa, não te farei mal.

—Não o faça—disse Ramsey.

Marisa olhou Grigori, tentando ver o monstro que Edward via. Apesar da pálida pele e dos escuros olhos que ardiam com uma fome que ela nunca poderia entender, o que via era um homem atormentado, um homem que podia tomar o que quisesse sem pedi-lo, um homem que podia tê-la matado muito tempo atrás. Um homem que nunca tinha feito nenhum dano a ela.

—Marisa?

Ouviu a necessidade em sua voz, recordou os beijos que tinham compartilhado, a noite que o tinha sustentado entre seus braços. Devagar assentiu.

—Marisa, está segura que quer fazê-lo?—A voz de Edward estava cheia de incredulidade.

—Tudo está bem, Edward. Sei o que estou fazendo.

Grigori tomou sua mão e a conduziu ao banco de madeira. Ela sentou e ele se sentou ao seu lado.

Edward permaneceu perto, com a estaca apertada em seu punho.

—Relaxe, Marisa —disse Grigori, com calma. —Não vou te machucar—Olhou sobre seu ombro a Ramsey. —Se quer me matar será melhor que o faça agora, enquanto tem oportunidade.

—Não me tente, Chiavari.

Grigori riu baixo, logo se voltou para Marisa. Agarrou uma mecha de seu cabelo e a separou do pescoço, beijou o pulso que pulsava ali. Sentiu como a fome subia, o enchendo, uma escuridão que tentava engoli-lo, tomou ar acalmando-se. Podia sentir Marisa tremendo entre seus braços, sentir Ramsey rondando atrás dele.

Seus músculos se esticaram enquanto esperava que o caçador de vampiros introduzisse uma estaca em suas costas até o coração, desse modo finalizaria sua existência de uma vez por todas. Um longo momento que pareceu uma eternidade. Nesse tempo, Grigori se perguntou como seria a morte. Arderia sua alma toda a eternidade? Havia alguma oportunidade de ser perdoado no outro lado?

Olhou sobre seu ombro a Ramsey, e logo, com um suspiro, atraiu Marisa a seus braços.

Não havia dor. Sabia que a tinha mordido, podia sentir o sangue saindo de seu corpo, mas não sentia dor, só uma estranha sensação de prazer leve. Fechou os olhos, e sua mente se encheu de desconexos pensamentos e imagens... viu Grigori quando era um moço jovem, viu-o reunindo o rebanho de ovelhas, praticando luta com seu pai, nadando nu em uma pequena piscina, beijando sua mãe pelas noites. Viu como crescia, viu-o sentado num campo iluminado pela lua com Antoniete, sentiu a excitação de um amor jovem, o despertar da paixão quando beijou à mulher que se converteria em sua esposa. Experimentou sua dor, sua raiva, quando encontrou os corpos



de seus filhos. Viu o vampiro que o tinha convertido no que era, viu e entendeu por que tinha pedido o Dom Escuro. Compreendê-lo, descobriu, era diferente de simplesmente sabê-lo.

—Marisa?

O olhou. Sabia que Grigori era um vampiro, tinha visto a prova, tinha-o ouvido de seus próprios lábios, mas só nesse momento realmente compreendeu o que ele era.

—Está bem?

Ela assentiu.

Ele acariciou sua bochecha, seus dedos percorreram a marca que sua dentada tinha deixado em seu pescoço. Ele não tinha tomado mais que uns poucos sorvos, embora a pureza de seu sangue, a generosidade de seu espírito, tinha tirado o afiado fio da fome que ardia através dele, o enchendo com uma sensação de calor, uma sensação de luz que nunca antes tinha conhecido. Jamais em seus duzentos anos, tinha provado algo tão doce, tão satisfatório, embora o pouco que tinha tomado não fosse suficiente para acalmar sua sede. Ele queria agarrá-la entre seus braços e beber e beber, até tê-la em seu interior.

—Obrigado.

Marisa assentiu de novo, e logo olhou Edward. Estava como antes, com a estaca fortemente agarrada por seu punho. Havia pena por ela em seus olhos, repulsão e ódio pelo que Grigori era e pelo que tinha feito a ela.

—Está bem, Edward —disse, surpreendendo-se como era difícil formar as palavras, da debilidade que soava em sua voz. —Estou bem.

—Ramsey, lhe traga algo para beber.

—Não sou seu escravo —murmurou Edward, mas foi fazer o que havia dito.

—O que aconteceu com Alexi?—perguntou Marisa. —Onde está Antoniete?

—Aqui tem—disse Edward. Empurrou um copo de vinho tinto a Marisa. —Beba isto.

Bebeu o vinho devagar, sentindo como seu calor se estendia por seu interior.

—De acordo, Chiavari, cuspa. O que é o que não está dizendo?

—Ele tem Antoniete.

—Como sabe?

—Sei—disse Grigori.

—O que está fazendo?

—Pôs uma estaca em seu coração. Seu corpo jaz numa cripta atrás da igreja.

—Então ela está morta, mas não destruída.

—O que quer dizer?—perguntou Marisa

—Tudo o que temos que fazer é tirar a estaca de seu coração e ela se levantará de novo.

—Ela não deseja voltar a levantar-se —disse Grigori tranquilamente.

—Como sabe?—perguntou Edward, e logo desejou não havê-lo feito. O vampiro o olhou com uns olhos cheios de uma perdurável dor e condenação do inferno.

—Sei.

—Ela disse que queria vingar seus filhos.

—Ela está agora em paz. É o momento de liberar sua alma, antes que volte para a vida, antes que a escuridão destrua a luz que a enche —Grigori fez uma pausa. —O nome do coveiro é



Amadeo. Quero que se assegure que ela não se levantará de novo; depois comprove que seja sepultada corretamente —A tristeza encheu seus olhos. —Meus filhos estão enterrados ali, sob uma árvore perto da parede detrás. A ponha ao lado deles.

—Eu? Por que eu?

—Pensei que estaria desejoso de fazer o trabalho —recriminou Grigori cáustico. —Não é esse o motivo de sua vida? Destruir aos de minha espécie?

Ramsey assentiu. Faria o que tivesse que fazer, mas não seria fácil. Nunca havia se desfeito de um vampiro que conhecesse pessoalmente.

—A igreja está a umas duas milhas ao sul. Não tem como perder-se.

—Será a primeira coisa que farei pela manhã. Onde está Alexi?

—Não sei. Antoniete introduziu uma estaca em suas costas, mas não alcançou seu coração.

Acredito que foi ao passado para curar suas feridas.

—Assim não fica nada que fazer aqui —murmurou Edward.

As palavras *nada exceto a morte de Antoniete* pareceram flutuar no ar.

—Quero ir para casa —disse Marisa baixo. Olhou Grigori. —Por favor, me leve para casa.

—Amanhã à noite —prometeu Grigori.

—E até então?

—Até então ficaremos aqui.

Capítulo 20

—Bom, pareço pó— murmurou Ramsey. —Acredito que vou à cama.

—Boa noite Edward.

—Não me falte amanhã, Ramsey.

—Não se preocupe, encarregar-me-ei disso.

Grigori assentiu.

—Até amanhã —disse Ramsey. Saiu da sala, logo fez uma pausa e olhou Marisa por sobre o ombro. —Em que quarto quer dormir?

Marisa pensou que tentaria dormir numa das camas dos meninos mas soube que não poderia fazê-lo, não ia dormir numa cama onde alguém tivesse morrido. Tampouco podia obrigar-se a dormir na cama que Grigori tinha compartilhado com Antoniete.

—Acredito que dormirei aqui fora, no banco.

—De acordo. Boa noite.

—Boa noite.

Grigori foi para a pequena janela no fundo da casa e olhou para a escuridão. Tão claro como se fosse dia, podia ver os campos mais à frente, as ervas daninhas que cresciam nos sulcos onde uma vez tinha plantado a colheita que dava sustento a sua família. Ouviu o bater das asas de um mocho caindo em picado para a terra, com as garras estendidas, ouviu o aterrorizado chiado da presa do pássaro. O caçador e o caçado. Predador e presa. O interminável ciclo da vida e morte.



Todos esses anos tinha pensado que Antoniete estava morta. Em sua mente, ele a tinha enterrado e chorado por ela quando não estava morta absolutamente. Tinha vivido como uma criatura de Alexi durante duzentos anos, e agora, por sua causa, ela devia ser destruída. Desejou ter direito a rezar, desejou poder entrar na capela da aldeia onde seus filhos tinham sido batizados e acender uma vela pela alma imortal de Antoniete. Mas não tinha direito, nem esperança de ser ouvido.

—Grigori?

Devagar, voltou-se para Marisa. Que criatura tão estranha e maravilhosa. Um ser frágil, envolto em sua humanidade. E ainda assim, sua vida, seu calor, o atraíam como o fogo do lar numa noite de inverno, chamando, convidando a entrar da escuridão e o frio.

—Sinto por Antoniete.

—Não é sua culpa.

—Tampouco sua.

—Não?—O pesar e a culpa pousaram sobre ele, o enredando num tecido de remorsos de que não havia escapatória. Lhe tinha dado o Dom Escuro. Ele deveria destruí-la, embora não se atrevesse a entrar na cripta essa noite, não quando podia encontrar Alexi de novo. Não se encontrava forte o suficiente para resistir a outro ataque do vampiro. E, no fundo de seu coração, temia que faltasse a coragem de fazer o que devia fazer. Como podia tirar seu coração, cortar sua cabeça? Como podia profanar o corpo da mulher que tinha compartilhado sua cama, que tinha dado a luz a seus filhos?

—Deveria descansar—disse Marisa em voz baixa.

—Estou bem.

—Certo.

—Marisa...

—Estou aqui —Ofereceu seus braços. Ele a olhou por um momento, e logo, incapaz de resistir ao conforto que oferecia, cruzou a sala, sentiu que o peso de sua culpa se aliviava um pouco quando Marisa envolveu seus braços ao redor dele.

Permaneceram assim por um longo momento, a testa dele apoiada em sua cabeça, a mão dela acariciava ligeiramente suas costas.

—Tenho que sair—disse ele por fim.

—Por quê?

Ele elevou a cabeça e olhou seus olhos.

—OH, mas eu pensei...—Levou uma mão ao pescoço.

—Foi doce, *cara*, mas não foi suficiente.

—Não acredito que deva sair. Não pode esperar até manhã de noite quando estivermos em casa?

—Estou em casa.

—Sabe o que quero dizer.

Grigori sacudiu a cabeça.

—Não posso esperar.

—Por que não?—Olhou sem entender.



—Preciso me alimentar—disse, perguntando-se como explicar. Não é como a fome que sentem os mortais. É... é uma necessidade que não pode ser negada. Especialmente agora. Preciso, Marisa, de uma maneira que não pode compreender.

—Dói? Quando não... bebe?

—Não tem idéia—*Dor* não era suficiente para descrevê-lo. Duvidava que existisse alguma palavra que retratasse completamente a agonia que sentia com a abstinência. A fome era um desejo que não podia ser negado, uma necessidade que ia além da mera agonia física, especialmente nesse momento quando se encontrava ferido, quando sua força estava no mínimo.

—Então beba de mim.

—Não.

—Então toma um pouco de sangue do Edward.

Grigori grunhiu baixo.

—Sim, estou seguro que o encantaria.

—Bom, isto é uma emergência. Não quero que saia, não esta noite. Está muito fraco.

Ele elevou uma sobrancelha.

—Parece minha mãe.

—Espera aqui. Falarei com Edward.

Ela não esperou que Grigori assentisse, mas saiu correndo da sala.

Ramsey despertou no momento que ela abriu a porta do dormitório, com sua mão empunhando a cruz.

—O que aconteceu?

—Preciso sua ajuda.

—Sim—sentou, apagando o sonho de seus olhos. —O que é?

—Quero que dê a Grigori um pouco de seu sangue.

—Está louca? Não sou comida para esse demônio.

—Por favor, Edward. Não quero que saia esta noite. Está muito fraco. Não seria capaz de enfrentar Alexi.

—Esse não é meu problema.

—OH, claro que é. Esqueceu que é nosso bilhete de volta ao século vinte?

—Sim, acho que sim —Passou uma mão por seu cabelo, logo sacudiu a cabeça. —Não posso fazê-lo. Passei toda minha vida destruindo os de sua espécie. Não estou disposto a começar a alimentá-los.

—Por favor, Edward —implorou.

—Ainda se preocupa por ele, não? Como pode? Sabe o que é.

—Sei—replicou sentindo-se miserável. —Mas não posso ajudar. Está tão sozinho.

—Marisa...

—Por favor, Edward.

Ele xingou entre dentes.

—De acordo, de acordo. Farei. Por você.

Levantando-se, colocou a camiseta dentro de suas calças, passou a mão pelo cabelo. E logo, agarrando a estaca que estava no pé da cama, seguiu Marisa fora do quarto.



Grigori grunhiu baixo quando Edward saiu do quarto. Inclusive se não tivesse sido capaz de escutar a conversa no dormitório, a cara de Ramsey dizia tudo. Estava fazendo isso por Marisa, e por nenhuma outra razão.

—Planeja usar isso?—perguntou Grigori assinalando a estaca na mão de Ramsey.

—Se tiver que fazê-lo. Não me importa ser um aperitivo, mas não tenho a intenção de ser o banquete.

Grigori riu apesar de si mesmo.

—Isto não é divertido—replicou mordaz Edward. Sentou-se no banco, com o corpo estremecendo pela tensão, os olhos cautelosos. —Venha, vamos com isso.—Ramsey titubeou quando Grigori sentou ao seu lado.

—Não tem que fazer isto —disse Grigori bruscamente.

Edward olhou Marisa, e logo se voltou para vampiro.

—Sim, acredito que tenho.

—Me dê seu braço esquerdo.

Edward grunhiu.

—Está seguro que não prefere minha garganta?

Grigori sacudiu a cabeça. Farejar o pescoço de Ramsey era a última coisa que gostaria de fazer.

Ramsey tomou ar e depois elevou seu braço.

Grigori arregaçou a camisa de Ramsey. Olhou o pulso do homem, desprezando-se por sua necessidade, pela força da fome que não podia ser negada.

—É muito tarde para mudar de opinião —disse Grigori, com a voz áspera pela necessidade que se agitava em seu interior. O fato de que Ramsey soubesse o que estava sentindo só o fazia sentir-se pior.

—Só o faz —Edward vaiou as palavras entre seus dentes apertados com força.

—Fecha a mão.

Edward fez como ordenou, olhando com mórbida fascinação como o vampiro se inclinava sobre seu pulso. Nunca, nem em um milhão de anos, tinha imaginado que pudesse ser o sustento de um dos não mortos.

Grigori amaldiçoou em silêncio quando elevou o braço de Ramsey. Podia ouvir o rápido pulsar do coração de Ramsey. O aroma do sangue do homem, o temor que tentava manter controlado, enchia suas fossas nasais.

Sentiu suas presas alongando-se quando se dobrou sobre o braço de Ramsey.

A mão direita de Edward se apertou com força ao redor da estaca até que seus nódulos se voltaram brancos pela pressão.

Marisa permaneceu do outro lado da sala, com uma mão na garganta, sentindo-se como se tivesse sido apanhada num pesadelo vivente que não tinha fim. Edward levantou a vista, fazendo uma careta quando seus olhares se encontraram. Ela tentou sorrir; em troca sentiu como as lágrimas enchiam seus olhos. Lágrimas de gratidão pelo sacrifício de Edward, lágrimas de pena por Grigori.



Depois do que pareceu uma eternidade, embora provavelmente foi menos de um minuto, Grigori deixou o braço de Ramsey e se levantou.

—Obrigado. Sei como foi difícil para você —disse Grigori rigidamente. —Deve beber algo.

Edward deslizou a manga para baixo.

—Quer isto dizer que agora é capaz de ler minha mente?

—Sempre pude ler sua mente, Ramsey.

Edward se levantou. Olhou Marisa, logo Grigori.

—Volto para a cama.

—Ramsey.

Edward se voltou

—O que quer agora, vampiro?

—Amanhã —disse Grigori com voz rasgada pela dor —Seja rápido. E misericordioso.

Com uma brusca sacudida de cabeça, Edward deixou a sala.

—Ela não sentirá, não?—perguntou Marisa, horrorizada ao pensar que Antoniete pudesse ser consciente do que acontecesse.

—Não sei. Espero que não.

—Onde dormirá amanhã?

Grigori encolheu os ombros.

—Não sei. Encontrarei um lugar, não se preocupe.

Ela foi sentar-se ao seu lado no banco.

—Alguma vez se arrependeu de se converter em vampiro?

—Não —Tinha se divertido sendo um vampiro. Nunca estava cansado, nem doente. Não tinha padecido as dores e penas que atormentavam o gênero humano. Podia mover-se a velocidade sobrenatural. Tinha visto elevar-se impérios, tinha-os visto cair, tinha visto o homem deixar a terra e tomar as estrelas. E agora... Seu olhar se moveu sobre Marisa numa longa e ardente carícia. —Nunca tinha me arrependido,—disse lentamente. —até agora.

—Voltaria a ser mortal de novo? Se pudesse?

—Não sei, mas isso não é possível, inclusive se o desejasse.

—OH —Repentinamente cansada, virou-se para trás e fechou os olhos, desejando com todo seu coração, não ter se aventurado fora de casa numa chuvosa noite do Halloween.

Passaram vários minutos e logo sentiu o braço de Grigori deslizando-se por seus ombros. Agradecida por sua proximidade, ficou cômoda contra ele, sentindo sua mão acariciando a bochecha.

Ele ainda a abraçava quando adormeceu.

Despertou com aroma do café sendo coado. Com o cenho franzido sentou. Por um momento quase se imaginou em sua casa. Afastando o cabelo do rosto se levantou. Foi então que viu o vestido aos pés da cama. Era algo precioso. O corpo era de uma rica e lustrosa seda verde com longas e folgadas mangas e a linha do decote quadrada adornada com uma fileira de laços brancos; toda a saia era feita de uma mescla de verde escuro e verde claro, de seda e cetim. Havia uma nota ao seu lado. Curiosa, agarrou-a. A mensagem era breve: *Não deveria usar as roupas de outra mulher. Espero que os sapatos fiquem bem.*



O nome de Grigori estava riscado no final do papel.

Como sabia que a incomodava usar as roupas de Antoniete?

Tirando rapidamente as roupas emprestadas, enfiou o vestido pela cabeça, alisando-o sobre seus quadris. A saia caía até o chão como um sussurro de seda. Encontrou os sapatos perto da cama. Eram botas de cano longo, realmente, de pelica.

—Uma pequena fantasia para cada dia — observou. Mas a seda verde era celestial contra sua pele. As botas cabiam perfeitamente.

Sentindo-se um pouco como Julieta, dirigiu-se à cozinha.

—Bom dia —disse Edward.

—Bom dia, também —Replicou Marisa com um sorriso.

—Vejo que também tem um novo guarda-roupa.

Ramsey grunhiu enquanto contemplava sua roupa: a camisa era de linho branco engomado com uma cascata de laços caindo adiante. As calças de cor mostarda, eram mais ajustadas do que normalmente usava. Grigori o havia provido de um casaco também. Feito de lã marrom, pendurava no respaldo de uma cadeira.

—Não é exatamente meu estilo —murmurou.

—Está muito vistoso.

—Você parece uma princesa.

Marisa ficou olhando sobressaltada pelo completo.

—Obrigado—Olhou à comida que havia na mesa. —Se não soubesse, pensaria que temos uma fada madrinha.

Ramsey fez uma careta.

—Grigori dificilmente pode ocupar essa posição. Aqui tem—disse Edward estendendo uma xícara de café.

—Obrigado—Tomou um sorvo, sentindo como seu calor se estendia por seu interior. Moveu o queixo para a frigideira na boca do fogão. —Quer que faça algo?

—Não, sente-se e tome com calma. Já está quase frio.

Marisa olhou pela janela, tentando averiguar que hora era. Parecia cedo. Sentando-se à mesa tomou um sorvo de café.

—Espero que esteja faminta —disse Edward.

Marisa olhou o prato na sua frente. Era uma alta pilha de ovos mexidos, salsichas e pãezinhos doces. Edward sentou na frente dela, com uma xícara de café nas mãos.

—Não tem fome?—perguntou Marisa.

—Não —Um débil sorriso moveu a comissura de seus lábios. —Fiz o suficiente para os dois, mas não tenho muito apetite.

—Já fez?

—Ainda não. Não acredito que seja algo que queira fazer com o estômago cheio.

—Não te invejo.

Encolheu os ombros.

—Já o fiz antes. Esta é a primeira vez que é uma mulher.

Marisa olhou pela janela. O céu estava azul. Podia ouvir os pássaros cantar.



—É bastante difícil de acreditar. —Murmurou.

Edward assentiu. Era difícil aceitar. Inclusive agora, depois de caçar criaturas durante quase trinta anos, parecia irreal. Tinha visto coisas que ninguém deveria ver, feito coisas que nenhum humano deveria ter feito. Baixou a cabeça e olhou as mãos, assombrado que não estivessem manchadas pelo sangue que tinha vertido. Pensou em Antoniete, na vida que tinha sido roubada, na tortura que devia ter sofrido enquanto era escrava de Alexi. Era tão injusto, e até agora ninguém havia dito que a vida era justa.

—Edward? Quer que vá com você?

—Não —Apurou a xícara, levantou-se. —Bom...

O olhou, desejando saber o que dizer. *Boa sorte* parecia muito ligeiro.

—Tome cuidado.

—Sempre —Pegou o casaco e permaneceu ali por um momento mais, parecendo inseguro. Logo se inclinou e a beijou. Foi um beijo extraordinariamente gentil, cheio de ternura e incerteza.

Marisa o olhou com os olhos entreabertos quando ele se afastou, perguntando-se se parecia tão surpreendida como se sentia.

Edward pareceu perturbado.

—Eu... sinto.

—Está bem.

—Marisa, eu... colocou as mãos nos bolsos das calças. —Suponho que será melhor que vá.

—Volte logo —disse Marisa. Ficou com o olhar fixo até que ele deixou a cozinha, seus pensamentos caóticos. Pressionou seus dedos contra os lábios. Edward Ramsey a tinha beijado. Sacudiu a cabeça com assombro, perguntando-se o que se apropriou dele para fazer tal coisa.

Ramsey chamou a si mesmo parvo de dez maneiras distintas enquanto recolhia seus materiais e deixava a casa. Ela provavelmente pensava nele como um velho tolo, e estava certa. Tinha quarenta e dois anos e nunca tinha estado apaixonado. Nunca tinha tido tempo para o amor. Tinha estado caçando vampiros desde que era um adolescente, viajando por todo mundo, indo a qualquer lugar que era necessário. Tinha visto a maior parte do mundo, mas era totalmente ignorante no que se referia a mulheres.

Ramsey não pôde evitar fazer uma careta quando viu o cavalo junto a um arbusto em frente da porta. Grigori era como uma fada madrinha, depois de tudo, murmurou. Primeiro havia provido o café da manhã, agora montaria.

Tomando as rédeas e montou. Arrojou a bolsa com a estaca, o maço e a faca sobre o dorso da sela, voltou o cavalo para o sul, para o cemitério. Duas milhas, havia dito Grigori.

Era surpreendentemente agradável montar através do campo no início da manhã. O cavalo parecia uma besta amigável, caminhando devagar numa velocidade bastante boa. Levava um quarto de milha quando alcançou um granjeiro na estrada. O homem fez um gesto e Edward o devolveu. Mais adiante, encontrou uma mulher que conduzia água do arroio. O olhou e sorriu. Viu um pequeno rebanho de ovelhas e outro de cabras.

A igreja se destacava na distância, a alta cruz do telhado se elevava como uma oração para os céus.



Edward cavalgou até a parte detrás da pequena capela branca. Desmontando, atou o cavalo à cerca. Agarrando sua bolsa do dorso da sela, começou a andar através das portas de ferro forjado e entrou no cemitério. Uma pesada tranquilidade se sentia no cemitério, quebrada só pelo som de seus próprios passos.

Sentiu como o cabelo da nuca se punha em pé quando entrou procurando o sepulcro que albergava o corpo de Antoniete.

A cripta estava num canto separado do cemitério, coberta de vinhas. Tomando ar passou a bolsa sobre seu ombro e pôs a mão no trinco.

A porta se abriu com um ferrugento rangido, e ele sorriu, apesar de si mesmo. Perfeito, pensou.

De onde estava na soleira da porta, viu Antoniete. Jazia no chão. Uma estaca de madeira estava cravada em seu coração. Ele soube, de algum jeito, que era a mesma que tinha usado contra Alexi.

Olhou-a durante bastante tempo, contente de só ter metade de seu trabalho para fazer. Deixando-a como estava, ela não se levantaria de novo, mas alguém poderia encontrar o corpo e tirar a estaca... Não podia deixar que isso acontecesse.

Tomando ar profundamente, tirou a faca de sua bolsa. Uma estocada rápida o faria. Ela era um vampiro recém feito. A diferença dos vampiros velhos, que não dormiam muito profundamente, que algumas vezes despertavam ao sentir sua presença, ela estava indefesa, vulnerável. Totalmente imersa no sonho escuro, ela estava insensível, despreparada.

Inclinando a cabeça, pressionou o crucifixo contra seus lábios e pronunciou as orações rituais que seu pai tinha ensinado. As antigas palavras o encheram de uma sensação de poder, de paz. Sentiu a certeza do que tinha que fazer o percorrendo, dando forças.

Cruzando a cripta, ficou ao lado dela um momento, e logo cobriu seu rosto com uma peça de tecido.

—Espero que sua alma encontre a paz —murmurou e elevou a faca.

Grigori despertou com um estrangulado grito de dor e pesar e soube, em seu coração, que Antoniete tinha sido destruída. Como se acontecesse com ele, sentiu a lâmina afundar-se na jugular. Sentiu sua alma deixar seu corpo, vislumbrando o júbilo que seria negado para sempre, quando o espírito dela foi bem recebido no paraíso, onde se reuniria com seus filhos. A diferença dele, Antoniete não tinha pedido o Dom Escuro. Ela não tinha permutado sua alma por vingança. Sempre uma leal e devota mãe e esposa, ela colheria as eternas bênçãos por ter levado uma vida virtuosa.

Com um suspiro se inundou na escuridão que o rodeava. Essa noite, ele a levaria a sua sepultura e diria adeus, a ela e a seus filhos.

Capítulo 21



Marisa sentiu como sua respiração ficava parada na garganta quando levantou a vista e viu Grigori diante dela.

Vampiro.

Seu olhar se encontrou com o dele, perguntando-se se estaria recordando o que havia dito numa ocasião, que não parecia um dos não mortos.

—Bonita capa —murmurou.

Ele levantou uma sobrancelha com uma familiar expressão de torcida diversão.

—Parece que sou um deles agora?

Ela assentiu. Ia vestido completamente de negro salvo pela camisa branca, que parecia de seda. Uma longa capa pendurava de seus ombros. Levava botas de pele macia que lhe chegavam até os joelhos. Era a imagem do Frank Langella em Drácula.

Os lábios de Grigori se curvaram em um sardônico sorriso.

—Esperemos que eu não encontre o mesmo destino.

—Para—disse Marisa. Era desconcertante o ter conhecendo cada um de seus pensamentos.

Ele se inclinou, com um gesto cheio de graça natural.

—Me perdoe—Seu olhar a percorreu com vulgar admiração. O vestido ficava perfeito, ressaltando cada esbelta curva. A rica cor verde fazia que seus olhos reluzissem como esmeraldas.

—Está encantadora.

—Obrigado—Passou suas mãos pela saia de seda. —Nunca tinha vestido algo tão fino. Onde o encontrou?

—Paris.

—Paris! Quando esteve em Paris?

—Na noite passada. Onde está Ramsey?

—Está cuidando do cavalo—Lhe fez uma careta. —Encontrou o cavalo também em Paris?

Ele riu brandamente, e ela pensou que nunca o tinha ouvido rir.

—Não, é um italiano nativo. O pedi emprestado a meu vizinho.

—Teve uma noite ocupada.

—Certo. Onde você gostaria de jantar?

—Não sei.

—Paris? Veneza? Londres?

—Fala a sério?

Ele assentiu.

—Só tem que escolher.

Estava tentando decidir-se quando Ramsey entrou na casa.

—Bom, o cavalo está deitado agora —disse Edward. —Maldição, estou faminto. Onde está o demônio...? OH —disse, sua voz se perdeu quando viu Grigori. —Está aqui.

—Estava perguntando a Marisa onde queria jantar—comentou Grigori.

—Não posso me decidir se quero comida italiana ou francesa —disse Marisa sorrindo abertamente.

—Não me importa o que jantemos desde que seja logo —murmurou Edward —estou faminto.



—Sempre quis comer no terraço de algum pequeno café em Boulevard St. Germain — decidiu Marisa.

—Que ano?

—Sério?

—Sério.

—Mil oitocentos e setenta e cinco —disse Marisa rapidamente. —Janeiro de mil oitocentos e setenta e cinco.

—Mil oitocentos e setenta e cinco?—repetiu Ramsey. —Por quê?

—Nesse ano concluiu-se o edifício da ópera de Paris. Eu gostaria de ver como era quando novo. Crê que poderíamos ir ali depois de jantar?

—Podemos ir inclusive ao balé se quiser—sorriu com os olhos brilhantes pela excitação. Paris! O berço de Notre Dame, do Louvre, a torre Eiffel e o Panteão.

Grigori agarrou sua mão.

—Vamos—disse alargando a mão para tomar também a do Ramsey.

—Está brincando, não?—O olhar de Edward passou rapidamente de Marisa a Grigori. —Toda essa conversa a respeito de ir a Paris para jantar e ao balé... é só falar por falar.

Grigori sacudiu a cabeça.

—Sério?

—Vão vocês —murmurou Edward. —Esperarei aqui.

—Não acredito que seja uma boa idéia —disse Grigori, esticando-se para pegar a mão de Ramsey. —Até que não voltemos para seu tempo, acredito que estaremos melhor juntos.

—Sim, provavelmente tem razão.—Ramsey olhou enfurecido a Grigori. —Isso dói, sabe.

—O que? OH —disse, afrouxando o apertão na mão do outro homem. —Sinto muito.

Ramsey grunhiu, logo olhou Marisa e sorriu.

—Está preciosa —comentou, sua voz e sua expressão se enterneceram quando pousou seu olhar nela.

—Obrigado.

Grigori sentiu uma onda de ciúmes lhe percorrendo quando Marisa devolveu o sorriso a Ramsey.

—Vamos—disse bruscamente.

Marisa fechou os olhos e se sentiu cair no poder de Grigori. O mundo se afastou, e pareceu estar girando através de um interminável vazio onde o tempo como ela conhecia tinha deixado de existir, onde não havia nada mais que trevas e a sensação de movimento. Imaginou a si mesmo indo para trás através de um comprido e escuro túnel e pareceu ouvir vozes do passado, sua avó desejando um Feliz Natal, seu pai dizendo que conduzisse com cuidado...

A consciência voltou tão bruscamente que se sentiu ligeiramente enjoada.

—Isto foi incrível —murmurou.

—É malditamente desconcertante —disse Ramsey lacônico.

—Mas incrivelmente rápido —comentou Grigori.



Estavam na calçada de um pequeno café. Era plena tarde e o lugar estava lotado. Marisa olhou e escutou maravilhada, fascinada pelo pitoresco café, o rítmico som da língua francesa, os tentadores aromas que flutuavam do café.

—Não há mesas vazias —disse, olhando a seu redor.

—Haverá —Grigori fixou seu olhar em dois homens jovens que mantinham uma profunda conversa numa mesa próxima. Bruscamente os dois se levantaram e saíram. Grigori fez um dramático gesto com seu braço. —Sua mesa aguarda, *mademoiselle*.

—Como fez isso?—perguntou Marisa quando Grigori puxou a cadeira para que se sentasse.

—Não fiz nada.

—Não diga isso. Quero saber.

—Simplesmente plantei em suas mentes a idéia que já era hora de sair.

—Prático —murmurou Ramsey enquanto se sentava à direita de Marisa.

—Efetivamente —Grigori sentou em frente a Marisa. Ela estava radiante. Seus olhos verdes brilhavam de excitação. Suas bochechas estavam rosadas, seus lábios ligeiramente abertos enquanto olhava ao seu redor, tomando nota de tudo. Agradava-o mais do que tinha imaginado pôr esse olhar em seus olhos.

Apareceu um garçom. Ele falou rapidamente em francês. Marisa olhou Edward e sorriu quando Grigori conversou com o homem. O garçom sorriu e logo partiu rapidamente.

—Tomei a liberdade de pedir por vocês— disse Grigori.

—Não caracóis, espero—disse Edward com uma careta.

—Não. *Boeuf bourguignon* e uma garrafa de vinho tinto.

—É perfeito, disse Marisa. —Não posso acreditar que realmente esteja aqui —Olhou Ramsey que estava sentado ao seu lado, olhando com o cenho franzido. —Sorria, Edward. Tenta aparentar que está passando bem.

Ramsey grunhiu baixo.

—Sinto muito, suponho que não estou de bom humor.

Marisa esticou a mão e cobriu a dele.

—Sinto Edward. Claro que não está. Possivelmente não deveríamos ter vindo aqui. Não pensei...—Apertou a mão dele. Como podia ter esquecido tão rapidamente o que ele tinha feito sozinho horas antes? Olhou Grigori. —Possivelmente deveríamos ir para casa.

—Fez o que devia fazer, Ramsey —disse Grigori. —Se esqueça por esta noite.

—Para você é fácil dizer—replicou Edward, sua voz tensa pela ira. —Você não cortou sua cabeça ou tirou seu coração.

Marisa sufocou um grito. Sentiu como a cor se ia de seu rosto quando a imagem de uma lâmina esfaqueando cintilou em sua mente.

Grigori olhou Ramsey.

—Suficiente!

Por um momento os dois homens se olharam brigando como cães por um osso.

Ramsey foi o primeiro a afastar o olhar.

—Sinto Marisa.

—Não —disse Marisa —sou a única que deve pedir desculpas.



—Não fez nada pelo que tenha que se desculpar—disse Grigori. Olhou a mão de Marisa, que ainda cobria a de Ramsey. A dela, pequena e cor mel, a de Ramsey grande e calosa. Usou cada onça de autocontrole para não separar suas mãos. —Edward pôs a alma de Antoniete para descansar. É o que ela queria. Agora é livre.

Grigori olhou fixamente a rua. Uma carruagem puxada por cavalos passou por ali, o jovem e rico casal do interior despreocupado e feliz. Invejou sua juventude, sua inocência. Sua mente se separou deles e captou uma imagem de luzes brilhantes e casais girando ao redor de uma sala de baile. Antoniete tinha adorado dançar...

Antoniete. Ela não teria encontrado a felicidade no Dom Escuro. Sempre tinha sido uma mulher piedosa, devota a sua família e a sua igreja.

Elevou a vista quando o garçom chegou com o jantar. Grigori acariciou a bochecha do Marisa.

—Desfruta do jantar, cara —disse brandamente.

Com um sorriso, ela alcançou seu guardanapo e o estendeu em seu regaço.

Agradou-o muito que ela não continuasse segurando a mão de Ramsey.

Tomou um sorvo de sua taça de vinho enquanto comiam. O aroma de seus pratos enchia seu nariz, mesclando-se com o aroma do vinho. E por cima de tudo, mais tentador, mais atormentador, estava o aroma do sangue... o sangue aquecido pelo vinho. Pôde detectar o aroma de Marisa acima do resto, mais doce que a vida, mais intoxicante que uma bebida forte, mais satisfatório que algo que tivesse conhecido.

Quando terminaram de comer, Grigori os transportou para fora do café. Marisa teve que sorrir ao imaginar o garçom voltando para a mesa, só para descobrir que seus clientes tinham desaparecido.

Momentos depois estavam na frente da casa da ópera de Paris. Marisa só pôde olhar fixamente, assombrada, o magnífico edifício. Tinha visto ilustrações nos livros. Amigos que tinham ido à França tinham enviado postais, mas nada disso fazia justiça. Era tudo o que tinha imaginado e mais.

—Consegui entradas para a ópera da mesma forma que obtive nossa mesa?—perguntou ela quando começaram a andar para a entrada.

Grigori sorriu com picardia.

—Aprende rápido.

—Pagou as entradas?

Ele pareceu ofendido que ela tivesse perguntado, mas não estava segura de por que. Estava ofendido porque ela tinha sugerido que tinha pago, ou por que não o tinha feito?

—Pedi-me que não o fizesse—recordou ele —Além disso, não acredito ter vontade de saber aonde vai sua mente neste momento.

—Bom, será a primeira vez —Sorriu para tirar o agulhão de suas palavras e franziu o cenho —Por que não?

—Seus olhos dizem tudo

—O que quer dizer? Dizem o quê?

—Pena —disse sucintamente



Ela sacudiu a cabeça.

—Eu não era... eu não...

Ele fez um movimento cortante, zangado, com sua mão, cortando suas palavras.

—Não quero sua pena, Marisa.

—O que quer?

—Quero só você.

Três palavras, ditas em voz baixa.

—Isso é impossível.

—É? Por quê? Pelo que sou?

Ela assentiu.

—Escolhi ser o que sou, Marisa, e não há volta.

—Nenhuma?—Encontrou seu olhar diretamente. —Foi casado. Teve filhos. Parece que os amava. Não sente falta disso? Não quer voltar a casar de novo? Ter filhos outra vez?

Ele sacudiu a cabeça.

—Não.

Encolheu ligeiramente os ombros.

—Eu não fui casada. Quero um lar e uma família.

—Eu não posso te dar isso mas não é razão para que não tenha as duas coisas.

—Então o que quer é uma aventura, e quando terminar, suponho que tenho que procurar outro. É isso que está dizendo?

—Marisa...

—Sinto muito. Não posso —Mas, apesar de negar, ouvia uma vozinha no fundo de sua mente: baixa, rouca e afiada pela solidão. *Quero só você.*

—Espero que gostem de vinho branco —disse Ramsey ao entrar no camarote. Deu uma taça a Marisa, ofereceu outra a Grigori, que a deixou de lado.

—Obrigado, Edward —disse Marisa.

Ramsey franziu o cenho, assombrando-se com a repentina mudança de atitude. Uns minutos antes ela estava borbulhante como champanha. Agora parecia tão desinflada como bolas de aniversário um dia depois. Olhou Grigori, mas não pôde ler nada na expressão do vampiro.

Marisa tomou um sorvo de vinho, tomando cuidado de evitar o olhar de Grigori. Centrou toda sua atenção no cenário, mas era completamente consciente de Grigori sentado ao seu lado. Ele se movia em sua cadeira, e sua coxa roçava seu vestido. O contato fazia que sua boca secasse e as palmas de suas mãos umedecessem. O que ele tinha que a afetava tanto? Que a fazia querer tomá-lo pelos ombros e sacudi-lo até que admitisse que estava arrependido de ser um vampiro?

Sacudiu os pensamentos de sua mente. Ele era o que era e isso não podia ser mudado. Ela não devia deixar-se apaixonar por ele, ou preocupar-se com ele.

—Marisa?

Elevou a vista para o som de sua voz, só então se deu conta que o balé acabou.

—Preparada para ir para casa?—perguntou Grigori.

—Casa?

—Voltar para seu tempo.



—OH, sim.

—Eu sei que estou—murmurou Ramsey. Estendeu a mão – Vamos.

Capítulo 22

Marisa piscou várias vezes, animada por encontrar-se de volta em seu próprio apartamento. Estirou a mão procurando um interruptor, mas os dois abajures da mesa ao lado do sofá se acenderam antes que ela pudesse achar o interruptor.

As luzes se acenderam também na cozinha e logo no dormitório.

Devagar se voltou para olhar Grigori. Ele encolheu os ombros e mostrou um sorriso zombador.

Marisa olhou o relógio do VCR. Eram mais de duas da manhã.

—Que dia é hoje?—perguntou.

—Segunda-feira —respondeu Grigori

—Segunda-feira! —Era quarta-feira quando Alexi a levou. Tinha perdido três dias de trabalho. O que devia pensar seu chefe? Foi verificar as mensagens da secretária eletrônica. Como esperava, havia várias do trabalho, também uma de sua mãe a recordando que tinha prometido ir visitá-los no Natal.

A escassez de sono e os acontecimentos dos últimos dias caíram sobre ela rapidamente, tirando sua energia.

—Não sei o que vocês farão—disse, sufocando um bocejo, —mas eu tenho que dormir.

—Sim— Ramsey bocejou também e logo fez uma careta. – Estou muito cansado. Te pegarei amanhã, às cinco.

Marisa assentiu.

—De acordo. Boa noite, ou bom dia ou o que quer que seja.

Edward duvidou; logo colocando as mãos ligeiramente nos ombros dela, beijou-a na bochecha.

—Doces sonhos.

—Para você também.

Com uma cortante sacudida de cabeça em direção a Chiavari, Ramsey deixou o apartamento.

—Está apaixonado por você —comentou Grigori.

—Sei.

—O que vai fazer a respeito disso?

—Nada. É um bom homem e eu gosto dele, mas isso é tudo o que há—bocejou de novo. — Estou esgotada. Vai passar a noite aqui?

Ele assentiu.

—Não pode ficar me vigiando cada noite.

—Não?



—Pensa que voltará?

—Não sei—Cruzou os poucos passos que havia entre eles e a olhou. —Vá para a cama, Marisa. Podemos falar disso mais tarde.

O olhou. Ele ia lhe dar um beijo de boa noite. Só de pensar seu coração começou a saltar de antecipação. Parecia como se pudesse sentir milhares de mariposas em seu estômago, com suas asas batendo freneticamente.

Ela olhou em seus olhos, profundos e escuros olhos, cheios de poder e conhecimento, ardendo de desejo.

Sua mão se cavou detrás de sua cabeça e logo se inclinou para ela, bloqueando qualquer outra visão exceto seu rosto. Seus lábios tocaram os dela e sentiu como se a terra estivesse caindo de novo, levando-a à deriva num mar escuro onde não havia alto ou baixo, nem acerto nem engano, só o incrível toque de sua boca na sua.

Balançou-se contra ele, apenas consciente de haver-se movido. Suas pálpebras se agitaram. De muito longe ouviu o som da voz de uma mulher gemendo com prazer e se deu conta, numa parte longínqua de sua mente, que o som estava elevando-se da sua garganta.

Suas mãos estavam ao redor da cintura dela. Era a única coisa que a mantinha em pé.

Perdeu a noção do tempo. Sua boca esteve se movendo sobre a sua um minuto? Uma hora? Toda a vida? Não sabia e não importava.

Ele girou com ela entre seus braços, seus lábios sem afastar-se, e a levou da sala ao dormitório.

Afastou a colcha e logo, muito brandamente, tombou-a sobre a cama.

—Descansa bem, *cara* —Roçou com um beijo sua testa e a cobriu até o queixo.

Ela estava adormecida antes que apagasse a luz.

Tomando ar, Marisa se dirigiu ao escritório do senhor Salazar.

—Bom dia.

Estava sentado em sua cadeira e a olhou nos olhos. Era um homem bonito, rondando os cinquenta, com ondulado cabelo negro e olhos marrons. Trabalhar fora o mantinha em forma.

Ele a olhou com os olhos entrecerrados.

—Tenho certeza que terá uma explicação válida para sua ausência.

—Sim, senhor. Chamaram-me fora da cidade com bastante precipitação.

Ele deu um golpe com seus dedos no telefone.

—Não pôde ligar?

—Sinto senhor. Sei que devia ligar e explicar, mas não houve tempo.

—Não deixe que volte a ocorrer.

—Sim, senhor.

—Preciso ver esta manhã a declaração de Walburg. E necessito uma cópia da falência de Meekins. OH, e chama Brownes e diga que não posso me reunir com ele amanhã pela tarde. Pergunte se pode ser na sexta-feira.

—Sim, senhor.

—E traga uma xícara de café quando tiver tempo.

—Sim, senhor.



Moveu a cabeça bruscamente para a porta.

—Vá.

Com um assentimento, Marisa deixou o escritório, fechando sem fazer ruído a porta atrás dela.

—Bem, te despediu?

—Não —disse Marisa fazendo uma careta a Linda Houlf. Linda estava casada e tinha quatro filhos. Tinha começado a trabalhar no Salazar e Salazar dois anos atrás, quando o mais jovem de seus filhos se graduou no instituto. Tinha começado trabalhando meio período, mas então a secretária de Joe Salazar tinha sido demitida e este tinha perguntado a Linda se queria trabalhar período integral. Ela e Linda se converteram em boas amigas no ano anterior, embora não se vissem muito fora do escritório.

—É afortunada— disse Linda, rodando os olhos. —Deveria tê-lo visto na sexta-feira. Estava certa de você era passado.

—Não pode me despedir—replicou Marisa, rindo. —Sei onde estão enterrados todos os corpos —se arrependeu de sua escolha de palavras logo que as disse.

—Então, onde esteve?

—Me chamaram de fora da cidade—Fora da cidade, meditou Marisa. Aqui, rodeada de toda a tecnologia que o mundo podia oferecer, sua viagem ao passado parecia um sonho, mas tinha sido completamente real. —Contarei durante o almoço.

—De acordo.

Voltando para sua mesa, Marisa encontrou a declaração de Walburg e os formulários da falência do Meekins, preparou uma xícara de café sem açúcar e com um pouco de leite. Entregou os papéis e o café a Salazar, logo voltou para sua mesa e começou a responder a correspondência.

Era bom voltar para o trabalho, bom ver-se imersa na rotina, nos assuntos de cada dia.

Foi almoçar com Linda. Comeram no centro comercial do outro lado da rua, e logo perambularam por uma das lojas de presentes. Marisa comprou um presente para a troca de presentes do escritório, e escolheu um delicado bule pintado a mão para sua mãe.

De volta ao escritório, colocou em dia a correspondência. Sentou-se numa reunião, tomando notas. Salazar recordava todas suas reuniões, mas ainda assim gostava que estivesse presente, tomando notas dos pontos pertinentes, anotando a reação dos clientes diante das coisas que eram discutidas.

Voltando para seu escritório, começou a digitar suas notas, com a mente perdida, como tinha ocorrido várias vezes ao dia, em Alexi. Onde estava? Voltaria? O que ia fazer ela com Edward e Grigori? Não podia os ter a seguindo noite e dia. Grigori havia dito que Edward estava apaixonado por ela, e não queria tratar com isso. Tampouco queria tratar com Grigori. Sentia-se atraída por ele como nunca se sentiu atraída por outro homem, mas ele não era um homem. Era um vampiro.

Olhou fixamente a tela do computador. Diria essa noite que apreciava o que estavam fazendo, mas que não necessitava que seguissem cada um de seus movimentos.

Terminou de digitar suas notas, deixou-as sobre a mesa de Salazar e desejou boa noite.



Edward a esperava fora. Levava um pulôver marrom escuro, umas calças normais e mocassins. Sorriu quando a viu.

—Suponho que não a despediram depois de tudo —comentou.

—Não.

Abriu a porta do carro, logo voltou para lado do condutor e deslizou atrás do volante.

—Como foi seu dia?

—Bem. Ocupado—Sorriu. —Um monte de coisas para fazer.

Edward assentiu.

—Você gostaria de jantar?

—Acredito que não.

Suas mãos se apertaram no volante.

—Tem um encontro com Chiavari?

—Não. Por quê?—voltou-se para ele em seu assento. —Não terá... Me diga que não o fez.

—É um vampiro, Marisa. Temos que matá-lo antes que nos mate. É assim simples.

—Não! Devo-lhe a vida.

—Demônios, Marisa, o homem é maléfico.

—Não acredito nisso.

—Está apaixonada por ele, não?

—Não!

Edward estacionou na frente de seu apartamento e desligou o motor.

—Me escute. Ele é um vampiro. Tomou seu sangue. Pode ler sua mente. Pode fazer que faça tudo o que ele queira, fazer que pense que está apaixonada por ele. Não pode confiar nele, Marisa. Não pode confiar em nenhum deles! Não são humanos. Não têm moral, nem escrúpulos para tomar algo que queiram.

—Edward, aprecio sua preocupação e tudo que tem feito por mim, de verdade o faço, mas...—tomou ar profundamente. —Não acredito que queira voltar a te ver. Nem Grigori tampouco. Só quero esquecer tudo o que aconteceu.

—Não posso te abandonar agora. O que acontecerá se Alexi voltar?

—Não sei. Pode ser que não o faça.

—E se o faz?

—Suponho que terei que cruzar essa ponte quando a encontrar. Tudo o que sei é que não posso continuar assim, sentindo medo todo tempo.

Edward suspirou fundo.

—De acordo, Marisa, se é o que quer.

—Sinto muito, Edward.

—Sim, eu também —Sorriu, um melancólico sorriso cheio de culpa. —Tome cuidado.

—Terei.

—Tudo bem se te ligar às vezes, só para estar seguro que está bem?

—É obvio—desatou o cinto, inclinou-se sobre o assento e o beijou na bochecha. —Adeus Edward.

—Tem meu número caso me necessite?



—Sim.

—Não hesite em usá-lo.

—Não o farei—abriu a porta e saiu do carro. —Boa noite.

—Boa noite, Marisa.

Permaneceu no meio-fio, o olhando se afastar, perguntando se tinha feito o certo.

Dentro de seu apartamento, pôs a trilha sonora de Coração Valente no reproduutor de CD'S.

O filme era um pouco sangrento para seu gosto, mas a música era preciosa.

Tirou a roupa de trabalho, logo foi à cozinha e abriu a geladeira.

—Bem —murmurou—parece que a despensa está vazia.

Fechando a porta, pegou sua bolsa e se dirigiu para o Ângelo. Não estava com humor para ficar sozinha de qualquer maneira.

—Hey, doces bochechas, faz tempo que não te vejo.

Marisa sorriu ao garçom.

—Como está Tommy?

—Bem, como sempre. Está estupenda.

—Bom, você também. Não necessito cardápio.

—Não? Bom, o que vai ser?

—Só um prato de spaghetti.

Tommy assentiu enquanto tomava nota.

—E uma taça de chianti?

—Estupendo.

—Em seguida trago.

Marisa se sentou no reservado e olhou pela janela. A música de Natal chegava dos alto-falantes. As brilhantes cores das luzes adornavam as cristaleiras na calçada da frente. Onde tinha ido o ano? Tinha que apressar-se e fazer as compras de Natal logo. Comprar alguns postais. Papel de presente, enfeites...

—Oi, Marisa. Por que essa cara feia?

—Suponho que estou cansada.

—Bom, desfruta do jantar.

—Obrigado, Tommy.

—Me grite se precisar de algo.

—Farei.

—Uma garota tão bonita como você não deveria comer sozinha.

Marisa estava a ponto de responder quando uma voz profunda disse:

—Estou de acordo.

Olhando atrás de Tommy viu Grigori, que estava no corredor.

—Importa se me juntar a você?—perguntou.

—Suponho que não —tomou um sorvo de seu vinho quando ele se sentou na frente dela.

Tommy olhou Grigori.

—Posso trazer algo esta noite?

—Só uma taça de vinho. Tinto. Muito seco.



—Vinho de novo —comentou Tommy com uma sacudida da cabeça. —Alguma vez come?

—Quando é necessário.

Tommy franziu o cenho, sacudiu a cabeça e se afastou da mesa murmurando baixo.

—Parece que já fizemos isto antes —disse Grigori.

Marisa assentiu. Parecia que tinham passado anos desde aquela noite, em troca só tinham sido semanas. Muitas coisas tinham mudado desde então. Todo seu mundo se voltou em reverso.

—Onde está Ramsey?

—Disse-lhe que se fosse.

—O que quer dizer?

—Disse-lhe que não quero mais guarda-costas — tomou ar. —E não acredito que você e eu devamos voltar a nos ver.

Grigori a olhou arqueando uma sobrancelha.

—Sério? Posso perguntar por quê?

Tomou outro sorvo de vinho, esperando que pudesse acalmar o rápido pulsar de seu coração.

—Estou começando a sentir claustrofobia.

—O que acontece a Alexi?

—Foi-se.

—Sim?

—Não?

Grigori encolheu os ombros.

—Em princípio poderia parecer isso.

Tommy se aproximou da mesa e colocou uma taça de escuro vinho tinto diante de Grigori.

—Quer alguma outra coisa?

Grigori sacudiu a cabeça, com o olhar centrado em Marisa.

—Não, Tommy, obrigado—olhou seu jantar, e logo afastou o prato. Tinha perdido o apetite.

—Alexi voltará, sabe.

—Preocuparei-me quando ocorrer. Até então, não quero pensar em vampiros, caçadores de vampiros ou...

—Em mim?

—Ou em você —tirando a carteira de sua bolsa, pôs dez dólares na mesa e se levantou. —Boa noite, Grigori.

—Acompanho até sua casa.

—Não é necessário.

Ele viu como ela deixou o restaurante e logo, com um suspiro, seguiu-a fora, procurando ocultar sua presença. Parou quando ela alcançou seu apartamento, seus sentidos sondaram a área, mas não percebeu nenhuma ameaça. Esperou até que esteve a salvo dentro, e logo subiu as escadas. Ela podia pensar que o perigo tinha passado, que Alexi se foi, mas o conhecia melhor.

Com um suspiro, sentou-se no alto das escadas e fixou o olhar na escuridão. Assim ela queria desfazer-se dele? Sorriu às estrelas, porque ainda não estava preparado para livrar-se dela.



Capítulo 23

Grigori se levantou antes do pôr-do-sol na tarde seguinte. No tempo que demorou para tomar banho e vestir-se a noite tinha chegado. Uma chamada telefônica proporcionou a informação que necessitava. Uma artificial explicação de por que devia ver a propriedade de noite, a promessa de um bom pagamento, e pronto.

Encontrou-se com a vendedora meia hora depois. Já tinha explorado a casa da adega até o apartamento de cobertura, mas voltou a percorrê-la de novo com a agente, e logo lhe deu um cheque pela entrada. A casa não foi habitada por vários anos. A papelada demoraria trinta dias e logo seria dele.

Desejou boa noite à vendedora, estreitou-lhe a mão e olhou como se afastava conduzindo. Quando esteve seguro de que se foi, voltou para a casa. Um gesto de sua mão abriu a porta dianteira.

Era uma velha casa de dois andares, provavelmente construída no começo do século XX. O exterior estava pintado com um tom escuro de verde que tinha perdido intensidade e estava descascado. As venezianas, uma vez brancas, viam-se cinzas.

Tinha o rançoso aroma de uma casa muito tempo vazia. O lugar precisava de uma mão de pintura, tanto dentro como fora, um telhado novo. A cozinha e o banheiro precisavam ser remodelados, mas nenhuma dessas coisas era importante. O mais importante era que a casa estava rodeada por um alto muro de tijolos. Uma casa que se elevava sozinha num acre de terra. Altas árvores davam sombra à parte dianteira e a de atrás, proporcionando privacidade.

Começando pelo porão, caminhou pela casa de novo, memorizando a localização de cada porta e janela, da adega até o apartamento de cobertura. Embora o lugar fosse velho, estava em boas condições, de cima abaixo, salvo pelo telhado. Era perfeita.

Trinta dias, havia dito a vendedora. Grigori sorriu ligeiramente. Pelo que a ele concernia a casa já era dele. O fato que não houvesse telefone, eletricidade ou água corrente não importava absolutamente. Ele não tinha necessidade dessas coisas.

Tomaria posse da casa nessa noite.

Marisa olhou o relógio ao responder a porta, perguntando-se quem seria tão tarde. Eram quase onze.

—Quem é?

—Grigori.

Apoiou a testa contra a porta e fechou os olhos. Não o tinha visto em uma semana, e tinha pensado que o tinha perdido, estava aliviada que ele estivesse fora de sua vida. Não importava quão atrativo o encontrasse, era um vampiro. Relacionar-se com um homem normal era suficientemente difícil, ela não precisava acrescentar a carga de um encontro com um não morto.

Com um suspiro abriu a porta.

—É tarde.

—Sei—estendeu um ramo de rosas. —Posso entrar?



—É tarde —disse de novo. —Estava a ponto de ir para a cama.

—Marisa...

O olhou, não querendo ouvir a solidão de sua voz, não querendo recordar os beijos que tinham compartilhado, ou a noite que a tinha mantido entre seus braços.

—Por favor, Grigori...

Empurrou com força as flores para ela. Uma dúzia de perfeitas rosas brancas e no centro, como uma gota de sangue, uma única flor vermelha.

—São preciosas —disse ela.

—Como você.

Recordou que havia dito palavras muito parecidas na noite que tinham passeado juntos pelo parque. Percorreu com seus dedos as pétalas da rosa.

—O que quer?

—Te ver, nada mais.

—Não —sacudiu a cabeça. —Disse isso, não quero voltar a te ver.

Sentiu a ira agitando-se dentro dele. Recordou uma cena do filme *A guerra das Estrelas*, algo assim como não era prudente zangar um Wookie. Obviamente, a mesma advertência se aplicava aos vampiros.

—Disse isso uma vez —disse Grigori, com a voz tão dura como aço temperado. —Nunca a tomaria contra sua vontade.

—E eu te disse que deixasse de ler minha mente!

—Sinto—disse brandamente. —Temo que me acostumei a fazê-lo a minha maneira.

Olhou seus olhos, tão profundos, escuros, e no fundo de sua mente ouviu a voz de Edward a advertindo que Grigori podia ler sua mente, que podia fazer tudo o que desejasse. *Não têm moral*, havia dito Edward, *nem escrúpulos para tomar algo que desejam*. Grigori podia hipnotizá-la com o olhar, pensou. Possivelmente o estava fazendo nesse momento.

Afastou seu olhar dele.

—Acredito que será melhor que vá.

—Como quiser—seu olhar a acariciou, esquentando sua pele. —Boa noite, Marisa.

—Boa noite.

Fechou a porta, e se reclinou contra ela, seu nariz cheio do aroma das rosas.

Na distância ouviu o melancólico lamento de um lobo.

Os sonhos começaram nessa noite, sonhos eróticos e sensuais que faziam que desse voltas na cama até que se levantava empapada de suor; sonhos que permaneciam em sua mente muito depois que despertasse; sonhos que a deixavam sentindo-se como se tivesse feito algo perverso de noite. Sonhos que a faziam zangar-se porque sabia que ele os estava mandando, sabia que era sua maneira de dizer que se ela não queria o ver enquanto estava acordada, veria-o quando estivesse mais vulnerável.

Inclusive se pudesse esquecer esses sonhos—e não havia nenhuma possibilidade—ele encontraria outra maneira de manter contato. Um dia depois que os sonhos comessem, ele começou a mandar flores ao trabalho. Sempre rosas. Brancas, vermelhas e rosas, até que o escritório parecia uma floricultura.



Mandou flores para sua casa. Dúzias e dúzias de rosas vermelhas de caule comprido.

Mandou caixas com forma de coração cheias de bombons.

E mais flores.

Linda e as outras garotas do escritório começaram a perguntar sobre seu novo namorado, querendo saber seu nome e quando iam conhecê-lo.

Alegrou-se quando chegou o Dia de Ação de Graças. O escritório fechou na quinta e sexta-feira proporcionando um longo fim de semana. Tentou passá-lo finalizando suas compras de Natal. Seus pais tinham pedido que fosse passar suas férias com eles na Flórida, mas não estava para viagens. Linda convidou Marisa para passar o dia com ela, mas não aceitou, decidindo que precisava passar algum tempo sozinha.

Estar sozinha tinha parecido uma boa idéia na quarta-feira, depois de um ocupado dia de trabalho. Na quinta-feira pela manhã pensou que fedia. Sabia que todo mundo estava passando o dia com seus amigos e família, e ela ia ficar sentada em casa consigo mesma.

Bom, era por sua culpa. Passou a manhã embrulhando os presentes de Natal, almoçou e viu o desfile do Dia de Ação de Graças.

Mais tarde, aborrecida, decidiu lavar roupa. Estava dobrando a roupa quando soou o telefone.

Respondeu no segundo toque.

—Sim?

—Marisa?

—Edward, como está?

—Bem, e você?

—Estou bem. Pensei, bom, pensei que certamente já teria deixado a cidade.

—Não—Não disse por que ainda estava na cidade, mas ambos sabiam que a causa era que estava preocupado por ela.

—Eu... isto..., sei que provavelmente estará ocupada, mas estava me perguntando se não tiver nada para fazer... você gostaria de jantar comigo?—disse rapidamente, como se estivesse seguro de que ela ia se negar e queria passar por isso o quanto antes.

—Eu adoraria—disse ela, surpreendendo ambos.

—Sério? Genial. A que horas te pego?

—Às cinco?

Estava cantarolando quando desligou o telefone.

Edward chegou pontualmente às cinco, levando um buquê de flores e uma garrafa de vinho. Estava bem bonito, com um traje cinza claro. O olhou fixamente durante um momento, tentando saber por que parecia diferente, e então se deu conta que não estava de marrom.

—Olá — disse —entra.

—Obrigado—entregou as flores e a garrafa de vinho. —Abro agora?

Marisa assentiu.

—Vou pô-las na água.

Seguiu-a até a cozinha e serviu duas taças enquanto ela tirava um vaso de um dos armários.



—São lindas —Arrumou o ramo no vaso de cristal que tinha pertencido a sua avó, e logo o colocou na mesa da cozinha. —Obrigado.

—De nada —estendeu uma taça. —Não teve notícias de Alexi, não?

—Não. Por quê? Acha que voltou?

Ramsey encolheu os ombros.

—Não sei, mas se o fez, provavelmente será a primeira a saber.

—É um consolo. Não houve informação sobre mais mortes nos jornais— Ela lia o Times cada manhã, sempre temerosa de ver aquelas horríveis manchetes O VAMPIRO ATACA DE NOVO.

—Viu Chiavari?

Marisa negou com a cabeça.

—Não — exceto em seus sonhos, pensou. Mas não podia dizer isso a Edward.

—Bom —disse Edward. —Onde vamos comer?

—Dá no mesmo para mim. Depende de você.

—Quer peru com toda a guarnição?

—Prefiro lagosta.

Foram a uma Casa de Frutos do Mar. Edward pediu camarões-rosa fritos; Marisa, lagosta.

—Quanto tempo ficará na cidade?—perguntou Marisa.

—Não sei. Aluguei uma casa na praia.

—Fez!

Ele assentiu, um tanto envergonhado, pensou ela.

—Eu gosto bastante. Nunca vivi perto do oceano. É... não sei, de certo modo tranquilo.

—De certo modo caro também. Asseguro isso.

—Sim, mas posso me permitir o luxo.

—Nunca pensei nisso, mas suponho que há dinheiro na caça de vampiros.

—Sim, é um campo especializado—adicionou Ramsey. —Há gente disposta a pagar bastante para desfazer-se de um vampiro.

—Tem família em algum lugar?

—Aqui e ali. Tenho uma velha tia solteira em Chicago, e um par de primos em Boston. E você?

—Meus pais vivem na Florida. Mudaram-se faz dois anos, quando meu pai se aposentou. Meu irmão, Mike, vive em Denver, é corretor da bolsa. Não os vejo há dois natais.

—Natais —murmurou Ramsey.

—Vou para a Florida passá-lo com meus pais —disse Marisa. —Não estou de humor, mas eles me esperam. Meu irmão e sua família estarão lá. São as únicas datas do ano em que estamos todos juntos.

—Deve ser bonito —comentou Edward.

—O que vai fazer?

—Não sei. Pode ser que volte para Chicago e veja minha tia, desfaça-me de meu apartamento, recolha meu correio, mude meu endereço— Sorriu abertamente, com um sorriso torcido. —Soa como férias divertidas, verdade?

—Sinto muito.



—Hey, não há problema. Estou acostumado a fazê-lo.

—Podemos nos ver quando eu voltar—sugeriu Marisa.

—Sim. Eu gostaria.

Conversaram de coisas sem importância durante o jantar. Marisa mencionou que ia receber um aumento no dia primeiro do ano; Edward disse que estava pensando em comprar um carro novo.

—Quer ver um filme?—perguntou Edward quando deixaram o restaurante.

—Sim, por que não?

Conduziram para a parte alta da cidade. Marisa olhava pela janela, admirando as luzes e os cenários das casas. Era difícil de acreditar que já quase era Natal, que outro ano estava chegando ao fim.

—Sabe, ainda não posso acreditar que foi real —disse ela quando Edward estacionou o carro. —Tudo parece tão estranho.

—Sei. Algumas vezes nem eu mesmo posso acreditar.

Saiu do carro e o rodeou para abrir a porta.

—É tão irreal, quero dizer, estamos aqui agora, indo ver um filme como se nada tivesse acontecido. Não posso acreditar que só há duas semanas estávamos lutando com um vampiro. Me diga, —disse ela enquanto andavam para o cinema —Como as pessoas entram em contato com você? Não tem um anúncio na lista telefônica, não?

Ele riu da ocorrência.

—Não exatamente. Normalmente é de boca. Há gente pelo país que sabe o que sou. Quando ouvem a respeito de assassinatos pouco comuns, me notificam.

Comprou duas entradas para o último filme de Mel Gibson e entraram.

—Pipoca?—perguntou.

Marisa sacudiu a cabeça.

—Não agora. Ainda estou cheia pelo jantar.

—Sim, a lagosta era quase tão grande como você.

Marisa sorriu abertamente.

Pegaram-se na mão durante o filme e mais tarde tomaram um sorvete.

—Obrigado—disse Marisa quando chegaram ao seu apartamento. —Foi muito bom.

—Foi mesmo. Podemos repetir.

—Eu adoraria —O olhou e soube que ia lhe dar um beijo de boa noite. —Marisa...—Pôs seus braços ao seu redor e a aproximou. Não havia indecisão em seus movimentos, nem dúvida.

Marisa fechou os olhos quando a boca dele cobriu a sua. Era um beijo agradável, que não evocava nem paixão nem repulsa.

—Boa noite —sussurrou.

—Boa noite e obrigado por tudo.

Ele assentiu.

—Veremo-nos.

—Veremo-nos.



O olhou entrar no carro e partir, e ainda assim permaneceu no patamar, olhando para a distância, para as cintilantes luz do outro lado, para as faiscantes estrelas sobre sua cabeça.

Desejou poder amar Edward, mas não sentia paixão por ele, só afeto. Podia ser a diferença de idade. Afinal ele tinha dezoito anos mais que ela, refletiu, e logo riu alto. Grigori era duzentos anos mais velho e ela não tinha nenhum problema em sentir de repente uma grande paixão por ele.

Cruzou os braços sobre a grade e deixou escapar um comprido e lento suspiro. Por que se sentia tão melancólica? Por que o tinha perdido?

—Mais vale que o admita—murmurou —Vampiro ou não, está apaixonada por ele. Mas está bem. Terá que esquecê-lo.

—Esquecer o que?

Girou com o coração na garganta com o som de sua voz.

—O que está fazendo aqui?

—Venho toda noite.

—O que?

—Ouvir-me

—Para que?

Elevou uma sobrancelha em um gesto bastante familiar.

—Para que demônios acha?

—Disse que não te quero aqui.

—Deixei de fazer o que me dizem há muito tempo.

—Certo, é tarde. Boa noite.

—Doces sonhos, Marisa.

—Mantenha-se afastado de meus sonhos!—Abrindo a porta, entrou e fechou de uma pancada atrás dela, só para se encontrar com ele quando se virou.

—Marisa.

—OH! Odeio quando faz isso —jogou sua bolsa na cadeira e logo cruzou os braços sobre seu peito. —O que quer?

—Te desejo.

—Bom, isso é mal.

—Me diga que não me deseja.

—Não te desejo.

—Mentirosa.

Olhou-o enfurecida, toda sua ira e frustração saíram à superfície. Antes de dar-se conta do que estava fazendo o esbofeteou.

O sólido golpe de sua mão pareceu retumbar no silêncio que se instalou entre eles.

O olhou, horrorizada pelo que tinha feito, pelo que podia fazer como represália.

—Sente-se melhor?—perguntou ele em voz baixa.

—Não —pisçou para afastar as lágrimas que brotavam de seus olhos. —Por favor, me deixe sozinha.

—Não posso



—Por que não? Por que está fazendo isto?

—Já disse. Te desejo.

—Não posso. Não acredito em aventuras ocasionais.

—É isso o que acha que quero?

—Não sei. Não quero saber.

—Marisa...

Sua voz a percorreu, um sussurro baixo, um sussurro suave. Sacudiu a cabeça, seu coração pulsando como um cometa apanhado por um vento forte, quando seus nódulos acariciaram sua bochecha.

—Não —forçou a palavra da boca seca.

—Você me deseja também.

—Não está certo —tragou saliva. —Não é natural —O tinha ferido. Pôde ver na profundidade de seus olhos, esses demoníacos olhos negros que podiam parecer tão suaves como o veludo ou tão duros como o granito.

—Não há nada antinatural no que deseja de você —respondeu ele, com a voz áspera como papel de lixa. —Nega que pensou nisso, que se perguntou como seria?

Desejava negá-lo com cada fibra de seu ser, mas sabia que não podia mentir. Podia mentir a si mesma tanto como desejasse, podia inclusive dizer a Grigori em voz alta, mas seria inútil, porque ele podia ler a verdade em sua mente, os sentimentos em seu coração.

Grigori estendeu a mão.

—Vem para mim, Marisa.

—Por favor, não me peça.

Estava perto, tão perto. Muito perto. Ela enfiou as mãos nos bolsos das calças para as manter separadas dele, e ainda assim, apesar de tudo que pudesse fazer, sentia-se inexplicavelmente atraída por ele. Era o poder inerente a Grigori o que exercia sua influência sobre ela, perguntou-se ou era seu imprudente coração desautorizando sua mente?

Sentindo-se como se estivesse movendo-se em câmara lenta, tirou suas mãos dos bolsos e as colocou nas dele, sentindo seus compridos e frios dedos fechando-se sobre ela.

Seu braço deslizou em sua cintura, seu toque era ligeiro, embora ela sentisse a latente força de seu braço, sabia que ele podia rompê-la pela metade com um só movimento. Mas não havia violência nele nesse momento.

Brandamente, tão brandamente como nunca, envolveu-a em seu abraço e cobriu sua boca com a sua. A magia se moveu entre eles, envolvendo-os num mundo que era o suficientemente grande para só eles dois, um mundo que não havia noite nem dia, nem engano ou acerto, só um homem e uma mulher que não deveriam haver-se conhecido.

Apertou-se contra ele, sentindo seu braço estreitar-se ao redor de sua cintura quando ele aprofundou o beijo. Sua mão livre roçava suas costas, deslizando para cima até roçar a curva de seu seio. Seu coração retumbava profundamente em seu interior, quando cada nervo, cada fibra de seu ser, respondeu a sua proximidade, ao silencioso convite de seus lábios. Nunca antes, pensou, nunca antes se sentiu assim. Tinha sido beijada, tinha sido acariciada, mas nunca se excitou como com o tenro toque das mãos de Grigori, a gentil persuasão de seus beijos.



Sentiu o calor da paixão esquentando sua pele, colorindo suas bochechas. Sentiu dor em seu interior, dor por seu toque, por sua posse. Ele era a razão pela que nunca tinha dormido com outro homem. Tinha o estado esperando, esperando pelo encantamento que chegava com seu tato masculino.

—Marisa —sua respiração roçou sua bochecha. Seus lábios acariciaram ligeiros como uma pluma, sua testa, a ponta de seu nariz, a curva de sua bochecha. —*minha cara, meu anjo, meu amore.*

Um gemido baixo cresceu em sua garganta diante do desejo de sua voz, do desejo que vibrava através dela com cada pulsado de seu coração.

Sentiu seus lábios em sua garganta, sua língua explorando o pulso no oco do pescoço.

Ele gemeu quando, bruscamente, separou-a dele.

—Sinto—disse roucamente.

—O que aconteceu?—O olhou, ainda cativada pela paixão que tinha ardido com força entre eles.

—Acredito que vamos deixar isto para outra ocasião.

—Por quê?—Inclusive enquanto perguntava sabia a resposta. Ele estava olhando seu pescoço. As narinas se moviam, suas mãos estavam fortemente apertadas.

—Deveria saber e não vir a você quando não tenho completo controle— passou uma mão pelo cabelo, odiando a furiosa fome que o percorria, as imagens que o perseguiam —imagens de Marisa envolta em seus braços, imagens dele dobrando-se sobre ela, despindo suas presas. —Boa noite, Marisa.

—Boa noite —replicou ela, mas ele já tinha ido, deixando-a desconsolada e insatisfeita.

Capítulo 24

Essa noite ficou acordada até tarde. Disse a si mesma que era porque não estava cansada, que queria ver o Jay Leno³ porque Mel Gibson ia aparecer.

Quando terminou o show do Leno colocou a camisola e tirou um livro da estante. Já o tinha lido antes, mas era um de seus favoritos. Conseguiu passar o primeiro capítulo antes que sua mente se afastasse e se encontrasse perguntando-se onde estava Grigori. Admitiu então que a razão pela que não queria ir à cama era porque não queria dormir.

E não queria dormir porque sabia que podia chegar a ela em seus sonhos, quando era mais receptiva e mais vulnerável.

Às duas da manhã soube que lutava uma batalha perdida. meteu-se na cama e olhou à janela.

—Por favor, Grigori —sussurrou. —Por favor, me deixe sozinha.

³ célebre comandante do *talk show* da rede NBC: *Tonight Show with Jay Leno* (O Show da Noite com Jay Leno), que junto com seu companheiro de Broadcast, Conan O'Brien (*Late Show with Conan O'Brien*) formam a grade da noite do canal. Os dois programas citados anteriormente levam a mesma fórmula que os brasileiros conhecem no Programa do Jô.



Caminhava pelo parque à luz da lua, e estava assustada. Cada esquiva sombra levava uma ameaça de perigo. Cada som mandava seu coração à garganta. Estava assustada... assustada pela escuridão, temerosa por sua vida.

Chamou-o, sabendo que era o único que podia salvá-la, disse seu nome uma e outra vez até que soluçou. E então ele estava ali. Alto e escuro e vestido por completo de negro. A capa que usava na Itália caía sobre seus ombros, golpeando seus tornozelos embora não houvesse vento. Sua pele resplandecia sob a luz da lua. Mas era a fome que se via em seus olhos escuros como a meia-noite o que a mantinha cativa.

—Por que luta contra isto?—perguntou e sua voz era como o trovão longínquo. —Por que luta contra mim?

O olhou e ele deu um passo para ela.

—Estamos conectados, você e eu —se aproximou. —Seu sangue circula por minhas veias, conheço seus pensamentos. Posso sentir seu desejo —levantou a mão. —Vem a mim, Marisa; me deixe te mostrar meu mundo.

—O que ocorre se me nego?

—Não deixe que seus temores a aprisionem.

—Não posso evitar. Tenho medo da escuridão, do desconhecido.

—Não tema, Marisa. Não deixarei que nada te faça mal.

Ele deu outro passo para ela, com a mão ainda estendida.

—Vem a mim. É o que quer.

—Sim —pôs sua mão na dele e sentiu a força que corria através dele, a força de duzentos anos.

—Marisa!

Elevou o rosto para seu beijo. Seus lábios chamuscaram os dela, marcando, e o conheceu. Conheceu-o como conhecia a si mesma. Viu sua infância na Itália, soube que tinha amado seus pais, que tinha ciúmes de seu irmão mais velho. Experimentou seu amor pela terra, sua ânsia de viajar a outras partes do mundo. Sentiu sua alegria e seu orgulho por seus filhos, sua dor quando os perdeu, sua culpa pela morte de Antoniete, sua raiva porque não pôde vingar-se de Alexi. E, sobretudo, a Fome que se enroscava profundamente em seu ventre, em cada parte dele, influenciando em seus pensamentos, em suas necessidades. Era consciente do desejo que pulsava em seu sangue, sentiu o que corria por suas veias, na tensão que causavam seus braços ao ajustar-se ao redor dela.

Ele a tombou sobre a terra, só que não havia erva sob ela, mas um ataúde, e ele seguia pressionando contra ela, deitando-se por cima. Suas mãos e seus lábios a hipnotizavam e excitavam e sentiu que perdia sua identidade, convertendo-se numa parte dele, numa parte de seu mundo.

Sentiu seus dentes em seu pescoço, soube que ia beber seu sangue, beber e beber, até que não ficasse nada dela...

Despertou sobressaltada com o coração retumbando como um trovão, todo o corpo empapado de suor. Afastando os cobertores, procurou a luz e a acendeu, revelando que estava em sua própria cama, em sua própria casa.



—Um sonho —disse as palavras em voz alta, confortada pelo som de sua voz. —Só um sonho.

Mas não pôde evitar perguntar-se se seria uma advertência das coisas por vir.

Na sexta-feira amanheceu claro, brilhante e fresco. Marisa levantou tarde depois de uma noite sem descanso. Tomou três xícaras de café, vestiu-se e limpou o apartamento, que parecia repentinamente grande e vazio.

Preparou-se um sanduíche para comer, desejando ter algumas sobras de peru, mas era difícil ter sobras quando não se jantou em casa.

Ligou a televisão e viu a última parte de *Tal como fomos*, e logo, sentindo-se melancólica, foi dar um passeio pelo parque.

Tentou classificar o que sentia por Ramsey, por Grigori, mas parecia impossível concentrar-se. Só podia pensar na última vez que tinha visto Grigori e nos beijos que tinham compartilhado. Aquele sonho estava, inclusive nesse momento, muito vívido em sua mente.

Com um suspiro, sentou-se sob uma árvore e olhou para a distância. Ela não estava preparada para tomar o tipo de decisão transcendente que conduziria envolver-se com Grigori. Não se apaixonou, nem sequer sentiu atração, por muitos homens. No colégio se dedicou aos esportes e à dança. Ela não fazia nada na multidão, ocupada a toda hora. Tinha ido à residência, feito novos amigos e logo tinha começado a trabalhar para Salazar e Salazar.

Tinha tido sua cota de encontros, mas não tinha conhecido a esse alguém especial. Sabia que provavelmente era uma raridade, uma virgem de vinte e quatro anos, embora nunca tinha conhecido alguém por quem perdesse a cabeça. Nenhum deles a tinha tentado como Grigori tentava... mas sucumbir a seu escuro poder podia custar muito mais que sua virgindade. Podia custar sua vida.

Tal pensamento a fez sorrir. Uma das razões pelas que tinha evitado a intimidade era a real ameaça da AIDS. O sexo não era algo pelo que merecesse a pena morrer... embora envolver-se com Grigori podia ser tão perigoso como ameaçador para sua vida.

Deitou-se na relva e olhou o céu, o qual estava, por sua vez, limpo de poluição. Era estranho, que parecesse atrair homens mais velhos que ela. Grigori era centenas de anos mais velho que ela, embora parecesse não ter mais de trinta. Edward estava nos quarenta. Ainda assim, era atrativo a sua maneira, e um dos melhores homens que tinha conhecido. O mal é que era muito velho para ela.

O sol esquentava seu rosto. Sentindo-se sonolenta fechou os olhos...

Grigori passeou pelas escuras salas de sua nova morada, esperando que o sol se ocultasse. Na última metade do século, tinha sido capaz de levantar-se um pouco antes cada ano, embora ainda sucumbia ao sono escuro quando o sol estava no alto do céu. Era possível que, com o tempo, não tivesse que dormir absolutamente? Tinha alcançado Alexi esse plano de existência?

Alexi. Estaria ainda no passado, lambendo suas feridas?

Grigori chegou na janela que dava para o pátio traseiro. Pôde ver o último toque de cor contra o céu ocidental, sentir a chegada da noite, movendo-se lentamente sobre a terra, sentiu todos seus sentidos encherem-se completamente de vida. A consciência fluíu através dele. Pôde sentir a energia de milhares de pessoas pulsando através dele. Ouvir os batimentos de seus



corações, cheirar seu sangue. Pôde ouvir o latido de um cão a mais de um quilômetro, o constante zumbido do motor dos carros, o zumbido da eletricidade que cruzava os cabos. Soube que choveria antes que terminasse a noite.

Soube que Marisa estava pensando nele.

Centrou-se nela, sentiu seu pulso aumentar quando seu coração começou a pulsar no mesmo ritmo que o dela.

Marisa... era uma parte dele, gostasse ela ou não.

Fechou os olhos e sua imagem saltou em sua mente. Como era linda sua Marisa, com seu cabelo castanho escuro e seus comovedores olhos verdes. Sua pele florescente com a vibrante beleza da juventude; seus lábios quentes e rosados. Tinha sonhado com ela na última noite. Isso em si mesmo era um sinal que seus poderes sobrenaturais aumentavam sua força. Os vampiros recém feitos não sonhavam. Encerrados no sono escuro, tinham um negro e vazio descanso.

Recordava esses primeiros anos em que tinha pavor às horas de um nada, quando tinha temido às trevas, quando ficava indefeso, temeroso que qualquer mortal excessivamente entusiasmado pudesse o encontrar enquanto era vulnerável.

Recordou noites em que a consciência retornava com tal rapidez que o deixava sem respiração por causa do medo.

Mas esses dias tinham passado. O sono escuro já não o assustava, não o deixava sem poderes num matagal de inexistência. Podia mover-se durante as horas do dia, sempre que se mantivesse afastado da luz do sol; inclusive quando dormia, era consciente do que acontecia ao seu redor.

Já não tinha medo de nada. Exceto do toque do sol e pensar em perder Marisa.

Quando tinha se convertido em alguém tão importante para ele? E o que ia fazer com isso? Como a ia convencer que não olhasse o vampiro mas sim o homem?

Ah, murmurou, mas o homem ainda existe ou só estava se iludindo?

Sentiu agitar-se sua fome quando caía a noite, estendendo seu manto de escuridão através da terra.

Trocou de roupa e deixou a casa. Internando-se nas sombras da noite, foi em busca de uma presa.

Estava escuro quando despertou. Levantou-se, assombrada de ter dormido tanto tempo, mas claro, não tinha descansado muito durante a noite.

Sacudiu as calças e começou a caminhar para sua casa. Eram só seis horas, mas parecia mais tarde. As nuvens ocultavam a lua. Sentindo-se repentinamente nervosa, olhou por cima de seu ombro, assegurando-se que se encontrava só. O parque, que tinha parecido tão bonito e romântico quando Grigori estava ao seu lado, agora era ameaçadoramente escuro e premonitório.

Realmente estava ouvindo passos atrás dela e começou a caminhar mais rápido.

Gritou quando sentiu uma mão fechando-se sobre seu braço.

—Silêncio! Não vou te machucar, senhora. Só quero seu dinheiro.

—Eu... eu não tenho... nada.

—Não minta! E não se vire.



—Eu... não... não minto—estava tremendo. Suas pernas estavam débeis e sentia calor e frio ao mesmo tempo. O temor ardia em seu estômago. Sufocou um grito ao sentir algo pequeno e redondo pressionando suas costas.

—Tenho uma pistola e a usarei se tiver que fazê-lo. Agora deixe de me enrolar e me dá seu dinheiro. Tudo.

—Honestamente, eu não... não... por favor...—ia morrer. E não estava preparada. Por favor, não agora...

Sua mão apertou seu braço e ela fez uma careta de dor.

—Por favor... não trouxe a carteira.

—Não...

Suas palavras morreram num estrangulado soluço e repentinamente ele não a estava agarrando. Ouviu a que podia ser um grunhido seguido de um agudo grito de dor.

O terror a manteve presa no lugar. Reunindo toda a coragem que tinha só foi capaz de olhar por cima de seu ombro.

Lamentou havê-lo feito.

Duas escuras sombras permaneciam a poucos passos dela, juntos num macabro abraço. O mais alto estava dobrado sobre o outro. Ouviu um apagado soluço, sentiu o aroma de sangue, e ouviu uma voz, baixa e hipnótica.

—Vá daqui e não volte. Não recordará nada desta noite. Nada. Entendeu?

Viu o mais baixo dos homens assentir, logo girar e partir.

Tremia violentamente quando Grigori a tomou entre seus braços.

—Está bem?—sua voz era suave e tranquilizadora.

—S—sim.

—Fez-te mal?

Sacudiu a cabeça, sabendo de algum jeito, que se dizia que sim, o homem que tinha tentado roubá-la morreria.

—Não. Eu só...tão frio.

Sem palavras, abraçou-a. Seus fortes braços a manteriam a salvo. Ela ocultou seu rosto no oco de seu ombro. Houve um zumbido em seus ouvidos, uma sensação de mover-se rapidamente. Aconchegou-se contra ele, com os olhos fechados, seu coração pulsando com força. Não perguntou onde a levava. Nesse momento não importava. Ele era quente e seguro. Ele podia protegê-la.

Momentos ou horas depois, ela não estava segura, deixou-a.

Sentiu uma sensação de poder passar através dela e a sala se encheu repentinamente com a luz de uma dúzia de velas.

—Onde estamos?—perguntou Marisa.

—Em minha casa.

Ela olhou ao seu redor. A sala era grande com um alto teto abobadado e janelas chumbadas fora de moda. As cortinas eram verdes, apagadas, igual ao tapete verde e ouro que cobria o chão. As paredes em algum momento foram amarelas pálidas. Uma enorme chaminé com um suporte de mármore ocupava uma boa parte de uma parede.



—Vive aqui?— Sua voz retumbou pelo alto teto.

Ele assentiu.

—Mas não será minha legalmente até dentro de uma semana ou mais.

—Oh —Ela estava tremendo de novo.

Ele sussurrou seu nome e a tomou entre seus braços.

—Não tenha medo. Agora está a salvo.

—Ele... ele tinha uma pistola.

—Não tem mais.

—A tirou?

Grigori assentiu.

—Bebeu dele, não?

—Sim. E logo apaguei sua mente—ela sentiu como se esticavam os músculos de seus braços.

—Isso a preocupa, não?

—Um pouco —sorriu tremulamente. —Mas estou me acostumando a isso.

—Ah, Marisa, tem idéia do muito que te necessito?

—Você? Necessita-me?

Ele assentiu.

—Seria poético se dissesse que te necessito como as flores necessitam o sol, como um homem faminto anseia sustento? Posso dizer quão bela é para mim, o muito que te desejo?

O olhou, esquecendo momentaneamente o assaltante. A luz das velas dançava no espesso cabelo negro como tinta de Grigori, e arrojavam sombras douradas em seu rosto. E seus olhos... seus olhos ardiam com um calor radiante que falava com mais eloquência que as palavras.

—Não vou te dar pressa, *cara*. Não vou pedir mais do que deseje dar. Só peço que me deixe te ver cada noite e sonhar com você cada dia.

Ele elevou uma mão, um comprido dedo delineou amorosamente os contornos de seu rosto.

—Diga sim, *minha cara*. Vivi só muito tempo.

Era tentador, muito tentador. Ele a necessitava como ninguém o tinha feito, como ninguém o faria, e ainda assim, ela não podia esquecer o que ele era.

—Sinto—sussurrou as palavras, temerosa de ferir, temerosa de incorrer em sua ira. —Por favor, tenta entender. Não quero te ferir. Desejaria poder...

Pôs os dedos nos seus lábios, silenciando suas palavras, e logo, muito devagar e deliberadamente, baixou seus braços e deu um passo para trás.

—Entendo.

—Grigori, por favor, me deixe explicar isso

—Não é necessário —disse rotundamente. —Sou um Vampiro. Sei o que pensa, Marisa, melhor do que se conhece você mesma. Asseguro isso, não tem nada que temer por mim. Vamos, deixarei-te a salvo em sua casa.

Capítulo 25



Não houve mais flores depois daquilo, nem mais sonhos eróticos que a enchessem de confusão e prazer. Ocultou-se no trabalho, passando os fins de semana fazendo as últimas compras de Natal. Mandou os postais de Natal, tarde como sempre, nas férias foi a uma festa na casa de Linda, e tentou fingir que estava tudo bem.

Repassava os jornais cada manhã e escutava as notícias cada noite, mas não havia mais assassinatos de vampiro, nenhum sinal que Alexi Kristov houvesse voltado.

Saiu para jantar e cinema com Edward umas quantas vezes, e então chegou a semana de Natal.

O escritório fechou cedo na quarta-feira, e Marisa preparou sua bagagem e foi para a Flórida passar o Natal com seus pais, seu irmão Mike, sua mulher e seus filhos. Agüentaria a gentil insistência de sua mãe que sentasse a cabeça, escutaria as queixas de seu pai sobre o destino da nação, tentaria não ter ciúmes de Mike, que parecia ter tudo: uma esposa amante, quatro filhos lindos, um carro novo, um negócio florescente.

Sempre tinha se assombrado como se convertia numa menina pequena assim que entrava na casa de sua mãe. Uma parte sua não gostava, mas a outra, a parte que nunca tinha crescido, que nunca cresceria, estava feliz por deixar sua mãe fazer tanto alvoroço ao seu redor.

O Natal passou placidamente. Trocaram presentes, saíram para ver os meninos montar em suas novas bicicletas. Mais tarde, tomaram um grande café da manhã, seguido de um enorme almoço, e logo, muito logo, o dia terminou. Montanhas de papel de seda e fitas encheram os cestos de lixo. Os meninos, esgotados por um dia de jogos e pelo jantar, foram logo para a cama.

Marisa ficou em pé depois que todo mundo foi para a cama. Sentada na sala, em frente da chaminé, olhou as dançantes chamas. Perguntou-se onde teria ido Alexi, como teria passado Edward o dia. Teria pedido que passasse o Natal com ela e com seus pais. Não teria havido nenhum problema que o levasse, mas não queria o iludir, não queria que pensasse que podiam ser mais que amigos.

Deitando-se para trás, tentou formular suas propostas para o ano novo. Mais exercício, menos chocolate. Ir à igreja. Ajudar os pobres. Ligar para casa mais frequentemente...

Finalmente, deixou-se levar e pensou em Grigori. Como teria passado o dia? Os vampiros celebravam o Natal, ou era só outro dia numa interminável sucessão de dias? Ou noites.

Como tinha suportado por duzentos anos? Como seria ser jovem para sempre, não estar nunca doente, não ter que preocupar-se com a morte? Como seria saber que todo mundo que conhece envelheceria e morreria enquanto permanecia sempre igual?

Fechou os olhos, entrando no sono pelo avançado da noite e o calor das chamas...

Era Véspera de Natal e ele andava por uma rua residencial. Vestia o pulôver e jeans que ela tinha escolhido para ele. Movia-se silenciosamente através da noite, sem ter consciência do intenso vento e da chuva. As luzes de Natal brilhavam nas varandas e telhados das casas, refletindo a umidade. E ao seu redor podia ouvir o som das canções de Natal e as risadas das famílias reunidas para celebrar o dia mais alegre do ano.

Passeou quilômetros, suas mãos dentro dos bolsos de seu jeans, seu rosto virado para o vento. Ela sentiu sua solidão, sua separação do resto do mundo. Sentiu sua fome, viu que parava



diante de uma farmácia de plantão, seu nariz se abriu quando viu o velho de pé na porta. Sentiu a fome o arranhando, urgindo a que tomasse o que necessitava, a satisfazer sua sede. Ela sentiu sua indecisão e então, com um xingamento, passou direto, e ela soube que era porque era Natal, porque o velho voltava para seu lar com sua esposa inválida.

E o viu na casa que tinha comprado, e soube que a tinha comprado por ela, que ele tinha esperado que a compartilhasse com ele.

O viu passeando pelas escuras e vazias salas, ouviu sua voz sussurrando que a necessitava, que sua vida tinha perdido toda a esperança, todo o sentido.

E então o viu olhando de novo para fora, sua cabeça se voltou, suas mãos se apertaram fortemente de ambos os lados. Ele disse seu nome, e logo, conduzido pelas asas do vento, ela ouviu o melancólico lamento de um lobo...

Despertou com um sobressalto, seu coração pulsando com força enquanto olhava ao seu redor na escura sala.

—Grigori?—mas é obvio ele não estava ali. Estava em Los Angeles.

Subiu uma mão até sua bochecha, surpreendendo-se de encontrá-la úmida pelas lágrimas.

—Por que chora, Marisa?

Deveria ter-se assustado, ou, pelo menos, surpreendido. Em troca, o suave e rouco som de sua voz mandou um quente resplendor a atravessando.

—Não sabe?

—Estou tentando não ler sua mente, desde que isso te desgosta tanto.

—Estava sonhando—se abraçou a si mesma pela cintura e o olhou. Ele permaneceu ao lado do sofá. Envolto numa ondeante capa negra se via alto, escuro e perigoso. A luz do fogo dançava em seu cabelo. —Mas você já sabe, não?

Ele sacudiu a cabeça.

—Não. O que aconteceu?

—Não importa. O que está fazendo aqui?

—O que acha?

Seu coração começou a saltar em seu peito. Sua boca ficou seca.

—Eu...—tragou saliva. —Não sei.

Ele se ajoelhou ao seu lado, a capa formando redemoinhos ao seu redor como uma lacuna de tinta negra.

—Senti saudades —disse tranquilamente. —Vim ver se também sentiu minha falta— encontrou seu olhar e o manteve. —Sentiu?

Ela não podia mentir, não quando a olhava dessa maneira. Podia sentir sua solidão como se fosse a sua própria. A fez poderosa e humilde, ao mesmo tempo, pensar que ele tinha ido ali. Era aterrador saber que tinha a capacidade de ferir, de fazer em pedacinhos seu orgulho e ferir seu ego.

Olhou-o e recordou a si mesma que ele era um vampiro, mas tudo que viu foi um débil raio de esperança num par de profundos olhos negros.

O olhou e tentou ver um monstro, mas tudo o que viu foi um homem que tinha estado só muito tempo, um homem que a necessitava.



—Pensou em mim enquanto estava aqui?

—Sim—ela tinha pensado nele constantemente. Na igreja na Véspera de Natal tinha desejado que ele pudesse estar ao seu lado. Todo esse dia tinha pensado nele, perdido no Sono Escuro, só, enquanto o resto do mundo celebrava o assombroso nascimento do salvador do mundo.

—Então senti minha falta?

Ela assentiu.

—Sim. Não queria, mas não pude evitar.

A esperança ardeu em seus olhos, seu calor a envolveu.

—Marisa.

—Feliz Natal, Grigori —sussurrou e abriu seus braços.

Ele só pôde olhá-la fixamente, momentaneamente aturdido pelo amor que lia em seus olhos, e logo, com um gemido, atraiu-a a seu regaço e envolveu seus braços ao redor dela.

—Marisa... Marisa...—enterrou seu rosto na sedosa nuvem de seu cabelo e a manteve apertada.

Ela se aferrou nele, sentindo os tremores que sacudiam seu corpo enquanto sussurrava seu nome uma e outra vez.

—Não vai me beijar?

Ele se voltou para trás um pouco, um débil sorriso curvou seus lábios.

—Tão freqüentemente como desejar.

A felicidade borbulhou em seu interior como champanhe.

—Desejo —murmurou—Desejo que me beije agora.

—Ah, *cara* —disse fervorosamente—seus desejos são ordens.

Fechou os olhos quando sua cabeça se inclinou para ela, suspirou quando seus lábios se encontraram. Tinha desejado isso, tinha fome disso. Por que tinha combatido tanto tempo?

Sem afastar seus lábios dos dela, ele a girou em seu colo até que ela ficou de cara com ele, suas pernas ao redor de sua cintura, seus peitos esmagados contra seu peito. Suas mãos vagavam por suas costas e seus ombros, descendo por seus braços, ao longo de suas coxas, atormentando-a com seu toque, excitando-a até que ela estava doída pela necessidade.

Ele estava se queimando no mesmo desejo. Ela podia sentir em cada músculo tremente, ouvi-lo no entrecortado fio de sua respiração, no áspero de sua voz ao dizer seu nome.

Ela estava sem respiração quando ele afastou seus lábios dos seus.

—Grigori... sempre teve este poder sobre as mulheres?

Seus nódulos acariciaram sua bochecha.

—Que poder, *cara*?

—Sabe muito bem o que quero dizer. Um beijo e ardo.

—Isso não é poder, *meu amore*.

—Magia então?

Sorriu, com expressão terna.

—Um milagre.



—Um milagre?—ela riscou seus lábios com um dedo, e logo embalou seu rosto com as mãos.

—Que possa me amar.

—Amo-te— disse ela —mas...

Ele colocou uma mão sobre sua boca.

—Não nos preocupemos esta noite com o futuro— disse —só me deixe te abraçar até amanhecer.

Ela lambeu sua palma e um gemido baixo saiu da garganta dele.

—Não posso acreditar que esteja aqui.

—Você me queria aqui, não?

Ela assentiu e se aconchegou em seus braços, sua cabeça descansando em seu ombro.

—Acredito que este é o melhor Natal que tive.

Seus braços a rodearam com força.

—Para mim também —disse, sua respiração esquentando sua nuca. —Para mim também.

Ficaram sentados durante horas, contentes por manter-se perto um do outro e olhar dançar as chamas na chaminé. Grigori falou de sua infância na Itália, de seu pai que era sapateiro, de seu irmão mais velho que chegou a ser sacerdote. Falou dos longínquos lugares que tinha explorado nos séculos passados, e ela pôde ver em sua mente a casa onde tinha nascido, Grigori como um menino jovem, alto, escuro e bonito, inclusive então. Viu o mundo através de seus olhos, as pirâmides do Egito e os canais da Itália, as grandes catedrais da Europa, as selvas da África. Que maravilhoso ter vivido tanto e ter visto tanto.

Depois de um tempo ele ficou em silêncio e ela soube que o amanhecer estava perto. Ela olhou o lar, só para dar-se conta que, embora não tinham acrescentado mais madeira, o fogo tinha ardido durante toda a noite.

—Devo ir —a beijou na bochecha. —Quando estará em casa?

—No domingo de noite. Desejaria que não tivesse que ir.

Ele encolheu os ombros.

—Não posso evitá-lo. Verei-te quando voltar, certo?

—Sim.

Manteve-a perto, respirando seu aroma, jurando silenciosamente que lhe concederia qualquer desejo, de maneira que o deixasse estar ao seu lado.

Levantou-se com um movimento fluido, levando-a com ele.

—Temo que te roubei o descanso.

Ela fechou seus braços ao redor de seu pescoço e sorriu.

—Não importa. Posso dormir até tarde amanhã.

—Sonhará comigo?

Ela sorriu.

—Sempre o faço.

Ele a beijou de novo, longo e duro e depois, muito gentilmente, deixou-a sobre seus pés.

—Até domingo de noite, *minha cara*.

—Um beijo mais?



Ele a arrastou até seus braços e a beijou até que ela ficou sem respiração, e então, em um redemoinho de seda negra, se foi.

Com a cabeça dando voltas, e o coração cheio de dúzias de emoções conflitivas, subiu as escadas e se meteu na cama.

Estava apaixonada.

Por um vampiro.

E era a coisa mais excitante do mundo.

Passava um pouco das oito quando o avião aterrissou. Levando sua bolsa e uma pequena mala seguiu os outros passageiros pela rampa. Tinha sido divertido passar os últimos três dias com sua família, mas se alegrava de estar de novo em sua casa. Não podia esperar para ver Grigori.

O aeroporto estava lotado de gente voltando para casa. Tomando ar disse a si mesma que devia ter paciência. Ela não era a única com pressa.

Dirigia-se à esteira de bagagens quando viu Grigori.

Sorriu e se dirigiu para ele.

—Bem-vinda a casa, *minha cara*— disse e tomando-a entre seus braços, envolveu-a como se não se vissem há anos em lugar de dias. A fez ridiculamente feliz saber que tinha sentido sua falta tanto como tinha sentido a dele.

—O que está fazendo aqui?

—Queria te ver. Vamos pegar sua bagagem.

Pela primeira vez em sua vida, suas malas foram as primeiros em descer pela rampa.

Grigori agarrou as duas malas e as colocou sob um braço; logo agarrou sua mão.

—Vem, aluguei uma limusine para te levar para casa.

—Brincadeira, né?

—Não, está lá fora.

—Mas meu carro...

—Levei-o para sua casa na noite passada.

—Por quê?

—Para poder te ter em meus braços o quanto antes.

Isso era, possivelmente, a coisa mais romântica que alguém havia dito ou feito.

Marisa se sentiu como uma estrela de cinema quando uma elegante e extensa limusine branca se deteve no meio-fio. O condutor saiu e abriu a porta, guardou a bagagem no porta-malas. Minutos depois estavam na auto-estrada 101 de caminho para casa.

Marisa se aconchegou contra Grigori.

—Isto é maravilhoso.

—Tem sede? Fome?

—Não. Estou bem.

Seu braço se apertou sobre seu ombro.

—Passou bem com sua família?

—Uh —huh. Minha mãe sempre faz comida suficiente para um regimento. Provavelmente terei engordado cinco quilos —o olhou. —Suponho que isso não é problema para você, não?

—Não.



—Afortunado.

—De fato, sou.

Sentiu uma onda de calor alagando suas bochechas quando o olhar dele se moveu sobre ela, possessivo, admirado.

—A dieta do vampiro —mofou ela. —Proteína líquida.

Um lado de sua boca se elevou em um irônico sorriso.

—Não fale até que não tenha provado.

—Não, obrigado— Franziu o cenho. —Espere um momento. Quando fomos ao North Word Inn, comi um filé—Fez uma careta ao recordar. —Um filé muito estranho, mas comi isso.

—Fiz?

—É obvio que fez. Eu vi.

Ele sorriu com indulgência.

—Não provei nem um bocado. Só plantei a idéia em sua mente.

Deu um murro em seu braço.

—Se colocou de novo com minha cabeça.

Ele encolheu os ombros.

—Não o farei mais.

—Promete?

—Sim.

—Posso perguntar uma coisa?

—O que queira, *cara*.

—Deu um passeio na Véspera de Natal?

—Por que pergunta?

—Eu te vi.

Grigori franziu o cenho.

—O que quer dizer?

—Te vi num sonho. Passeava por uma rua, completamente só. Passou por uma farmácia e havia um velho de pé na entrada. Levava uma capa marrom e um cachecol vermelho no pescoço.

Sentiu esticar os músculos de seu braço.

—Continua.

—Sua fo... já sabe, mas então leu sua mente e viu que sua mulher estava só em casa, e doente e ele tinha saído debaixo da chuva para buscar remédio para ela.

—Sonhou isso?

Marisa assentiu.

—Passou direto e foi para casa.

Seus braços eram como aço ao redor dela enquanto esperava que continuasse.

O olhou, procurando seu olhar.

—Disse que a vida tinha perdido o significado para você e disse meu nome. E então...— Estremeceu ante o som do solitário pranto do lobo que ressonava em sua mente.

—E então?

—Ouvi o uivo de um lobo e despertei. Foi real ou só um sonho?



Um músculo pulsou em sua mandíbula. Tomou ar profundamente e ela sentiu como a tensão saía dele. O braço que rodeava seu ombro relaxou.

—Foi real, *minha cara*. Ocorreu exatamente como descreveu.

—Pôs essa imagem na minha mente?

—Disse que não o fiz.

—É por isso que sonho com você, não? Porque me deu seu sangue. Quer dizer que pode fazer que eu faça o que queira?

—Sempre pude dobrar sua vontade, Marisa. O pequeno sorvo de sangue que te dei era só para te marcar como minha, para me permitir te encontrar, para me deixar falar com sua mente.

—Alexi disse que podia te notar.

—Alexi —Grigori olhou pelo vidro para a escuridão, perguntando-se onde seu velho inimigo estava escondido. Tinha abandonado o jogo? Ou simplesmente estava dando um tempo, criando uma falsa sensação de segurança antes de atacar de novo?

—Hey, onde estava?

Sorriu.

—Aqui, ao seu lado, durante o tempo que queira.

—Isso pode ser muito tempo.

Seu sorriso se voltou agrídoce.

—Tenho muito tempo.

—E Ramsey?

—O que tem ele?

—Disse que ia te destruir.

—Não será o primeiro a tentar. Certamente não será o último.

—O que quer dizer?

—Fui caçado antes, no passado. Aqueles que procuraram me destruir estão mortos.

Ela se encontrou cara a cara com a realidade de novo. Na outra noite, em frente ao fogo, tudo parecia mágico, romântico, um conto de fadas.

—Matou os outros?

—É óbvio.

—Matará Edward?

—É sua escolha.

—Mas como? Se forem a você durante o dia... Quero dizer, pensava que os vampiros estavam indefesos quando o sol estava alto.

—Não. É natural para nós dormir durante o dia, mas só os muito jovens estão indefesos. Posso sentir a presença de outros quando durmo. O instinto de sobrevivência é tão forte conosco como com você. Ainda não conheci um mortal que não possa derrotar.

Ela tremeu, repentinamente gelada ao imaginar Edward inclinando-se sobre Grigori, seus olhos ardendo com virtuoso ardor, ao afundar uma estaca de madeira no coração do vampiro.

Ele não teve que ler sua mente para saber o que estava pensando. Abrindo um dos compartimentos ao lado, tirou uma garrafa de vinho tinto. Encheu duas taças, esquentando-a com seu olhar e a estendeu a Marisa.



—Beba isto —disse —e logo falaremos de algo mais prazenteiro.

Ela fez o que ele sugeriu. O vinho a esquentou, fazendo-a sentir sonolenta e relaxada.

Sorriu por cima da borda da taça.

—Melhor?

—Sim, bastante.

Quando ela terminou, ele colocou as taças a um lado e a tomou entre seus braços.

—Estaremos logo em casa.

Casa. Nunca tinha divulgado tão bem a palavra.

Chegaram ao apartamento em tempo recorde. O chofer subiu a bagagem pelas escadas. Grigori levou Marisa. Ela protestou, dizendo que podia andar, mas ele insistiu em levá-la. E agora ela estava sentada em seu colo no sofá. Ele tinha aceso o fogo simplesmente desejando que ocorresse.

—Seria genial numa excursão pelo campo —disse Marisa —nunca teria que me preocupar com fósforos.

Grigori grunhiu baixo.

—Temo que nunca estive num acampamento.

—Não, suponho que não.

Ela deslizou seu braço ao redor de sua nuca e apoiou a cabeça no ombro dele.

—Desejaria não ter que trabalhar amanhã.

—Pensei que gostava de seu trabalho.

—OH, sim eu gosto. Mas cada vez que descanso uns dias, começar me custa muito.

—Se não quer ir, fica em casa.

—Sim, claro.

—Digo a sério. Deixa seu trabalho se não é feliz ali.

—Não posso fazer isso! Tenho contas a pagar, sabe. Aluguel e coisas assim.

—Vem viver comigo, *cara*. Me deixe cuidar de você.

O olhou ao mesmo tempo em que ocorria um novo pensamento.

—De onde vem todo seu dinheiro? Não parece que tenha um trabalho.

Ele encolheu os ombros.

—Se a gente for judicioso, pode-se acumular bastante riqueza em duzentos anos.

—Suponho que sim.

—Venha, *cara*, me deixe cuidar de ti.

Era tentador, oh, muito tentador. Ela considerou por sessenta segundos, logo sacudiu a cabeça com pesar.

—Eu adoraria, mas não posso—Viu a pergunta em seus olhos e cobriu os lábios com a mão.

—Não é porque seja um vampiro. Não tem nada a ver com você. Sou eu. Disse isso antes, não tenho sexo casual.

Agarrou sua mão e a beijou.

—Não estou pedindo que durma comigo —sua língua acariciou sua palma, mandando calafrios que corriam acima e abaixo por sua espinha. —Só estou pedindo que compartilhe minha casa, que me deixe te cuidar. Não há necessidade que trabalhe.



—Mas o que vou fazer todo o dia?

—O que quiser. - Acariciou sua bochecha com o dorso de sua mão, deleitando-se com a suavidade de sua pele. A chamada de sereia de seu sangue provocava nele sua fome, tão seguro quanto o quente aroma feminino de seu corpo provocava seu desejo. —Fazer compras. Dormir até tarde. Ir ao massagista. Sentar ao sol. Dar um passeio pela praia. Longas caminhadas pelo parque—ele sorriu. —Pela manhã.

O olhou, com o coração rompendo-se porque, inclusive se aceitasse sua oferta, ele nunca seria capaz de sentar-se ao sol com ela, ou andar de mãos dadas pela praia, ou passear através do parque num quente dia de verão.

—Aprecio sua oferta, realmente o faço, mas não posso aceitar. Sentiria falta de trabalhar e eu gosto de ter meu próprio dinheiro. Não está zangado, verdade?

—Não, cara.

Seus lábios roçaram sua bochecha, a ponta de seu nariz, logo deslizaram para baixo até cobrir sua boca. Seus braços se apertaram ao redor de sua cintura quando aprofundou o beijo, e ela esqueceu o trabalho, esqueceu tudo exceto o homem que a abraçava tão forte, beijando-a tão completamente, fazendo que seu coração voasse de felicidade. Apertou-se contra ele, querendo estar mais perto, ainda mais perto.

Um gemido baixo surgiu da garganta de Grigori ao absorver o calor dela em seu interior. O som de seu coração rugia em seus ouvidos; a verdadeira essência de sua vida o chamava como o aroma de seu sangue enchia as janelas de seu nariz. A fome e o desejo guerreavam em seu interior. Sentiu suas presas crescer quando a fome bramou à vida dentro dele. Só um sorvo, pensou. Que dano podia fazer? Um sorvo de sua doçura. Tão fácil, meditou, tão fácil tomá-la, olhar profundamente em seus áridos olhos, deixar que o poder de sua mente eclipsasse a dela. Nunca precisaria saber...

A tensão que irradiava de Grigori penetrou na bruma de paixão que a envolvia. Sentindo-se como se estivesse movendo-se através de um espesso melaço, virou-se para trás, seu olhar examinou seu rosto.

—O que acontece?

Com grande esforço, ele dominou sua fome, sentiu que suas presas se retraíam.

—Acredito que o melhor seria dizer boa noite.

—Mas ainda é cedo.

—É muito tentadora, Marisa —levantou e a deixou com cuidado de pé. —Virei amanhã à noite.

—De acordo—ela se balançou contra ele, elevando seu rosto para um beijo. —Obrigado por me buscar.

—Foi um prazer—meigamente, como se ela fosse o mais frágil cristal, ele rodeou seu rosto com as mãos e a beijou. —Doces sonhos, *cara*.

—Igualmente —disse ela, e então franziu o cenho. —Você sonha?

Ele riscou a linha de seus lábios com seus dedos.

—Não o fazia—respondeu brandamente —até que te conheci. Boa noite, *minha cara*.

—Boa noite.



Com um suspiro fechou a porta atrás dele. Sentindo-se enjoada como uma escolar, sentou-se no sofá e olhou sonhadoramente o fogo, com uma almofada apertada contra seu peito.

Estava apaixonada por Grigori Chiavari. O pensamento era ao mesmo tempo emocionante e espantoso.

Marisa Chiavari... Senhora Grigori Chiavari... Senhora Marisa Chiavari...

Rindo bobamente, beijou a almofada. Nunca em sua vida havia se sentido assim. Era maravilhoso e dava medo, estimulante e espantoso, tudo ao mesmo tempo. E, sobretudo, era impossível. Como podia estar apaixonada por um vampiro?

Capítulo 26

Perdido em seus pensamentos passeou pelas escuras ruas. Antes que Alexi escapasse de Silvano, antes de Marisa, sua vida tinha seguido um caminho definido. Tinha viajado pelo mundo perseguindo o vento, quando as trevas se estendiam ao longo da terra. Não era um eunuco, nem um monge. Tinha havido mulheres em sua vida. Havia sentido um quente afeto por todas elas, mas nenhuma tinha reclamado seu coração ou falado à sua alma. Tinha açoitado o conhecimento, abraçado as artes, desfrutado do teatro e da ópera. Seus desejos eram poucos e facilmente satisfeitos.

Mas quando Silvano tinha levado Alexi em excursão, seus pacíficos dias se fizeram pedacinhos. E logo tinha conhecido Marisa... ah, Marisa, com sua beleza beijada pelo sol e seus claros olhos verdes. Marisa, cujo sangue cantava uma canção de sereia a sua fome, cuja beleza atirava de seu coração e de sua alma incluso enquanto seu corpo sussurrava o desejo da carne. Mas era mais que beleza exterior ou luxúria o que o arrastava ao seu lado uma e outra vez. Era a pureza de sua alma, sua inata doçura, a compaixão que permitia olhar além do que se converteu e ver o homem que uma vez tinha sido.

Marisa... Podia tê-la, fazer amor como desejava e não destroçá-la? Desde que se tinha convertido em Vampiro tinha feito amor a muitas mulheres, mas a nenhuma que amasse.

Uma onda de culpa o atravessou. Como podia pensar em amar Marisa quando tinha estado diante da tumba de Antoniete só uns dias antes? E ainda assim, para ele, ela estava morta há séculos.

O conhecimento o atravessou, virou-se e seus olhos estudaram as sombras.

—Sai, Ramsey. Sei que está aí.

Uma escura forma se materializou por trás de uma árvore.

Edward Ramsey encurvou os ombros. Permanecendo sob a luz, sentiu-se exposto, vulnerável.

—Chiavari.

—Queria me ver?—perguntou Grigori. E então viu a bolsa que pendurava do ombro de Ramsey. —Deixe que eu adivinhe. Não levará um martelo e uma estaca no saco?



Edward clareou a garganta. O suor gotejava sobre sua sobancelha e se reunia sob seus braços, mas manteve a expressão em branco.

Grigori deu um passo para ele.

—Assustado, caçador de vampiros?

Ramsey elevou seu queixo e sacudiu a cabeça.

—Mentiroso —a palavra, dita brandamente, pareceu permanecer no ar entre eles. — Possivelmente pensou que eu seria o suficientemente parvo para te conduzir a minha guarida?

Edward encolheu os ombros. Podia sentir seu pulso correndo. O que era pior, sabia que o vampiro podia cheirar seu medo ou ouvir o batimento frenético de seu coração.

—Assim —murmurou Grigori —isso me leva a que decidiu que não me necessita mais.

—Alexi se foi. Agora não é uma ameaça. Mas você sim.

—Tenho a intenção de não te fazer dano, Ramsey. A você ou qualquer outro.

—É um assassino! Todos são assassinos!

—Eu não matei ninguém

—Quem está mentindo agora?

—Exceto aqueles que tentaram me destruir, não matei ninguém em cento e cinquenta anos.

—Não acredito.

—Não me importa se acredita. É verdade.

Grigori deu um passo adiante. Edward permaneceu no lugar, com uma mão agarrando o crucifixo que pendurava do seu pescoço.

—Fica afastado de mim.

Devagar, Grigori sacudiu a cabeça.

—Edward, vem a mim.

—Não —Ramsey deu um passo atrás. —Fica afastado de mim!

—Por que me teme? Seu sangue me alimentou, te fazendo parte de mim.

—Não! Não, maldito seja! Me deixe só—lágrimas de frustração saíram dos olhos de Edward quando a voz de Grigori o arrastou para diante até que, indefeso, todo seu corpo tremia de terror, Edward permaneceu diante do vampiro, mantido no lugar por um par de escuros e impenetráveis olhos.

Grigori cruzou sua mão sobre o ombro esquerdo de Ramsey. Pôde sentir o poder soando monotonamente através de todo seu corpo, o fortalecendo. Suas presas tocaram sua língua quando a fome se elevou através dele. Ramsey permaneceu ali, sem mover-se, quando as presas do vampiro penetraram em sua carne.

Grigori bebeu rapidamente, pouca quantidade, e logo pôs em liberdade Ramsey.

—Vá para casa, Edward. Vá para casa e se deite.

Ramsey assentiu.

—Sim —murmurou. —Casa.

Piscou várias vezes, voltou-se e foi pelo caminho que tinha chegado.

Grigori olhou até que o perdeu de vista, perguntando-se se deveria ter apagado a memória de Ramsey, limpado cada lembrança de seus encontros da mente do homem. Era tentador, e podia fazê-lo não fosse por uma coisa: Ramsey tinha dado seu sangue quando o necessitava



desesperadamente. Gostasse ou não, tinha uma dívida de gratidão com o caçador de vampiros. Não a podia pagar roubando parte de sua mente.

Grigori soltou um suspiro. Dívida ou não, faria o que fosse para sobreviver e se isso significava matar Edward Ramsey, que assim fosse. Não podia deixar que o destruíssem, não agora, quando Marisa quase era dele.

Edward despertou em sua cama na manhã seguinte sem lembranças de como tinha chegado ali.

Erguendo-se, olhou ao seu redor. *Que...* E então viu sua bolsa no chão, perto da porta e tudo voltou. Tinha ido ao apartamento de Marisa com a esperança de encontrar ali Grigori, alegrou-se de sua boa fortuna, quando o vampiro sentiu sua presença.

Balbuciando um juramento, Edward desceu da cama e correu ao banheiro. Não podia ser verdade. Mas era. Voltando a cabeça para um lado, viu as duas pequenas marcas em seu pescoço. *Demônios!* Grigori tinha tomado seu sangue. Maldição, uma coisa essa que o vampiro tomasse seu sangue quando oferecia, e outra coisa completamente distinta era que tomasse como se pensasse que tinha direito!

O pensamento lhe fez sentir frio e sobretudo se sentiu forçado, como devia sentir uma mulher violada. Tremendo, agarrou seu roupão e o pôs. Agora o recordava, recordava tudo, o som da voz do vampiro impregnando sua mente, dobrando seus pensamentos, até que não foram seus pensamentos absolutamente. Como se ele não tivesse vontade própria, suas pernas o levaram ao vampiro. Estremeceu ao recordar a si mesmo oferecendo seu pescoço a esse monstro bebedor de sangue, permanecendo ali como um zumbi sem mente enquanto Grigori bebia até encher-se.

Uma fria ira o engoliu. Pensar que uma vez tinha dado seu sangue a esse monstro livremente, e esse era o obrigado que recebia. Ah, mas não tinha sido livremente. Tinha sido a pedido de Marisa. Ela tinha suplicado tão bela, sorrido tão docemente... xingou baixo. Marisa!

Marcou seu número, movendo os pés com impaciência enquanto esperava que respondesse ao telefone.

—Sim?

—Marisa, sou Edward. Está bem?

—É obvio. Por quê? Aconteceu algo?

—Não, não, nada. Eu estava... uh, só preocupado por você. Não te vejo faz tempo.

—Fui a Florida ver meus pais, recorda? Disse que ia.

—Sim, é claro, acho que esqueci. Tudo está bem?

—Sim. Olhe, tenho que ir. Vou chegar tarde ao trabalho.

—Posso te ver depois? Para jantar?

—OH Deus, eu adoraria, mas não posso.

—Não pode?

—Sinto muito, tenho um encontro.

—OH?—Sentiu como sua boca secava. —Alguém que eu conheça?

—Bem, estou esperando Grigori, deve saber.

Edward caiu contra a parede.

—Acha que é inteligente?



—Acredito que é maravilhoso —replicou com voz suave e distraída—tenho que ir. Adeus.

Ele olhou fixamente o receptor e lentamente o colocou em seu lugar. Ela pensava que era maravilhoso. *Maldito Chiavari!* Ele a tinha hipnotizado.

—Pode ter ganho esta batalha, Chiavari —resmungou Edward. —Mas não ganhou a guerra!

Encontrou a si mesma sorrindo no escritório na segunda-feira pela manhã, cantarolando enquanto trabalhava. Digitou um relatório de falência, mas tudo o que podia ouvir era o som da voz de Grigori sussurrando seu nome. Respondeu os telefonemas, abriu a correspondência, mas a todo o momento uma parte de sua mente estava pensando nele, contando as horas até poder voltar a vê-lo.

Grigori...

Pulou o almoço e em troca foi às compras. Necessitava de algo para usar na festa de Ano Novo do escritório, mas o que realmente queria era algo novo para usar com Grigori. Escolheu um sedutor vestido verde azulado sem mangas para a festa. O provou, e soube que tinha que o ter. Estava deixando a seção quando um conjunto de calças e Top de seda negro capturou seu olhar.

—Perfeito —murmurou. Rapidamente encontrou seu número e levou o conjunto à vendedora antes de poder dizer a si mesma que estava fazendo outra extravagante compra.

As horas seguintes transcorreram numa bruma e logo chegou o momento de ir para casa. Desligou rapidamente o computador, pegou sua bolsa e os pacotes, disse um apressado adeus a Linda e virtualmente correu até o elevador.

Já em casa, tomou uma ducha rápida e pôs o novo conjunto. A seda era maravilhosa contra sua pele, lisa e sexy.

Acabava de passar perfume quando soou o timbre da porta.

Sentindo como se um milhão de mariposas revoassem em seu estômago, correu para abrir a porta.

Grigori sentiu que faltava seu fôlego quando a tomou entre seus braços. *Muito bela!* Suas mãos deslizaram por suas costas, o tato da cálida seda negra que usava fazia que formigassem as palmas das suas mãos. Uma exótica fragrância se elevava da nuvem escura de seu cabelo. Seus lábios tinham sabor de sol e morangos, calidez e doçura que tinham sido negados durante duzentos anos.

Ele aprofundou o beijo, e ela se sentiu viva entre seus braços, uma chama viva e ardente que ameaçava o consumir como os raios do sol.

Agarrou-a entre seus braços e a levou ao sofá. Ela ouviu um débil som e um fogo saltou na lareira.

Magia, pensou ela, magia vampírica.

Seus braços a aproximaram mais, suas mãos jogaram com seu corpo, seus longos dedos exploravam a curva de sua coxa, seu seio, deslizando-se acima e abaixo por suas costas em longas e trementes carícias que a deixavam cambaleante, afogando-se numa erótica sensação.

Suas próprias mãos se moviam agitadas sobre ele, medindo a largura de seus ombros, a dureza dos músculos de seus braços, a sólida extensão de seu peito. Seus dedos acariciaram sua nuca, deslizando em seu cabelo.



E durante todo o tempo os lábios dele não deixaram os seus. Suas línguas se batiam numa dança que era tanto velha como nova, e ela estava ardendo, abrasando-se em suas mãos.

Ele a dobrou sobre o sofá, cobrindo-a com seu corpo, suas mãos e lábios, excitando-a até que mal podia pensar, escassamente respirar.

Ela abriu os olhos e se encontrou com seu olhar e o evidente desejo que leu a encheu de temor e regozijo.

—Marisa. *Cara...*—Suas palavras eram ásperas e irregulares pela necessidade que pulsava através dele.

Ela piscou, seus belos olhos verdes obscurecidos pela paixão.

—Grigori.

Ele deixou escapar sua respiração irregular.

—Desejo-te.

Marisa o olhou, incapaz de falar, uma confusão de pensamentos e imagens atravessaram sua mente: Grigori dobrando-se sobre Edward, tomando seu sangue; Grigori como viu a primeira vez, alto, escuro e misterioso; Grigori jazendo no chão de seu armário; Grigori, seus olhos cheios de angústia ao pedir a Edward que fosse misericordioso. Ela pensou em Alexi. Era um monstro, um assassino, uma criatura que se deleitava com a morte e a miséria. E pensou em Edward, que afirmava que todos os vampiros eram maus e que deviam ser destruídos.

—Marisa...

—Desejo-te também, sabe que o faço—umedeceu os lábios repentinamente secos. —Eu...

Ele viu a dúvida em seus olhos, ouviu-a em sua voz. Combatendo a urgência de tomar o que desejava, tal e como tinha feito desde que se converteu em vampiro, afastou-se dela, de maneira que seu corpo não a cobrisse. Mas não pôde deixá-la ir, não de tudo.

Tomando sua mão esperou que prosseguisse.

—Eu... não posso.

—Deseja-me.

Elevou sua mão até sua boca e sua língua acariciou a palma, fazendo que um calafrio a percorresse por inteiro.

Ela assentiu, incapaz de negá-lo.

—Mas te desejar não é suficiente.

Seus olhos se estreitaram.

—Ah— murmurou e se perguntou como podia ter estado tão cego. —Você quer as palavras —sua mão livre acariciou sua bochecha. —Eu te quero, *minha cara*.

A ira penetrou entre as capas da paixão.

—Pensa que pode me ter com umas poucas palavras?

Ele franziu o cenho.

—O que quer de mim?

—Quero mais que palavras vazias!

—Não são vazias, Marisa —soltou sua mão e levantou, voltando as costas. —Vivi só durante duzentos anos. E não amei nenhuma mulher durante esse tempo, nem fingi fazê-lo. Não sou um eunuco, nem vivi como tal. Tive mulheres em minha cama quando queria.



—Quantas mulheres?—perguntou ela —Quantas em duzentos anos?

Devagar, se voltou para ela.

—Salvo Antoniete, nunca disse a uma mulher que a amava. Não o diria se não fosse verdade.

—OH, Grigori, sinto muito.

Ele se levantou com a graça de um professor de baile.

—Vem—disse, oferecendo a mão. —Te levarei para jantar.

Ela sacudiu a cabeça, pensando que nunca em sua vida se havia sentido tão miserável nem desgraçada

—Não tenho fome.

—Não faça pirraça, cara. É muito inapropriado.

—Não estou fazendo pirraça. Não tinha a intenção de ferir seus sentimentos.

Sorriu.

—Prometo não te dar pressa, nem te forçar a fazer algo que não deseje fazer. Estendeu a mão e a puxou para pô-la de pé. —Está linda. Eu gostaria de sair e te mostrar. Aonde quer ir?

—Não está zangado comigo?

—Não —roçou seus lábios com um beijo. —Pega seu casaco. Faz frio lá fora.

Ele a levou ao Velvet Turtle para jantar, tomou uma taça de vinho tinto enquanto ela comia. Marisa não pôde evitar dar-se conta que cada mulher do lugar não tirava os olhos de cima de Grigori. Alto e escuro, vestia calças cinza e um pulôver de lã branco, parecia como se acabasse de sair das páginas de uma revista de moda.

Depois de jantar, conduziram até a praia. Ignorando o frio, tiraram os sapatos e as meias, enrolaram as calças e caminharam pela beira. Marisa chiou quando uma onda formou redemoinhos em seus tornozelos.

Em seguida estava nos braços de Grigori. Seus olhos eram como lacunas de ébano líquido à luz da lua, sua boca cálida e úmida quando a beijou. O calor de seus lábios afastou o frio e ela elevou os braços até seu pescoço e o beijou faminta.

Ele a levantou sem esforço, sua língua deslizando sobre seu lábio inferior, aprofundando em sua boca.

Beijou-a e pareceu como se foguetes estalassem em sua cabeça. Todas as cores do arco íris chegaram ao mesmo tempo, até que foi engolida por uma brilhante luz branca. E Grigori permaneceu no meio dessa luz, com seus olhos ardentes como o sol.

Sentiu-se como um menino perdido sem esperanças na escuridão e que de repente é achado. Era um pensamento peculiar, sendo Grigori um homem nascido das trevas, tão misterioso como a noite que o rodeava, tão escorregadio como os raios de luz de lua que dançavam sobre o mar.

—Marisa?

—Diga - sussurrou—diga que me ama.

—*Ti amo, minha cara. Meu veta, meu amore.*

—Grigori —sua voz era rouca, sua cálida respiração fez cócegas na sua orelha. —Vamos para casa.



Assentindo, recolheu os sapatos e as meias e a levou ao carro. Pondo-a cômoda no assento do passageiro, beijou-a na bochecha, logo deu a volta e sentou atrás do volante.

Ele sentiu seu olhar enquanto conduzia à casa. Sua mão descansava na coxa dela, tão ligeiro como a seda, quente e vivo, a mantendo num estado de constante excitação. O desejava. Podia sentir, cheirar, apalpar, saborear. Essa noite, ela seria dele. Tinha banido qualquer temor ou dúvida que a turvasse e agora estava amadurecida, como um pêssago preparado para ser colhido.

Ela se inclinou e uma chuva de beijos caiu em suas bochechas, seu pescoço, seu ombro, e cada toque foi como um raio de sol queimando a pele.

—Te quero.

Duas palavras, ditas em voz tão baixa, que um mero mortal não as ouviria. Mas incendiaram seu coração, sua alma. Deixou escapar o ar. Ela era sua agora, sua para tomá-la.

E nesse momento soube que não podia manchá-la, soube que não podia levá-la a sua cama como se não significasse mais que qualquer outra mulher que ele tivesse usado para satisfazer seus desejos carnis.

Espantou a necessidade quando chegaram ao apartamento. Ele saiu do carro e tomou ar profundamente, logo foi ao lado dela e abriu a porta.

Sorriu, um sensual e precioso sorriso, quando tomou sua mão e a ajudou a sair do carro.

Seguiu-a ao subir as escadas, todo seu corpo tremendo, cada sentido na mulher que adiante, no suave balanço de seus quadris, a curva de seu bem proporcionado traseiro.

Ele abriu a porta, mas não a seguiu ao interior.

Marisa franziu o cenho.

—Não vai entrar?

Com as mãos apertadas dos lados, sacudiu a cabeça.

—Mas pensei...

—Não esta noite —disse com voz áspera. E logo, chamando uma força de vontade que tinha desenvolvido durante duzentos anos, beijou-a para lhe dar boa noite.

—*Domani*, Marisa —prometeu e a deixou ali só e intacta.

Domani... amanhã.

Capítulo 27

—Tenho que ir à casa de meu chefe na Véspera de Ano Novo —disse Marisa. Sentou-se sobre suas pernas e tomou um sorvo de vinho. —Virá comigo?

Grigori elevou uma sobrancelha.

—Acha uma boa idéia?

—Por que não?

Encolheu os ombros.

—Pensei que era evidente.

—Por favor, vamos.



- Se deseja. O que devo levar?
- Terno e gravata são obrigatórios nestas coisas.
- Terei a honra de acompanhar à mulher mais bela.
- Adulador.
- Só digo a verdade.

Estavam sentados no sofá de seu apartamento, compartilhando um copo de vinho. Salvo por um pequeno beijo, ele não a havia tocado desde que chegou duas horas antes. Tinham visto um velho filme do John Wayne na televisão, e ele tinha sido consciente da diversão dela ao fazer algo tão mundano como ver televisão com um homem que era um vampiro. Não tinha tido a intenção de sondar sua mente, mas quando ela se sentou tão perto, quando seus pensamentos se centraram nele, foi difícil resistir. A conhecia há quase dois meses, meditou, e embora expressasse seu amor por ele, havia uma parte dela que ainda pensava que era algo menos que um humano. Encontrava assombroso que passeasse pelo parque, lesse livros, visse televisão, fosse ao cinema, visitasse museus. Parecia pensar que sua vida unicamente consistia em pouco mais que freqüentar as sombras envolto numa grande capa negra, e assustar aos imprudentes mortais.

Respirou profundamente, disposto a ser paciente, a lhe dar tempo. Não era fácil, aceitar algo que sempre se considerou impossível.

Ela estava se servindo de outro copo de vinho quando soou o timbre da porta.

- Deus, pergunto-me quem será—murmurou Marisa. —São quase nove.
- Quer que eu abra?
- Se não se importar.

Acariciou sua bochecha e levantou, sentiu um formigamento de desejo estendendo-se por ela. Alto, escuro e bonito, pensou. Ele era perfeito. Olhou-o afastar-se, pensando que nunca tinha conhecido um homem que se movesse como ele.

Grigori cruzou a sala, consciente do olhar de Marisa em suas costas. Podia sentir o desejo que emanava dela. Sorria quando abriu a porta. E então franziu o cenho.

- É Ramsey— disse sobre seu ombro.
- Diga que entre.
- Grigori deu um passo atrás.
- Um pouco tarde para uma visita, não, Ramsey?
- Você está aqui.

Encolhendo os ombros, Grigori deu um passo atrás.

—Entra.

Edward entrou no saguão e Grigori fechou a porta. Logo que o vampiro se voltou, Edward o empurrou. Tomado pela surpresa, Grigori golpeou o chão com a cara. Movendo-se rapidamente, Edward passou ao redor do pescoço do vampiro uma grossa corrente de prata e puxou com força. Houve um feio vaio quando a prata atravessou a carne sobrenatural.

Com um rugido de indignação, Grigori rodou sobre suas costas, mas Edward estava preparado. Ficou escarranchado sobre as pernas de Grigori, e colocou um pesado crucifixo sobre o peito do vampiro.



Grigori ficou rígido quando a prata queimou sua carne. Embora a cruz não fosse pesada, podia sentir seu peso sobre ele, nublando seus poderes vampíricos.

—Edward —chiou Marisa. —O que está fazendo?

—Matando um vampiro.

—Para!

—Não interfira, Marisa.

—Para com isto, Edward! Está louco?

—Olhe, Marisa! Se aproxime e veja o que realmente é.

Os lábios abertos, as presas nuas, Grigori olhou Ramsey, mas Ramsey evitou encontrar-se com seu olhar.

—É malvado, Marisa! Um assassino! Tem que ser destruído.

Grigori exaltou ar profundamente. A prata queimava sua pele como uma fina chama branca.

—Edward, me solte.

—Seus jogos mentais não vão funcionar, vampiro —Ramsey tirou uma estaca e um martelo de madeira de dentro de sua jaqueta. —Não desta vez.

Grigori ficou repentinamente quieto. Marisa, que o olhava com horror sentiu um evidente tremor no ar, uma vibração, como eletricidade estática, e soube que Grigori estava convocando seu poder.

Foi algo impressionante de ver. Ou de não ver. Não houve nada tangível, nada visível a simples vista. Embora sentisse o poder crescendo no interior de Grigori, subindo à superfície como lava das profundidades de um vulcão adormecido. Por que não sentia Edward?

Conteve a respiração, temerosa de olhar, incapaz de afastar a vista.

E então Grigori elevou seus braços, colocando suas mãos ao redor da cintura de Ramsey, e se levantou num único movimento fluido, levando Ramsey com ele. O crucifixo caiu do peito de Grigori no chão. Envolveu o pescoço de Ramsey com uma mão e levantou o homem do chão, logo arrancou a pesada corrente de prata de sua garganta.

Marisa ofegou quando viu o pescoço de Grigori. Estava em carne viva.

Ramsey se revolveu no apertão do vampiro, seu rosto se tornou púrpura, seus olhos se sobressaíam, enquanto se afogava lentamente. A estaca e o martelo caíram no chão com um ruído surdo, e agarrou com suas mãos as de Grigori, tentando afrouxar o mortal apertão do vampiro em seu pescoço.

—Grigori, não lhe faça mal!

—la me matar.

—Por favor...—Marisa apertou suas mãos numa atitude de oração, não sabia se rogando a Grigori que fosse misericordioso ou implorando a intervenção divina. —Por favor.

Grigori centrou seu olhar na cara de Ramsey.

—Pode me ouvir, Ramsey?

Edward assentiu como pôde.

—Não me deixa outra opção que te matar.

Edward o olhou, com os olhos cheios de resignação.

—Grigori, não —Marisa suplicou em voz baixa. —Por favor, deixe-o ir.



O vampiro voltou a cabeça e a olhou, e ela sentiu seu poder deslizar por sua pele. Seus olhos escuros estavam cheios de ira e dor. Ela quis afastar o olhar, correr, mas ficou onde estava, sabendo que a vida de Edward dependia dela. —Por favor, não lhe faça mal.

Grigori a olhou por um longo instante, e logo baixou seu braço, deixando que os pés do Ramsey tocassem o chão. Perguntando-se se viveria para arrepender-se do que ia fazer, relaxou o apertão do pescoço do homem, embora não o soltou.

—Me olhe Edward, e presta muita atenção no que vou dizer. Não cruze de novo meu caminho. Você não gostará do que ocorrerá se o fizer.

Sua mão se apertou contra o pescoço do Edward.

—Compreendeu?

—S—sim.

—Não faça que te mate.

Grigori manteve agarrado Ramsey um momento mais, e logo o deixou em liberdade.

Edward ofegou e deu um tropeção para trás, suas mãos massageavam sua garganta, seus olhos brilhavam de ódio.

—Edward, está bem?

Ramsey assentiu, mas não afastou o olhar do vampiro. Nunca, pensou, nunca tinha visto a morte tão perto. Pensou em todos os vampiros que tinha caçado e destruído, pensando nas vezes que felicitou a si mesmo por liberar o mundo do mal. Só agora se dava conta da sorte que tinha tido. Nenhum dos monstros que tinha destruído havia possuído o tipo de poder que Chiavari tinha. Se eles o tivessem, não tinha nenhuma dúvida que o teriam matado muito tempo atrás. Em todo esse tempo, tinha pensado em si mesmo como um professor em matar vampiros. Nesse momento soube que todas as criaturas às que tinha destruído, que tinham sido tão fáceis de encontrar, fáceis de matar, era porque tinham sido vampiros jovens, feitos recentemente, vulneráveis.

Grigori moveu bruscamente a cabeça para a porta.

—Vá.

Edward evitou o olhar do vampiro e se voltou para a porta.

Uma tirante sorriso curvou os lábios de Grigori quando abriu a porta com sua vontade.

—Recorda o que te disse, Ramsey. Não cruze de novo meu caminho.

Assentindo, Edward se deslizou para a escuridão.

Grigori ficou ali durante um momento, logo fechou a porta. Tomou ar profundamente, com temor de olhar Marisa depois do que tinha feito.

Ela o olhava, às horríveis queimaduras de seu pescoço. A prata tinha queimado através da camiseta; podia ver a escura mancha em seu peito onde o metal tinha queimado a pele.

—Há algo que eu possa fazer?— sua voz era débil, tremente.

Ele sacudiu a cabeça, amaldiçoando em silêncio Edward Ramsey. Condenado homem. Seu sentido de oportunidade não podia ter sido pior.

Com as pernas trementes, Marisa foi para a sala e se deixou cair no sofá. Queria tomar um pouco de vinho, mas suas mãos tremiam tanto que não acreditava que pudesse consegui-lo sem derramá-lo.



Indeciso sobre o que devia dizer ou fazer, Grigori encheu sua taça de vinho e a pôs em sua mão.

—Beba.

Ela tomou vários sorvos, logo se tombou para trás e fechou os olhos, induzindo-se a relaxar. Tinha terminado. Grigori ainda estava vivo. Edward ainda estava vivo.

—Marisa...

O olhou, sem dizer nada.

—Quer que eu saia?

—Não sei.

—Sabia o que era. O que sou.

OH, sim, sabia, mas nos últimos dias tinha conseguido empurrar a realidade a um canto longínquo de sua mente. Ele tinha sido tão amável, tão atento. Nunca tinha saído com um homem que a tratasse com tanta ternura, com tanto respeito, que escutasse tão atentamente o que tinha a dizer, que valorasse suas opiniões, que necessitasse tanto seu amor. Ela nunca tinha saído com um homem como este, que não era um homem absolutamente.

Nunca haveria nada a fazer, deu-se conta Grigori. Nunca o veria como outra coisa senão um monstro, e por que devia fazê-lo? Para ela, isso é o que ele era. Tinha sido parvo por pensar que podia o amar, aceitar. Um parvo por acreditar que podia ter uma vida com uma mulher mortal.

Tomou ar profundamente, mantendo-o durante muitos segundos, logo o deixou escapar com um suspiro. Era o momento de deixar de enganar-se a si mesmo, de recordar quem e o que era. Tempo de ir para casa, de voltar a Toscana, onde pertencia.

—Adeus, Marisa.

O olhou, entrecerrando os olhos.

Havia algo definitivo no tom de sua voz, como se dissesse adeus para sempre e não só por essa noite.

Levantou-se. O pensamento que não voltaria a vê-lo de novo anulou suas dúvidas.

—Aonde vai?

—Para casa.

—Não vou voltar a te ver, verdade?

—Não —deslizou seus dedos sob seu queixo. Jogando a cabeça para trás a beijou nos lábios.

—Seja feliz, *cara*. Encontra um bom homem de sua idade. Alguém que possa te dar um monte de meninos—seus nódulos acariciaram sua bochecha. —Alguém que possa envelhecer ao seu lado.

Voltou-se, e ela soube que no momento em que saísse de sua vista, sairia de sua vida.

—Grigori! Espera! Não me deixe.

—É o melhor.

—Não, não, não é. Por favor—Não pôde suportar pensar que nunca voltaria a lhe ver, que jamais ouviria sua voz, sentiria seu toque. As lágrimas brotaram de seus olhos, caindo por suas bochechas. Ela as afastou rapidamente com o dorso de sua mão. —Por favor, não vá.

—Ah, Marisa —murmurou—não chore. Não posso suportar suas lágrimas.

—Quero-te. Nunca amei ninguém como amo você. Não me importa que seja um... um vampiro.



—Não?

Ela sacudiu a cabeça.

—*Cara*—devagar, envolveu-a entre seus braços. —*Cara*.

—Está zangado porque não quis fazer amor?

—Minha Marisa, é tão jovem, tão inocente.

—Não sou jovem. E não sou tão inocente.

—Comparado comigo é uma menina —a beijou no cocuruto. —Ah, Marisa, se tudo o que eu quisesse fosse seu corpo, poderia tê-lo a qualquer momento.

—Então, por que me está deixando?

—Porque o que aconteceu esta noite me fez ver que isto não vai funcionar nunca. Pode me amar, *cara*, mas duvido que alguma vez seja capaz de me aceitar pelo que sou. E não posso mudar isso, *meu amore*, nem sequer por você.

—Posso. Farei! Me prometa que nunca me deixará —o olhou através das lágrimas. —Será meu encontro de Véspera de Ano Novo.

Sentiu que sua resolução se debilitava ao pousar seu olhar nela. Como podia a deixar? Em duzentos anos não tinha falado com ninguém do que era, não tinha encontrado ninguém a quem pudesse confiar a verdade de sua identidade. Dando-lhe um tempo possivelmente ela fosse capaz de aceitá-lo totalmente. Tempo... não significava nada para ele. O que era outro mês, outro ano, para alguém que era um Vampiro?

—Ah, *meu dolce amore*, por favor, não chore.

—Diga que ficará.

—Está segura, *cara*?

—Sim. Me beije, Grigori...

Apertou-se contra ele, e suas mãos a rodearam com força. Espirais de calor a percorreram quando seus seios se esmagaram contra seu peito. Ela era a luz para sua escuridão, sol para sua lua. Nunca a deixaria ir, não enquanto houvesse uma oportunidade que ela fosse dele, totalmente, completamente dele.

—*Caríssima!* —beijou-a como não a tinha beijado antes, deixando-a sentir a urgência de seu desejo, o fogo de sua paixão. Deixando que sentisse a fome selvagem que se elevava das profundidades de sua alma, deixando-a sentir a dor que chegava por negar-se a tomar o amor que desejava, o néctar da vida que necessitava para sobreviver.

—Grigori...—ela se tornou para trás, sem respiração, quando ele tirou seus lábios dos dela.

—Como suporta a dor?

—Não era tão duro de suportar até que te conheci.

—Te amo.

Seu olhar percorreu seu rosto. Deleitou-se com a calidez de seus olhos, fascinou-a o conhecimento de que ele a desejava, de que ele a encontrava desejável. O mesmo conhecimento também a fez sentir miserável, porque isso causava dor nele.

Inclinou sua cabeça para um lado, oferecendo seu pescoço.

—Beba de mim, Grigori. Não quero que sofra por minha causa.

—Não é uma boa idéia, cara.



—Por que não? Está ferido. Só quero te ajudar.

—Sim?—Seu olhar se fez profundamente intenso.

—Sabe que o faria.

—Quer ser minha mulher, Marisa? Minha em todos os sentidos?

—O que quer dizer?

—Desejo que seja minha.

—Está-me pedindo que me case contigo?

—É uma maneira de dizê-lo. Comprometerei-me a te dar meu amor e meu amparo por tanto tempo como o deseja.

—Mas...—o olhou, com medo de negar, temerosa de fazer que partisse.

—Quer um matrimônio real, numa igreja.

Ela assentiu. Toda sua vida tinha sonhado com uma grande boda na igreja, andando pela nave adornada vestida de imaculado cetim branco. Seu pai a acompanharia; sua mãe teria lágrimas nos olhos; Mike sorria com orgulho. Seus amigos de trabalho estariam ali para desejar o melhor.

—Marisa —ele a agarrou entre seus braços e a manteve perto. —Quer se casar comigo?

Ela assentiu. Sim, se me aceitar.

—Sabe o que significa ser a mulher de um vampiro? Há muitas coisas que não posso compartilhar contigo. Pensa com cuidado antes de aceitar. Uma vez que seja minha, realmente minha, não te deixarei. Pode se cansar de ter um marido que só poderá compartilhar uma parte de sua vida.

—Como sabe que quererá estar comigo? Como se sentirá quando eu for velha, tenha o cabelo cinza e rugas, e você ainda seja jovem?

—Te amarei como agora.

Olhou seus olhos e soube que era verdade.

—Se casará comigo, Grigori? Estará ao meu lado na igreja e jurará que será meu marido enquanto viva?

—Se esse for realmente seu desejo. Mas pensa atentamente, caríssima. Pensa no que te disse, no que sou, no que quer.

Lhe deu um beijo ligeiro, saboreando a suavidade de seus lábios, a maneira que se balançava contra ele, rendendo-se brandamente, e então a separou dele.

—Amanhã à noite —disse em voz baixa. —Amanhã à noite virei por sua resposta.

Capítulo 28

Teve problemas para concentrar-se no trabalho no dia seguinte. Só podia pensar em Grigori. OH, ela não tinha nenhuma dúvida que o amava, mas era o suficientemente forte para viver com um vampiro? Não podia lhe dar filhos, ou fazer algumas dessas coisas mais mundanas que os maridos e mulheres faziam juntos. Não haveria dias de verão na praia, nem passeios em bicicleta



através do parque Griffith, nem partidas de tênis. Ele não podia ir com ela à igreja os domingos pela manhã...

O som do telefone a tirou bruscamente de seus devaneios. Era Edward, perguntando se podia levá-la para jantar.

—Sinto muito, mas não posso.

Houve uma longa pausa

—Está o vendo, não?—o tom do Edward não dissimulava a censura.

—Sim.

—Não entendo. Como pode sair com ele?

Marisa deixou escapar um suspiro. Bem, poderia superá-lo.

—Estou apaixonada por ele, Edward. Sei que não aprova, mas não posso evitar.

—O que!

—Escuta, Edward. Não posso falar agora. Por favor, só trate de aceitar. Não pode ficar feliz por mim?

—Feliz? Está louca? O homem é um vampiro.

—Me diga algo que eu não saiba—murmurou. —Tenho que ir. Adeus.

Marisa ficou olhando o receptor. Embora parecesse estranho, a chamada de Edward a tinha ajudado a decidir-se.

Correu para sua casa depois do trabalho, tomou uma ducha rápida, e pôs umas calças brancas e um pulôver verde. Escovou o cabelo depressa, comprovando sua maquiagem. Suas mãos tremiam tanto que mal pôde utilizar o lápis de lábios.

Soube que estava ali antes de ouvir a porta da frente. Ele não necessitava chave, pensou, e se perguntou como seria abrir as portas com o pensamento, ler mentes. Beber sangue...

Olhou seu reflexo no espelho, durante um momento, logo correu a sala.

—Olá.

Ele deslizou seu olhar sobre ela, cálido pela admiração.

—Olá.

Ela mordeu o lábio inferior, consciente da repentina tensão entre eles. Normalmente ele a tomava entre seus braços, mas não essa noite, e ela compreendeu que ele não a tocara até que o tivesse informado de sua decisão. Mas certamente ele sabia. Ele podia ler sua mente... e então recordou que tinha prometido não invadir seus pensamentos.

—Sente-se —fez um gesto com mão vacilante para o canapé, perguntando-se por que se sentia tão nervosa.

Grigori sentou e ela o fez ao seu lado. Por um momento jogou com a idéia de o chatear, de fazer esperar, de fingir que ia responder que não. Mas então olhou seus olhos, aqueles profundos olhos escuros que podiam ser tão insondáveis como uma parede de tijolos. Não eram escuros nem impenetráveis nesse momento.

—Marisa?

—Quero-te, Grigori. E quero ser sua esposa.

Com um silencioso gemido a agarrou entre seus braços e a aproximou dele. Tinha tido esperanças, mas não se atreveu a acreditar...



—Cara!—Aproximando-a, beijou-a. Beijou-a até que os dois ficaram sem respiração. —Está segura?—tornou-se um pouco para trás para poder ver seu rosto.

—Estou segura —sorriu, pensando no adorável que era que ele tivesse tido dúvidas. — Pensou que ia mudar de opinião?

—Tinha-me preparado para o pior —admitiu. E porque tinha o poder, porque teve que saber como se sentia realmente, deixou que sua mente indagasse na dela. O amor que sentia por ele ardia como uma pura chama branca, mais brilhante e forte que os temores que o atormentavam.

—Farei tudo para te fazer feliz, *minha cara* —prometeu. — Amarei-te enquanto viver. Amarei-te até meu último fôlego.

—OH, Grigori, fala as coisas mais doces.

—Quando? —beijou a ponta do seu nariz.

—É amanhã muito cedo?

—Não para mim —olhou seus olhos. —Mas acredito que necessitará mais tempo.

—Suponho. Tenho que encontrar um vestido. E falar com o reverendo Stacy para a data — Deslizando fora de seus braços, encontrou papel e lápis e começou a tomar notas. —Terei que chamar meus pais e Mike. Perguntar a Bárbara se será minha dama de honra. E a Linda se será minha madrinha. Dois acompanhantes serão suficientes, não acha? Vai ser uma boda pequena. Necessitaremos um fotógrafo, e um bolo. E eu precisarei pedir algum tempo no trabalho para a lua de mel. E...

Grigori cruzou a sala e tirou o lápis de sua mão.

—Faz sua lista amanhã —disse com um grunhido.

Ela riu quando ele a pegou entre seus braços.

—Já me manipulando?

—Tenho só umas poucas horas para passar com você —murmurou ele, sua respiração esquentava seu ouvido. —Não quero gastar nem um minuto.

Passou os braços ao redor do seu pescoço.

—Há alguém que queira que convide?

—Não—ele se sentou no sofá e a embalou entre seus braços.

—Não tem amigos? Alguém que possa ser seu padrinho?

Um profundo suspiro escapou de seus lábios.

—Só estive neste país uns poucos meses —recordou. Mas podia ter estado ali durante anos e não faria nenhuma diferença. Por natureza era uma criatura solitária, nunca tinha acreditado num de sua espécie, duvidava em confiar no ser humano.

—Podia ser Edward —refletiu, e então, recordando a chamada de telefone dessa manhã, ela sacudiu a cabeça. —Não. Estou segura que meu irmão e seu filho estarão felizes de estar a seu lado.

—Se o desejar.

—Não se importa?

—Não, cara.

Acomodou-se contra ele, contente por estar entre seus braços, de senti-los rodear sua cintura.



—Temos que ir às compras —disse Grigori. —Tenho uma casa grande e vazia para que a encha. A beijou no cocuruto, sabendo que nenhum móvel podia transformar sua casa num lar, só Marisa por si mesma.

—Será caro.

—Gaste o que queira.

—De verdade?—Ela se endireitou um pouco, com os olhos faiscantes. —Você gosta de antiguidades?

—Eu sou uma antigüidade —murmurou.

—Muito gracioso. Amo as antiguidades, mas nunca tive recursos para comprar.

—Agora pode.

—OH, isto vai ser muito divertido.

Grigori examinou o apartamento.

—Achei que pintaria as salas de azul —Seu olhar pousou no tapete diante da janela. Ela o tinha levado para limpar, mas as manchas de sangue que ele tinha deixado eram evidentes se olhasse de perto.

Seu olhar se dirigiu à escuridão, mais à frente do cristal. Que direito tinha ele de pedir em matrimônio essa mulher? Tinha entrado em sua vida e não havia trazido mais que problemas.

—Grigori?

—*Cara?*

—Onde foi?

Ele franziu o cenho.

—Fui?

—Parecia muito longe. Não terá mudado de opinião, verdade?

—Não, mas possivelmente você deveria fazê-lo.

—Por quê? O que anda mal?

Ele sentiu a mudança nela, o incremento dos batimentos de seu coração quando o olhou, repentinamente apreensiva.

—Não quero te ferir, Marisa.

—Então não me deixe.

—Não o farei—Atraiu sua cabeça para ele. —Não o farei.

Seu beijo foi muito gentil, doce e ligeiro. Suas lágrimas fluíram quando se rendeu a seus lábios. O calor alagou seus membros; calafrios de êxtase a engoliram quando sua língua se deslizou por seu lábio inferior.

—Mais—ela sussurrou a palavra em sua boca. —Mais...

Com um gemido, ele aprofundou o beijo. Não havia nada gentil nele nesse momento. Seus braços eram como bandas de aço que a mantinham perto. Sua boca assolou a sua, machucando seus lábios. Sentiu a espetada de suas presas, provou seu próprio sangue em sua língua.

Grigori se tornou para trás imediatamente, seu olhar procurou a dela.

—Me perdoe.

Marisa lambeu o sangue de seu lábio inferior, sentindo o repentino estremecimento em seus braços. Olhou seus olhos, viu a fome que escurecia seu olhar.



—Está bem?—perguntou.

—Sim. Te fiz mal?

Ela sacudiu a cabeça.

—Está zangado?

Ele não pretendeu ignorar o que queria dizer. Deixou escapar o ar.

—Não, mas...—passou a ponta de um de seus dedos por seu lábio, e logo lambeu o sangue do dedo. —Tenta-me de maneira que não pode imaginar.

—OH. Você... fez... já sabe.

—Sim—seu olhar baixou até o pulso no oco de seu pescoço.

—Mas ainda está... ah, faminto?

—De algum jeito. Temo que a fome de sangue cresce mão a mão com meu desejo por você. Não posso separar as duas coisas.

—Isso o que significa exatamente?

—Significa que tenho que ter muito cuidado.

—Disse que era doloroso se passava longo tempo sem... sem já sabe. É mais prazenteiro para ti quando bebe—forçou a palavra a sair—sangue?

—Muito. E o teu é o néctar mais doce de todos.

Parecia estranho sentir-se orgulhosa por tão extravagante cumprimento, mas não pôde evitá-lo.

—Quando?—ele sussurrou, com a voz baixa e áspera de desejo. —Quando?

—Dia dezesseis —replicou ela sem fôlego. Podia ser precipitado, mas uma grande boda perdia cor diante da necessidade dele. De qualquer maneira só tinha uns poucos amigos próximos. Não necessitava dúzias de conhecidos casuais como testemunhas. Não necessitava uma ronda de brinde nupciais. Tudo o que precisava era Grigori.

Faltavam pouco mais de duas semanas para dia dezesseis. Daria a seus pais, seu irmão e sua família, tempo suficiente para chegar. Perguntaria ao senhor Salazar se podia tirar férias logo. Precisava comprar um vestido. Algo comprido e branco, com gola redondo e mangas ajustadas. Raso, ou possivelmente seda. E um véu. E sapatos brancos. E algo velho e algo novo, algo emprestado e algo azul.

Duas semanas e três dias. E então ela seria dele.

Ele a beijou de novo, suas mãos se moveram ligeiras sobre seus seios, suas coxas. Sentiu a rugosidade acetinada de sua língua deslizando por seu pescoço, sentiu todo seu corpo tremer quando a aproximou contra ele, deixando que sentisse a prova de seu desejo. Sentiu uma dor dentro, muito dentro, dor pela necessidade de o ter por completo na mais profunda parte de seu ser.

Duas semanas e três dias... Como poderia esperar tanto?

A véspera de Ano Novo foi clara e fria. Marisa permaneceu diante do espelho, tentando ver-se através dos olhos de Grigori.

O vestido verde azulado fazia que seus olhos parecessem mais escuros, mais profundos. A seda se ajustava na sua figura, delineando cada curva, despindo os ombros e uma boa parte de decote.



Um estremecimento de antecipação se estendeu em seu interior quando ouviu a porta da rua abrir-se. Ele estava ali!

Viu seu reflexo no espelho quando entrou no dormitório. Seus olhares se encontraram e se mantiveram, e ela viu a admiração em seus olhos, o amor, o desejo.

—Você gosta?—perguntou

Ele deixou sair um longo e baixo assobio.

—Gostar é pouco.

Era uma visão, um anjo caído na terra, uma sedutora que ia produzir o caos em seu autocontrole. O cabelo emoldurava a cara como uma nuvem de seda escura. Seus olhos verdes eram luminosos, sua pele da cor dos pêssegos amadurecidos. Seu olhar se moveu sobre ela devagar, por seus ombros, seus peitos, a curva de seus quadris, baixando por suas longas e bem formadas pernas.

Jurou baixo e sentiu como a fome crescia com seu desejo.

—Você também está muito bonito —disse Marisa sorrindo.

—Bonito?

Ela assentiu. Ele levava um traje negro que obviamente foi feito sob medida, camisa branca e gravata de seda cor granada.

—Sim —murmurou —Acho que vou ter que afastar às outras mulheres com um pau.

—Sério?—um canto de sua boca se elevou num irônico sorriso. —E eu vou ter que te manter perto de mim se não quiser que outro homem tente te roubar.

—Isso nunca ocorrerá. Vou grudar em você como um marisco —sorriu e agarrou seu casaco. —Pronto?

Os Salazar viviam no que alguém poderia chamar mansão. Marisa tinha a certeza de que todo seu edifício de apartamentos, inclusive o jardim e estacionamento, cabia dentro. As salas estavam luxuosamente decoradas dos fastuosos atapetados cor nata até os tetos abobadados. Caros quadros penduravam nas paredes; havia prateleiras de cristal cheias de custosas figurinhas de cristal e importações chinesas.

Uma garçonete pegou o casaco de Marisa. O senhor Salazar foi até ela para dar boas-vindas, e depois Marisa apresentou Grigori, a senhora Salazar deu um abraço em Marisa e disse que estivessem em sua casa.

—É um bonito lugar, não acha?

—Sim —Grigori olhou ao redor, tomando nota de um quadro numa das paredes. Duvidando se era um Picasso original ou uma cópia extremamente boa.

—Olhe, ali estão Linda e seu marido. Vamos—disse Marisa, agarrando sua mão. —Quero te apresentar.

Linda Haulf era uma mulher alta com cabelo loiro encaracolado e brilhantes olhos azuis. Seu marido, Jim, era agente imobiliário.

Grigori murmurou que estava encantado de os conhecer e estreitou a mão do marido, entrando num momento em um absurdo bate-papo com o homem enquanto Marisa perguntava a sua amiga se queria ser sua dama de honra.



—Casar!—exclamou Linda —Ouvii isso, Jim? Vão se casar—olhou Grigori como se estivesse considerando seus méritos para casar-se com sua amiga, e logo deu um abraço em Marisa — Quando ocorreu? Por que não me disse antes?

Jim Haulf rodou os olhos.

—Vem, Chiavari, vamos por um gole —sugeriu. —Este bate-papo nupcial pode levar horas.

Encolhendo os ombros, Grigori seguiu o homem ao bar. Pediu um Borgonha, permaneceu segurando sua bebida, escutando quando o homem começou a falar de Rose Bowl. Grigori assentia de vez em quando, mas sua atenção estava em Marisa. A suave luz das velas acariciava seu rosto e resplandecia em seu cabelo. Olhou sua risada, notando a maneira que seus olhos faiscavam, a forma que sacudia a cabeça, a maneira que seu cabelo flutuava sobre seus ombros. Inclusive através da sala podia cheirar o aroma floral de seu perfume, a cálida e feminina fragrância de sua pele.

Uma vez o olhou, seu olhar capturou a seu e sentiu como uma investida de desejo que quase o faz cair de joelhos. Em pouco mais de duas semanas ela seria dele.

O jantar foi servido vinte minutos depois. Opulenta era a única palavra para descrever a sala de jantar. Porcelana cristalina e translúcida, e talheres que cintilavam como ouro e refletiam a luz dos enormes candelabros que penduravam sobre o centro da mesa.

Grigori se sentou na frente de Marisa, entre uma anciã matrona com o cabelo azul e uma jovem mulher que reconheceu como uma modelo de televisão. A conversa na mesa foi animada. Havia muito bom humor misturado com a sopa de lagosta e vinho. A matrona queria saber se era solteiro sem compromisso; a modelo queria saber se estaria livre mais tarde.

Deu-se conta que Marisa o olhava fixamente e encolheu os ombros. *Não é minha culpa.*

Fez uma careta, logo se voltou para responder uma pergunta que tinha feito o marido da matrona.

O jantar levou uma hora. Grigori estava incômodo, estando tão perto de tanta gente. Seus sentidos cambaleavam pelo som de tantos corações pulsando. Seu nariz incomodava com o farto aroma de perfume, pós-barba e transpiração. O aroma de tanta comida, de tantos tipos de comida, punha-o doente. Tentou recordar a última vez que tinha comido, a última coisa que tinha comido, mas a lembrança se perdeu em duzentos anos. Mal podia recordar o que sentia ao comer ou beber alguma outra coisa que não fosse sangue ou um ocasional copo de vinho.

Deu-se conta que Marisa o olhava, e então ouviu sua voz em sua mente. *Está bem?*

Assentiu fracamente. *Sim, mas poderia tomar um pouco de ar fresco.*

O olhou, seus olhos ardiam com malícia e se perguntou o que pensariam seus companheiros se soubessem que havia um vampiro compartilhando a mesa. Mas o mais divertido de tudo era ser capaz de mandar seus pensamentos a Grigori, e ser capaz de receber sua resposta.

É preciosa, caríssima.

E você é muito bonito

Quero te fazer amor...

Ela sentiu uma quebra de onda de cor em suas bochechas. Suas palavras soavam tão claras na mente que olhou ao seu redor, convencida que o senhor Abercrombie e os outros tinham ouvido cada palavra. *Pare. Está me fazendo ruborizar.*



Favorece-te muito.

Grigori...

Quanto temos que ficar ?

Até depois do jantar. Poderemos escapar depois.

Depois do jantar. Raramente tinha visto tanta comida junta. Chegava e chegava, pratos e fontes cobertas. Seu povo da Toscana poderia comer uma semana a comida que passava diante dele.

Por fim, a comida terminou e os convidados se dirigiram ao salão de baile. Logo que saíram da sala em que tinham jantado, Grigori agarrou Marisa pela mão e a puxou para fora, afastando-a da aglomeração de gente.

Inalou profundamente, enchendo seus pulmões de ar fresco. E então agarrou Marisa entre seus braços e a beijou. E a voltou a beijar. E outra vez.

—OH, Grigori, quando me beija desta maneira...

—O que?—Farejou em seu pescoço, sentindo o pulso que corria. Fechou os olhos e respirou profundamente, inalando o aroma de seu cabelo e de sua pele, a fragrância de seu perfume.

—Não sabe? Não pode sentir o que estou sentindo?

—Sim, amor —respondeu com voz espessa. Sentia cada coisa que ela sentia e mais. A chamada do sangue se movia por suas veias removendo sua fome. Estava doído pela necessidade de saborear sua doçura, sentiu suas presas crescer em resposta a seus pensamentos.

Ela suspirou e apoiou a bochecha em seu peito.

—Não estou segura de poder esperar duas semanas.

Lutando por suprimir a escura necessidade de seu interior, tomou ar, respirando calmamente, logo beijou a ponta do seu nariz.

—Mas esperaremos—prometeu —será minha esposa quando estiver em minha cama, *minha cara*, e uma vez que seja minha, nunca, nunca te deixarei ir.

Suspirou quando a beijou de novo, com a certeza que toda uma vida em seus braços não seria suficiente.

A música começou a tocar. Marisa se balançou contra Grigori.

—Dança comigo?—murmurou e então sua mão direita estava em sua cintura, a esquerda agarrou a sua e estavam dançando.

Ele dançava divinamente. Parecia que seus pés mal tocavam o chão enquanto giravam. Movia-se com graça, sem esforço, guiando-a como se tivessem dançado juntos durante anos.

Foi uma noite gloriosa. O céu era como um leito de escuro veludo salpicado com um milhão de cintilantes luzes. Dançaram durante horas, inconscientes de tudo salvo um do outro.

Houve um rufo de tambores quando se aproximou a meia-noite e o líder da banda começou a contagem regressiva.

Dez. Nove. Oito.

Marisa olhou Grigori nos olhos, perguntando-se se sentia a mesma magia que ela, a mesma sensação de maravilha.

Sete. Seis. Cinco.

Ele acariciou sua bochecha com o dedo, e ela sentiu o toque por todo seu corpo.



Quatro. Três. Dois.

Um.

—Feliz Ano Novo, Grigori —sussurrou.

—Feliz Ano Novo, *minha cara*.

Ele a beijou gentilmente.

—Fecha os olhos.

—Por quê?

—Fecha os olhos, *cara*.

Ela esperou com a excitação atravessando-a, e ele agarrou sua mão.

—Já pode abri-los —disse, e ela olhou o anel que ele tinha deslizado em seu dedo.

—OH, Grigori —murmurou. —É precioso.

Ela nunca tinha visto um diamante tão grande em toda sua vida. Elevou a mão, voltando a de um lado a outro, olhando como refletia as luzes do salão de baile.

—Gostou?

—Adorei. Quero-te!

—Ah, Marisa, quando me olha dessa maneira, acredito que tudo é possível.

—Não tem dúvidas sobre nós, verdade?

Dúvidas? Tinha dúzias, centenas, mas as afastou. Marisa estava aí, em seus braços. Tinha prometido ser sua esposa, e nada mais importava.

Passaram os seguintes dias comprando móveis. Marisa estava encantada com a casa que Grigori tinha comprado. As salas eram grandes, com tetos abobados e chãos de madeira. Havia uma grande lareira de pedra no salão e outras menores nos quartos. Havia uma enorme despensa na cozinha, uma estufa com uma grande cristaleira e uma clarabóia, uma antiquada sala de música.

Grigori aprovou tudo o que ela levou a casa: um antigo dormitório de carvalho com uma cama de quatro postes, uma grande mesa redonda de carvalho com quatro cadeiras para a cozinha, outra mesa mais formal e suas cadeiras para a sala de jantar e um aparador de carvalho intrincadamente esculpido.

Compraram lençóis e toalhas, pratos e talheres. Dinheiro não era um problema. Várias vezes, deixava o que realmente queria e pegava algo menos caro, e cada vez, Grigori insistia que comprasse o abajur, a mesa ou a cadeira que preferia.

—Agora é uma mulher rica —recordava —Compra o que quiser.

—Está me mimando—murmurou uma noite enquanto deixavam uma exclusiva loja de móveis.

Já fora, ele a pegou entre seus braços e seus lábios se juntaram.

—Isso, meu doce, é exatamente o que decidi fazer.

Capítulo 29



Os seguintes dias transcorreram num barulho de excitação. Marisa chamou seus pais e seu irmão e escutou pacientemente suas objeções a que se casasse com um homem que conhecia há tão pouco tempo. Passou três horas no almoço procurando um vestido de noiva; logo passou sábado pela tarde com Linda escolhendo os vestidos que Linda e Bárbara usariam. Não houve suficiente tempo para imprimir os convites, por isso mandou manuscritos a uns poucos amigos íntimos. Encomendou um bolo pequeno, fez acordos com a igreja, marcou hora para arrumar o cabelo e fazer as unhas. Falou com o senhor Salazar, o convidando à boda e perguntando se podia tirar duas semanas para a lua de mel. Resmungou um pouco, mas no final, aceitou.

Se seus dias foram febris, não o foram suas noites. Grigori chegava cada tarde e então, entre seus braços, encontrava a paz que evitava durante o dia. Não falhava em levar algum tipo de presente: flores—dúzias de rosas brancas, outras amarelas, outras rosas, uma única e perfeita rosa vermelha; bombons e perfumes; um encantador coração de prata afiligranado com uma delicada corrente; um colar de diamantes tão formoso que a deixou sem respiração.

—Não tem que me dar presentes cada vez que vem —o repreendeu uma noite, mas ele desprezou suas objeções com um movimento de sua mão.

—Agrada-me trazer coisas —replicou. E então sorriu, um matreiro e pícaro sorriso que fez que seu interior se fundisse e que os dedos de seus pés se enroscassem. —Além disso, eu adoro a maneira que expressa sua gratidão.

Marisa sacudiu a cabeça.

—Tolo! Te beijaria mesmo que não trouxesse presentes.

—Faria?

—É obvio. Te beijei esta noite, não? E não me trouxe nada.

Ele elevou uma sobrancelha.

—Não o fiz?

—Fez?

Com um floreio, procurou em seu bolso e retirou uma pequena caixa quadrada. A estendeu com uma piscada.

—O que é?—perguntou Marisa.

—Abre e veja.

Seu estômago se agitava de excitação, elevou a tampa. Uma chave descansava numa cama de veludo azul. Olhou-o.

—Me deixe adivinhar. É a chave de seu coração, verdade?

Ele riu baixo.

—Não, *bela*, é a chave de seu novo carro.

—Novo carro! Me comprou um carro?

Grigori assentiu.

—Está estacionado aí na frente.

Marisa foi rapidamente para a janela, abriu as cortinas e olhou para fora. Havia dois carros no meio-fio. Um elegante Corvette negro e um Corvette vermelho conversível.

—Não seria um desses? —perguntou, olhando sobre o ombro.

Grigori se situou atrás dela e deslizou suas mãos por sua cintura.



—Qual deles você gosta?

—Qual deles? Comprou os dois?

Ele assentiu.

—Pensei que podia preferir o conversível, mas pode ser o outro, se você gostar.

Não sabia o que dizer.

Grigori pôs suas mãos em sua cintura e a girou para olhá-la à cara.

—Preferia alguma outra coisa?

—Não. Não. Quem não iria querer um Corvette?, mas...

—Mas?

—São muito caros. E tem o seguro. Nunca poderei me permitir isso.

—*Cara*, está tudo pago.

—Mas... deve ter sido uma fortuna comprar dois carros, e o seguro e...

Colocou um dedo sobre seus lábios.

—Tenho uma fortuna, *minha cara*. Me deixe gastá-la com você.

Olhou-o, perguntando-se como tinha pensado alguma vez que era um monstro. Tratava-a como uma rainha, consentindo-a descaradamente, e não só comprando presentes. Estava atento a seus desejos, suas necessidades. Valorava suas opiniões, escutava o que tinha a dizer.

—Grigori, é muito bom comigo.

Sorriu.

—Ah, cara, é você quem é boa comigo. Passou muito tempo desde que tive alguém a quem querer, alguém a quem cuidar. Tinha esquecido como é maravilhoso.

—Eu adoro a maneira que me cuida— murmurou e atraiu sua cabeça para ela e o beijou.

Como sempre, o toque de seus lábios a alagou de calor, fazendo-a ansiar pelo dia que pudesse ser sua de corpo e alma.

—Três dias mais —sussurrou. Era quarta-feira. Tirou a quinta-feira e a sexta-feira livre para passar com sua família e fazer os recados de última hora. Recolheria seu vestido de noiva no dia seguinte pela tarde; de noite sairiam para jantar para que Grigori conhecesse sua família. No sábado pela manhã recolheria as flores e iria à barbearia. As bodas eram às seis da tarde na igreja metodista que havia ao virar a esquina.

—Três dias mais —repetiu ele com voz baixa, e a idéia o encheu de tal saudade, que pensou que podia morrer de dor.

Três dias mais. Podia esperar esse tempo. Com esforço sossegaria a fome de seu interior.

—Assim —disse —Qual deles será? O vermelho ou o negro?

—O que? OH, os carros —sorriu —O vermelho. Sempre sonhei tendo um Corvette— inclinou a cabeça para um lado. —Mas você sabia, não?

—O que quer dizer?

—Estive lendo minha mente de novo?

—Não —replicou —Me pareceu que você gostaria.

—De verdade?

—De verdade.



—Meus pais estarão aqui amanhã —apoiou a cabeça em seu ombro e fechou os olhos. Amava sua gente, realmente o fazia, mas não esperava com ânsia compartilhar o teto com eles durante os próximos dias. Por uma coisa, não ia ser capaz de sentar-se de noite e beijocar-se com Grigori no sofá, não com seu pai vendo as notícias das onze. Seu irmão e sua família teriam que ir a um motel. Não havia quartos em seu apartamento para Mike, Barbara e seus filhos, a menos que ela se fosse. O que podia não ser má idéia, meditou, se pudesse ficar com Grigori.

Sorriu ante o pensamento. Embora tentador, não podia fazê-lo. A seus pais daria um ataque. Só ficariam ali por três dias. Podia suportar esse tempo. E logo pertenceria a Grigori para sempre.

—Vem—disse, agarrando sua mão. —Vamos dar uma volta.

Era o carro mais luxuoso que tinha visto. O interior era de couro na cor manteiga, e cheirava como só um carro novo podia cheirar. Prendeu o cinto, deslizou a chave no contato, sentiu um estremecimento de excitação quando o motor cobrou vida. *Ronronou* seria a melhor palavra, meditou quando se separou do meio-fio.

—Você gosta?

—Eu adoro—o carro respondia como um cão —Por que comprou dois?

—Um para você e outro para mim.

—Pensei que era só desejar e ia onde queria.

—Bom —admitiu com um sorriso —depois de provar o teu jeito, de certo modo me apaixonei por ele. Quero dizer... — encolheu os ombros. —Nunca tinha conduzido algo como isto.

—Típico de homem —murmurou e logo riu. Não havia nada típico em Grigori. —O que farei com meu carro velho?

—O que quiser. Vende. Joga fora. Dê de presente.

Ela riu então, riu porque era feliz, porque Grigori estava ao seu lado, porque em três dias seria sua esposa.

Era feliz, tão feliz. Deveria ter sabido que não podia durar.

Eram sete da manhã. Quinta-feira. Edward Ramsey bateu na porta de Marisa.

—Olá Edward —disse Marisa, bocejando. —O que está fazendo aqui tão cedo?

—Não viu os jornais, verdade?—Colocou uma cópia do L. A. Times em seu rosto. —Acredito que voltou.

Não teve que perguntar quem. Suas mãos tremiam quando agarrou o jornal e começou a ler.

O VAMPIRO ASSASSINO ATACA DE NOVO

As manchetes gritavam a notícia. Leu a história rapidamente. O corpo de uma moça tinha sido encontrado na área do parque Griffith na noite anterior. Não havia sinais de luta, nem indicações de violência, salvo pelas pequenas feridas da garganta e o fato que o corpo carecia de sangue.

Marisa olhou Edward, o jornal caiu, inadvertido, no chão. Havia voltado. Alexi tinha voltado. Cruzou os braços sobre o peito, de repente estava completamente claro.

Havia voltado.

—Chiavari revoa ainda por aqui?



Ela assentiu.

—Entra —esfregando seus braços com as mãos, foi à cozinha e se serviu uma xícara de café. Seus pais chegariam em meia hora. Mike e Bárbara o fariam por volta do meio-dia.

la se casar em dois dias.

Alexi Kristov havia voltado.

—Depois de tudo o que ocorreu, não posso acreditar que ainda continue vendo Chiavari. O homem é um vampiro —clamou ruidosamente.

—Amo-o —Tomou ar. —Vamos nos casar.

—Casar!—Edward a olhou como se tivesse crescido outra cabeça. —Está brincando, não? Me diga que está brincando.

Edward tinha recolhido o jornal e entrado com ele na cozinha. Agora o sacudia em seu rosto.

—Vampiro, Marisa! Não te resulta familiar? Não há diferença de Kristov. Seguro, é de aparência agradável como o inferno, mas ainda assim é um morto vivo. É capaz de assassinar, igual a Kristov. Nunca estará a salvo com ele. Nunca! Alguma noite não será capaz de controlar sua fome e se voltará contra você.

—Para!—Pôs as mãos em seus ouvidos para bloquear sua voz. —Para! Não quero escutar.

—Escutará!—Arrojou o jornal e pegou suas mãos, as apertando contra seu peito. —É um assassino, sabe. Deixa de pensar com os hormônios e começa a usar a cabeça. Só porque vem num bonito pacote não muda o que é. É um vampiro, e eles são assassinos por natureza.

—Ele não! Me disse que não matou ninguém em cento e cinquenta anos, exceto para preservar sua vida, e eu acredito.

—É tola. Quer-te, Marisa, te quis desde o começo e fará tudo, e digo tudo, para te ter.

Ela sacudiu a cabeça.

—Se fosse como diz, poderia me ter em qualquer momento. Não teria que casar-se comigo. Me ama.

—Maldição, Marisa, é um vampiro. É incapaz de amar.

—Não, não, não!— Tentou liberar suas mãos de seu agarre. —Me deixe ir, Edward!

—Não até que escute o que estou dizendo.

—Estou escutando.

—Sério?

—Sim— replicou asperamente. —Escuto, mas isso não muda nada. Amo-o e vou casar com ele.

Edward a olhou durante um momento e então, com um suspiro de derrota, soltou suas mãos.

—É sua vida— disse entre dentes —suponho que pode arriscá-la se quiser. Mas antes de cometer um engano fatal, pergunte. Pergunte quanta gente matou nos últimos duzentos anos. Não escute essa merda que não caça onde vive, ou que só mata em defesa própria. Só pergunte. Pergunte quantas vidas roubou para seu sustento. E logo se pergunte a si mesma se quer ser a seguinte.

—Edward...

Chamou-o mas era muito tarde. Partiu.



Apenas tinha fechado a porta atrás dele quando chegaram seus pais.

Capítulo 30

—Marisa!—sua mãe a abraçou fortemente, logo deu um passo para trás e a olhou de cima abaixo. —Bem, está...—As palavras se perderam —Não, não está bem absolutamente! O que ocorre, Marty? Pensou nisso duas vezes? Bem, não posso dizer que te culpe. Acaba de conhecer o homem...

Jack Richards agarrou sua filha entre seus braços e lhe deu um abraço de urso.

—Deixa-a em paz, Marge, acabamos de chegar—deu uma piscada a Marisa. —Me parece bem. Um pouco cansada, mas sua mãe parecia uma morta-viva dois dias antes que nos casássemos. Tem café?

—Claro, papai.

Marisa foi à cozinha. Morta viva. Era interessante que seu pai tivesse usado essa frase. Olhou por cima de seu ombro quando seu pai entrou na cozinha e sentou na mesa.

—Terríveis esses assassinatos —estendeu o jornal na mesa, o mesmo jornal que Edward tinha arrojado antes no chão, a julgar pelas rugas que tinha.

—Sim, terríveis —Marisa concordou. Deu a seu pai uma xícara de café e sentou na frente dele. *Pergunte a quanta gente matou... Nunca caço onde vivo... Pergunte quantas vidas tomou para seu sustento... Não matei ninguém em cento e cinquenta anos...*

—O que é Marty? O que anda mal?

—Nada, papai, só nervos pré-nupcial, suponho.

—Onde conheceu o moço?

—Na feira, justo antes do Halloween.

Jack Richards riu alto. Era um bom som, profundo e rico, que recordava a Marisa viagens ao campo, excursões pelo bosque e festas de aniversário.

—Sinto—disse —Não queria rir —sacudiu a cabeça. —O ama?

—Sim —*Só há uma coisa má nele. É um vampiro.*

—Ele te ama?

—Sim —*Pensa que meu sangue é o néctar mais doce de todos.* Afastou o pensamento de sua mente. —Onde está mamãe?

—Desfazendo a bagagem —se inclinou sobre a mesa e lhe agarrou a mão. —Se se amarem um ao outro, se realmente o fizerem, tudo dará certo. Me acredite. E se não der, bem, já sabe que sua mãe e eu sempre estaremos aqui para você.

—Sei, papai. Obrigado—apertou sua mão, pensando em quão afortunada era por ter a esse homem como pai. Sempre tinha estado para ela. Tinha-lhe ensinado a montar de bicicleta, levado a seu primeiro concerto, confortado quando tinha rompido com seu primeiro namorado, tinha comprado seu primeiro ramallete. Tinha ensinado a dirigir um carro, persuadido sua mãe que



deixasse depilar as pernas porque todas as outras garotas estavam fazendo, deslizado um ou dois dólares extra quando seu pagamento não chegava, ajudado com seus deveres.

—Bom, Marty, chegamos tarde para tomar o café da manhã?—perguntou sua mãe quando entrou na cozinha.

—Não, Mamãe. O que quer?

—Sente-se e deixe que eu cuido de tudo.

—Mamãe, é minha convidada.

—Não seja tola. Não sou uma visita, sou sua mãe. Vá se vestir e eu prepararei o café da manhã. O que quer?

Marisa sorriu a seus pais, pensando em quão afortunada era.

—O que papai quiser me parece bem.

—Essa é minha garota —disse Jack com um sorriso, —Torradas francesas e bacon. Que tal?

—Perfeito!—Marisa piscou o olho a seu pai e deixou a cozinha com um sorriso.

Mike, Barb e seus filhos chegaram pouco depois. Marisa abraçou seus sobrinhos. Com dez anos, Mike Júnior era o mais velho; logo vinha Nikki, que tinha oito, Mindy, com seis e Danny que acabava de fazer dois.

—Não sei por que vive aqui —se queixou Mike enquanto a abraçava. —O tráfego é terrível.

—Mas o clima é maravilhoso.

—Suponho que sim. Por que não se casa no verão? Dessa maneira poderíamos aproveitar a praia.

—Sinto muito, Mike.

—Sim, sim.

—O ignore—aconselhou Barbara. —Esteve se queixando desde que o avião aterrissou. Já sabe como detesta deixar o Colorado.

—Como está, Barb?—perguntou Marisa, abraçando sua cunhada.

—Como estou? Grávida, assim é como estou.

—É maravilhoso!—exclamou Marisa, e separou de sua mente Grigori insistindo que se casasse com um homem que pudesse lhe dar filhos. Olhou os filhos de Mike. Eram preciosos, educados.

—Outro bebê!—Marge Richards correu e abraçou Barbara. —Pensei que o seguinte seria de Marisa.

—Eu também —disse Barbara. —Realmente não tínhamos planejado nada disso, mas... — encolheu os ombros. —Essas coisas acontecem.

Mike sorriu abertamente

—Sim.

—Felicidades, filho—Jack estreitou a mão de Mike e logo o puxou para um abraço —Boa coisa que tenha três acres.

—Há uma casa para você e mamãe.

—Não, obrigado, meus dias de cavar na neve terminaram.

—Por que não disse no Natal?—perguntou Marisa.

—Só me inteirei ontem. Pensei que tinha gripe.



—Podemos ver um filme, tia Marty?

—Claro, Mindy. Já sabem onde estão.

—Eu não quero ver televisão —disse Mike Júnior —Nikki e eu podemos jogar no computador?

Marisa sorriu a seu sobrinho

—Claro, Mike.

Com os dois sobrinhos menores sentados diante do televisor vendo *A bela e a fera*, os adultos foram à cozinha para tomar café e conversar.

—Mal posso esperar para conhecer Grigori —disse Barbara —Como é?

—Como um modelo do GQ

—Sério?—Barbara sorriu lascivamente —Já era hora que houvesse um homem bonito na família.

—Hey! —exclamou Mike —O que se passa comigo?

—Você?—Barbara chiou quando Mike lhe deu uma cotovelada nas costelas. —O que passa contigo?

—Eu sou bonito, não, Marty?

—Bem...

—Hey, vamos, sou seu irmão. Supostamente tem que me respaldar.

—Certo. Como a vez que me respaldou quando perguntei se gostava do Steve Ronoulf e você propagou por todo o colégio que eu tinha perdido a cabeça por ele.

—Ainda não esqueceu aquilo?

—Não, e nunca o farei.

—De acordo, meninos, se acalmem—disse Jack —Não quero ter que mandá-los para o quarto.

Marisa e Mike trocaram olhares e logo estalaram em risadas e Marisa pensou de novo em quão maravilhoso era ter sua família ali e em sentir o amor que compartilhavam uns pelos outros.

Lembraram velhos tempos, trocaram notícias e falaram sobre as bodas. Antes de dar-se conta tiveram que preparar-se para o jantar. A mulher do senhor Abbot tinha aceito ficar com os meninos enquanto os adultos saíam para jantar.

Marisa pediu pizza para os meninos e então eram seis horas.

Milhões de mariposas revoavam por seu estômago quando chegou Grigori. Gostaria de seus pais? Gostariam dele? Dar-se-iam conta que havia algo diferente nele?

Beijou-o na bochecha quando abriu a porta.

—Está encantada —sussurrou, e sua respiração se sentiu cálida e íntima junto a sua orelha.

—Obrigado. Preparado para conhecer todo mundo?

Ele assentiu. Preocupada?

—Um pouco.

Sorriu.

—Quero-te, *cara*.

Palavras. Eram só palavras. Palavras correntes que se diziam cada dia, mas que caíam sobre ela como um bálsamo, acalmando as mariposas.



—Eu também te quero—Tomou sua mão e o levou a sala. —Hey, todos, este é Grigori.

Foi sua imaginação ou repentinamente houve escassez de oxigênio na sala? Seu pai e seu irmão trocaram olhares que não pôde interpretar. Sua mãe pressionou a mão contra o coração. Barbara murmurou:

—OH, tinha razão.

O olhar de Grigori deslizou para Marisa.

—Razão? A respeito de que?

—Disse que parecia um modelo do GQ.

—Ahhh.

Rapidamente apresentou Grigori a todo mundo, incluídos os meninos, e logo o grupo saiu.

Mike lançou um comprido e baixo assobio quando viu o Corvette de Grigori.

—Caramba! Bonito carro.

—Deveria ver o meu —Marisa lançou as palavras sobre seu ombro enquanto se deslizava no assento do passageiro. —É vermelho.

Mike olhou a Grigori

—Está brincando, verdade?

Grigori sacudiu a cabeça.

—Mas... mas como?

—E é conversível —acrescentou Marisa.

Sorriu ante a cara atônita de seu irmão.

Mike, Barb e seus pais subiram à caminhonete que Mike tinha alugado e Grigori arrancou do meio-fio. Olhou pelo retrovisor até que esteve seguro que a família o seguia, logo deu um apertão ao seu joelho.

—Parece o gato que comeu o canário.

—Não posso evitar. Sorriu. —É a primeira vez que tenho um carro melhor que o do Mike — Se inclinou e beijou sua bochecha. —Obrigado por isso.

—Não há de que. Como foi seu dia?

—Bem...—as palavras morreram em sua garganta quando recordou a visita de Edward essa manhã. Com a confusão da chegada de sua família tinha esquecido tudo.

Grigori a olhou, dando-se conta das linhas de preocupação de sua frente.

—Algo vai mal?

—Não quero falar disso agora.

—Como deseja.

O resto do caminho fizeram em silêncio.

O jantar transcorreu bem. Marisa olhava Grigori atentamente. Recordava a vez em que foram comer em North Woods Inn. Ele tinha pedido um bife e ela juraria que tinha comido. Agora o conhecia melhor. Brincou com a comida de seu prato, mas realmente não comeu nada. Embora ela sabia que se perguntava a seus pais a respeito disso mais tarde, assegurariam que tinha comido tudo.



A conversa da mesa foi diplomática e moderada no princípio, mas gradualmente todos relaxaram. Falaram sobre as bodas; logo Jack e Marge falaram sobre suas bodas e Mike e Barb lembraram a deles. O champanhe circulou livremente, como fizeram a conversa e as risadas.

—Bom —disse Barbara —Onde passarão a lua de mel?

—Ficaremos em casa.

—Em casa!

Marisa assentiu.

—Grigori me disse que podíamos ir onde eu quisesse, mas quero ficar em casa, em nossa própria casa, só nós dois.

—Sempre disse que queria ir a Itália na lua de mel —comentou Marge.

Marisa olhou Grigori e sorriu

—Já estive na Itália.

—Tem feito!—exclamou seu pai—Quando?

—Não faz muito. Foi uma viagem rápida e inesperada.

—Sério?—Mike franziu o cenho —Nunca mencionou.

—Não? Estou pronta para a sobremesa. Mamãe, o que vai querer?

Grigori sorriu quando ela cuidadosamente mudou de tema.

Era tarde quando voltaram para o apartamento de Marisa. Mike e Barbara recolheram os meninos e foram ao motel. Jack e Marge deram a Marisa e Grigori boa noite e foram à cama.

Marisa sentou no sofá e colocou um travesseiro em seu regaço.

—Bem—disse —por fim sós.

—Certo—a olhou pensativamente um momento e logo se sentou a seu lado. —Quer me dizer o que está te incomodando?

—Nada, realmente.

—Realmente?

Tomou ar profundamente.

—Edward veio esta manhã.

—Sei.

—Houve outro assassinato. Sabia?

Ele assentiu.

—Segue.

—Disse um monte de tolices. Não importa.

—Acredito que importa muito. O que disse?

Marisa olhou para a porta.

—Não podemos falar disso aqui —sufocou um grito quando ele tomou entre seus braços e se levantou. —O que está fazendo?

—Indo onde possamos falar.

Antes de poder protestar ou poder perguntar aonde iam, já estavam ali.

Colocou-a sobre seus pés e acendeu as luzes.

—Ninguém nos pode ouvir por acaso agora.

—Em realidade não quero discuti-lo.



—Não? Algo está te perturbando. Sinto-o toda a noite. É mais que outro assassinato. O que é?

Fazia frio na casa. Cruzou os braços sobre seu corpo, perguntando se estava tremendo por causa do frio do ar ou pela frieza nos olhos de Grigori.

Ele se deu a volta. Viu como movia sua mão e, no instante seguinte, havia fogo na lareira. Tomou ar várias vezes, devagar, profundamente e então deu a volta para ela.

—Diga, Marisa.

—Disse que estava louca por me casar com você, que deveria perguntar quanta gente matou...—apertou as mãos em sua cintura. —Perguntou-me se queria ser a seguinte.

Grigori xingou baixo.

—Demônios, Marisa, o que quer dizer?

—Só quero a verdade.

—Disse a verdade. Matei gente. Disse isso. Podia encobrir para respeitar seus sentimentos, mas nunca menti a respeito disso. Houve uma época, no princípio, antes de aprender a controlar a Fome, em que gente morria. Não posso fazer nada com isso. Suas mortes me atormentaram então. Atormentam-me agora. Mas não posso mudar o passado.

Cruzou a sala até a janela. Correu as cortinas e olhou para a escuridão.

—Posso estar mentindo a mim mesmo —murmurou —Pensei que pudéssemos fazê-lo. Possivelmente me enganei.

A angústia de sua voz, a solidão, atirou de seu coração. Colocou-se atrás dele.

—Amo-te, sabe.

Pôde sentir sua proximidade. Seu calor o envolveu; seu aroma o rodeou.

—Pode não ser suficiente.

—O que mais precisa?

—Confiança.

—Confio em ti.

—Confia? Pode me dizer, honestamente, que não me teme, que não há uma parte tua que não se pergunta se Ramsey tem razão?

—Procura em minha mente, Grigori e encontra a verdade por si mesmo.

—Marisa...—Devagar, voltou-se a olhá-la. —Se não está segura, se tiver alguma dúvida, diga isso agora, antes que seja muito tarde. Disse isso antes, uma vez que seja minha, não te deixarei ir. Não haverá divórcio se decidir que cometeu um engano—Seu olhar a apanhou e manteve o dela. —Deve estar segura.

Ele a necessitava. Toda sua vida quis que alguém a necessitasse, alguém que não pudesse viver sem ela.

—Estou segura.

Com infinito cuidado, ele a agarrou entre seus braços.

—Quero-te, *minha cara*. Nunca amarei a outra.

Com um suspiro, ela descansou a cabeça contra seu peito, sentiu seu amor sobre ela, quente e doce. Tudo estava bem. Estava onde pertencia.



Na sexta-feira fez um dia agradável. Mike e sua família chegaram para tomar o café da manhã. Depois, os meninos viram televisão enquanto os adultos jogavam cartas. Era justo o tipo de dia que Marisa necessitava. Um tempo para passar com sua família, para relaxar e passar bem com a gente que mais amava.

Falaram de nomes para o novo bebê. Começou a converter-se numa discussão séria e surgiram nomes como John ou Mary. Finalmente, quando tentaram sobressair uns sobre outros, lançaram-se nomes como Heathcliffe ou Hildegarde. Isso os fez rir.

Pediram pizza para comer e logo saíram para tomar um sorvete.

Ao voltar para casa, Barb pôs Danny para dormir a sesta. Mike Júnior e Nikki foram jogar no computador. Mindy foi ao quarto brincar com suas Barbies. Quando os meninos estavam instalados nos quartos, começaram as perguntas.

—Bom —perguntou seu pai —no que trabalha Grigori?

—É um mago.

—Um mago!—exclamou sua mãe —De verdade? Nunca conheci um mago.

—Faz festas infantis?—perguntou Bárbara.

—Não acredito.

—Nunca ouvi falar dele, comentou Mike —Usa nome artístico?

—Não sei.

—Como não sabe?

Marisa encolheu os ombros.

—Assumi que usa seu próprio nome. Não está há muito tempo neste país. É da Itália.

—Não irá se mudar para a Itália, verdade? —perguntou Marge.

—Não. Bem, não acredito. Nunca falamos sobre isso.

—Pensei que viria hoje —disse Mike.

—Ele tinha uns negócios de última hora para resolver.

—Penso que é precioso —disse Nikki. Sentou-se no braço do sofá, ao lado de Marisa. —É de verdade um mago? Fará alguns truques para nós?

—Não sei, encanto; terá que perguntar a ele. Pensei que jogava Doom com Mike.

—Está monopolizando o computador. Grigori virá depois? Eu gosto dele.

—Eu também.

—Não vai deixar seu trabalho, verdade?

—Não, papai. Por quê?

—Bom...

—Bom o que?

—Bom, pode te manter? Quero dizer, não parece estar trabalhando.

—Tem dinheiro, papai. Acaba de comprar uma grande casa antiga nas colinas. E quem acha que comprou meu carro? Eu certamente não seria capaz, não com meu salário.

—Não quero dizer nada que te ofenda, doçura, mas não faz muito que conheceu esse menino. Parece bastante agradável, mas acredito que há algo com ele. Não sei o que é. Há algo que não consigo definir, mas acredito que deveria manter seu trabalho até... bem, já sabe.

—Jack, Marty já é maior —disse Marge. —Sabe o que faz.



—Obrigado mamãe.

—De nada, Marty —Marge jogou com seu colar um momento. —Ainda assim seu pai o faz por seu bem.

—Sempre o faz—disse Marisa. —Vou pegar uma Coca Cola.

—Posso tomar uma?—perguntou Nikki

—Claro, encanto.

Marisa foi à cozinha e pressionou a testa contra a geladeira. Não podia culpar seus pais por preocupar-se com ela. Também tinha dúvidas. O matrimônio era um grande passo. Não queria ser uma dessas mulheres que mudam de marido como sapatos. Queria que fosse para sempre.

—Para sempre —murmurou. Era divertido. Grigori realmente podia lhe dar esse para sempre, se quisesse.

—Está bem?

Marisa se endireitou e abriu a porta da geladeira.

—Estou bem, Mike —tirou duas latas de Coca Cola. —Quer uma?

—Não. Não deixe que papai te chateie. Ele só, sabe, está fazendo de pai.

—Sei—fechou a porta da geladeira e se voltou para seu irmão. —Tudo está bem.

—Bom, parece um pouco transtornada.

Marisa sacudiu a cabeça.

—Em realidade não.

—Papai tem razão numa coisa. Não conhece Grigori há muito tempo. Por que esta repentina pressa em casar-se? Quero dizer, não esperou muito tempo.

—Você também não!

—Hey, não estou criticando! Só estou perguntando.

—Amo-o e quero me casar com ele. Por que é tão difícil de acreditar? Só porque você e Barb levaram dois anos para decidir não quer dizer que deva levar esse tempo também. Mamãe e papai se conheciam menos de um ano quando se casaram.

—Sei, mas...—Mike colocou as mãos em seus ombros. —Papai tem razão a respeito de algo mais. Há algo estranho em Grigori. É diferente de alguma forma.

—Mike, deixa-o, tá? Sei o que estou fazendo.

Apertou seus ombros.

—Sei que o faz. Queremos-lhe, irmã, isso é tudo.

—Sei —seu amor era como uma manta, normalmente cálida e bem-vinda, mas outras vezes a asfixiava.

Grigori chegou ao cair o sol. Marisa estava na cozinha com sua mãe e Bárbara, tentando decidir o que fazer para jantar, quando soou o timbre da porta.

Uma revoada em seu estômago, uma súbita mudança na atmosfera disse que era Grigori antes de abrir a porta. Como sempre, a primeira vista tirava a respiração. Era tão alto, tão incrivelmente agradável. E seu sorriso... um sorriso que era só para ela, que fazia que seu interior se abrandasse.

—Cara —se inclinou e colocou um beijo em seus lábios.



—Olá —Levava calças negras, botas e um volumoso pulôver cinza que ressaltava seus largos ombros. —Entra. Tentamos decidir o que comer.

Seu olhar deslizou sobre seu rosto até o pulso no oco de sua garganta. Sentiu a aguda espetada de suas presas na língua e se perguntou se seria capaz de controlar a fome uma vez que ela fosse completamente dele.

O coração de Marisa saltou diante do olhar que a percorria. Ele não havia dito nada, mas sabia no que estava pensando. Sem ser convidada nem querida, a voz de Edward se elevou no fundo de sua mente. *Então pergunte se quer ser a seguinte.*

Elevou seu olhar para ele. O som das notícias da tarde, as vozes de sua família, o tráfego da rua, tudo se perdeu na distância, deixou de existir, até que só ficaram eles dois na entrada da casa.

—Marisa...—Cavou seu rosto entre suas mãos, seus dedos se moveram ligeiramente sobre sua pele. —me dê uma oportunidade, *cara*. Farei-te feliz, prometo isso.

Ela não sabia o que dizer. Seus olhos eram escuros e vulneráveis, cheios de dor e solidão de duzentos anos.

—Quero-te, *minha cara*.

—Sei que o faz—*Demônios, Marisa, é um vampiro*. A voz do Edward soava em sua mente. *É incapaz de amar*. Moveu-se no abraço de Grigori e colocou suas mãos ao redor de sua cintura. —E eu te amo.

—Sem dúvidas?

—Só as dúvidas normais que tem toda noiva.

—Isso é tudo?

Seus olhares se encontraram de novo.

—Isso é tudo. Não tenho medo de você, Grigori. Não temo o que é, só te decepcionar.

—Nunca!

Beijou-a brandamente, docemente, e quando a afastou de seu lado, o mundo voltou.

Como não conseguiram chegar num acordo sobre o jantar, pediram pizza para os meninos, comida chinesa para Marge e Bárbara e italiana para os outros.

—Assim, Grigori, minha filha diz que é mago— comentou Marge.

O jantar tinha terminado e estavam na sala.

—Sim.

—Pode fazer um truque para nós?—perguntou Nikki

—O que você gostaria que fizesse? Te partir pela metade?

Nikki riu bobamente.

—Não, acredito que não —deu um golpe em Mike Júnior no braço. —Possivelmente pudesse fazer que meu irmão desapareça.

—Posso—replicou Grigori solenemente —mas não estou certo de poder trazê-lo de volta.

—Isso está bem por minha parte. Ouch! Mamãe, Mike me bateu.

—É suficiente, os dois —advertiu Bárbara.

Grigori olhou Marisa. Sorriu, uma sobrancelha elevada pela diversão. Grigori devolveu o sorriso, aceitando o silencioso desafio de seus olhos.

—Precisarei de um ajudante —disse levantando-se —Marisa?



Ela rodou os olhos, logo levantou e se uniu a ele no centro do salão.

—Me olhe nos olhos —disse Grigori —Esqueça onde está. Estamos sós nesta sala, só nós dois. Te concentre no som de minha voz... De acordo... agora está em meu poder. Só me vê , só me ouve.

—Só vejo você —murmurou —Só ouço você.

—Fará tudo que te diga.

—Sim.

Grigori olhou Marge e Jack, que estavam sentados no sofá.

—Querem levantar-se, por favor?

Os pais de Marisa trocaram olhares e logo levantaram e ficaram de pé perto da lareira.

Grigori agarrou Marisa entre seus braços e a levou ao sofá. Deitou-a e passou a mão por seu rosto.

—Dormirá agora, Marisa, e não despertará até que eu te chame por seu nome.

Os olhos dela se fecharam.

Ele permaneceu ao seu lado no sofá e então, muito lentamente, elevou seus braços, com as palmas para cima. E ela flutuou do sofá, ficando suspensa no ar.

—Wow! —Exclamou Mike Júnior —Isto é impressionante.

—Assombroso!

—Impossível!

—Como pode fazer isso?

Devagar, Grigori baixou as mãos. Ligeira como uma pluma, Marisa aterrisou no sofá.

—Marisa —ele a chamou brandamente.

Suas pálpebras se agitaram até abrir-se e se sentou piscando para ele.

—O que aconteceu?

—Fez que levitasse, demônios —disse Mike —Como fez isso? Já vi ser feito em cenário, mas... mas sempre pensei que se fazia com arames —Sacudiu a cabeça —Tenho que aplaudir, é o mais assombroso que jamais vi.

—Faça comigo —disse Mindy, puxando a perna da calça de Grigori —Eu também quero voar.

—Eu acredito que não —Bárbara puxou sua filha e a colocou em seu colo. —Não é grande o suficiente para voar.

—Vamos, tio —disse Mike Júnior —diga como fez.

—Os magos juram nunca revelar seus segredos.

Bárbara olhou o relógio e levantou.

—Está ficando tarde. Meninos, recolham suas coisas. Amanhã teremos um grande dia. Mike, está pronto para ir ?

—Sim, encanto.

Houve uma rajada de atividade enquanto Mike e Bárbara reuniam seus filhos e se despediam. Minutos mais tarde, Jack e Marge foram deitar.

—Diga que preparei a sala —disse Grigori. —Isto podia ser um problema se fosse um mago real.



—Tinha que fazer algo tão pomposo? Quero dizer, não podia ter feito algo que pudesse ser explicado? E por que me fez dormir? Nunca levitei antes e perdi isso.

—Tinha medo de te assustar.

Marisa puxou seu pulôver.

—Vou me casar com um vampiro —disse com um sorriso —se isso não me assustar nada o fará.

Ele não pôde discutir isso, assim a beijou.

—Tenho que ir —disse

—É cedo.

—Tenha uma boa noite de sonho, *cara*. Mantereí-te acordada até tarde amanhã de noite.

Sorriu com seu interior tremendo de antecipação.

—*Domani*, Marisa —sussurrou —amanhã será minha.

O calor de seus olhos, o rouco tremor de sua voz, mandaram calafrios de prazer por sua espinha.

Amanhã.

Capítulo 31

O dia das bodas amanheceu brilhante, claro e precioso.

—Feliz é a noiva que brilha sob o sol — murmurou quando saiu da cama e pegou o roupão. Tinha ouvido esse velho dito freqüentemente. Esperava que fosse certo.

Muito nervosa para comer, tomou duas xícaras de café. Estava começando a terceira quando seu pai entrou na cozinha.

—Bom dia, doçura.

—Bom dia, papai.

—Como dormiu?

—Dormir? Que noiva dorme uma noite antes das bodas?

Jack Richards riu.

—Nenhuma, suponho. Foi um bom truque o que preparou Grigori na outra noite. Bem que eu gostaria de saber como fez.

—Sim eu também. Mamãe está levantada?

—Não, está roncando.

Marisa soltou um risinho. Era uma brincadeira habitual entre seus pais qual deles roncava mais forte.

—Está certa disto?—perguntou seu pai. —Se não estiver, não é muito tarde para mudar de idéia.

—Estou certa, papai.

—Só quero que seja feliz, Marty.

—Sou.



—Deveria comer algo.

—Não posso —comprovou o relógio, tomou rapidamente o resto do café. —Tenho que ir. Estou marcada para às nove e meia.

—Leve o tempo que precisar. Mantereí o forte até que retorne.

—Obrigado, papai —beijou seu pai na bochecha e correu para seu quarto. Tomou uma ducha rápida, vestiu-se e deixou o apartamento.

Sua primeira parada foi no salão de beleza para os trabalhos —manicure, pedicure, lavar e enrolar.

Do salão de beleza foi à floricultura. Tinha encomendado rosas brancas e Baby's Breath⁴ para seu ramo. Linda e Nikki levariam rosas rosa e cravos. O florista entregaria as flores para o altar na igreja mais tarde.

Às doze e meia se encontrou com sua mãe e Bárbara na igreja. Puseram grandes laços de fita nos três primeiros bancos, comprovaram com o ministro que o tapete branco estivesse em seu lugar, no centro da nave, viram as canções que o organista tocaria.

Eram quase duas quando chegaram em casa. Bárbara as deixou para ir ao hotel buscar os meninos, lhes dar de comer e vestir.

—Tem que comer algo —disse Marge Richards. —Sente-se e relaxe um momento enquanto preparo alguma coisa.

—Mamãe, não se incomode.

Marge Richards sacudiu a cabeça.

—Eu tampouco comi nada no dia de minhas bodas. Podia ouvir minhas tripas grunhindo todo o caminho na volta da igreja.

Jack Richards riu.

—Sim, inclinou-se enquanto o ministro falava e disse que desejava ter um Big Mac.

Marisa riu.

—Brincadeira, né?

Seu pai sacudiu a cabeça.

—Não. É a pura verdade.

—Está segura que não quer comer nada?—perguntou Marge.

—Pode ser mais tarde. Vou tentar tirar uma sesta. Me despertem em uma hora, sim?

—De acordo, doçura.

Marisa foi ao quarto e fechou a porta. Tirou os sapatos, estirou-se na cama e fechou os olhos. Em pouco mais de três horas seria mulher de Grigori...

Marisa, também estou contando as horas.

—Grigori!—sentou-se na cama e olhou ao redor.

Dorme, minha CARA, te verei logo.

—Onde está?

Estou em casa, sonhando contigo.

Com um suspiro, voltou-se de lado e fechou os olhos. Momentos depois estava adormecida.

Marge Richards assoou o nariz brandamente quando colocou o véu na cabeça de Marisa.

⁴ Gypsophila, também conhecida como Mosquitinho, Vêu-de-noiva, branquinha, gipsofila, cravo-de-amor.



—Está linda. Simplesmente linda.

—Obrigado mamãe. Que horas são?

—Cinco em ponto. Deixa de preocupar-se. Não podem começar sem a noiva. Agora, vejamos... Leva algo velho?

—O broche da vovó.

—Certo. Algo novo?

—Meu vestido.

—Emprestado?

—Um lenço de Barb.

—Algo azul?

—A cinta de minha liga.

Marge Richards deu um passo atrás e suspirou. Marisa parecia uma princesa de contos de fada. O vestido era de seda branca, com um corte baixo ao redor do pescoço, longas mangas rodeadas e saia ampla. O véu era como um raio de lua, claro e frágil.

—Bom, como estou?

—Perfeita, carinho, simplesmente perfeita.

—Papai está pronto?

—Esteve fazendo um caminho em seu tapete nos últimos vinte minutos. Já sabe que seu pai sempre está pronto uma hora antes. Acredito que a grande pergunta é está pronta você?

Marisa assentiu e passou seu braço ao redor da cintura de sua mãe.

—Obrigado por toda sua ajuda, mamãe.

—Você fez todo o trabalho.

—Não quero dizer hoje. Sempre estive aí para mim.

Marge Richards piscou para afastar as lágrimas.

—Seja feliz, Marty.

—Serei —Marisa piscou para afastar suas próprias lágrimas. —Vamos.

Mike, Bárbara e os meninos estavam esperando na igreja.

—Grigori está aqui? —perguntou Marisa. —O viram?

—Estava aqui quando cheguei — disse Bárbara. —Deus, deveria ver o que este homem entende por um traje.

—Hey —disse Mike —O que passa comigo? Eu pareço condenadamente bem, se é que eu posso dizê-lo.

—Certamente, carinho — disse Bárbara. Olhou Marisa e rodou os olhos. —Homens, têm o ego do tamanho do Grand Canyon.

—E Linda? Está aqui?

—Não a vi.

—OH não acha que esqueceu?

—Seguro que não — disse Jack Richards. —Se acalme Marty.

Às cinco e meia o organista começou a tocar. Mike e os meninos foram a seus postos. Uns poucos minutos depois, Linda chegou à igreja.



—Perdoa pelo atraso. A babá cancelou no último minuto e tive que pedir à mãe de Jim que viesse e ficasse com os meninos. Marty, está magnífica.

Passaram os minutos seguintes repartindo as flores e assegurando que cada cabelo estava em seu lugar. E então sua mãe a deixou para sentar-se.

E começaram a tocar sua música.

—Preparada, carinho?—perguntou seu pai.

Marisa assentiu.

—Nenhuma dúvida?

—Nenhuma.

—De acordo então — disse, tomando-a pelo braço. —Lá vamos. Sorria.

Pararam na soleira e Marisa abrangeu tudo com um rápido olhar... os poucos amigos próximos e colegas de trabalho sentados nos bancos, as flores no altar, o ministro, Linda e Bárbara sorrindo, Mike e Mike Júnior a olhando solenemente e com orgulho, e então viu Grigori e todo o resto desapareceu de sua vista.

Salvo pela camisa branca, estava todo em negro, tanto seu cabelo, seu traje ou seus sapatos. Sentiu o poder de seus olhos quando a olhou aproximar-se pela nave, sentiu o poder do homem em si mesmo. Que a alcançou, envolvendo-a num abraço de amor.

Seu coração estava pulsando como um objeto selvagem cativo numa armadilha no tempo que chegou ao altar.

Difícilmente ouviu uma das palavras ditas, foi só vagamente consciente que seu pai colocou sua mão na de Grigori. Sentiu os dedos de Grigori fechar-se sobre os dela, firmes e frios, sentiu uma rápida sacudida entre eles. E então estavam trocando os votos que os atariam um ao outro.

Grigori olhou profundamente em seus olhos quando colocou o anel em seu dedo e disse às palavras que a convertiam em sua esposa. Mas foram as palavras que disse em seu mente as que ela ouviu.

Te quero, cara. Te amarei e quererei até seu último fôlego, te protegerei com minha vida. Enquanto eu viva, terá tudo que deseje.

E então a cerimônia terminou. O ministro sorriu a Grigori.

—Pode beijar a noiva.

Ela olhou nos olhos de Grigori enquanto levantava seu véu. Gentilmente, como se fosse o mais frágil cristal, tomou seu rosto entre suas mãos e a beijou. Houve um rugido em seus ouvidos. O calor explodiu através dela e ele a marcou com seu beijo.

Seus sentidos cambalearam quando ele afastou sua boca da dela. O ministro os apresentou então como senhor e senhora Grigori Chiavari, e então caminharam pela nave para a saída

Ele a beijou de novo tão logo saíram da igreja. Não houve nada gentil nesse beijo; estava cheio de paixão e fogo que se surpreendeu de não fundir-se em seus braços.

E então seus amigos e sua família estavam ali, desejando o melhor, abraçando Marisa, apertando a mão de Grigori.

Foram ao Milton para a recepção, a qual foi pequena e íntima. Seu pai tinha insistido em pagar o jantar. A comida estava excelente; o champanhe correu como água. Tinha uma banda, um baile, brinde pela noiva e noivo. Cortaram o bolo.



Marisa vacilou quando ofereceu a Grigori uma parte de seu bolo. Seu olhar procurou o dele e então ouviu sua voz em sua mente, lhe assegurando que tudo estava bem, que ele podia comer uma pequena parte de bolo de bodas.

Posaram para as fotografias, houve mais brindes e chegou o momento de sair. Os presentes de bodas foram guardados no porta-malas da limusine.

Marisa abraçou sua família, dizendo adeus. Seu irmão e sua família iriam a sua casa pela manhã; seus pais iriam a Carmel uns dias antes de voltar para a Florida.

Abraçou seus sobrinhos, ignorando a pequena voz sem importância no fundo de sua mente, uma voz que soava como a de Edward Ramsey, advertindo-a que se casou com um vampiro e que provavelmente não viveria o suficiente para ver os que amava de novo.

Um último adeus e Grigori a agarrou entre seus braços e a levou até a limusine que esperava fora em meio a uma chuva de arroz e bons desejos.

Tinham decidido passar a noite em sua casa em vez de um hotel.

—*Cara* — a agarrou entre seus braços e o carro arrancou.

Sorriu-lhe. Uma multidão de emoções se agitou vigorosamente através dela. Era devastadoramente bonito. Seus olhos negros, seu olhar completamente dominado pelo desejo. Logo estariam na casa dele... na casa dela, também, nesse momento. Era sua noite de bodas... Como fariam amor os vampiros?

—Relaxe, Marisa, não vou te comer.

Sorriu, era incrivelmente sexy, um sorriso para romper corações, e todos seus temores se dissolveram. Acomodou-se contra ele.

—Foi uma boda preciosa, verdade?

Grigori assentiu.

—Te disse o quanto está formosa?

—Não — ele não havia dito as palavras, mas o tinha visto em seus olhos.

—*Molto bela.*

—Obrigado —franziu o cenho —as fotos...

—O que acontece com elas?

—Saem os vampiros nas fotos?

—Não sou um fantasma, *cara*.

—Bem. Pareceria tola parada sozinha diante do bolo. O bolo! Realmente o comeu ou foi só uma ilusão?

—Não foi uma ilusão, *cara*. Não desta vez. —Não disse como tinha sido repugnante, ou que, inclusive nesse momento, podia sentir a parte de açúcar e farinha finamente cristalizado assentado duramente em seu estômago.

Chegaram a casa minutos depois. Grigori e o condutor levaram os presentes para dentro.

Ela ficou no salão, que era o único aposento da casa que carecia de móveis. Ouviu Grigori desejar ao condutor boa noite, o ouviu fechar a porta dianteira e então ele estava ali, tomando-a entre seus braços, seu escuro olhar procurando o seu. Havia paixão nesses profundos olhos negros, paixão e uma insinuação de temor.

Marisa franziu o cenho



—O que ocorre?

—Ocorre?

—Estava me olhando como se me temesse.

—Não você. A mim mesmo. Temo fazer algo que te machuque ou —tomou ar profundamente —ou te assuste.

—Me assustar?

Sorriu.

—Faz muito tempo desde que fiz amor a uma mulher que me importasse — ele percorreu com um dedo sua bochecha. —Tentarei ser cuidadoso —jurou baixo —Só estou fazendo que se assuste mais, verdade?

Ela sacudiu a cabeça, mas era mentira.

—Já disse o muito que te quero, e como estou agradecido que esteja aqui?

—Não.

—Se fizer algo que te assuste, só tem que me dizer.

Ela desejou que ele parasse de dizer isso.

Suas mãos deslizaram por suas costas e começaram a desabotoar os pequenos botões de seu vestido. Devagar afastou o vestido de seus ombros, baixou-o por seus braços, até que com um sussurro de cetim sobre seda caiu ao redor de seus tornozelos. Sua combinação o seguiu.

Grigori sorveu o ar profundamente quando seu olhar se moveu sobre ela. Vestida com um sutiã de encaixe, calcinhas de biquíni, uma cinta-liga branca, meias e salto, era a coisa mais sexy que jamais tinha visto.

Ele começou a tirar o sutiã, mas ela agarrou sua mão.

—Ainda não — murmurou.

Ele a olhou perguntando

—Mudou de opinião?

—Não, agora é minha vez.

Tirou-lhe a gravata e a jogou de lado, logo devagar desabotoou a camisa. Ele não levava camiseta e ela deixou que seus dedos deslizassem por sua pele, fazendo que ele sentisse calafrios por seu toque.

Puxou as abas da camisa para fora, percorreu com suas mãos suas costas e logo jogou a camisa junto à gravata. Manteve seu olhar no dele enquanto desabotoava o cinto.

Ele sorveu ar profundamente quando ela começou a desabotoar suas calças.

—Está brincando com fogo, sabe.

—Estou?—abriu o zíper e empurrou as calças sobre seus quadris, deixando-os cair num atoleiro ao redor de seus tornozelos. Usava cuecas negras que deixavam pouco à imaginação.

—Minha vez de novo — disse ele. Passou seus lábios sobre sua bochecha e então se ajoelhou, suas mãos deslizaram por suas coxas e panturrilhas, acariciaram seus tornozelos antes de tirar os sapatos e jogá-los em cima da crescente pilha de roupa descartada.

Devagar, elevou-se, beijando-a do umbigo até os peitos. Suas mãos eram rápidas e seguras quando desabotoaram o sutiã.



Fez com ele uma bola, sua respiração ficou na garganta quando seu faminto olhar a percorreu. Sua pele era suave e clara, perfeição sobre perfeição, e pensou que nunca tinha visto algo tão tentador em toda sua vida.

O calor entre eles era potente, inflamável. Ele começou a tirar os sapatos, mas ela afastou sua mão, ajoelhou-se e tirou seus sapatos e meias. Olhou-o e ele elevou uma perna e logo a outra, dessa maneira ela pôde jogar as calças para um lado.

Ele a tirou das suas mãos e a ajudou a levantar-se, seu coração soava grosseiramente quando ela desabotoou sua cinta liga e lentamente, OH, tão lentamente, tirou suas meias para ficar de pé diante dele levando nada mais que um pedaço de cordão branco.

—Marisa — sua voz era cálida e densa, como o melaço aquecido pelo sol, quando a agarrou entre seus braços e a levou escada acima para o quarto. Parou ao passar a soleira e deixou cair uma ligeira chuva de beijos sobre suas bochechas, seu nariz, suas sobrancelhas.

Olhou à lareira e esta se encheu de vida. O crepitar das chamas era o único som do quarto quando ele a levou a cama.

As cobertas tinham sido afastadas. Havia uma garrafa de champanhe, uma garrafa de vinho tinto e duas taças na mesa ao lado, junto com um esbelto copo de cristal que continha uma única e perfeita rosa vermelha.

Deixou-a sobre o colchão e a seguiu, mantendo-a entre seus braços.

—Não posso acreditar que esteja aqui — sussurrou — que seja minha.

Seus olhos ardiam de fervente calor quando a beijou, o toque de seus lábios acendeu uma febre de desejo sob toda sua pele. Seus braços rodearam seu pescoço, aproximando-o mais dela, enquanto devolvia os beijos. Suas mãos a acariciaram, excitaram-na até que se retorceu sob ele em doce agonia.

Arrancou a cueca e lhe tirou as calcinhas, então ficou suspenso sobre ela, seus olhos escuros absortos em seu rosto.

—Me diga — disse roucamente — Me diga que me quer.

—Quero-te — elevou seus quadris num silencioso convite. —Quero-te, quero-te!

—Ah, cara — sussurrou as palavras e a fez dele.

Ela sufocou um grito, logo o agarrou em seu interior, tremendo quando seu corpo se estirou para acomodá-lo.

—Shhh, cara— murmurou — nunca voltarei a te fazer mal.

Ela assentiu, enterrando seu rosto em seu ombro quando ele começou a mover-se devagar em seu interior, a tensão se esfumou quando o prazer se acumulou dentro dela. Ele sussurrou doces palavras em seus ouvidos, palavras de amor em francês e em italiano. Sentiu sua respiração quente contra seu pescoço, sentiu sua língua lambendo sua ardente carne. Gemeu com deleite, movendo seu corpo contra o dele.

Fechou os olhos, alagada de muito prazer e ele estava ali, ao seu lado, sua respiração áspera, seu corpo suado, sua voz movendo-se sobre ela como escuro veludo. Estava chegando, chegando, e ele estava ali, levando-a mais alto, levando-a aonde queria ir, até que esteve planando sobre a borda. Ela gemeu seu nome, sentiu seus dentes em seu pescoço e então estava voando, elevando-se, enquanto o êxtase caía sobre ela feito ondas.



Devagar, como uma pluma vagando pelo ar, flutuou de volta a terra. Estava sorrindo e não podia parar de fazê-lo. Dormitava, embora profundamente consciente. Toda sua vida tinha esperado esse momento. Tinha sido tão maravilhoso para ele como tinha sido para ela?

Passou uma mão pelo cabelo dele. Acariciou-lhe um ombro. Ele começou a levantar-se, mas o manteve perto.

—Ainda não.

—Devo ser pesado.

—Não, eu gosto.

Descansando sobre seus cotovelos voltou à cabeça de maneira que pôde ver seu rosto, franziu o cenho quando viu as lágrimas em seus olhos.

—Cara —exclamou brandamente —te fiz mal?

—Não. OH, não. Foi maravilhoso.

Um sorriso de puro deleite masculino curvou seus lábios.

Marisa elevou uma mão a seu pescoço. Tinha-o imaginado ou havia sentido seus dentes mordendo seu pescoço?

Sentiu-o ficar tenso quando o pensamento cruzou sua mente.

O olhar dele se encontrou com o seu.

—Me perdoe cara.

Acariciou sua bochecha, seus dedos a percorreram até seus lábios.

—Tudo está bem, de verdade.

—Tinha esperado... — sacudiu a cabeça.

—Esperado o que?

—Tinha esperado poder separar meu amor por você da fome, mas meu desejo por sua doce carne despertou uma sede que não pude resistir — percorreu com os dedos as duas pequenas marcas de sua garganta. —Tomei, mas só um pouco.

Não sabia o que pensar ou o que dizer. Tentou sentir-se enganada, traída. De fato, sentia uma sensação de plenitude com o conhecimento que tinha matado sua fome e satisfeito seu desejo.

Moveu suas mãos pelos braços dele, maravilhando-se da força latente que sentia neles. Sua pele estava cálida sob seus dedos.

Grigori fechou os olhos e se rendeu ao toque de suas mãos. Seus dedos exploraram os músculos de seus braços, viajaram sobre seu peito, massagearam seus ombros, deslizaram por suas costas, suas nádegas.

Ele grunhiu baixo, sentindo a rápida resposta de seu corpo ao puro prazer de seu toque enquanto ela continuava a exploração. Tomou ar profundamente, combatendo para manter sua fome sob controle quando ela começou a lhe beijar o pescoço. Sua respiração fez cócegas na pele; seus seios eram quentes e suaves contra seu peito. E ele a queria de novo, queria tê-la e beijá-la, introduzir-se profundamente em seu interior, beber de sua doçura uma e outra vez.

—Marisa...

—Hmmm?



Ele a beijou até deixá-la sem respiração, até que gritou que a tomasse. Ele não se conteve dessa vez, vencido pela necessidade de possuí-la, de marcá-la como sua para sempre. Levou-a até a borda e a empurrou, sua mente se mesclou com a dela, fazendo deles uma mente e um corpo e, quando, afinal, ela caiu adormecida em seus braços, ele soube que nunca a deixaria ir.

Capítulo 32

Permaneceu fora da casa, seu corpo leve como o ar, cheio de sangue de sua última vítima. Assim Chiavari tinha convertido à mulher em sua esposa. Era uma interessante reviravolta dos acontecimentos.

Tinha pensado em terminar rapidamente. Destruiria Chiavari de uma vez por todas. Ramsey já não era uma ameaça. A mulher podia ser tomada a qualquer momento. Mas ela era a mulher de Chiavari agora.

Permaneceu na frente da casa longo tempo, seu ódio crescendo, inchando, estendendo-se através dele. Depois da batalha no vinhedo foi obrigado a se esconder para curar suas feridas e diminuir sua cólera. Tinha levado semanas para que o enorme buraco deixado pela estaca de madeira cicatrizasse. Ramsey, maldita fosse sua alma, tinha molhado a madeira em água benta.

Era o momento de aumentar as apostas, de levar o jogo ao fim. Estava cansado do mundo moderno, da pressa constante, do ruído. A poluição que enchia seu nariz, que queimava seus olhos. Desejava os românticos dias do passado, os elaborados trajes, a ostentação, a ignorância da gente corrente.

Amanhã, murmurou, amanhã mandaria a Chiavari uma surpresa e quando o vampiro estivesse morto, tomaria a mulher.

Capítulo 33

Marisa despertou devagar, com um sorriso no rosto, quando os vestígios de um maravilhoso sonho se apagaram lentamente. Fazer amor com Grigori tinha sido a experiência mais assombrosa de sua vida. Voltou-se de lado, ficando cara a cara com o homem de seus sonhos e soube que não tinha sido um sonho absolutamente.

Empurrou o lençol sob seus braços e olhou o homem que estava adormecido ao seu lado. Que bonito era! Sorriu quando recordou a noite passada, feliz por ter esperado, feliz que ele fosse o primeiro homem a lhe fazer amor.

Tinha sido tão gentil, tão tenro, tão ansioso para dar prazer e recebê-lo. Tinha feito amor três vezes e cada vez tinha sido melhor que a anterior.



Havia sentido sua mente sondando-a, unindo-se com a sua. Tinha sido incrível. Havia sentido cada pulsado de seu coração, cada respiração, conhecido a mesma excitação, o mesmo êxtase que ele. Tinha sentido ele sua resposta?

Olhou para a janela. As cortinas verdes escuro com raias negras deixavam fora a luz da manhã, recordando que ela não se casou com um homem normal. Olhou Grigori de novo. Parecia estar dormindo, mas, era isso ou estava apanhado em algum tipo de trevas, incapaz de mover-se?

Levantou uma mão, duvidando, e logo a colocou sobre seu coração. Pulsava muito lentamente, num ritmo constante, mas ele não se movia. Podia sentir seu toque?

—Grigori?

Suas pálpebras se abriram.

—Qual é seu desejo?

—Nada, só me perguntava...

Elevou uma sobrancelha.

—O que?

—Pensei que talvez... quero dizer, bem...

Ela começou a afastar sua mão, mas ele a cobriu com a sua.

—Há algo que precisa?

—É de manhã.

—Sei — seu corpo se sentia pesado, frouxo.

—Pensei que... — encolheu os ombros — Como pode estar acordado?

—Não é fácil — replicou ele com um irônico sorriso. De fato, podia sentir a escuridão o chamando — devo descansar, *minha cara*.

—De acordo— se inclinou e o beijou. —Vejo-te mais tarde.

Beijou a palma da sua mão e suas pálpebras se fecharam.

Olhou-o por um momento. Suas pestanas eram curtas e espessas, seu cabelo estava desordenado. Era muito bonito.

Saindo da cama, Marisa foi tomar uma ducha. Doía-lhe um pouco o corpo, recordando a noite passada. Fazer amor com Grigori tinha sido tudo o que tinha esperado que fosse e mais.

Ele estava profundamente adormecido quando voltou ao quarto. Vestiu-se rapidamente e o beijou brandamente na bochecha e foi escada abaixo.

Tinha se ocupado desde a última vez que ela esteve na casa. A geladeira e os armários estavam cheios de comida.

Abriu um cesto de ovos e encontrou uma nota em seu interior. Desdobrou-a. *Quero-te*. Sorriu e a guardou no bolso da calça.

Havia outra nota dentro do pote de café. *Quero-te. É preciosa*. Outra dentro do açúcar. *Estou sonhando contigo*. Dentro da gaveta da baixela de prata encontrou seu Master Card, uns duzentos dólares em dinheiro e uma nota: *Vá comprar alguns móveis para o salão, algo para que possamos nos deitar na frente do fogo*.

Preparou o café da manhã, ligou o rádio, sentou-se e comeu. Possivelmente deveria deixar o trabalho, meditou. Não teria que trabalhar nunca mais. Seria divertido ficar em casa.



Podia dormir até tarde pelas manhãs, passar os dias lendo ou no jardim, ou comprando ou fazendo algo que gostasse.

Olhou pela janela. O pátio traseiro era enorme. Havia uma piscina, uma grande parte coberta, um caramanchão, um jardim de rosas. É obvio, o jardim estava coberto de ervas daninhas.

Pôs os pratos na lava-louça, serviu-se de outra xícara de café e logo saiu pelo jornal.

Lamentou o momento em que o abriu.

O TERROR ESPREITA NAS RUAS

O VAMPIRO ASSASSINO ATACA DE NOVO

Já dentro, sentou-se e leu a história. O corpo de um homem jovem tinha sido encontrado numa sarjeta perto de West Road.

Marisa olhou as manchetes. Tinha perdido a conta dos assassinatos que houveram. Nas últimas duas semanas se negou a pensar em Alexi, negou-se a deixar ele ou qualquer outra coisa introduzir-se no que supostamente era o tempo mais feliz de sua vida. Mas não podia ignorar, de maneira nenhuma, não podia esquecer que tinha sido o aroma de seu sangue o que o tinha despertado de um século de sono.

Como podia ter estado feliz, preparando o dia de suas bodas, passando-o bem, quando gente estava sendo assassinada, quando era em parte responsável?

Tinha que fazer algo. Mas o que? Se voltava para passado durante o dia, nunca o encontrariam. E se Edward e Grigori não tinham sido capazes de encontrá-lo, que esperança tinha que ela o fizesse?

E ainda assim tinham que o encontrar, que o parar. Mas como?

Sentindo uma repentina necessidade de ver Grigori, pôs o jornal de lado e subiu as escadas.

Permaneceu na soleira da porta, o observando dormir. Como era isso para ele? Perguntou-se. Como seria viver por centenas de anos? Não chegava a cansar-se de viver, de ser jovem para sempre? Frequentemente tinha desejado poder viver eternamente, agora o significado estava ao seu alcance. Convertê-la-ia Grigori em vampiro se pedisse?

Moveu-se perto da cama, olhando o quase imperceptível subir e descer de seu peito. Como seria ser um vampiro, ver seus amigos e sua família envelhecer e morrer? Poder viver para sempre valia o preço de perder todos que amava? Podia ser divertido, se pudesse seguir como agora, mas seria impossível. Teria que estar sempre em guarda, não seria capaz de dizer a seus amigos o que era. Não haveria mais festas de verão na praia, não teria mais manhãs de Natal com sua família. Não teria mais piquenique de empresa no quatro de julho, ou férias no lago. Sem meninos...

Sentiu um puxão no coração. Não haveria meninos em nenhum caso, não enquanto estivesse casada com Grigori.

Se ela dizia seu nome, ele a ouviria? Se subisse na cama, ao seu lado, despertaria e a tomaria entre seus braços?

—Grigori?

Moveu-se mais perto da cama e o chamou um pouco mais alto.



—Grigori?

Suas pálpebras se abriram e a olhou.

—*Cara*, algo vai mal?

—Não — encolheu um ombro — me encontrava só sem você.

Estendeu um braço em silencioso convite e ela se deslizou sob os cobertores.

—Você pode ficar acordado durante o dia?

—Sim, mas é difícil quando o sol está alto.

—Possivelmente deva te deixar descansar.

—Não — a abraçou — pensei que teria saído às compras.

—Era isso o que ia fazer, mas então li o jornal. Temos que fazer algo, Grigori. Temos que pará-lo.

—Alexi.

—Tem que haver uma maneira. Não pode ser infalível.

—Se tivesse uma debilidade já a teria encontrado — sorriu pesaroso, quando tomou sua mão e lambeu a palma. —Eu tenho uma debilidade, *minha cara*. Tenho que te dizer qual é?

Sentiu um calafrio de deleite quando ele lambeu a parte interior de seu pulso.

—Acredito que posso imaginar.

—Pode?—deixou cair uma chuva de beijos sobre seu braço, lambendo a curva de seu cotovelo.

Inclinou-se mais perto e o beijou, sentindo seu braço livre deslizar em sua cintura e então ela se encontrou deitada por cima dele, seus seios apertados contra o peito dele.

—Pensei que os vampiros eram débeis e vulneráveis durante o dia.

—Você me faz fraco— murmurou — fraco de desejo.

—Faço?

—Cara...

Percorreu com suas mãos seu cabelo, ligeiros beijos sobre sua testa, suas bochechas. Suas mãos deslizavam pausadamente acima e abaixo de suas costas, e então pegou o rosto entre suas mãos e a beijou, sua língua provocou seus lábios até que, com um gemido baixo, ela os abriu para ele.

Acariciou-a sobre a roupa e então não houve nada mais entre eles que o desejo e a boca dele na sua. Sentiu seu poder ao seu redor, sentiu que o mundo se afastava, até que só ficaram eles dois, cativos numa esfera mágica onde tocar era tudo. Seu corpo inteiro zumbia com o conhecimento e então foram um, unidos carne com carne, coração com coração. Ele a levou até a borda e quando estava oscilando no fio, sentiu o toque de seus dentes em seu pescoço, ouviu o gemido de prazer quando mergulharam juntos no abismo. Foi como uma queda livre através de um arco íris.

Sem respiração, ela caiu sobre ele. Ele murmurou seu nome, suas mãos acariciavam suas costas. Sentiu sua língua percorrendo seu pescoço e então recordou que o tinha mordido.

—Te incomoda?—perguntou

—Lendo minha mente de novo?—perguntou ela com tom acusador

—É difícil não fazê-lo, especialmente agora—seus braços se esticaram ao seu redor.



—Bom, não importa. Desejaria ser capaz de ler os teus também.

—Pode, se quiser.

—De verdade? —apoiou-se sobre seus cotovelos. —Como?

—Dei-te meu sangue. Só precisa se concentrar.

Não pôde evitá-lo. Ao recordar que tinha lhe dado seu sangue, que ela o tinha bebido, embora não pudesse recordar, fez que se sacudisse de repulsão.

Ele não se moveu, mas ela sentiu como se afastava.

—Sinto muito.

Ele não disse nada, só a olhou com expressão impassível.

—Alexi me disse que podia te sentir em meu sangue.

—Foi necessário.

Ela olhou seu pescoço, perguntando-se qual sabor teria seu sangue.

—De verdade posso ler sua mente?

—Tente.

Franzindo o cenho pela concentração, o olhou, logo sacudiu a cabeça.

—Isto não funciona.

—Não tente com tanta força. Só relaxe e deixa que seus pensamentos toquem os meus.

Não foi como antes, quando ele implantava pensamentos em sua mente. Ela tentou conectar seus pensamentos aos dele, e falhou. E então, como se ele tivesse aberto uma porta, ela ouviu sua voz dentro de sua cabeça.

—Pode fazê-lo, *cara*— disse e seus pensamentos arderam numa esteira para que ela os seguisse.

—O que estou pensando, *minha cara*?

—Que poderíamos ir de novo à Itália.

Ele sorriu.

—Viu? Pode fazê-lo.

—E tudo porque me deu um pouco de seu sangue—ela riscou a linha de sua boca com o dedo. —Não tinha repulsa com a idéia de beber sangue no princípio ao se converter em vampiro?

—Não. Uma vez que a mudança aconteceu morria por ele como um bêbado morre pelo vinho. Era doce na minha língua, mais doce que algo que tivesse provado.

No princípio, quando a fome o controlava, quando temia que nunca fosse capaz de satisfazer a ânsia, tinha tomado mais que o necessário, e dessa maneira, também tinha tomado vidas. Finalmente, tinha aprendido a tomar menos e dessa maneira deixou as vidas daqueles que usava. Vidas daqueles que tinha matado desnecessariamente ainda o perseguiam.

—*Cara...*

—Sou pesada?

—Não — retirou uma mecha de cabelo de sua bochecha. Podia sentir as trevas reptando sobre ele, o arrastando para o esquecimento. —Tenho que descansar um pouco mais.

—De acordo—o beijou e saiu da cama. Recolhendo suas roupas foi ao banheiro e fechou a porta.



Quando saiu, depois de tomar banho e se vestir, vinte minutos depois, ele estava adormecido.

Passou a tarde no centro comercial. Era divertido vagar de loja em loja, sabendo que não tinha que olhar o preço das etiquetas, que podia comprar tudo que cativasse sua fantasia. Comprou dois abajures e um quadro para o salão, um vestido novo para si mesma, uma jaqueta negra para Grigori, um par de compactos para Mike Júnior, uma Barbie *E o vento levou* para Nikki, uma boneca bebê para Mindy, um ursinho de pelúcia para Danny. Comprou um negligé azul para Bárbara e um negro para si mesma, um pulôver para Mike. Também comprou um par de vídeos do John Wayne para seu pai, e um novo penhoar para sua mãe.

—Natal em janeiro — murmurou enquanto colocava os pacotes no porta-malas do Corvette.
—Posso me acostumar a isto.

Era bastante agradável ser uma dama ociosa, dormir até tarde, fazer amor com seu marido na última hora.

Seu marido, o vampiro. O pensamento a fez sorrir. Imaginou almoçar com Linda e deixar cair casualmente essa pequena informação na conversa.

Sentando-se ao volante, ligou o carro e saiu do estacionamento, perguntando-se se Linda acreditaria ou pensaria que era completamente louca. O último, com certeza. Ainda havia gente que acreditava em vampiros. Havia revistas de admiradores e sites Web, todos dedicados aos não mortos. Gente que aparecia nos talk shows, dizendo que eram vampiros. Sempre tinha pensado que eram uma turma de gente extravagante, procurando seus quinze minutos de fama, mas agora... podiam ser vampiros de verdade. Podia o mundo inteiro estar cheio de não mortos. E se os vampiros existiam, podia ter extraterrestres e homens lobo. Podia ser que todas as criaturas dos mitos e lendas existissem.

Eram quase cinco quando iniciou o caminho para sua casa. Pegando suas coisas do porta-malas parou um momento e estudou a casa, notando, pela primeira vez, que parecia bastante com as velhas e sombrias casas onde Drácula tinha sua guarida nos filmes. Possivelmente a pintando pudesse fazer brilhar o lugar, fazendo-o menos parecido a uma guarida e mais um lar. Olhou a descascada pintura verde, tentado imaginar como seria a casa pintada de azul com adornos brancos. O jardim dianteiro estava infestado de ervas daninhas. No dia seguinte compraria algumas ferramentas de jardinagem e começaria a trabalhar. Ou podia contratar alguém que o fizesse. Olhando o caminho, pensou que gostaria de plantar rosas no pátio dianteiro e possivelmente pôr algumas árvores frutíferas atrás.

Com os pensamentos cheios de plantas para redecorar, avançou pelos degraus do alpendre. Deslizou a chave na fechadura, mas antes que a movesse, a porta de madeira se abriu.

Ficou parada na soleira, perguntando se devia entrar ou dar a volta e correr.

—Grigori?

Deu um passo dentro, forçando o ouvido.

—Grigori?

Não ouviu nada. Não sentiu nada. Certamente, se Alexi estivesse ali saberia.

Movendo-se devagar pôs as sacolas de compras no chão, percorreu nas pontas dos pés a planta baixa, acendendo as luzes no seu caminho.



Nada.

Por um momento, permaneceu no pé da escada, uma mão no corrimão, e começou a subir os degraus.

Capítulo 34

—Grigori?

Ficou quieta, fora do quarto, com a mão na maçaneta. Ela soube, *soube*, que algo estava mal.

Tomando ar abriu a porta e deu um passo dentro.

As pesadas cortinas das janelas mantinham fora a luz, por isso o quarto estava virtualmente às escuras. Logo que entrou, a luz do teto se acendeu.

A tensão saiu dela num vaio quando Edward se adiantou.

—Edward! Seu susto me tirou um ano de vida. O que está fazendo aqui? Edward?

O alívio que tinha sentido ao vê-lo se transformou rapidamente em alarme quando ele passou atrás dela e fechou a porta.

—Edward?

—Vá se sentar, Marisa.

—O que ocorre?

—Nada e tudo.

—Não tem sentido.

—Entenderá em seguida—deu um pequeno empurrão e ela tropeçou adiante.

E foi então que viu Grigori. Ainda jazia como morto na cama, preso por uma forte corrente de prata... uma corrente que se parecia muito com a que uma vez tinha preso Alexi.

—O que fez?

Edward tirou uma seringa do bolso de seu casaco.

—O pus para dormir, e depois o sangrei—assinalou com a cabeça a tigela na mesa ao lado da cadeira dela. Era uma grande tigela, e estava cheia de sangue. Sangue de Grigori. Suficiente para debilitá-lo. Suficiente para...

—Ele não... não está morto?

—Ainda não.

—Edward, por favor...

Ele a empurrou para a cadeira do canto.

—Sente-se, Marisa. Alexi estará aqui logo.

—Alexi! Vem aqui?

Edward assentiu, sua expressão era de infinita tristeza.

—Sinto muito, Marisa.

Sentou-se pesadamente.

—Por que está fazendo isto?



—Não tenho escolha.

—O que quer dizer? É obvio que tem... — as palavras morreram em sua garganta. —Ele te fez algo, não? OH, Senhor, é como Antoniete.

—Não. Ela não tinha pensamentos por si mesma. Alexi me deixou minha mente, Marisa, mas me roubou a vontade — sua voz era áspera pela tortura. —Isso é pior. Sei o que estou fazendo e embora não queira fazê-lo, não posso evitar.

—Lute contra ele, Edward! Tem que combater.

—Não posso—começou a passear de um lado a outro. —É muito forte — parou em frente dela, seus olhos selvagens, suas mãos fechando-se e abrindo-se. —Tomou meu sangue, me fez assim. Posso ouvir seus pensamentos em minha mente. Não posso o deixar fora!

—Vai nos matar, não?

—Vai matar Grigori. Temo que tenha coisas piores em mente para você — Edward se ajoelhou diante dela. — Sinto — tirou uma pequena corda do bolso do casaco. — Sinto tanto.

O instinto se sobrepôs ao temor. Com um gemido elevou seu joelho. Acertou sua mandíbula. A cabeça dele foi bruscamente para trás e empurrou seu peito com toda sua força. O ar saiu de seus pulmões quando caiu no chão.

Ficando de pé correu para a porta. Gritou quando sentiu sua mão fechando-se em seu braço.

—Me deixe ir! —chiou — Me deixe ir!

Lutou contra ele, mas era muito forte para ela. Retorceu-lhe o braço nas costas, rapidamente atou seus pulsos juntos, logo a levou para a cadeira e a sentou nela.

—Marisa, sinto muito!

Agora estava tremendo, assustada além das palavras. Alexi vinha. Sentiu uma ondulação no ar, uma agitação contra sua pele e soube que Grigori estava emergindo de seu sonho escuro.

Edward também sentiu. Procurando em seu casaco tirou uma afiada estaca.

—Edward, não!

—Não o farei. Não a menos que tenha que fazê-lo — olhou sobre seu ombro. — Alexi quer o prazer para si mesmo.

—Edward, por favor, por favor, não o faça. Por favor. Preferia estar morta antes de me converter em sua criatura.

—Marisa — um gemido se elevou da garganta de Edward. Ela viu a luta contra a posse de sua mente por Alexi, viu a tortura em seus olhos.

—Por favor, Edward. Me fara como Antoniete.

Ele a olhou, incapaz. Cada músculo de seu corpo tenso. A dor flutuava em seus olhos, e ela soube que Alexi estava lendo a mente de Edward, soube que o vampiro estava exercendo sua influência.

—Eu... Não posso lutar contra ele — disse, ofegando com força — é muito forte.

Com movimentos intumescidos, levantou-se e se voltou.

—Não posso te ajudar— a dor distorcia seus traços e se dobrou sobre sua cintura, agarrando seu estômago. —Para —implorou —Por favor, para.



O viu retorcer-se em agonia. O que estava fazendo Alexi? Lutando contra a urgência de gritar, de deixar que o pânico se apoderasse dela, começou a trabalhar com suas mãos às costas, puxando, fazendo um esforço para afrouxar a corda.

Marisa...

Sua cabeça se elevou ao escutar a voz de Grigori. Olhou para a cama. Seus olhos estavam fechados. Pelo que podia ver não se tinha movido.

“Está ferida?”

Não. Está bem?

Fraco... Alexi vem... Deve ser forte.

Dói?

A prata... queima... debilita-me...

O que posso fazer?

Não lute com Alexi.

Está louco?

Você é a única que está louca se acha que pode lhe vencer. Só é uma mortal, e uma mulher, de qualquer modo. Se lutar contra ele só será pior para você.

Quer que me submeta? Deixar que o mate e que me converta em algum tipo de zumbi? Acredito que não!

Só a idéia a fazia ferver. Estava indignada que Grigori pudesse sequer sugerir que se entregasse sem lutar. A adrenalina correu através dela e puxou as cordas e então, para sua surpresa, sentiu que os nós cediam, sentiu a corda afrouxar só um pouco. A seguinte coisa que soube era que suas mãos estavam livres.

Olhou de novo Grigori. Não tinha se movido, mas podia o sentir sorrindo em sua mente.

Acha-te muito esperto ao me irritar dessa maneira?

Suas mãos estão livres, não?

Marisa trouxe um sorriso, ele a conhecia muito bem.

Uma repentina ligeireza pareceu pulsar através do ar e soube, afundando-se no pavor, que Alexi tinha chegado. Logo que o pensamento cruzou sua mente ele estava ali, no quarto. As trevas deixaram seu rastro em seu despertar, como vapores insalubres.

—Assim — disse Alexi — por fim estamos todos juntos.

Marisa lutou contra a urgência de encolher-se na cadeira. Fechando os punhos o olhou, obrigando a si mesma a ser forte. A vida de Grigori dependia agora dela. Edward não seria de ajuda. Inclusive nesse momento estava ajoelhado na frente de Alexi, aceitando os lacônicos louvores de seu amo por um trabalho bem feito.

—Edward, é o momento de fazer minha a mulher. Deixará o quarto. Espere-me no corredor — Alexi farejou o ar, seu nariz se enrugou com o aroma do cálido sangue que alcançava seu olfato. Elevou o queixo para a tigela. —Se livre disso.

—Sim, amo.

Devagar, Edward se ergueu. Movendo-se como um robô, agarrou a tigela e se dirigiu à porta.

—Edward — gemeu Marisa — não me deixe! Por favor, me ajude!



—Não posso— tentou voltar-se para olhá-la, todo seu ser ansiava ajudá-la, golpear Alexi, mas o poder do vampiro era muito forte para resistir. Ordenou-se a si mesmo parar, voltar-se, mas seu corpo se recusou a obedecer. Um passo depois do outro, moveu-se para a porta.

—Edward!—o temor e a angústia em sua voz o apunhalaram no coração. Mas não havia nada que pudesse fazer. Nada...

Ramsey! Tomei seu sangue, te fiz parte de mim. Escuta minha voz. Recolhe minha força. Pode lutar contra ele. Pensa! Combina sua vontade com a minha. Juntos podemos o derrotar.

Não posso. Edward olhou a tigela, e o sangue era tão escuro que quase era negro.

Pode! Marisa necessita ajuda, ajuda que eu não posso dar. Maldito seja! Luta!

Agarrando a tigela com um braço, Edward abriu a porta e saiu ao corredor. Ouviu o chiado de terror de Marisa quando fechou a porta atrás dele.

Alexi olhou Marisa com expressão maligna quando a puxou e a pôs de pé. Fechando um braço sobre sua cintura, agarrou seu queixo em sua mão e a beijou, sua língua mergulhou em sua boca, asfixiando-a.

Lutou contra ele, seu sabor a amordaçava. Havia uma escuridão em seu beijo que parecia cobrir qualquer luz de sua alma. Deu-lhe um chute, mas ele só riu. Sacudindo a corda de seu pulso, arranhou-lhe a cara, rasgando seus olhos, mas ele só riu mais forte.

—Lute contra mim o quanto deseje mulher; não pode escapar. Tomarei aqui, agora, e não há nada que possa fazer. Nada que Chiavari possa fazer para te salvar. — Uma malvada risada borbulhou em sua garganta. —Conheço o poder dessas correntes. Não tem suficiente força para desfazer-se dela. Inclusive agora, a prata queima sua carne e debilita seus poderes. Só um vampiro que viveu tanto como eu pode resistir. E ele é como um bebê comparado comigo.

Ele a olhou, seus olhos resplandeciam de ódio.

—Ele tomou Antoniete de meu lado, e agora tomarei você do dele. Poluirei-te aqui, em sua presença, e então o destruirei. E quando estiver feito, será minha por cem anos. E ele saberá. Qualquer que seja o inferno em que se encontre, ele saberá.

Dobrou-a sobre seu braço e lambeu seu rosto, rindo quando ela tremeu de asco.

—É hora de terminar o jogo.

Agarrando-a pelo cabelo a forçou a ajoelhar-se.

—Se dispa.

—Não.

—Faça!

Marisa sacudiu a cabeça. Lançou um olhar a Grigori. Seus olhos estavam escuros pelo ódio. Podia o ver tentando atrair seu poder, sabia que tentava deixar de lado a dor, a perda de sangue, tentava encontrar a força para liberar-se da pesada corrente que o mantinha preso.

Pode fazê-lo! Sei que pode. Ela tentou lhe dar sua força, tornando-se para trás sobre seus calcanhares quando Alexi lhe cruzou a cara com uma bofetada.

—Faça!

Estava chegando ao zíper quando a porta do quarto se abriu violentamente e Edward entrou. Sua boca estava manchada de sangue, seus olhos selvagens, jogou-se contra Alexi, com a estaca na mão, apontando o coração do vampiro.



Com um gemido, Marisa se levantou. Correu para a cama, elevou a pesada corrente do peito de Grigori e colocou seu braço em seu rosto.

—Rápido!

Não discutiu. Sentiu a espetada de suas presas em seu pulso, a curiosamente sensual saída de sangue de suas veias. Pareceu beber indefinidamente, embora só fosse segundos, e então a afastou e se levantou.

Nesse momento era completamente um vampiro. Seus olhos flamejavam numa pura chama vermelha.

Marisa olhava tudo, muito aterrorizada para mover-se.

Edward e Alexi estavam encetados num feroz abraço. A estaca não tinha acertado o coração de Alexi. Ele a tirou de seu corpo com um gemido selvagem e a jogou de lado. Sem pensar no sangue que jorrava de seu peito numa escura corrente, jogou Edward contra a parede, manteve-o ali com um braço enquanto inclinava a cabeça de Edward a um lado e afundava suas presas em seu pescoço.

Um gemido estrangulado se elevou dos lábios de Edward quando o vampiro começou a beber.

E então Grigori estava ali. Como um anjo vingador afastou Alexi de Edward. Com um grito triunfante, Grigori afundou a estaca no coração de Alexi.

Um horrível grito de angústia e ira se elevou na garganta do vampiro. Com um olhar de satisfação, Grigori retorceu a estaca, conduzindo-a mais e mais profundamente. Alexi ficou de joelhos, seus olhos nublaram. Tentou tirar a estaca, mas faltaram forças. Um horrível vaio saiu de seus lábios quando caiu no chão. Seu rosto se voltou uma horrorosa sombra cinza.

—Marisa, me traga a corrente!

Ela olhou Grigori, uma mão pressionando sua boca.

—Agora, Marisa.

Incapaz de afastar os olhos do horror que tinha adiante levantou a corrente.

—Joga sobre ele.

Fez o que havia dito, embora parecesse desnecessário. Alexi Kristov estava verdadeiramente morto desta vez.

—Marisa. Marisa!

O olhou e logo caiu entre seus braços, soluçando.

—Edward... o que aconteceu com Edward? — olhou sobre um ombro Edward que jazia estendido no chão, um enorme buraco em seu pescoço. —Está...?

—Não ainda, mas estará logo.

—Não podemos deixá-lo morrer. Por favor, Grigori, tem que fazer algo.

—Ele não iria querer.

—Por favor! Salvou nossas vidas.

—Muito bem. Mas você terá que assumir a responsabilidade.

—Farei-o. Por favor, rápido.

—Como deseja *cara*.

Afastou-a e logo pôs uma mão sobre seu ombro.



—Está bem?

—Sim. Ficarei bem.

Agarrando-a entre seus braços, levou-a através do quarto e a sentou na cadeira. Puxando a colcha, cobriu-a com ela.

—Descansa—afastou uma mecha de cabelo de sua bochecha. —Deveria fechar os olhos.

Ela assentiu, mas não o fez. Suas mãos agarraram a colcha, viu Grigori ajoelhar-se no chão e atrair Edward para seu colo. Com surpreendente gentileza, voltou à cabeça de Edward para um lado. Viu como Grigori tomava ar e logo se inclinou, seu longo cabelo negro caiu sobre o rosto de Edward, bloqueando a visão. Passaram vários minutos. O tic—tac do relógio ao lado da cama soava muito alto na quietude.

Uma vez olhou o corpo de Alexi, meio que esperando vê-lo desvanecer-se no ar. Desejou que Grigori tivesse pensado em cobri-lo.

Um movimento fez que seus olhos se voltassem para Grigori. Pressionou seus nódulos contra sua boca quando Grigori se mordeu o pulso e logo colocou a ferida sangrenta nos lábios de Edward.

—Bebe Ramsey. —sua voz era suave embora irresistível, tão tranquilizadora como o arrulho de uma mãe. —Está bem, bebe até te encher.

E Edward estava bebendo, sua boca sujeitava o pulso de Grigori, suas mãos apertavam o braço de Grigori, como se temesse que repentinamente o tirasse. Seus olhos estavam abertos, sua expressão era próxima ao êxtase.

Grigori voltou à cabeça, seu olhar se encontrou com o de Marisa.

Isto é o que sou, o que sempre serei.

E Marisa se encontrou com seu olhar, sem medo, aceitando, amando quem era e o que era.

—Suficiente. —Grigori puxou seu braço fora do alcance de Edward, percorreu com sua língua as feridas de seu pulso.

Edward sentou. Parecia confuso.

—O que aconteceu?

Marisa se inclinou adiante na cadeira. A cor se estendeu pelas bochechas de Edward; a horrível ferida de seu pescoço se fechou, cicatrizando em poucos minutos.

Edward olhou de Chiavari a Marisa.

—Que diabos aconteceu?

—Como se sente Edward?—perguntou Marisa.

—Sinto-me bem—replicou. —Quero saber o que... — sua voz se apagou quando viu o corpo de Alexi. —Está morto?

Marisa encolheu os ombros.

—Espero.

—Está morto. —comentou Grigori. Olhou Edward através dos olhos entrecerrados. —Como se sente?

—Por que os dois me perguntam isso? Sinto-me... — franziu o cenho. —Me sinto alegre. — olhou de novo Alexi. —Apunhalei-o e então ele...

Edward levou uma mão a sua garganta.



—Mordeu-me. Rasgou minha jugular, me lembro... O que aconteceu?

—Agonizava—disse Marisa.

Ramsey olhou Grigori, um olhar de horror se estendeu por seu rosto.

—Fez? Pelo amor de tudo o que é sagrado, me diga que não o fez!

—Foi minha idéia. —disse Marisa — Ele não queria.

—Você disse que me convertesse num deles? Como pôde?

Marisa se levantou, apertando a colcha contra seu peito.

—Preferia estar morto, Edward?

Levantou-se e lhes deu as costas.

—É obvio que preferia. —começou e logo seus ombros caíram e enterrou o rosto entre as mãos.

—Edward, sinto muito.

Levantando-se, Grigori se pôs ao lado de Marisa.

—Não se preocupe, cara. Se ele prefere estar morto, estarei feliz de agradá-lo.

A cabeça de Edward se elevou.

—Sim, apostaria que estaria.

—É sua escolha, caçador de vampiros.

Edward soprou.

—Não mais, suponho que isto me deixa fora do negócio.

—Suponho que sim.

Edward levantou suas mãos, voltou-as de um lado ao outro. Cruzando o quarto parou na frente do espelho da penteadeira.

—Pareço o mesmo. —murmurou —Como posso parecer o mesmo e me sentir tão diferente?

—Deverá se acostumar.

—Não sei o que dizer.

—Deveria dar graças a Grigori. —sugeriu Marisa. —por salvar sua vida.

Edward se voltou.

—Ia te matar, sabe.

Grigori assentiu

—Sei que tentou.

Edward fez um gesto para o corpo de Alexi.

—O que vamos fazer com ele?

—Jogarei o corpo pelo balcão. O sol cuidará do que restou.

Edward estremeceu e quadrou os ombros.

—Bom, suponho que tenho que ir. —deu um passo para Marisa, mas parou, como se duvidasse que ela pudesse o receber agora.

Marisa esticou uma mão e sorriu.

—Se mantenha em contato, Edward.

Tomou a mão entre as suas e a apertou.

—Farei. Boa noite, Marisa.

—Boa noite, Edward.



—Tome cuidado, Ramsey.

Edward se encontrou com os olhos de Grigori, surpreso pela genuína preocupação na voz do outro homem.

—Você também. E... obrigado.

Grigori assentiu.

—Ficará bem?—perguntou Marisa quando ficaram sós.

—Depende dele. — deu um apertão em seu ombro; logo atirou o corpo de Kristov pelo balcão, cuidando de não tocar a corrente que se enroscava em seu peito.

Marisa estava sentada na cama quando ele voltou.

Grigori sorriu.

—Que lua de mel.

—Bom, não pode dizer que não foi excitante.

—Ainda é feliz sendo a senhora Chiavari?

—Seria mais feliz se estivesse me abraçando. —Ela saiu da cama e colocou seus braços ao redor dele. —Podemos dormir em outro quarto?

Com um assentimento, pegou as mantas da cama, com esforço a levantou entre seus braços e a levou pelo corredor até um dos outros dormitórios.

Colocando as mantas na cama, sentou-se e a embalou entre seus braços.

—É a mulher mais extraordinária. —disse.

—E você, marido, é o homem mais extraordinário.

—Me alegre que pense isso.

—Quero-te. — acariciou sua bochecha. —Nada mudará isso.

—*Cara...*

—Acha que Edward será feliz como vampiro?

—Depende dele. A vida é como a faz, *cara*, tanto se for homem ou vampiro.

—É feliz?

Ele assentiu. Antes de Marisa estava meramente contente. Tinha aceito o que era, aprendido a viver com isso. Fazia a maioria das coisas boas, e gastava pouca energia preocupando-se com os inconvenientes.

Ela inclinou a cabeça para um lado, seus olhos reluzindo de amor.

—Assim, acha que eu seria feliz como vampiro?

—Marisa!

—Acha?

Ele a olhou, não se atrevendo a acreditar em seus ouvidos.

—Está falando a sério?

Ela assentiu. Até esse momento, não tinha se dado conta do seriamente que tinha considerado, como tinha querido desesperadamente compartilhar sua vida, toda ela, como tinha querido desesperadamente que ele compartilhasse a sua. Havia só uma maneira que isso fosse possível.

—Me transformaria se pedisse isso?



—Só se tiver certeza de que é o que quer. — ele olhou em seus olhos. Quantas vezes tinha sonhado que lhe entregava o Dom Escuro? Centenas? Milhares? Embora nunca tivesse sugerido, convencido que ela recusaria. —É isso o que quer?

—Sim, mas não agora. Quero passar a Páscoa com minha família na cabana outra vez, sair de férias com papai e mamãe no próximo verão, e passar uns natais com Mike, Barbara e os meninos.

Grigori assentiu

—Não há pressa, cara. Temos todo o tempo do mundo.

—Todo o tempo do mundo — repetiu devagar. —Eu gosto como isso soa.

—Ah, Marisa, nunca saberá o muito que significa para mim. Desejaria ter palavras suficientes para dizer isso.

O olhou, seus lábios se separaram num sensual sorriso quando deslizou as mãos ao redor de seu pescoço.

—Pode me mostrar isso.

E foi um prazer fazê-lo, não só essa noite, mas também cada noite dos séculos por vir.

Fim

